

A photograph of a woman's legs from the knees down, wearing a bright blue, sheer, ruffled dress. She is barefoot and has blue nail polish. Her legs are crossed at the ankles and bent at the knees, with her feet pointing towards the bottom left. The background is solid black.

*The
Lost Saint*

A
DARK DIVINE
NOVEL

BREE DESPAIN



Créditos:

Tradução e Revisão

Grupo Shadows Secrets



Sinopse

Uma família destruída. Um amor ameaçado. Um inimigo retorna.

Grace Divine fez o sacrifício final para curar Daniel Kalbi. Ela foi infectada com a maldição do lobisomem enquanto tentava salvá-lo, e perdeu seu amado irmão no processo.

Desesperada para encontrar Jude, Grace fica amiga de Talbot, um recém-chegado na cidade. Mas à medida que os dois se aproximam, o relacionamento de Grace com Daniel é colocado em perigo—em mais de uma maneira.

Inconsciente do caminho escuro que ela está caminhando, Grace começa a ceder ao lobo dentro dela—sem perceber que um inimigo retornou e uma armadilha mortal está prestes a ser lançada.

Consequência

“Faça o que ele quer, e você pode sobreviver,” uma voz áspera disse no ouvido do garoto antes que ele sentisse um golpe afiado nos rins. Ele cai sobre o concreto, seus braços esticados à sua frente.

“Então foi esse que tentou escapar?” outra voz perguntou das sombras. Era uma voz mais profunda, velha e gutural. Quase um rosnado. “Isso não é um clube, garoto. Você não pode decidir parar de jogar e ir para casa.”

O garoto tossiu. Saliva misturada a sangue escorreu da sua boca. “Eu não estava... eu não...” Ele tentou se ajoelhar, mas um chute de trás dele o esparramou de novo no chão. Sua mente corria, revisando o que ele tinha feito para chegar a esse lugar.

Esse lugar.

Eles disseram que ele podia chamar esse lugar de casa. Eles disseram que eram amigos dele. Eles o chamaram de irmão.

E isso foi tudo que tomou. Isso era tudo o que ele queria.

Mas esse lugar não era sua casa...

“Você pertence a mim,” o homem disse quando ele saía da alcova sombreada. “E é por isso que você vai me contar o que eu quero saber.”

Esse lugar era uma prisão. E essas pessoas não eram sua família...

O homem que os outros chamavam de Padre se elevou sobre o garoto, olhando para ele com olhos brilhantes, amarelos e assassinos. “Diga-me!” o homem rugiu, e bateu o pé sobre o anel na mão estendida do garoto, enfiando seu salto.

O garoto gritou — mas não por causa da dor abrasadora que ele sentiu quando os fragmentos do anel cortaram sua carne, e seus tendões foram arrancados dos seus ossos estilhaçados em seus dedos. Ele gritou porque ele sabia que por causa do que ele tinha feito, todos que ele já amou, tudo que ele tinha deixado para trás, iriam morrer.

Capítulo Um

O Céu Está Caindo

NOITE DE QUINTA, SESSÃO Nº 89

“Você pode fazer isso, Grace,” Daniel disse por entre respirações rápidas. “Você sabe que pode.”

“Estou tentando.” Meus dedos tremeram enquanto eu os apertava em punho.

Era a dor da transição que sempre me surpreendia—não importa quão preparada eu achava que estava. Começava com uma sensação de queimação bem dentro do meu corpo. Fundindo meus músculos, fazendo com que meus ombros tremessem e minhas pernas oscilassem. Meus bíceps pareciam estar pegando fogo.

“Vamos, Grace. Não desista agora.”

“Cala a boca!” eu disse, e dei outra guinada.

Daniel riu e desviou para a esquerda. Meu golpe não atingiu nem um pouco a sua luva de boxe.

“Agh!” eu tropecei, mas Daniel me pegou antes que eu caísse e me levantou. Eu cerrei meus dentes e fiquei de pé sobre a grama. Eu *deveria* ser mais ágil que isso. “Pare de se mexer.”

“Seu oponente” —Daniel ofegou— “não vai ficar parado e esperar que você o bata.” Ele estendeu suas luvas de boxe à sua frente, dando boas-vindas a um novo ataque.

“Ele iria se soubesse o que é bom para ele.” Eu avancei com uma combinação de um gancho e um murro, da qual Daniel desviou com suas luvas. Ele saiu do meu caminho, e meu próximo golpe não atingiu nada.

“Gah.” Eu balancei minha cabeça. Minha pedra de lua balançava contra meu peito. Estava quente contra minha pele já corada, pulsando com calor.

“Você está colocando muita força nos seus socos. Economize sua energia. Socos rápidos. Mande seu braço para frente rapidamente e então traga-o de volta imediatamente.”

“Estou *tentando*.” A dor nos meus músculos aumentava. Mas não era de fadiga. Eram meus poderes. Minhas “habilidades”, como Daniel os chamava. Eles sempre estavam ali, fora do alcance, sempre que treinávamos. E se eu pudesse só atravessar a

parede de fogo que ficava entre elas e eu, eu poderia conseguir meus poderes e usá-los. Possuí-los.

Contraí meus músculos involuntariamente quando a cicatriz em forma de crescente no meu braço palpitou e queimou. Eu deixei meus braços caírem e tentei afastar a dor.

“Levante os braços,” Daniel disse. “Regra número um: Nunca deixe sua guarda cair.” Ele me bateu levemente no ombro. Era para ser um golpe brincalhão, mas a dor na minha cicatriz atravessou meu braço como eletricidade.

Eu o encarei.

“Você está ficando irritada,” Daniel disse. Aquele seu sorriso irônico brincou em seus lábios.

“Você acha?” Mandeí outra combinação em suas luvas. Três murros e um gancho. Senti uma explosão de poder no meu corpo—finalmente—e o último golpe foi mais rápido e forte que eu esperava. Daniel não conseguiu se desviar, e meu punho bateu contra seu ombro.

“Uou!” Ele pulou para trás e sacudiu seus ombros. “Controle-se, Grace. Não deixe suas emoções terem muito controle.”

“Então por que você está *tentando* me irritar?”

Seu sorriso ficou entre irônico e torto. “Para que você possa praticar seu equilíbrio.” Ele bateu suas luvas juntas e gesticulou para que eu o ataque novamente.

Eu podia sentir meus poderes pulsando em mim—finalmente ao meu alcance. Eu ri e recuei alguns passos. “Que tal isso para equilíbrio?” perguntei com um sorriso, e mais rápido do que eu podia pensar, meu corpo deu um chute que atingiu diretamente uma das luvas estendidas de Daniel.

Daniel gemeu e caiu para trás. Seus joelhos vacilaram e cederam sob ele, e ele foi voando para o chão.

“Ah não!” Eu corri para ele e o segurei pelo braço. Mas era muito tarde para impedir a queda, e eu caí com ele na grama.

Caímos lado a lado no chão. Eu estava momentaneamente aturdida—atingir o chão tinha tirado os poderes de mim. Daniel rolou para seu lado e gemeu, trazendo-me de volta para realidade.

“Ah não, me desculpe!” Eu me sentei. “Eu não estava pensando. Meus poderes apareceram e eu... Você está bem?”

O gemido de Daniel se tornou uma meia risada. “Esse não é o tipo de equilíbrio do qual eu estava falando.” Ele se contraiu, tirou suas luvas e as colocou de lado.

“Sério, você está bem?”

“Sim.” Daniel se inclinou para frente e esfregou seu joelho. Ele o machucou bastante quando caiu da varanda da paróquia há pouco menos de dez meses. E visto que eu o curei da maldição do lobo logo depois que ele caiu, ele perdeu seus poderes super-humanos e teve de esperar que curasse como qualquer outra pessoa normal. Mesmo depois de passar semanas usando muletas e num regime de fisioterapia, ele ainda tinha muitos problemas com seu joelho. “Batendo em um inválido. O que seu papai diria?”

“Ha-há.” Fiz uma cara feia para ele.

“Sério. Você está ficando boa.” Ele gemeu e se deitou na grama, colocando seus braços debaixo de sua cabeça.

“Não boa o bastante.”

Levou quase uma hora de luta intensa antes que meus poderes comessem a se manifestar, e quando eles apareceram, só duraram apenas, o quê, trinta segundos? Isso era a coisa sobre minhas *habilidades*. Elas vinham em jorro quando *elas* queriam—totalmente sem meu controle. Minhas feridas se curavam mais rápido do que as de um humano normal, mas eu ainda não tinha aquele poder que Daniel costumava ter. Eu não podia me curar à vontade. Eu tinha explosões de velocidade e agilidade, como se meu corpo tivesse uma mente própria—como quando eu chutei Daniel ainda agora—mas eu geralmente não podia controlar *quando* isso acontecia.

Depois que o médico de Daniel o liberou, começamos a treinar juntos três noites por semana—quando eu não estava moída, na verdade. Corremos, experimentamos alguns movimentos de parkour¹, treinamos boxe usando luvas como fizemos hoje à noite, tentamos ver e ouvir a longas distâncias. Mas mesmo quando eu era notavelmente mais rápida e mais forte do que fui há poucos meses atrás, começava a parecer que, não importa o quanto eu tentasse, eu nunca seria capaz de usar meus poderes do modo que eu queria—em vez de eles me usarem.

Daniel suspirou. Ele apontou para o céu. “Parece que paramos há tempo. A chuva de meteoros começou.”

Olhei para cima quando uma estrela cadente atravessou a noite escura e limpa acima de nós. “Ah sim. Eu quase me esqueci disso.”

Daniel e eu tínhamos planejado ver a chuva de meteoros depois da sessão de treinamento de hoje. Deveríamos contar quantos meteoros vimos num período de trinta minutos para um projeto de ciências valendo créditos extras da escola.

Eu sabia que incomodava Daniel que o Diretor Conwat nem mesmo considerou deixá-lo se graduar no ano passado—ele perdeu tantas aulas durante os anos que ele passou fugindo da maldição que costumava atormentar seus pensamentos. Mas eu, para variar, estava feliz por ele não ter ido à universidade ainda. E com ele comparecendo às

¹ Atividade cujo princípio é mover-se de um ponto a outro o mais rápida e eficientemente possível, usando principalmente as habilidades do corpo humano.

aulas de verão, fazendo algum créditos extras, e participando de algumas aulas, nós iríamos nos graduar *juntos* na próxima primavera.

“Vou pegar a luz,” eu disse depois de tirar as bandagens das minhas mãos. Flexionei meus dedos, esticando os nós doloridos enquanto eu atravessava o campo atrás da antiga casa de Mayanne Duke. Apaguei a luz da varanda, agarrei meu casaco, e voltei para o gramado. Com minha blusa de moletom amarradas sobre meu peito como um cobertor, inalei profundamente o ar de outono e fui para o lado de Daniel.

“Seis,” disse depois de um longo momento.

Daniel grunhiu em assentimento.

“Ah! Você viu aquela?” Apontei acima da minha cabeça para uma estrela particularmente brilhante que cintilou através do céu até que se converteu a nada.

“Sim,” Daniel disse suavemente. “Linda.”

Olhei para ele. Ele estava deitado de lado, fitando-me.

“Você nem estava observando,” impliquei.

“Sim, eu estava.” Daniel me deu outro de seus sorrisos irônicos. “Eu pude vê-la refletida nos seus olhos.” Ele estendeu a mão e tocou minha bochecha com seus dedos. “Um das coisas mais bonitas que já vi.” Ele colocou seus dedos sob meu queixo, puxando meu rosto para perto do dele.

Desviei o olhar de seus olhos profundos e castanhos escuros, analisando seus músculos sob a camisa fina que ele usava para nosso treinamento. Então meu olhar pousou no seu cabelo despenteado, que tinha ficado num ótimo tom dourado depois do verão—todo o preto estava finalmente saindo. Segui as linhas do seu maxilar e então deixei meu olhar na curva dos seus lábios sorridentes. Esse não era mais seu sorriso torto, mas aquele que ele guardava para momentos como esse—que significava que ele estava verdadeiramente feliz.

Ele ainda estava quente da nossa luta, e eu pude sentir o calor irradiando do seu corpo a apenas alguns centímetros. Puxando-me para ele. Persuadindo-me para fechar o espaço entre nós. Olhei de volta para seus olhos, amando a sensação de que eu poderia me perder neles para sempre.

Era em momentos como esse que eu ainda não podia acreditar que ele estava aqui.

Que ele estava vivo.

Que ele era *meu*.

Eu o assisti morrer uma vez. Segurei-o nos meus braços e ouvi seu batimento cardíaco desaparecer.

Aconteceu na noite em que meu irmão Jude se perdeu na maldição do lobisomem — só dias antes que ele deixasse uma nota na mesa da cozinha, fugisse na tempestade de neve, e desaparecesse. Na mesma noite que Jude me infectou com os poderes que me provocavam agora.

Na noite que eu quase perdi tudo.

“Lá vai outra.” Daniel se inclinou e beijou bem do lado do meu olho. Ele deixou seus lábios atravessarem minha bochecha e meu maxilar, mandando uma sensação de formigamento pelo meu corpo com a delícia do seu toque.

Os lábios de Daniel chegaram à minha boca. Ele os roçou suavemente no início, e então pressionou gentilmente. Seus lábios se separaram, e ele uniu os dele aos meus.

Minhas pernas doeram quando eu o puxei para perto—finalmente fechando a distância entre nós.

Eu não me importava por nós estarmos no gramado atrás da casa de Maryanne Duke. Eu não me importava que nós devêssemos estar contando os meteoros para a aula. Nada existia além do toque dele. Não havia nada sob as estrelas cadentes exceto Daniel e eu, e o cobertor de grama debaixo de nós.

Daniel afastou um pouco sua cabeça. “Você está zumbindo,” ele sussurrou contra meus lábios.

“Hã?” perguntei, e o beijei.

Ele se afastou. “Acho que é o seu celular.”

Percebi o zumbido, também. Meu celular dentro do bolso do casaco.

“E daí?” Agarrei a frente da sua camisa alegremente e o puxei para perto. “Eles podem deixar uma mensagem.”

“Pode ser sua mãe,” Daniel disse. “Tenho de te levar de volta. Não quero perder você por outras duas semanas.”

“Droga.”

Daniel sorriu. Ele sempre achava hilário quando eu praguejava. Mas ele tinha o ponto—sobre minha mãe, quero dizer. Ela tinha apenas dois modos desde que Jude foi embora: Rainha Zumbi e Mãe Urso Maluca. Era como seu próprio tipo de desordem bipolar.

Eu saí antes que ela tivesse voltado da ida até a estação de trem para deixar Tia Carol, então eu não tinha certeza de em que modo ela estaria, mas se fosse o autoritário, eu poderia possivelmente estar acabada de novo só por não atender as ligações no segundo toque.

Eu me sentei e coloquei minha mão no bolso do meu casaco, mas eu tinha demorado muito, e perdi a ligação antes que eu puxasse o celular.

“Bosta.” Eu não poderia ficar outras duas semanas sem ver Daniel fora da escola. Eu abri meu celular para verificar as ligações perdidas, mentalmente cruzando meus dedos para que não tivesse sido minha mãe, mas o que vi fez minha cabeça se erguer em confusão. “Onde está seu celular?” perguntei para Daniel.

“Eu deixei lá dentro. Na minha cama.” Daniel bocejou. “Por quê?”

Eu me levantei, ainda encarando o display do meu celular. Uma sensação sombria rastejou sob minha pele. Meu cabelo se arrepiou na minha nuca, e meus músculos ficaram tensos da forma como eles ficam quando meu corpo sente perigo. O celular começou a tocar de novo na minha mão. Eu quase o derrubei.

“Quem está te ligando?”

“Você está.”

Eu me atrapalhei com o celular quando o derrubei outra vez. Pressionei o botão Atender. “Olá?” falei tentativamente quando o coloquei no meu ouvido.

Silêncio.

Olhei para a tela do meu celular para ter certeza de que não tinha perdido a ligação ou acidentalmente batido no botão Desligar. Eu o retornei ao meu ouvido. “Um, olá?”

Ainda nada.

Olhei para Daniel e encolhi os ombros. “Deve ser algum tipo de trote.” Eu ia desligar quando ouvi algo na linha. Soava quase como uma mão cobrindo o microfone.

“Olá?” Minha pele formigava. Arrepios corriam pelos meus braços. “Quem está aí?”

“Eles estão indo atrás de você,” uma voz abafada falou no telefone. “Você está em perigo. Vocês todos estão em perigo. Você não pode pará-los.”

“Quem é?” perguntei, o pânico aumentando com a tensão nos meus músculos. “Como você conseguiu o telefone de Daniel?”

“Não confie nele,” uma voz trêmula disse. “Ele faz você pensar que pode confiar nele, mas você não pode.”

Daniel tentou pegar o celular, mas eu o afastei.

“Do que você está falando?” perguntei.

“Você não pode confiar nele.” A voz na linha parecia de repente mais clara, como se a mão que tivesse no microfone tivesse saído do caminho—e a familiaridade fez com que meu coração quase parasse. “Por favor, Gracie, *ouça-me* dessa vez. Vocês todos estão em

perigo. Você tem de saber que—” A voz foi interrompida com um barulho, como se o telefone tivesse caído, e a linha caiu.

“Jude!” gritei no meu celular.

CERCA DE DEZ SEGUNDOS DEPOIS

“Espere!” Daniel gritou atrás de mim enquanto ele tentava se levantar do chão.

Mas eu apertei o botão para retornar a ligação ao celular de Daniel, e estava fora do gramado, atravessando o pátio traseiro antes que ele começasse a tocar. Eu podia ouvir seu toque fracamente, uma versão de Moonlight Sonata, do seu apartamento no porão da Maryanne. Senti uma explosão de velocidade sobrenatural e, em questão de segundos, voei ao redor da casa e desci os degraus de cimento que levavam para o apartamento.

A velha porta amarela estava levemente aberta. Minhas palmas de repente ficaram suadas. Daniel era normalmente um pouco compulsivo sobre manter sua porta trancada. As dobradiças gemeram quando eu abri a porta ainda mais.

“Jude?” chamei dentro do estúdio. O telefone tinha parado de tocar, e o apartamento estava escuro, mas eu poderia ver o par de Converse² de Daniel no chão ao lado de uma pilha amarrotada de roupa suja. O sofá-cama foi aberto, mas o cobertor estava faltando, e os lençóis estavam meio fora do fino colchão.

“Gracie, espera.” Daniel apareceu no topo da escada. “Aquilo pode não sido seu irmão no telefone.”

“Era ele. Eu reconheceria aquela voz em qualquer lugar.” Eu estava absolutamente, sob ameaça de morte do meu pai, proibida de entrar no apartamento de Daniel sozinha com ele—mas eu dei um passo em direção a entrada de qualquer maneira. “Jude, você está aqui?”

“Não é isso que quero dizer.” Daniel desceu mancando os degraus. “O que quero dizer é, Jude pode não ter sido *seu irmão* quando ele estava te ligando. Ele pode ter estado sob influência do lobo.”

Mais uma vez, Daniel tinha um ponto, e eu senti um calafrio ao me lembrar das coisas que meu irmão tinha feito anteriormente sob o controle do lobo. A cicatriz em forma de crescente no meu braço doía como se pontuasse as memórias. Mas ainda assim, se Jude *estivesse* aqui, eu precisava saber. Meu coração estava acelerado quando eu dei outro passo dentro do apartamento.

“Jude?” Eu apertei o interruptor de luz duas vezes. Nada aconteceu.

² Tênis Converse All Star.

Meus passos estavam sincronizados com as batidas do meu coração quando eu adentrei o quarto escuro. Apreensão apertou meus músculos. Uma dor aguda se espalhava pelos meus tendões. Meu corpo estava se preparando para algo—fugir ou lutar.

Passei pelo sofá-cama, inspecionando os lençóis desordenados e procurando pelo telefone que Daniel disse que deixou ali. Daniel abriu a porta do banheiro e cuidadosamente entrou no cômodo minúsculo. Ouvi o abrir e fechar dos armários, e então o farfalho da cortina do chuveiro.

A dor formigante se espalhou para as pontas dos meus dedos, e eu apertei minha mão ao redor do celular. Apertei o Rediscagem novamente. Eu podia ouvir o toque através da linha antes que o toque do celular de Daniel começasse. O barulho era suave a princípio, mas então rapidamente ficou mais alto e próximo.

Meu corpo girou por instinto em direção ao som. Eu fiquei numa posição agachada, pronta para atacar. Um pequeno rosnado escapou dos meus lábios.

“Uou, Gracie!” Daniel disse. Ele ficou na minha frente, suas mãos levantadas em posição defensiva, e seu celular estava numa das suas mãos. “É só eu. Encontrei meu telefone no banheiro.”

Corri até ele e atirei meus braços ao redor do seu pescoço. “Putá merda, eu pensei que você estava... estava...” segurei meu fôlego e pressionei minha pedra de lua no meu peito, deixando a ansiedade lentamente sair do meu corpo. Eu não sei exatamente o que eu pensava que estava atrás de mim. Um lobisomem com um telefone nas presas? Eu me sentia muito ridícula agora.

“Está tudo bem.” Daniel roçou seus dedos pelo meu cabelo. “Ninguém está aqui.”

“Mas alguém *estava* aqui,” eu disse. “A menos que você tenha um hábito de falar no telefone durante o banho.”

“Tente usar seus poderes para dizer se era Jude,” Daniel disse. “Use seus sentidos como eu te ensinei.”

Eu não tinha muita esperança de que funcionaria, mas respirei fundo, segurei o ar atrás da minha boca, e tentei deixá-lo preencher meus sentidos como Daniel tinha me explicado pelo menos duas dúzias de vezes nos últimos meses. Eu deveria estar testando o ar, procurando sinais do meu irmão, tentando investigar um gosto familiar fraco ou cheiro além do odor amendoado de Daniel e cheiro forte de tinta que sempre enchia seu apartamento. Deixei minha respiração sair num assobio longo e frustrado.

Daniel me lançou um olhar esperançoso.

Balancei minha cabeça. Eu falhei novamente.

“Está tudo bem,” Daniel disse. “Vai vir. Só leva tempo.” É isso o que ele *sempre* diz.

“Sim, eu sei.” Eu esperava que ele não comesse a fazer seu discurso usual sobre como é necessário equilíbrio, e como eu tinha ido muito bem até agora, e como a maior parte dos Ubat levam *anos* para desenvolver seus poderes. “Além disso, eu nem sei se eu me lembro de como meu irmão cheira, e certamente nunca senti seu gosto antes.”

Daniel sorriu. *Sermão evitado.*

Peguei seu celular dele e usei meus olhos *humanos* para procurar pistas. A frente estava rachada, como se tivesse caído, e eu estava surpresa por ainda estar funcionando. Verifiquei a hora e o número da última ligação feita do telefone. “Ele definitivamente me ligou disso.” Estremeci. “Ele estava bem aqui enquanto estávamos do lado de fora.”

“O que ele disse?” Daniel perguntou.

“Ele disse que eu estava em perigo. Que todos nós estávamos em perigo. Ele disse, ‘Eles estão indo atrás de você,’ e que eu não podia pará-los. E ele disse que eu não podia confiar em mais alguém...” Mordi meus lábios e hesitei. “Eu não sei, mas acho que ele quis dizer você.”

Daniel cruzou seus braços na frente do seu peito. “Soa como se os sentimentos dele por mim não tivessem mudado.” Um olhar de preocupação apareceu nos seus olhos castanho-escuros.

Eu me perguntei se ele estava pensando a mesma coisa que eu – que talvez Jude tivesse outras intenções ao invadir o apartamento. Talvez Jude tivesse pensado que Daniel estaria aqui, sozinho e vulnerável? Mas isso não fazia sentido. Se ele quisesse atacar Daniel, minha presença certamente não teria o parado. Não o parou antes.

“Ele disse algo mais?” Daniel perguntou.

“Não. A ligação foi cortada. Acho que ele deixou cair o telefone. Ele parecia nervoso. Talvez sua mão estivesse tremendo.” *Ou talvez ele estivesse quase se transformando.*

“Você acha que ele está brincando com você?” Daniel perguntou. “Talvez isso seja apenas algum tipo de jogo distorcido para ele. Ele nunca quis que nós ficássemos juntos, em primeiro lugar.”

“Eu não sei.” Olhei para o telefone em minhas mãos. “Acho que é possível. Mas não faz sentido ele voltar aqui só para fazer uma brincadeira. Acho que ele tem outra motivação.”

Talvez fosse meus novos instintos de lobo me tomando novamente, ou talvez fosse apenas algum tipo de conexão de irmãos, mas algo no fundo me disse que Jude estava certo... Nós todos estamos em perigo. Só não sei se era dele quem nós tínhamos de fugir.

Capítulo Dois

Benefício da Dúvida

EM CASA, VINTE MINUTOS DEPOIS

Daniel insistiu em me acompanhar até em casa, em sua nova — para ele, de qualquer modo — motocicleta. Eu dirigi vagarosamente, enquanto eu navegava as poucas milhas entre a minha casa e o Oak Park, esquadrinhando as ruas conforme eu ia. Eu parava toda vez que encontrava um pedestre. O que não era com frequência, já que passava de dez horas.

Eu disquei o celular de meu pai de novo e de novo, mas continuava caindo direto no correio de voz. Qual era o ponto dele finalmente ter dado a todos nós celulares para podermos ficar conectados se ele sempre se esquecia de recarregar o dele? “Ligue-me,” foi a mensagem que deixei cada vez. Considerando quanto esforço ele colocou em procurar por Jude nos últimos meses, eu não queria avisar ao papai que ele estava de volta com apenas uma mensagem de voz. Esse era o tipo de coisa que você solta em alguém pessoalmente, de preferência quando ele está parado — okay, sentado — bem na sua frente.

Caos era a única palavra que poderia descrever a cena que nos encontrou quando eu abri a porta da frente de minha casa. O noticiário das dez retumbava na sala, como se alguém o tivesse ligado no volume máximo para ouvir o âncora falando por cima dos sons de lamento que James emitia enquanto ele se debulhava nos braços de Charity pelas escadas. Parecia como se ela tentasse arrastá-lo para a cama, mas a criança agitava-se com tanta força que estavam ambos em risco de rolar escada abaixo.

A vibração do som de repente rompeu em minha cabeça. Contrai-me e fechei as mãos contra meus ouvidos. Ótima hora para minha super-audição me visitar. “O que está acontecendo?” Eu gritei sobre a barulheira. “Eu coloquei James na cama duas horas atrás.” Eu tive certeza de que James estaria aconchegado pela noite e que Charity havia começado o dever de casa antes de sair pela noite. Era o mínimo que eu poderia fazer com Papai tendo ido.

“Eu não sei. Ele acordou gritando mais ou menos uma hora atrás,” Charity disse, deixando por pouco de levar uma palmada no rosto dada por James. “Eu finalmente o acalmei, mas então começou a enlouquecer, quando eu tentei levar ele de volta ao seu quarto. Eu acho que talvez ele teve um pesadelo em que havia algo em sua janela.”

Eu troquei um olhar com Daniel. Ele assentiu. O que James tinha visto em sua janela poderia não ter sido um pesadelo.

“Arg, James! Para!” Charity gritou enquanto James arqueava suas costas nos braços dela e esperneava. Ela quase perdeu seu controle e o deixou cair escada a baixo.

“Eu vou pegá-lo.” Daniel passou por mim na porta e puxou James dos braços de Charity. “Acalme-se, Baby J,” Daniel disse, e saltou-lhe em seu quadril. James aquietou-se quase imediatamente e enrolou seus braços trementes pelo pescoço de Daniel. Daniel ainda era seu poderoso herói, e James, em seus pijamas, parecia tão diminuto agasalhado pelos braços fortes de Daniel. Eu não pude impedir lembrar o jeito como Daniel o havia pegado quando ele caiu daquele precipício de dez metros atrás de nossa vizinhança.

“Que tal uma história?” Daniel perguntou, e esfregou seu nariz contra a bochecha de James.

James assentiu e enxugou seus olhos inchados, vermelhos.

“Que tal aquele *Coisas Selvagens*? Eu gosto do garoto com o traje de lobo.” Aquele era o livro favorito de James—um presente de Daniel quando ele fez dois anos, seis meses atrás.

James negou com a cabeça. “Nah, muito assustador.” Seu queixo tremeu. Ele deve ter realmente levado um susto.

“O *Ursinho Pooh*, então?” Daniel girou James em seus ombros e olhou para mim. “Eu colocarei James na cama.”

“Obrigada,” Charity e eu dissemos em uníssono.

Eu observei Daniel trotar escada acima, falando com James em sua melhor voz bisonha—que soava muito mais como Marlon Brando, se você me perguntar. Como alguém poderia *não* amá-lo? E porque Jude ainda pensava que ele não poderia ser confiável?

“Finalmente,” Charity queixou-se. “Eu tenho tipo, mais três páginas de dever de casa de matemática para fazer.”

“Eu sinto muito. Eu não teria ficado fora até tão tarde se eu soubesse.”

“Está tudo bem.” Charity traçou a fibra no corrimão de carvalho com seu dedo. “Não é você que deveria estar lidando com James, de qualquer forma.” Ela deu uma olhada abaixo pelo hall de entrada para a sala. “Você acha pode fazer Mamãe desligar isso? Eu realmente preciso me concentrar.”

“Então é o modo Rainha Zumbi de novo?”

Charity assentiu.

Eu deveria saber melhor do que achar que um dia com Tia Carol teria feito Mamãe se sentir um pouco melhor. Carol gostava de vir para “ajudar” um pouco desde que Papai havia ido, mas suas observações falsas sobre como nossa pequena família Divine não era tão perfeita depois de tudo se tornaram velhas muito rápido.

“Imagino o quão longo será desta vez.” Charity disse, e encabeçou escada acima.

Eu tomei uma respiração profunda e fiz meu caminho ao quarto. James havia parado de chorar, e eu podia até mesmo decifrar um trinado de sua risada vindo de seu quarto, mas o volume da TV ainda estava no máximo. Meus ouvidos latejaram conforme eu chegava mais perto do cenário. Eu apanhei o controle assim que o noticiário começou uma nova história.

Um repórter encontrava-se em frente a uma faixa de isolamento da polícia do lado de fora de uma joalheria chamada Family Jewels na qual eu passei mais de uma vez ao longo do distrito de antiguidades da cidade. “Duas joalherias foram atingidas em plena luz do dia nos últimos dois dias,” o repórter dizia, “mas sem nenhuma testemunha desses audaciosos crimes, os policiais são deixados coçando a cabeça. Empregados de ambas as lojas afirmam terem sido deixados inconscientes antes de verem qualquer coisa, e as lojas foram completamente vandalizadas e assaltadas de toda sua mercadoria em questão de minutos. Câmeras de segurança falharam em captar algo em qualquer cena, e as autoridades especulam que as câmeras foram de alguma forma inabilitadas antes que fossem capazes de filmar qualquer coisa.”

A tela foi cortada para um âncora roliço com o cabelo esfumaçado sentado atrás da cadeira. “Nossa, Graham,” o âncora disse. “Esses assaltos soam assustadoramente familiares, não?”

“Sim,” o repórter disse. “Esses dois assaltos podem estar relacionados com fio de outros furtos e ataques bizarros e sem explicação na cidade, os quais nós temos reportado nos últimos meses. Mas parece que a polícia está tão confusa como todos os outros.”

“Hmm,” o âncora disse. “Talvez nós devêssemos estar preocupados que o Monstro da Rua Markham retornou para uma vida de crime organizado...”

Eu diminuí o volume, cortando o âncora enquanto ele ria com sua própria piada pouco convincente. Eu nunca achei nenhum tipo de brincadeira sobre o Monstro da Rua Markham engraçada - especialmente agora que eu sabia a verdade sobre isso... ou *ele*, eu imagino que deveria dizer. Mamãe não protestou minha “bagunça” com o volume. Ela apenas olhava fixamente às imagens de espectadores sendo entrevistados sobre os roubos misteriosos. Seus olhos moviam-se rapidamente de rosto para rosto no público. Eu sabia por quem ela estava procurando.

“Mamãe?” Eu apanhei a taça de vinho vazia e a tigela de sopa de tomate da mesa de café em frente ao divã. “Você não comeu. Você quer que eu faça alguma outra coisa?”

Mamãe se moveu levemente então ela poderia ver a TV pelas minhas pernas.

“Papai disse que eu deveria chamar o Dr. Connors se você parasse de comer de novo.”

Ela nem sequer piscou.

Cada grama de mim queria dizer a Mamãe sobre a ligação de Jude. Que ele havia estado bem ali em Rose Crest. Que eu falei com ele. Que enquanto ela estava ocupada assistindo o noticiário por qualquer sinal dele, ele pode ter estado justo do lado de fora da janela de seu outro filho.

Mas este último pensamento me parou. Eu não sabia o porquê da volta de Jude. Eu não sabia o que ele queria. Eu não sabia se ele era mais monstro que humano agora, olhando fixamente nas janelas das pessoas que uma vez ele havia chamado de sua família. E eu não sabia se ele iria sequer voltar de novo após esta noite. O que eu sabia era que era melhor não dizer nada a Mamãe—pelo menos por agora.

Ela estendeu a mão até o controle e aumentou o volume um pouco. Eu levei sua tigela para a pia da cozinha e despejei o conteúdo, observando o vermelho da sopa de tomate coagulada deslizar pelo ralo. Eu enxaguei a tigela e iniciei o resto da louça, preenchendo a pia com a água o mais quente possível. Eu não sei por que, mas eu gostava do jeito que o calor consumia minhas mãos enquanto eu as mergulhava dentro da água escaldante e esfregava a louça. O modo Rainha Zumbi da Mamãe sempre me fez querer sentir algo a mais—como se eu estivesse sentindo dor por nós duas.

Eu rezei silenciosamente, enquanto esfregava uma panela, para que Mamãe não visse ninguém no noticiário que ela achasse que se parecia com Jude. Ela iria planejar tudo, chamar Papai, e fazê-lo ir procurando em qualquer cidade ou estado ou até mesmo país que ela *pensou* tê-lo visto. E Papai iria, mesmo que ele já tivesse ido por quase duas semanas, porque talvez *desta* vez era realmente Jude. Talvez *desta* vez ele o encontraria e o traria de volta para casa.

Eu havia estado tão otimista quanto Mamãe a primeira vez que ela achou ter visto Jude na TV. Eu havia esperado com ela na janela a noite toda enquanto Papai havia ido procurando por ele. Mas quando Papai voltou—sozinho—pareceu como se Jude havia ido de novo. Mamãe não comeu por uma semana inteira - isto é, até que ela pensou ter visto Jude nos fundos de um noticiário da CNN sobre um incêndio industrial na Califórnia. Mas aquilo não funcionou, de qualquer modo, e Mamãe apenas piorou conforme Papai havia ido.

Na terceira vez, ele partiu para seguir uma de suas selvagens pistas - um ataque de urso em Yellowstone, onde um rapaz de cabelo escuro supostamente salvou uma jovem menina de ser morta - eu fiquei com raiva. Eu me coloquei em frente à porta, meus braços cruzados, não disposta a deixar Papai partir. Mas ele pegou minha mão e me sentou no alpendre. “Você sabe a história do Bom Pastor, não sabe, Grace?”

Eu sacudi minha cabeça, embora eu soubesse. Eu estava muito chateada para falar.

“A Bíblia diz que um bom pastor, mesmo que ele tenha cem ovelhas, se ele perde ao menos uma delas na terra inculta, ele deve deixar as outras noventa e nove para trás para procurar por aquela perdida.”

“Mas isso não significa que ele esteja basicamente jogando as outras aos lobos?” Eu perguntei.

Papai suspirou. “Isto é o que eu fiz por Daniel—o ajudei sem importar o quê. Isto é o que *você* fez por ele. Agora nós devemos isso ao seu irmão, também.”

Eu não poderia argumentar contra aquilo.

Papai apertou meus dedos. “Além do mais, estou deixando o resto da família em boas mãos,” ele disse, então ele levantou e partiu.

Mas eu não me sentia muito bem agora. Quero dizer, o que se supõe que eu faça quando a ovelha perdida nos achou e o Bom Pastor não estava aqui? E se a ovelha não fosse uma ovelha no fim das contas?

E se ela fosse o lobo?

MAIS TARDE

Eu tinha quase esvaziado a pia quando Daniel entrou na cozinha. “James finalmente capotou.” Ele roçou meu braço e então pegou uma toalha e secou uma panela.

“Obrigada,” Eu disse, e passei para ele uma xícara recém-lavada.

Ele franziu à minha pele avermelhada. “Você deveria tomar conta melhor de si mesma.”

Eu olhei para minha mão e então fechei meus olhos, concentrando em apagar a dor. Eu esperei uns poucos segundos, mas quando abri meus olhos, minha pele permanecia vermelha e dolorida. Eu não estava surpresa.

“Eu deveria levar minha mãe para a cama,” Eu disse, e sequei minhas mãos nas minhas calças.

“Você quer que eu fique aqui? Apenas no caso de Jude... Voltar. Eu posso dormir no sofá.”

Tanto quanto a ideia de Daniel passando a noite me fez sentir melhor, quase como se meu pai estivesse aqui, eu sabia que não poderia acontecer. “Isso poderia empurrar minha mãe além dos limites,” eu disse.

“Hmm. Bom ponto.”

“Então por outro lado, talvez esta não fosse uma coisa tão ruim. Conseguir uma reação dela deveria quase valer a pena.” Eu estava contente que não seria castigada por entrar depois do jornal das dez haver começado, mas tanto quanto eu detestava Mamãe

rondando todo movimento meu enquanto ela estava no modo maníaco Febre-de-Mamãe-Urso, era ainda preferível à zona zumbi na qual ela estava agora.

O sorriso irônico de Daniel deslizou por sua face. Ele pegou minha mão gentilmente na dele e a trouxe a seus lábios. O olhar em seus olhos enquanto ele beijava os nós dos meus dedos fez meus joelhos doerem, e por um momento eu desejei que ainda estivéssemos deitados juntos na grama.

“Não é uma boa ideia,” eu sussurrei, e puxei minha mão fora da sua. Se Mamãe voltasse aos seus sentidos, eu estaria de castigo pelo resto da minha vida.

“Como desejar,” Daniel disse, e pegou outro copo para secar. “Eu a ajudarei a secar isto antes de ir.”

Eu suspirei. Eu sabia que a casa pareceria vazia e fria no momento em que ele partisse. Cada som me faria pular. Cada minuto se arrastaria por um ano até que eu finalmente caísse no sono. “Eu queria que meu pai estivesse aqui ao menos... Mas eu duvido que ele possa nos proteger, tampouco.”

Daniel franziu o cenho e abaixou o copo. Ele mudou seu peso de sua perna ruim para a boa.

Uma onda de culpa arrastou-se por mim. “Eu não quis dizer você.” Eu coloquei minha mão em seu ombro. “Eu não quis dizer que você não poderia nos proteger mais. Eu estava falando sobre mim, eu juro.”

“Tudo bem. Eu sei que eu não posso, Grace. É como um efeito colateral de perder meus poderes.”

“Mas você ainda é forte. Você poderia—”

“Não.” Daniel finalmente olhou para mim. “Mas você pode... Algum dia. Eu prometo. Você vai pegar o jeito da coisa...”

“Eu tenho a sensação de que *algum dia* não será cedo o suficiente. Eu acho que Jude me chamou porque ele precisa da minha ajuda.” Eu olhei abaixo às minhas estúpidas mãos vermelhas que se recusavam a curar. “Mas eu não sou forte o suficiente para fazer qualquer coisa.”

“Grace, você é a pessoa mais forte que eu conheço. Você tinha que ser para ter me salvado do modo como você fez. Você *pode* ser uma heroína se você quiser.” Ele abaixou sua voz e deu uma olhada à minha mãe no sofá, como se ele estivesse preocupado de que ela estivesse na verdade prestando atenção em nós. “Você tem todo este poder fora do alcance das pontas dos dedos, e nós descobriremos como alcançá-lo e agarrá-lo para o bem. Tudo o que você precisa é de um pouco mais de tempo e paciência e equilíbrio, e nós podemos fazer isto funcionar. Talvez nós estejamos forçando muito para começar. Talvez nós devamos aliviar mais nisso. Leve mais tempo com suas lições...”

“E se nós não tivermos mais tempo? E se Jude estiver certo? E se há alguém realmente atrás de nós?” Pela primeira vez eu realmente deixei aquele medo subir a superfície—o peso disso tentando me pôr para baixo. “E se eu precisar dos meus poderes justo agora?”

Daniel agarrou um punhado de seu cabelo desgrenhado e o puxou em frustração. “Eu não entendo o que você quer que eu diga, Grace. O que você quer que eu faça? Se você quer que eu te treine mais rápido, não vai acontecer. Você sabe que não seria seguro. Eu não vou deixar você se perder para o lobo.”

“Eu não vou me perder para o lobo, Daniel. Não é o que eu quero... Deus, eu nem sei o que eu quero! Um modo de parar o tempo, talvez. Um jeito mágico de fazer meus poderes virem mais rápido. Eu não sei.”

“Eu não sei, também” Daniel escolheu uma tigela do balcão e a guardou. “Eu ainda acho que Jude estava apenas te enrolando, Grace. O lobo provavelmente está se divertido ao atormentar as pessoas que ele *amava*.” Daniel colocou uma ênfase a mais no tempo passado.

Mas eu não queria acreditar naquilo. Daniel ainda me amava quando ele foi levado pelo lobo. Ele ainda queria achar um modo de voltar para nossa família. Eu queria acreditar o mesmo sobre Jude agora. Eu queria dar a ele o mesmo benefício da dúvida. Bem no fundo eu queria acreditar que ele me chamou esta noite não por uma brincadeira boba, mas por que ele *precisava* me avisar. Ele ainda queria ser meu irmão.

“Você não ouviu a preocupação na voz de Jude,” eu disse. “Eu acho que era um grito por ajuda.”

Daniel sacudiu sua cabeça. “Eu gostaria que pudesse localizá-lo para você. Descobrir o que diabos ele quer, ou parar esta pessoa ou quem quer que está supostamente atrás de nós. Mas eu não sou o que tem superpoderes.”

“E aparentemente nem eu,” eu resmunguei.

Ele me olhou, seus olhos amarrados com tristeza, mas ele permaneceu em silêncio. Nós dois permanecemos por alguns longos minutos. Mamãe estava ouvindo uma diferente estação de noticiário noturno gravado pelo DVR4, mas eles estavam tocando um relato quase idêntico da história anterior. Bandidos invisíveis. Terríveis crimes em plena luz do dia. Até mesmo uma piada sobre o Monstro da Rua Markham haver mudado para uma vida de crime organizado...

“Você se arrepende?” Eu finalmente perguntei a Daniel. Era a questão que eu havia segurado por meses. A questão que vinha em minha mente cada vez que eu assistia Daniel lutar para se manter comigo enquanto corríamos, ou cuidando de seu joelho depois de uma sessão de luta. “Você se arrepende de que eu tenha te curado? Deve ser difícil não ter mais os seus poderes.” E deve ser difícil para ele assistir-me não descobrir os meus. Como quando eu me esforçava, enquanto ele tentava me ensinar uma nova técnica de pintura, e

eu podia senti-lo ficando louco para agarrar o pincel e apenas fazê-lo por si mesmo - mas ele nunca o fez. Bons professores não o fazem.

“Não,” Daniel disse. “Às vezes eu sinto falta de meus poderes. Mas eu nunca me arrependo do que você fez por mim. Estou aqui por sua causa. Eu sou uma pessoa completa de novo. Eu nunca poderia voltar para aquele lugar onde eu estava outra vez — eu nunca poderia lidar com ter o potencial de me tornar um monstro de novo. Eu acho que preferiria morrer...” Daniel parou. Ele hesitou por um momento e então disse, “Você se arrepende? Você se arrepende de ter estado lá para me salvar?” Pelo som de sua voz, eu soube que ele esteve segurando essa pergunta por um tempo, também.

Eu olhei abaixo, para a pia. A espuma havia se dissolvido em uma película escura na água. “Algumas vezes eu quase desejo que pudesse voltar e parar Jude de me infectar com a maldição do lobo. Mas eu sempre me paro, porque eu sei que isso significou estar lá para salvar sua alma, e eu não arriscaria mudar nada sobre o que eu fiz aquela noite. Daquela parte eu não me arrependo. Aquela parte eu não trocaria por nada. Te salvar, te curar. Eu me infectaria mil vezes por aquela parte.” Eu fiz um rodopio na película na superfície da água com a ponta do meu dedo. “Eu apenas desejo que as coisas tivessem saído diferentes com Jude, sabe? Eu só desejaria que soubesse o que fazer sobre ele ter voltado.” Suspirei. “Eu só queria que já que eu vou ficar infectada, aprendesse como usá-los propriamente, sabe? Usá-los para ajudar Jude.”

Me afastei de Daniel, alcancei fundo na água escura e puxei o ralo. Eu queria que a água estivesse quente na minha pele, mas havia esfriado consideravelmente durante nossa conversa. Eu senti um calor no meu ombro e me dei conta de que Daniel havia colocado sua mão em meu braço, justo onde minha cicatriz em forma crescente se escondia embaixo de minha manga. Eu não havia me dado conta que estava picante com dor até que senti seu toque suave. Ele manteve sua mão ali por um momento e então a retirou e começou a secar a louça de novo.

Daniel ficou até que nós havíamos limpado a cozinha e Mamãe havia drenado o DVR com todas as outras estações de notícias que ela havia gravado. Eu disse adeus ao Daniel na porta, e no segundo em que ele partiu, a casa parecia vazia, exatamente como eu sabia que iria. Eu tranquei todas as portas e janelas e então desliguei a TV e falei para Mamãe ir para a cama. Quando eu estava sozinha em meu quarto, tentei ligar para o Papai de novo. Caiu direto no correio de voz.

“Jude esteve aqui, Papai,” eu finalmente disse para a máquina. “Justo aqui em Rose Crest. Venha para casa. Por favor.” Eu ouvi o vazio na outra linha até que o gravador do correio de voz apitou e cortou a ligação.

Com meu celular ainda em minha mão, eu chequei a fechadura de minha própria janela e notei uma fraca luz dentro do Corolla. Eu o havia deixado estacionado junto ao meio fio em frente à casa. Fitei pelas persianas e vi Daniel enrolado no banco de trás do carro. Do que eu podia dizer, parecia que ele havia cochilado enquanto lia um livro...

Esta noite não havia ido tão às mil maravilhas com Daniel - não como eu primeiro imaginei quando Daniel sugeriu que assistíssemos a chuva de meteoros juntos. Mas ver Daniel do lado de fora de minha casa, saber que ele estava ali, me fez sentir segura e aquecida, como se nada pudesse possivelmente nos separar.

Eu abri meu telefone e mandei uma mensagem para Daniel: *Eu te amo*.

Conforme eu me arrastava dentro da cama, meu telefone apitou com uma mensagem dele: *Sempre*.

E então, trinta segundos depois, outra, que dizia: *Seja paciente. Nós o descobriremos. Talvez quando seu pai voltar, ele saberá o que fazer*. Então outra: *Eu confio em você*.

Então, quase dois minutos inteiros depois, como se a ideia houvesse subitamente passado por sua mente pela primeira vez: *Por favor, não vá procurar por Jude sozinha, ok?*

Ok, eu digitei de volta.

Não era como se eu soubesse sequer por onde começar a procurar.

Capítulo Três

Destruido

MANHÃ

Eu não me surpreendi quando vi que Daniel tinha ido embora na manhã seguinte. Ele sempre trabalhava no turno naquele turno no Day's Market antes da escola nas sextas-feiras. Mas eu imaginava que ele estivesse destruído por ter dormido no banco de trás de um Corolla a noite toda.

Debbie Lambson, a empregada de meio-turno que papai havia contratado para cuidar de James—e da minha mãe—enquanto eu e Charity estávamos na escola já estava fazendo o café-da-manhã quando eu descí. Peguei alguns de seus muffins que estavam no balcão da cozinha e saí para o drive-through no Java Pot. Eu peguei dois copos de café e fui para o Day's Market na esperança de achar Daniel antes que ele fosse para a escola.

Eu sabia que alguma coisa estava errada antes mesmo de eu ver o policial com a fita de restrição na entrada do estacionamento do mercado — o carro de patrulha do xerife estava estacionado na frente, o sinal ABERTO, cujo neon normalmente estava acima das portas de vidro, estava escuro e um pequeno grupo de consumidores estava apontando para alguns metros da loja.

Tensão pinicou sobre a minha pele conforme eu me aproximava do carro de patrulha. Eu não podia deixar de pensar sobre aquela noite, pouco menos de dez meses atrás quando eu estava numa cena similar a essa. A mesma terrível noite que eu quase perdi Daniel.

A cicatriz no meu braço ardeu e a dor dos meus poderes formigou sobre os meus músculos. Eu agarrei a minha pedra de lua e afastei minhas memórias ruins. Um problema mais imediato estava na minha frente agora.

Eu deixei a bandeja com copos de café no carro e fui até a loja. O que me surpreendeu mais foi como estranhamente o vidro da porta parecia limpo, isto é, até eu perceber que a porta estava faltando. Cacos de vidro estavam espalhados apenas dentro da entrada. Eu hesitei por um momento, incerta se eu tinha permissão para entrar, mas ninguém me parou, então eu entrei pela abertura. Eu ouvi vozes perto das caixas registradoras—ou onde as caixas registradoras deveriam estar. Uma estava espatifada no chão e as outras duas pareciam ter desaparecido totalmente. Sr. Day despencou em um banco enquanto falava com Chris Tripton, outro empregado da manhã, e Daniel estava perto com uma vassoura.

O Day's Market parecia o epicentro de um terremoto que de algum modo não tinha atingido o resto da cidade. A maioria das estantes foi derrubada como um grande conjunto de dominós e seus conteúdos demolidos estavam em todos os lugares. Manchas no chão estavam escorregadias com as sopas pingando de suas latas amassadas. Buracos no tamanho de bola de basquete furavam as paredes e o display de Halloween no centro da loja parecia como se alguém tivesse passado com o trator por cima.

“O que aconteceu?” Eu perguntei a Daniel quando eu chamei sua atenção. “Parece que um furacão passou aqui.”

“Poderia muito bem ser.” Daniel apoiou seu peso na sua vassoura. “Alguém saqueou o lugar ontem à noite. Eles esvaziaram as caixas registradoras, arrancaram o alarme da parede de trás do escritório e destruíram praticamente todo o resto.”

“Caraca,” eu disse.

Stacey Canova veio onde estávamos com uma caixa vazia em seus braços. “O estranho é,” ela falou, “eles destruíram tudo, mas pegaram todos os sacos de batatas e latas de cerveja.”

“O quê? O xerife acha que foram adolescentes?” Eu perguntei.

“Só se eles fazem adolescentes com superpoderes atualmente,” disse uma voz atrás de mim.

Eu cambaleei em volta do senhor Day. “O que foi isso?” Eu corei e cruzei meus braços nas costas como se eu estivesse escondendo algo.

“Quem quer que tenha feito isso tinha que ser muito rápido e forte como um touro. Seria necessário ter uma empilhadeira para derrubar um desses corredores. E eles chegaram e saíram em alguns minutos. Eu tranquei e fui para casa na noite passada, mas quando eu estava a alguns quarteirões percebi que tinha deixado à chave da minha garagem no escritório. Eu me virei e voltei para a loja e achei tudo isso. Eu tinha ido embora há cinco minutos. E não há nada nas câmeras de segurança.” Senhor Day indicou as câmeras em cada canto da loja. “Olhei todas com o xerife ontem à noite. Elas só ficaram pretas. São alimentadas por bateria então não é só cortar a energia do prédio, não ia adiantar nada. Nem mesmo vocês crianças esqueléticas da Santíssima Trindade poderiam conseguir isso.”

Ele se virou para Chris Tripton. “Eu estou dizendo a você, tem que ser aqueles bandidos invisíveis da cidade. Ou isso ou o Monstro do Markham Street retornou a uma vida de furto.” Senhor Day falou como o repórter de ontem à noite, só que não estava brincando.

Stacey rolou seus olhos, mas depois sacudiu a cabeça quando ela viu o senhor Day olhando para ela.

Daniel olhou para baixo e varreu alguns cacos de vidro formando uma pilha com a vassoura.

De acordo com a história “oficial”, cães selvagens atacaram Jéssica, a neta do senhor Day, e foram responsáveis por outros ataques na cidade no último inverno — a mutilação de Maryanne, o sumiço de James e o que aconteceu com Daniel, Jude e eu na paróquia — mas o senhor Day tem sido um crente obstinado no Monstro da Markham Street desde então.

“De qualquer modo, essa cidade está em apuros. Eu aposto que eu sou o primeiro de muitos. Alguém—ou algo—com muito poder não vai parar em uma loja. Marque minhas palavras: Rose Crest vai virar um inferno a menos que alguém pare essa coisa.”

O telefone tocou atrás do escritório. Tinha um estranho som metálico. Deve ter sido danificado. “O jornal local arrumou uma cópia da história.” Senhor Day murmurou. “Eles continuam ligando. Não vou estar surpreso se tivermos repórteres na cidade atrás do local como urubus ainda hoje. Eu posso estar arruinado e eles pensariam em fazer uma grande matéria. Pensei que nunca teria que lidar com esses urubus de novo desde que eles se cansaram da história da morte de Jéssica. Agora eles querem ressuscitar esse assunto com tudo isso que está acontecendo.” Ele estava tentando soar rude e chateado, mas sua voz tinha um tom agudo e eu reparei na vermelhidão de seus olhos.

O telefone continuava a tocar e senhor Day foi em direção ao seu escritório. “Vocês dois vão para a escola.” Ele falou e apontou para Daniel e eu.

“Mas nós podemos ajudar,” eu disse.

“Vocês crianças tem provas de faculdades chegando. Não quero estragar suas notas por causa disso. Mas eu espero você de volta aqui.” Ele falou para Daniel, depois agarrou o telefone tocando na sua mesa. “Alô!” Ele praticamente gritou no telefone antes de fechar a porta atrás dele. Senhor Day realmente não merecia isso — especialmente depois do que aconteceu com Jéssica.

“Eu acho que nós deveríamos ir, então.” Daniel entregou sua vassoura para Chris. “Eu estarei de volta assim que as aulas terminem.”

“Nós ainda estaremos aqui,” Chris disse, soando como se ele desejasse ter uma desculpa para sair também.

Daniel pegou minha mão e fomos andando até a porta inexistente, mas depois de quatro passos notei alguma coisa furando o fundo do meu sapato. Eu deixei Daniel, me abaixei e peguei uma espécie de cartão de plástico no calcanhar da minha bota. Eu olhei. Era um cartão liso e branco com um pequeno logotipo na sua frente que dizia THE DEPOT e uma faixa magnética na parte de trás. Isso me lembrou do meu cartão de consumidora do Java Pot que sumia cada vez que eu comprava algo.

Daniel parou e olhou para mim. “O que foi?”

“Isso parece um cartão de membro ou algo assim. Você já ouviu falar num lugar chamado The Depot?”

Daniel balançou sua cabeça.

Eu ergui o cartão. “Isso pode ser uma dica, não acha? Talvez a pessoa que fez isso deixou o cartão cair.”

“Humm pode ser, eu acho” Daniel pareceu não acreditar muito nessa ideia.

Stacey bufou atrás de mim. “Você parece uma daquelas crianças do Scooby-Doo,” ela disse. “Não tenha muita esperança, entretanto. Clientes perdem essas porcarias aqui o tempo todo. Nós temos uma caixa cheia de achados e perdidos no escritório, mas quase ninguém vem fazer uma reclamação. Eu jogaria isso numa pilha de lixo.”

Eu olhei o cartão outra vez. Rose Crest hospedava apenas algumas empresas, mas nenhuma delas se chamava The Depot. *Isso provavelmente é só lixo*, eu pensei, mas eu enfiei no bolso da minha jaqueta em vez de jogar fora.

Daniel ergueu as sobrancelhas para mim, mas não disse uma palavra.

CINCO MINUTOS DEPOIS

Daniel deixou a sua moto no mercado e foi de carona comigo no Corolla. Ele sacudi e gemeu a algumas quadras do colégio, como se dissesse que não estava planejando fazer o caminho em outro inverno. Esperava que Daniel pudesse mantê-lo funcionando por um tempo, considerando que o dinheiro estava apertado com mamãe não trabalhando mais e com a despesa extra com a governanta. Eu imaginei quanto tempo papai poderia se dar o luxo de continuar a pagar a Debbie—muito menos pensar em comprar um carro novo.

Eu estacionei no meu lugar de sempre, perto da paróquia, e começamos a atravessar o estacionamento da escola juntos. Daniel tomou um gole do café e fez um som de satisfação. Sua face parecia mais magra que há tempos e seu cabelo desgrehado estava mais bagunçado que o usual. Ele comeu o muffin de canela que eu lhe dei em três enormes mordidas e depois limpou sua garganta.

“Ele tem um ponto.” Daniel disse. “O que o senhor Day disse—teria que ser uma pessoa com habilidades especiais para conseguir isso em tão pouco tempo. Um adolescente super poderoso, talvez?”

Eu levantei as minhas mãos. “Eu sou inocente. Eu juro. A menos que eu roube lojas enquanto durmo...”

Daniel sorriu, mas apenas por um segundo. Sua face estava franca e séria quando ele disse o nome que eu estava tentando desviar com meu humor: “Jude. Isso faz sentido,

certo?” Daniel perguntou. “Ele estava na cidade noite passada. Ele foi à casa de Maryanne e ele provavelmente estava no lado de fora da janela de James. Faz sentido ele ir ao Day’s em seguida.”

“O quê, como se estivesse fazendo um tour de todos os lugares...? Oh.” Eu parei em frente à entrada da escola, e de repente sabia onde Daniel estava querendo ir. A casa de Maryanne, a janela de James, o Day’s Market. Esses foram todos os lugares onde o lobo causou sua falta de controle no ano passado. Ele tinha atacado o corpo de Maryanne congelado enquanto ela estava morta, depois ele passou por uma janela da minha casa, roubou o bebê James para parecer que ele tinha sido levado para a floresta e então deixou o corpo de Jéssica no lixo atrás do mercado onde Daniel trabalhava—tudo isso em um esforço para enquadrar Daniel como o monstro.

“Você acha que o lobo está fazendo ele revisitar os lugares de seus antigos crimes? Mas por quê? E você acha que Jude realmente é capaz de fazer todos esses danos no Day por si mesmo?”

“Com licença,” uma voz estridente gritou atrás de nos.

Eu me virei e vi minha ex-melhor amiga, April Thomas, parada ali. Ela tremia naquele jeito Cocker Spaniel de quando ela estava animada ou assustada ou experimentando praticamente qualquer outra emoção. Isso era uma das coisas que eu sempre gostei nela.

“Com licença, Grace,” ela disse novamente, sua voz trêmula.

“Sim?” Eu perguntei, sentindo uma onda se emoções: ressentimento porque ela não queria nada comigo nos últimos meses e alegria por esta escutando ela falar meu nome.

April olhou para mim por um longo momento, torcendo seu dedo em um dos seus cachos. Sua boca contraiu como se estivesse tentando descobrir como formar as palavras para algo importante que queria dizer.

Mas tudo o que ela fez foi encolher os ombros e perguntar se ela poderia passar pela porta. “Não quero chegar atrasada,” ela murmurou e passou por mim quando eu dei um passo para o lado.

Eu a observei desaparecer pela multidão de estudantes no corredor principal até que Daniel me cutucou através da porta.

“Você sabe o que mais me preocupa, Grace?” Daniel perguntou quando nos aproximamos dos nossos armários no corredor superior.

“O quê?” Eu dei um olhar interrogativo para ele, ainda pensando em April. *Será que ela queria me dizer algo?*

“O que você acabou de dizer há um minuto atrás de Jude não ser capaz de saquear o Day’s Market sozinho... Então Jude pode ou não estar envolvido no que aconteceu, mas quem fez não poderia ter agido sozinho.”

Capítulo Quatro

Bomba

MAIS TARDE NAQUELE MESMO DIA

Não tinha levado muito tempo depois das férias de Natal e das aulas começarem de novo para as pessoas em nossa vizinhança notarem que Jude tinha ido embora e que mamãe não estava agindo exatamente como sua habitual personalidade Martha-Stewart³-misturada-com-Florence-Nightingale⁴. Até o final da primeira semana de aulas em janeiro, toda a paróquia sabia que algo estava errado com os Divines, e meu pai decidiu que ele deveria fazer algum tipo de declaração aos seus paroquianos. Ele queria dizer a verdade. Pelo menos a versão dele que não envolvia lobisomens—minha mãe nem sabia *este* tanto, e considerando o seu frágil estado mental, era provavelmente o melhor.

“Tudo que eu quero dizer é que Jude ficou perturbado, e fugiu,” meu pai tinha explicado para nós. “E gostaríamos de contar com a paciência de todos enquanto a nossa família se ajusta.”

Mas Mamãe não permitiria isso. Ela odiava a ideia de pessoas julgando seu modo de educar os seus filhos, pensando qualquer coisa má da nossa família.

“Então o que você quer que façamos?” Papai perguntou a ela.

“Que mintamos,” disse ela.

“Para a cidade inteira?” eu perguntei.

“Sim.” Ela balançou para frente e para trás em sua cadeira e olhou para a televisão. “Ele vai estar em casa logo. Nós vamos encontrá-lo. Ninguém nunca saberá que alguma coisa esteve errada.”

Então no segundo domingo de janeiro, Papai alimentou a história “oficial” para Rose Crest—mentiu para todos bem sobre o púlpito. De acordo com o que minha mãe queria que ele dissesse, Jude tinha ido viver com a vovó e vovô Kramer na Flórida, porque eles precisavam de ajuda em casa após a cirurgia de coluna do vovô—e papai ocasionalmente estaria indo para ajudar também.

³ Famosa apresentadora americana de programas domésticos e de entrevistas.

⁴ Enfermeira inglesa famosa por sua compaixão e cuidado com os pacientes.

Mas as pessoas não são estúpidas. Eles iriam perceber que Jude tinha partido por quase dez meses sem voltar para casa para visitar uma vez sequer. E que o seu desaparecimento coincidia com um misterioso “ataque do cão” dentro da paróquia, que colocou Daniel na UTI por uma semana. Eles iriam perceber que Mamãe mal podia fingir durante um dos sermões de papai, com aquele sorriso falso estampado em seu rosto e seus olhos completamente envidraçados. Eles iriam perceber que meu pai estava “voando para a Flórida” para ajudar os sogros mais vezes do que ele estava em casa algumas semanas.

O que significava que as pessoas também iriam falar.

Eu sabia que não era possível sair completamente limpo sobre tudo o que tinha acontecido no ano passado, mas acima de conhecer os segredos do submundo e de mentir para todos sobre o desaparecimento do meu irmão, eu também tinha que esconder o fato de que eu podia *ouvir* o que as pessoas diziam sobre mim e minha família pelas nossas costas. Outra regalia menos emocionante de ter audição sobre-humana que decide ligar nos momentos mais inconvenientes.

A maioria das pessoas era realmente boa, você sabe. Mas algumas pessoas eram boas apenas na minha frente, e eu os podia ouvir sussurrarem sobre a minha família quando pensavam que eu estava fora do alcance da voz. Eles gostavam de especular sobre como Jude devia estar nas drogas, ou como ele fugiu possivelmente para se juntar a um culto. Ou talvez ele estivesse em uma dessas escolas no oeste, onde eles fazem crianças confusas caminharem pelo deserto sem água suficiente.

“Eu sempre soube que o garoto era perfeito demais para ser real. Aposto que eles estavam todos se drogando na paróquia naquela noite,” eu ouvi Brett Johnson—um dos *amigos* de Jude—sussurrar uma vez quando eu estava uma quadra bem longe dele e de sua namorada.

Eu sabia que as pessoas chamavam a minha mãe de louca quando eles pensavam que eu não podia ouvi-los.

Apenas um pouco menos irritantes eram as coisas que as pessoas da escola diziam sobre mim. Eu sempre fui acostumada com as pessoas me olhando, me julgando, pois eu era filha do pastor. Mas agora eu era muito mais a pária da escola quando eu estava de costas—que é aparentemente o que acontece quando o capitão do time de hóquei da escola é preso e depois expulso da escola por agredir você. Quero dizer, seriamente, eu não tinha ideia que a AST era tão fanática por hóquei até que eu fui culpada por nós perdermos a nossa chance de ganhar o Estadual no ano passado. Nunca importou o fato de que Pete Bradshaw foi quem *me* atacou.

E eu não podia nem reagir, porque as pessoas normais não deviam ouvir o que os outros dizem sobre eles quando eles estão a duas salas de distância. Então eu tive que tolerar isso quando a minha super-audição decidiu agir hoje na escola, e eu senti só *um pouco* de culpa que as pessoas tinham arranjado um tema totalmente novo de fofocas para debater.

As notícias se espalharam rapidamente sobre o que aconteceu no Day's Market, e as especulações sobre o culpado só aumentaram quando minha aula de ginástica no segundo período foi cancelada porque foi descoberto que houve uma tentativa de arrombamento na escola através de uma das janelas do ginásio.

E no terceiro período, os boatos voaram como bolas de cuspe atravessando as salas, quando foi anunciado que todas as aulas de religião foram canceladas também, porque o Sr. Shumway, o professor de religião, não tinha aparecido para a escola.

Algumas pessoas afirmaram que o Sr. Shumway estava desaparecido, mas enquanto eu caminhava pelo corredor principal ouvi um dos secretários *dentro* do gabinete do diretor dizer que o Sr. Shumway tinha renunciado esta manhã. Mas isso não fazia sentido uma vez que o Sr. Shumway vinha provocando a nossa classe com alguma grande surpresa nas últimas duas semanas, e ele ia supostamente nos dizer hoje os detalhes. Eu estava quase pronta para acreditar no cara cerca de cinquenta metros no corredor a partir do meu armário, que disse ter ouvido que o Sr. Shumway tinham “visto” algo ligado ao arrombamento. E isso o tinha assustado tanto que ele se recusou a voltar para a escola.

Havia tanto falatório, na verdade, que quando cheguei à quarta aula tudo que eu podia fazer era colocar minha cabeça sobre a mesa de arte e apoiar minhas mãos sobre meus ouvidos.

“Tão ruim?” Daniel perguntou enquanto ele deslizava no assento ao lado do meu.

“Horrível. Esta coisa de não ser capaz de ligar e desligar minha super-audição sempre que eu quero está ficando enjoativa. Oh, e me lembre de não passar pela sala dos armários dos meninos quando ela estiver ligada. Para um bando de caras cristãos, com certeza eles têm boca suja.”

Daniel riu. A vibração me fez querer bater minha cabeça contra a mesa.

“Desculpe,” sussurrou Daniel. Ele limpou a garganta. “Então você acha que Jude pode ter tido algo a ver com a tentativa de arrombamento no ginásio?” Ele perguntou o mais silenciosamente possível. “O treinador Brown disse que acha que quem fez isso deve ter ido atrás dos computadores do laboratório ao lado. Mas o meu palpite é que Jude foi para lá depois do Day's.”

Eu levantei minha cabeça bem quando April Thomas passou desfilando por nossa mesa e se dirigiu para o seu lugar no fundo da sala. Os olhos dela foram em minha direção por um quarto de segundo, mas depois ela foi direto para a mesa que ela dividia com Kimberly Woodruff, sem fazer qualquer outro reconhecimento que eu ainda estava viva. Eu me lembrava de não muito tempo atrás, quando ela e eu compartilhávamos uma mesa juntas—no último ano, quando éramos as únicas juniores aceitas nas aulas de arte CA⁵ do Sr. Barlow. Antes de Daniel retornar para a cidade e April começar a namorar o meu irmão e tudo ficar estranho entre nós.

⁵ Colocação Avançada, aula para alunos mais adiantados.

“O que você acha?” Daniel perguntou.

Eu não queria acreditar, mas faria sentido que Jude fosse para a escola depois do Day’s, considerando que é onde ele foi na mesma noite que plantou o corpo de Jessica Day atrás do mercado. Ele tinha ido para o ginásio à procura de Daniel no baile de Natal.

Eu estava prestes a comentar sobre a teoria de Daniel, quando alguém atrás de mim disse: “Ei, pessoal!” tão alto que eu pulei em meu assento.

Daniel e eu viramos em nossas cadeiras para ver Katie Summers, a nova estudante transferida de Brighton, parada ali com um punhado de lápis de carvão amarrados com uma fita laranja brilhante, que parecia surpreendentemente como uma alça de sutiã. Aquilo combinava perfeitamente com a descolada faixa artesanal em seus cabelos loiros cortados A-line⁶. “Uau, Grace, seu cabelo está ótimo hoje. Você devia usá-lo assim o tempo todo. É totalmente incomum.”

Vindo da maioria das pessoas, isso poderia soar como uma ofensa indireta—especialmente desde que eu tinha usado meu cabelo em um rabo de cavalo bagunçado porque eu não tinha me incomodado em fazer outra coisa com ele esta manhã—mas de alguém como Katie, que trazia os seus sanduíches de tofu e suco orgânico de grama de trigo em um variável conjunto de lancheiras vintage, *incomum* parecia ser uma coisa boa.

“Hum, obrigada,” eu disse. Considerando que minha própria melhor amiga nem sequer falava mais comigo, eu sempre achei surpreendente quando alguém na escola que não fosse meus professores ou Daniel realmente fizesse um esforço para me envolver na conversa. “Você parece incrível, como sempre.”

E realmente parecia.

Katie era uma daquelas pessoas naturalmente bonitas que poderiam usar um vestido feito de um saco de batata tingido de azul para um piquenique da escola—o que ela *tinha* feito em setembro—e ainda parecer linda de morrer.

“Você é muito doce.” Katie virou seus olhos azuis cobalto para Daniel. “Hey,” disse ela. “Obrigado por me emprestar o seu lápis de carvão na semana passada. Eu realmente não teria terminado meu projeto em tempo sem você.” Ela estendeu o pacote de lápis com seus dedos cheios de anéis e ofereceu a Daniel. “Isto é para você.”

“Sério? Obrigado, Katie.” As bochechas de Daniel tingiram-se de rosa, e ele parecia muito cuidadoso para não tocar na fita parecida-com-tira-de-sutiã. “Porém você quase não usou o meu lápis. Você não precisa me dar estes.”

“Qualquer coisa para o meu herói,” disse ela, e sorriu para ele.

Eu gostava de Katie, realmente gostava. Ela não me tratava de forma esnobe como a maioria de todos na AST ultimamente. E eu nunca a ouvi falar mal de mim pelas minhas

⁶ Corte de cabelo estilo Victoria Beckham

costas. Mas o que eu não gostava sobre Katie era o jeito que ela sorria para Daniel. Para não falar do jeito que ela sempre pedia sua opinião sobre seus últimos projetos—que sempre eram tão impressionantes como ela era. Seus pais haviam se mudado para Rose Crest durante o verão, apenas para que ela pudesse estar no programa de arte avançada da Academia Santíssima Trindade.

As bochechas de Daniel ficaram rosadas.

Eu o chutei na canela. Um pouco forte demais.

“Ai. Então, não é necessário,” disse ele, mas me deu um sorriso sarcasticamente desonesto.

“Falo com vocês mais tarde,” disse Katie. “Eu acho que hoje é o grande dia, não é?”

Ugh. Eu coloquei minha cabeça sobre a mesa e ouvi seus sapatos deslizarem pelo chão de linóleo em direção a uma mesa do outro lado da sala.

O grande dia era a última coisa que eu tinha energia para pensar agora.

DEPOIS DO ALMOÇO

Mas a bomba caiu logo após a quinta aula começar.

CA de Arte era uma aula de tempo duplo com intervalo para almoço no meio. E quando Daniel e eu voltamos de comer alguma coisa, o Sr. Barlow pediu-nos para entrar em sua sala. Todos estavam especulando sobre quando o grande anúncio ia acontecer porque o Sr. Barlow tinha agido de forma estranha pelo último par de semanas. Ele pairou sobre nossas mesas, enquanto nós trabalhamos, observando cada pincelada nossa, tornando impossível para mim pintar uma linha reta—e fazendo-me perder o pouco que eu tinha esperança de que o grande dia estava vindo para trazer qualquer coisa menos decepção para mim.

Que era porque eu estava mais chocada quando percebi que Barlow não estava só convidando *Daniel* em seu escritório no momento.

April já estava lá dentro. Ela cruzou os braços na frente do peito e desviou o olhar quando eu entrei. Katie Summers se sentou à mesa de Barlow, parecendo um pouco verde, mas ainda animada. Ela sorriu e acenou para Daniel, quando ele me seguiu até a sala.

Sr. Barlow fechou a porta do escritório atrás dele. Ele pegou uma pilha de envelopes brancos grandes de sua mesa e entregou um para cada um de nós. April abriu o dela e praticamente gritou. Eu peguei o meu e senti meu coração acelerar. Eu deslizei minha mão sobre o logotipo azul-safira em relevo do Instituto de Arte Amelia Trenton.

Esse realmente era o grande dia.

E eu estava incluída?

“Como vocês sabem,” o Sr. Barlow disse depois que ele tinha tomado o seu lugar atrás de sua mesa, “Trenton é uma escola muito competitiva. AST é um dos poucos programas de arte no Centro-Oeste a partir do qual Trenton sequer considera estudantes. Para manter a reputação do nosso programa, eu auxilio na seleção dos alunos da minha classe AP cada ano que eu sinto que são mais adequados para se candidatar ao programa. Existem apenas quatro petições para ir este ano, e cada um de vocês está segurando uma.”

Daniel respirou fundo ao meu lado, como se estivesse saboreando o momento.

Eu simplesmente não conseguia respirar.

“A petição vence em um mês. Vocês vão precisar tirar fotografias de suas melhores peças para fazer um portfólio de seu trabalho, obter duas cartas de recomendação—vou dar uma para cada um de vocês—e escrever dois ensaios pessoais. Vocês devem enviar o pacote até a data na petição, ou não serão considerados. Esta é a sua única chance para Trenton, pessoal—não estraguem isso.”

April se sacudia como um cachorrinho feliz. Katie abraçou o pedido em seu peito. Daniel passou os braços em volta de mim e deu um aperto nos meus ombros.

“Nós conseguimos, Grace,” ele sussurrou, e beijou o lado da minha cabeça.

“Não comece a comemorar ainda.” Barlow juntou as mãos em cima de sua mesa. Ele geralmente fazia isso quando ele estava libertar a sua captura. “Trenton normalmente aceita apenas um aluno da AST por ano—ocasionalmente dois.” Seus olhos esvoaçaram entre Daniel e mim. Então ele olhou para April e Katie. “Eu escolhi vocês quatro, porque vocês tem uma chance real. Façam o seu melhor com as petições, e talvez nós estabeleçamos um novo recorde este ano.” Ele acariciou seu bigode. “Agora saiam do meu escritório e voltem ao trabalho.”

“Boa sorte, meninas!” Katie disse depois que nós saímos do escritório. “Daniel”—ela colocou a mão no braço dele—“Eu quero me certificar de que minha pintura é o ideal para o meu portfólio. Você se importa em olhá-la para mim? Todo mundo sabe que você é o melhor.”

“Hum. Sim. Claro que sim.” Ele deu outro aperto nos meus ombros e depois a seguiu para sua mesa.

Eu flutuei sobre a minha cadeira e sentei-me ali por um momento, olhando para o pacote de Trenton, em frente a mim. Eu havia me convencido de que não havia como o Sr. Barlow me dar uma petição; além de minha mão instável de ultimamente, minhas notas tinham dado um mergulho real no último inverno—com descobrir que o meu verdadeiro amor era um lobisomem, e meu irmão causando estragos por toda a cidade.

Daniel falava sobre Trenton todos os dias. O que poderia acontecer com nós dois lá juntos. Ele queria ser um designer industrial—fazer arte funcional que as pessoas possam

segurar em suas mãos e que iria mudar a forma como viviam as suas vidas—e este era um dos motivos para ele voltar a Rose Crest. Além de procurar uma cura para sua maldição do lobisomem, isto é. Era o sonho dele nós irmos para a faculdade juntos. Deixar para trás o toque de recolher e os olhares de todos na cidade. Fugir das lembranças de seu pai terrível, que o assombrava cada vez que ele tinha de passar por sua antiga casa, a fim de chegar a minha.

Katie explodiu em gargalhadas do outro lado da sala. Olhei e vi Daniel sorrindo daquela maneira irônica dele enquanto apontava para algo em sua pintura. Obviamente, ele tinha acabado de fazer algum tipo de piada—mas minha super-audição já tinha desaparecido em algum momento durante o almoço, então eu não sabia o que ele tinha dito.

Mas Katie estava certa sobre ele: Daniel era o melhor. Nós todos sabíamos que ele era um vencedor certo para Trenton. Não importava que ele deveria ter se formado no ano passado. Ele tinha tudo, mas ser prometido a um lugar na Trenton por um dos conselheiros das admissões se ele se graduasse na AST. A competição real decorria entre April, Katie, e mim, para ver quem tem um possível segundo lugar no Instituto de Arte.

Minhas chances pareciam escassas. Quero dizer, April era uma assassina com giz pastéis e Katie era melhor em acrílico que qualquer um da classe. Mas então, novamente, mesmo que o carvão vegetal sempre foi minha especialidade, com a tutela do Daniel eu estava realmente pegando o jeito de óleos. Eu tinha conseguido dois vantajosos A de Barlow neste semestre, e ele os guardava somente para aqueles projetos que ele achava que eram verdadeiramente especiais. E Barlow havia dito ele mesmo: ele não teria me dado esta petição, se ele não achasse que havia uma chance.

Conforme o choque passou, eu senti lágrimas bem nos cantos dos meus olhos. Eu as esfreguei. Este era um momento feliz, mas eu nunca fui uma fã de choro.

Daniel deixou a mesa de Katie. Ele sorriu para mim, enquanto ele carregava o seu pedido de volta à nossa mesa. Mesmo sem superpoderes, eu podia ouvir Lana Hansen e Mitch Greyson sussurrando da mesa atrás de nós. Aparentemente, Mitch tinha um problema com um par de escolhas de Barlow para as petições. Dei de ombros e peguei o meu envelope de Trenton e enfiei-o na minha mochila por segurança.

Capítulo Cinco

Indefesa

SEXTA À NOITE

Nossa última aula foi cancelada por causa da coisa do não-ter-um-professor-de-religião, e desde que eu já tinha passado uma hora na sala de estudo em vez das aulas de ginástica no início do dia, eu fui até o mercado com Daniel para ajudar com a limpeza.

Fiquei surpresa com o pouco que parecia ter sido feito enquanto estávamos fora, mas quando nós começamos com isso, eu percebi a quão devastadora a destruição foi. Quase todas as janelas haviam sido quebradas, havia buracos nas paredes, cada uma das prateleiras e monitores haviam sido esvaziados e quase tudo despedaçado. Parecia que iria demorar uma semana para ordenar tudo e encontrar o que pudesse ser salvo.

Daniel conversou animadamente sobre nosso formulário Trenton em primeiro lugar—mostrando o seu ao Sr. Day e Chris, e me dizendo quais das minhas pinturas eu deveria enviar para meu portfólio — mas como as horas se arrastavam, ele ficou em silêncio e mal-humorado como todos os outros e apenas se concentrou em compensar o tempo limpando. O sol há muito havia se posto e as caçambas de lixo estavam transbordando quando o Sr. Day disse-nos para ir para casa, já que havia anoitecido. Eu teria continuado com a limpeza, mas estava agradecida pelo adiantamento—minhas costas doíam, e eu mal conseguia colocar um pé na frente do outro.

Daniel e eu pegamos o resto de lixo e saímos pela porta dos fundos para o estacionamento.

“Eu não acho que possa caber mais alguma coisa nesta caçamba,” disse Daniel. “Vamos tentar a dos McCool's.”

O estacionamento do Day's intrometeu-se contra o terreno da nova lanchonete. Eu ergui minha sacola de lixo em meus braços e o segui até a lixeira, tentando todo o caminho testar minha super força para chutar, já que a caixa que eu carregava de vidro quebrado parecia mais como se fosse cheia de tijolos.

“Você acha que a loja vai sobreviver?” Eu coloquei a caixa no chão do asfalto quando chegamos ao lixo, e estendi os braços.

Um grupo de rapazes saiu de trás do bar a apenas alguns metros de distância. Suas explosões de risos altos pareciam tão antinaturais em relação a como eu me sentia no momento.

“Não sei,” disse Daniel conforme atirou um dos sacos na lixeira. “O seguro não irá durar muito, e se nós não conseguirmos funcionar em breve... Um lugar como este não pode sobreviver por muito tempo com esse tipo de perda de renda.”

“Não é justo, você sabe. Quero dizer, por que Ju — Quero dizer, por que alguém iria querer o Sr. Day como alvo de qualquer maneira?”

“Talvez seja porque ele emprega aberrações,” disse uma voz familiar.

Eu me virei e vi Pete Bradshaw se mostrar para nós do grupo de rapazes desordeiros. A linha tênue da fumaça do cigarro flutuava entre seus dedos. Aparentemente, ele tinha voltado a fumar desde que ele tinha sido expulso da HTA, isso e deixou crescer um cavanhaque um pouco desagradável. Daniel amaldiçoou sob sua respiração quando Pete caminhou diretamente até nós.

“Primeiro o retardado do Mooney, e agora *você*.” Pete acenou o cigarro muito perto do rosto de Daniel.

“Cai fora, Pete,” disse eu.

“Você já devia esperar por isso. Você anda com o lixo e, mais cedo ou mais tarde alguém vai acabar descartando você.”

Pete sempre tentava começar uma briga sempre que nós o encontrávamos. Ele tinha um pavio curto, desde que foi expulso da HTA, o que significava que ele perdeu sua bolsa de hóquei e seu pai se recusou a pagar qualquer outra coisa do que a faculdade comunitária⁷.

“Ei, Pete?” Um de seus amigos chamou do grupo perto da saída. “Este lugar tá caído, cara. Você não disse que você conhece um cara que pode nos levar dentro do The Depot?”

The Depot? Enfie a mão no bolso do casaco e tirei o cartão de plástico que eu tinha encontrado esta manhã no Day’s.

Pete olhou para o amigo. “Sim, Ty. Você quer anunciar que um pouco mais alto para o resto do mundo?”

“Tanto faz, vamos.”

“Uma coisa boa para você é que eu tenho um lugar melhor para ir.” Pete jogou o cigarro aos pés de Daniel. Ele se voltou para os seus amigos e começou a andar para longe.

⁷ Faculdade comunitária, é uma pequena faculdade destinada geralmente para os habitantes de sua área oferece um programa de estudos flexível e cursos diários e noturnos.

Daniel deixou escapar um pequeno suspiro.

Pete gostava de falar por falar, mas ele geralmente encontrava uma desculpa para ir embora, quando Daniel não reagia a sua provocação. E eu sabia que eu deveria deixá-lo seguir em frente, mas eu não pude deixar de fazer o que eu fiz em seguida.

“Espere Pete.” Eu chamei por ele.

“O quê?” Pete olhou para mim.

“O que você está fazendo, Grace?” Daniel sussurrou. “Deixe-o ir.”

Eu balancei minha cabeça. “The Depot? Onde é?” Eu perguntei a Pete.

Ele riu. “Você quer ir ao The Depot?”

“Você pode só me dizer onde é? É importante.”

Pete riu ainda mais. Seus amigos todos nos observavam agora. Ele deu um passo em minha direção. “E o que recebo em troca dessa pequena informação? Ou você está procurando abandonar este pedaço de lixo aqui e vir festejar com um homem de verdade?”

“Era apenas uma pergunta, Pete. Você tem uma resposta ou não?”

“E eu perguntei se a resposta vale a pena.”

“Cala boca, Bradshaw.” Daniel caminhou para o meu lado. “Esqueça que ela perguntou e saia.”

“Ou o quê? Mooney não está por perto para meter-se com as pessoas por ela. E o que você pode fazer?”

Daniel cerrou os punhos ao meu lado, mas ele não se mexeu.

“Foi o que eu pensei,” disse Pete. Virou-se ligeiramente, como se ele estivesse prestes a sair novamente, mas então de repente ele pulou em Daniel e deu um forte empurrão. Daniel cambaleou para trás e caiu sobre a caixa de lixo que eu tinha deixado do lado da caçamba.

“Não!” Eu gritei, e corri para Daniel. Eu tentei ajudá-lo a ficar de pé, mas ele me afastou. Seu rosto torcido em um estremeção terrível quando ele se levantou do chão. Um corte vermelho estava pintado em seu antebraço e eu arfei quando vi um caco de vidro manchado de sangue saindo da caixa onde Daniel havia caído.

“Oh, meu... Você está bem?”

Ao mesmo tempo, ouvi alguém do grupo de rapazes chamar Pete. “Você precisa de alguma ajuda?” O cara chamado Ty e outros amigos de Pete se aproximaram de nós.

Eu esperava meu corpo ficar tenso, reconhecendo o perigo que nos rodeava e meu poder se infiltrar em meus músculos com aquela dor, dor familiar—mas nada aconteceu. *Droga*, pensei. Não era hora para o meu poder apertar o botão desligar. Eu precisava dele agora.

“Você vai lutar?” Pete pisou na frente de Daniel. Seus dois amigos flanqueados nos dois lados. “Ou você vai me deixar usá-lo como um saco de pancadas?”

“Melhor eu do que Grace,” disse Daniel, agarrando o braço sangrando.

“Como você sabe que ela não é a próxima?” Pete perguntou enquanto ele levantou seu punho.

“Pare!” Eu disparei para Pete, mas Ty me pegou pela cintura. Tentei chamar minha força sobrenatural quando chutei as pernas dele, mas ele apenas riu. Eu me senti como uma boneca de pano, quando ele me empurrou para o lado.

Eu bati na parede de tijolo do bar e fiquei momentaneamente atordoada. Então eu ouvi um barulho batendo, como o punho no rosto, e então algo grande tropeçou sobre os meus pés. Eu olhei para baixo, à espera de encontrar Daniel, mas era Pete, que havia atingido o chão exatamente na minha frente. Ouvi um barulho alto e duro, e amigo anônimo de Pete caiu de joelhos ao meu lado, dobrado. Ty levantou as mãos e afastou-se tão rápido quanto podia.

Pete gemeu e limpou o nariz sangrando. “Você é uma aberração,” disse a Daniel enquanto ele se levantou lentamente. “Vamos,” disse ele ao amigo ferido. “Nós não temos tempo para esse lixo. Vamos.” Ele cuspiu um catarro sangrento no chão ao meu pé.

“É melhor ficar de olho nas suas costas.” Pete nos disse antes dele e os outros dois se reunirem ao grupo de rapazes. Suas gargalhadas ecoavam nos edifícios em torno de nós conforme eles saíram para rua.

Daniel estava ao lado da lixeira, de costas para mim. Seus ombros elevavam-se enquanto ele respirava fundo de dentro para fora e ele apertou a mão sobre o ferimento em seu braço.

“Isso foi... incrível,” eu disse. “Quem precisa de superpoderes quando você pode lutar assim?”

“Isso é tudo em que você pensa?” Daniel perguntou. “Nos malditos superpoderes?”

“O quê?” Suas palavras doeram, mas acho que eu merecia a censura por fazer brincar com essa situação. Cheguei ao lado dele e coloquei a mão em seu ombro. “Sinto muito. Eu não deveria ter dito algo assim. Você está ferido. Deixe-me ver o seu braço. Você está bem?”

“Não,” disse Daniel, e afastou-se do meu toque. Ele apertou seu braço ferido contra o peito, e então eu não podia ver sua ferida. “Preciso ir para casa.”

“Você provavelmente precisa ir ao hospital. Vou levá-lo.”

“Não, eu não quero que você faça isso.” Ele cambaleou em direção à moto no Day’s.
“Eu só preciso ir para casa.”

Eu segui atrás dele. “Você está em choque? Você não pode dirigir uma moto assim. Você provavelmente precisa de pontos.”

“Eu vou ficar bem.” Ele subiu na moto, seu braço ainda pressionado em seu peito.

“Droga, Daniel. Deixe-me ajudá-lo.”

“Você já *ajudou* o bastante,” disse Daniel, e deu partida na moto. Torceu o acelerador com a mão boa, e depois voou para fora do estacionamento antes que eu pudesse responder.

Ele nem sequer olhou para trás para me ver ali, com os braços estendidos ao meu lado, sem saber o que diabos tinha acontecido.

O que ele quis dizer com eu tinha *ajudado* o suficiente?

Eu não tinha sido capaz de *fazer* qualquer coisa.

INDO PARA CASA NOVAMENTE

Me sentei no meu carro no estacionamento uns bons dez minutos, debatendo se deveria ou não seguir Daniel até sua casa para me certificar de que estava tudo bem. E então forçá-lo a ir ao pronto-socorro para checar seu corte. Mas ele tinha sido tão inflexível quanto a não querer minha ajuda que me preocupei que ele só iria se irritar mais se eu aparecesse sem ser convidada. Talvez fosse melhor deixá-lo esfriar. Talvez ligar para ele daqui a algumas horas para me certificar que estava bem.

Mas um pensamento rastejante continuava me incomodando quando dei partida no carro. Daniel estava apenas chateado comigo por causar a luta com Pete ou era possível que ele não quisesse minha ajuda porque pensou que eu não tinha controle suficiente sobre os meus poderes para lidar com a visão de seu sangue?

Liguei o rádio do carro, tentando abafar meus pensamentos culpados, e ouvi a sobre a notícia na estação local da Rose Crest. Eles estavam discutindo a tentativa de arrombamento na escola e como ela pode se relacionar ao Mercado do Day’s. O repórter especulou que o ladrão deve ter sido afugentado de alguma forma, porque nada estava faltando na escola. Mas, é claro, as câmeras de segurança da escola estavam em branco.

Desliguei o rádio e descobri meu telefone tocando no fundo da minha mochila, que eu tinha deixado no carro durante toda a tarde. Que tipo de chamadas posso ter perdido? E se Jude tivesse tentado entrar em contato comigo de novo?

Olhei para o visor e suspirei de alívio.

“Oi, pai,” eu disse ao telefone. “Você recebeu minhas mensagens?”

“Sim.” Papai soou tão cansado, e eu mal podia ouvi-lo sobre o barulho do outro lado do telefone. “Diga-me, o que aconteceu?”

Contei-lhe tudo sobre o telefonema de Jude, tentando contar palavra por palavra. Então eu disse a ele sobre como Jude tinha ido ao apartamento de Daniel, no porão da Maryanne.

Papai ficou em silêncio por um momento. “Todo esse tempo procurando e ele estava praticamente no nosso próprio quintal.” disse finalmente. Ele parecia zangado, chocado e aliviado, tudo ao mesmo tempo. “Mais alguma coisa? Você já ouviu falar nele de novo?”

“Não.” Eu hesitei por um momento. Eu não tinha certeza se queria compartilhar a teoria de Daniel com meu pai, mas eu sabia que não deveria esconder qualquer coisa que possa ajudar a encontrar Jude. “Nada definitivo, de qualquer maneira, mas acho que ele pode realmente ter ido ao nosso quintal.” Eu disse a meu pai sobre o que James viu na sua janela, em seguida, o assalto de Mercado do Day’s, e a tentativa de arrombamento na escola.

“Daniel pensa que é Jude.” Eu só estava arrastando o caminho, e decidi ficar no carro em marcha lenta enquanto conversava com meu pai, eu não queria que ninguém ouvisse nossa conversa.

“Essa é uma conclusão lógica,” disse papai. “Faz sentido.”

“É mesmo? Por que ele faria essas coisas? Por que ele está de volta?”

“Eu não sei, Gracie.” Ele suspirou, e ouvi a voz de alguém no microfone no fundo. Ele deveria estar em um aeroporto ou uma estação de trem. “Eu realmente não sei.”

“Você está a caminho de casa?”

“Não,” disse ele. “Eu não sei quando estarei de volta.”

“O quê? Mas Jude estava aqui. Por que você não está voltando—?”

“Eu preciso ir. É a última chamada para o meu trem. Vou explicar mais tarde, mas eu não sei quando estarei em casa.”

A raiva cresceu dentro de mim. Papai estava fora há tanto tempo, e pensei que era porque ele estava desesperadamente à procura de Jude, procurando uma maneira de unir

toda a nossa família de novo. Mas talvez fosse de nós que ele estava tentando ficar longe? Por que mais ele não volta para casa agora? Agora quando nós mais precisamos dele.

“Tudo bem. Só não se esqueça de onde você mora enquanto isso,” eu disse.

“Sinto muito. Eu vou voltar para casa tão logo possa.” Então ele chamou alguém na extremidade. “Sim, esse é a minha bagagem. Eu estou indo.” Ele limpou a garganta e voltou para o telefone de novo. “Uma última coisa, Gracie. Você não está, sob quaisquer circunstâncias, permitida ir à procura de Jude por conta própria.”

Eu fazia um barulho de escárnio. Teria sido uma risada, se eu não estivesse tão chateada. Eu só achei engraçado e irritante ao mesmo tempo que meu pai diria a mesma coisa que Daniel. Como eles pensaram que eu não fosse capaz de *não* ir lá fora e procurar Jude.

“Não vá, Gracie. Você não está preparada para o que possa encontrar...” Ele suspirou pesadamente no telefone. “E nós já perdemos um filho. Sua mãe nunca iria sobreviver se você nos deixasse, também.”

DEPOIS

Mamãe estava dormindo no sofá quando eu finalmente entrei, o noticiário da noite tocando no fundo. Eu não me incomodei em acordá-la e fui direto até a escada. Eu estava mais que esgotada, drenada de tudo, e mal conseguia manter os olhos abertos. Eu estava na metade da minha cama quando o bebê James começou a chorar em seu quarto. Foi um choramingo, um lamento assustado, cada vez mais alto. Eu empurrei a porta aberta e olhei para ele. Ele se sentou em seu berço, esfregando os olhos. Com a luz do corredor, pude ver grandes, grossas lágrimas escorrendo pelo rosto vermelho e manchado.

“Está tudo bem.” Larguei minha mochila em sua porta e o peguei nos meus braços. “Está tudo bem, bebê James.”

“Bebê não,” disse James através de seus soluços. Ele tinha apenas dois anos e meio e já estava começando a resistir ao seu nome de estimação da família.

“Você está certo. Você é um menino crescido, hein?”

James concordou e se aconchegou no meu ombro.

“Você teve outro sonho ruim?”

“É.” Ele tremia nos meus braços.

“Está tudo bem.” Eu me enrolei com ele em sua pequena cama e escovei os meus dedos pelos cachos castanhos. “Está tudo bem. Eu estou aqui. Eu vou te proteger... Eu prometo.”

James sorriu entre lágrimas e deu um tapinha no meu rosto. Dentro de alguns minutos sua respiração tornou-se pesada e profunda. Seus olhos se fecharam, e ele adormeceu com seus dedos ao redor de um punhado do meu cabelo.

Eu assisti seu peito subir e descer, pensando em tudo o que tinha acontecido nas últimas 24 horas, sabendo que algo terrível estava tentando rasgar o meu pequeno mundo. Os crimes foram se espalhando pela minha cidade natal. Jude tinha estado aqui, olhando nosso irmãozinho com seus olhos prata e brilhantes. Eu não sabia quais as intenções de Jude, e não sabia como ele estava conectado com o que tinha acontecido no Day's ou na escola, mas tudo isso me fez sentir como se o céu estivesse prestes a desabar sobre nós a qualquer momento.

Eu pensei sobre o que Daniel havia dito sobre sua crença de que eu poderia ser uma heroína. E quis além de todos os desejos que ele estivesse certo, que eu tivesse a capacidade de manter a promessa que tinha feito para James. Eu queria realmente ser capaz de proteger todos que eu amava.

Eu olhei para minha mochila na porta, lembrando do meu formulário para Trenton dobrado dentro dela. James roncava um pouco ao meu lado, parecendo inocente e indefeso, mas o que seria dele quando eu não estivesse aqui para acalmar seus gritos?

E foi aí que me bateu: mesmo se eu derrotasse April e Katie, mesmo se Trenton aprovasse ambos, Daniel e eu, ainda assim eu não podia ir.

Qualquer possibilidade de eu ir para Trenton, ou para a qualquer outra faculdade, tinha sido destruído no dia em que Jude fugiu. Com meu pai sempre a procura dele, e minha mãe em estado maníaco-depressiva. E se mamãe ficasse pior quando eu fosse para a faculdade? Quem iria cuidar do Bebê James? A governanta não era o mesmo que uma mãe ou uma irmã. E como eu poderia deixar Charity tratar tudo isso por conta própria? Ela era a inteligente da família—praticamente tudo o que ela fazia era lição de casa—e não seria justo se eu arruinasse seu futuro, o tirando assim como Jude.

Trenton era tudo o que Daniel queria, e tudo o que eu não poderia ter.

E eu odiava Jude por tirá-lo de mim.

Capítulo Seis

Do Jeito Que Éramos

SÁBADO DE MANHÃ

Eu acordei dura e dolorida de um curto sono na caminha de James por volta das quatro e meia da manhã. Deslizei para fora do quarto dele, esperando que ele dormisse por mais algumas horas, e me arrastei até a minha própria cama. Mas eu parei e me virei, não importava o quanto eu tentasse, eu não podia bloquear o sonho que havia me acordado em primeiro lugar.

O estranho é que eu havia sonhado com uma lembrança feliz: o final de semana que Daniel, Jude e eu fomos pescar com o meu pai na cabana Kramer do meu avô há cinco anos atrás. Daniel estava vivendo conosco naquela época, e eu sonhei sobre como ele costumava gozar comigo, e como eu queria cada segundo da atenção dele. E como Jude havia declarado quão feliz ele estava por Daniel ser parte da nossa família—e como ele esperava que fosse assim sempre.

Foi um sonho sobre como as coisas eram uma vez, e o jeito que elas deveriam sempre ter sido—mas isso me perseguia como o pior dos pesadelos.

Finalmente sai da cama e fui até a pilha de telas Masonite perto da minha mesa. Puxei uma pintura atrás da outra até encontrar a que eu estava trabalhando na noite que Jude fugiu. Era uma pintura de Jude nessa viagem de pesca. Acabei dormindo sobre minha mesa enquanto trabalhava na pintura, e fui acordada várias horas depois com os gritos de minha mãe. Ela havia encontrado o bilhete de Jude na mesa, o que ele dizia estar partindo, e seu estado mental não vinha sendo estável desde então.

Deixei a pintura na minha mesa e voltei a olhá-la. O fundo estava ali, abusei nas cores básicas para Jude. Eu estava praticando uma nova técnica que Daniel me ensinara, tentando distrair a mim mesma enquanto eu esperava notícias do hospital sobre o estado dele. Mas quando eu descobri que Jude havia partido, eu não pude finalizar o projeto. Talvez eu estivesse apenas esperando pelo momento certo—esperando pela volta dele.

Abri a gaveta da minha escrivaninha e tirei de lá um pacote de fotos preso por um elástico de borracha. Achei a foto de Jude em que eu estava trabalhando e pus sobre a pintura. Então eu folheei pelo resto das fotos até achar a que eu procurava. Nela Daniel, Jude e eu estávamos sentados na beira da lagoa. Nossos lanches pela metade jogados em nossos colos, e nossos braços estavam esticados um sobre o ombro do outro. Jude fez um

gesto com uma de suas mãos—três dedos estendidos. Quase havia me esquecido disso. Era o sinal que nós criamos naquela primavera para o nosso pequeno grupo: TRÊS MOSQUETEIROS PARA SEMPRE.

Puxei essa foto para fora da pilha e a segurei por um momento.

Noite passada eu decidi que não poderia ir para a faculdade por causa de tudo que havia acontecido. Noite passada eu pensei que odiava Jude. Mas agora eu sabia o real motivo por não poder ir, o real motivo por eu não poder sair de casa: eu havia prometido a mim mesma que quando Jude voltasse, eu estaria aqui esperando por ele do jeito que eu tinha estado esperando por Daniel.

Todos continuavam me falando para não ir procurar por Jude. Como se isso fosse algo que eles estavam esperando que eu fosse fazer. Talvez seja porque eles sabiam o que eu *deveria* estar fazendo?

Eu ainda não tinha controle suficiente dos meus poderes para lutar fisicamente com alguém—o que aconteceu ontem com Pete e seus amigos provou isso—mas isso não significava que eu não poderia tentar encontrar Jude. Eu ainda poderia ajudá-lo. Talvez eu o convença a voltar para casa. Descobrir como ajudá-lo a conseguir sua vida de volta, do modo que eu havia ajudado Daniel—o modo que eu prometi que faria—então talvez Papai fosse parar de partir, e Mamãe iria se estabilizar, e talvez minha família pudesse ser como no meu sonho. O caminho que nós todos queríamos que fosse sempre.

E então talvez, só talvez, eu poderia começar a pensar sobre ir para a faculdade. Sobre ter um futuro por minha conta.

Capítulo Sete

O que April Sabe

SÁBADO À TARDE

Eu parei de pé do lado de fora da porta de madeira, pousei minha mão sobre a madeira envelhecida, incerta se tinha coragem de seguir com esse plano. Algo que aconteceu ontem ficou vagando em minha mente durante toda a manhã, me empurrando nesta direção até eu estar aqui parada em frente a esta porta. Mas eu não sabia se estava pronta para as respostas que eu teria se na verdade alguém atendesse a atendesse.

Eu sei que prometi não procurar por Jude sozinha. Mas eu não planejei ir sozinha. Eu teria Daniel comigo. Pelo menos, esse era o plano original.

Só que Daniel não estava atendendo ao telefone. Eu liguei para ele três vezes, sem sucesso. Eu me perguntei se o telefone dele havia sido mais danificado do que nós originalmente pensamos e finalmente quebrou, então decidi ir a casa dele e contar-lhe minha ideia.

No entanto, eu estava a meio caminho de sua casa quando ele finalmente me ligou.

“Estou doente.” Disse ele com uma voz distante.

“Provavelmente porque você não me deixou te levar ao hospital. Você provavelmente pegou uma infecção.”

“Eu *fui* ao hospital. Eu tenho os pontos para te provar. E eu provavelmente peguei algum germe enquanto estava lá.”

“Ah.” De repente eu me dei conta de que ele estava me culpando por ficar doente. “eu posso te levar uma sopa. Estarei aí em poucos minutos.”

“Não.” ele disse um pouco abruptamente. “Deixe-me em paz.”

“O quê?” Minha voz travou-se um pouco na garganta.

Daniel suspirou no telefone. “Desculpe. Eu não sei o que... eu não sei se isso é contagioso. Só fique longe, ok?”

“Mas não tem ninguém para tomar conta de você,” eu disse. “Quando foi a última vez que você estava mesmo doente, afinal?”

Esse era um dos poucos benefícios de ser um Ubat—eu não tive mais do que uma fungada nos últimos dez meses. Daniel provavelmente não tinha ficado doente nem por um dia nesses últimos dezoito anos. Um resfriado comum poderia derrubá-lo.

“Eu posso cuidar de mim mesmo.”

Eu suspirei. “Só me diga que você não está tentando me evitar de propósito. Você ainda está bravo comigo pelo que aconteceu com Pete?”

“Não, Gracie.” Disse ele. “Em primeiro lugar, eu nunca estive bravo com você. Eu só dormi o dia todo. E você sabe que não deveria entrar em minha casa. Quer dizer, o que você poderia fazer para me ajudar?”

Ainda me sentia horrível pela noite passada, e ele não me deixando ajudá-lo ainda me fazia sentir pior. Mas se era isso que ele queria, eu não iria me compelir a entrar em seu apartamento.

“Está bem. Mas me ligue se precisar de qualquer coisa.”

“Sim, está bem. Tchau.”

“Ah, eu tenho algo para te falar—” Eu disse, mas Daniel desligou antes mesmo de eu terminar a frase. Pensei em ligar de novo e contar a ele sobre meu plano, mas já que ele estava tão doente eu não queria fazê-lo pensar que teria de vir.

Eu não devo ter sido capaz de fazer Daniel parar de se machucar, ou de ajudá-lo a se sentir melhor agora, mas eu estava cansada de ficar de braços cruzados. Eu precisava *fazer* alguma coisa antes de ir à loucura. Meti meu celular na bolsa, virei o carro no próximo semáforo, e fui direto para o lugar que eu estava agora.

Ansiedade me encheu enquanto esperava de pé do lado de fora da porta, mas isso não me impediria de buscar respostas. Digo, nós costumávamos ser melhores amigas. Qual era a pior coisa que ela poderia fazer, afinal? Bater a porta em minha cara? Eu bati e esperei quase por um minuto inteiro antes de a porta se abrir.

“Hei,” eu disse.

April me encarou por um longo momento, como se estivesse *realmente* pensando em bater a porta. Mas então ela cruzou os braços e disse, “Hei.” E então ela esperou por mais uns poucos segundos. “O que você quer?”

“Jude.” Eu disse. “Eu preciso achá-lo, e acho que você sabe onde ele está.”

ALGUNS MINUTOS MAIS TARDE, NO QUARTO DE APRIL

“Você sabe onde Jude está, não sabe?” Eu perguntei a April assim que ela fechou a porta do quarto atrás de nós.

April olhou de soslaio para o computador em sua mesa e então olhou de volta para mim.

“Eu não tenho ideia do que você está falando. Não sei nada sobre Jude estar de volta.”

“Então como você sabe que ele voltou?”

“Por que...” Seu olhar se deslocou para o computador novamente.

“Você ouviu minha conversa com o Daniel ontem de manhã, não é?”

April olhou para suas mãos.

Era isto que estava me incomodando toda a manhã. Pelo jeito que April havia agido ontem, eu tinha certeza que ela ouvira o que Daniel e eu falamos sobre Jude ter voltado. E ela só pareceu um pouco surpresa. E então pareceu que ela queria me dizer algo importante, reconsiderou, e agora estava tentando esconder algo de mim.

“Jude me ligou de *dentro* do apartamento de Daniel. Ele voltou para Rose Crest faz dois dias, mas você já sabia disso, não sabia?”

“Ele *te* ligou?” April cruzou os braços e se inclinou contra a mesa, que estava cheia de pedrinhas, que percebi serem falsas, amuletos de metal, e algo que se parecia com uma linha de pescar. Tinha até mesmo um alicate pequeno e uma grande lente de ampliação. “Eu não acredito nisso.”

“Por quê? Ele é *meu* irmão.”

“Porque você é a razão pela qual ele foi embora.”

“Eu sei.” Não pude deixar de esfregar a cicatriz que escondia debaixo da minha luva. Eu sempre imaginei que Jude foi embora por causa do que ele fez comigo.

“Depois do que você fez com ele, estou surpresa que ele quieria conversar com você novamente.” April colocou suas mãos nos lábios. “Eu sei que eu não fiz.”

“Espere, o que *eu* fiz a *ele*?” Perguntei.

Por todo esse tempo eu pensei que April estivesse me evitando porque ela ainda estava irada com todas as coisas que viu na paróquia naquela terrível noite, mas era realmente porque ela me culpava pela partida de Jude?

“Ele me disse que partiu porque você o traiu por Daniel.” Disse April. “Daniel tentou matar seu irmão e você ainda esta ao lado daquele menino-cão. Você e seu pai agem como se ele fosse algum tipo de anjo, mas ele é um lobo em pele de cordeiro.” April

pegou uma pedrinha roxa da mesa e a segurou entre o polegar e o indicador. “Eu sei o que Daniel é, Grace. E eu sei o que ele fez com Jude.”

Menino-cachorro. Lobo em pele de cordeiro.

“Como?” Perguntei. Eu imaginei o quanto Jude disse a ela sobre o que aconteceu — ou pelo menos a versão dele.

“Jude sempre o chamou de monstro, primeiro pensei que ele estivesse sendo metafórico. Mas estão na paróquia eu vi Daniel se transformar de um lobo em uma pessoa, quando você puxou aquela faca do peito dele. Eu não sou completamente estúpida. Não levei muito para entender que ele é um lobisomem.”

“Era.” Eu a corriji. “Ele foi curado. E eu o perdoei pelas coisas que ele fez quando estava sob influência do lobo. Se Jude fosse capaz disso, então ele não estaria onde está agora.”

April olhou para a pedrinha que tinha entre os dedos. Mordeu o lábio.

“Você sabe sobre Jude, então?” Perguntei timidamente. “O que *realmente* aconteceu com ele?”

“Ele é um lobisomem agora. Também. Por causa do que Daniel fez com ele. Jude disse que estava passando por mudanças, e eu entendi isso sozinha. Você sempre me tratou como se eu fosse idiota ou algo assim. Nunca me deu crédito suficiente, mas pelo menos Jude me dá. Ele confia em mim.”

Uau! Talvez eu não tenha dado a April crédito suficiente. Ela sabia sobre o segredo da minha família e ainda estava aqui conversando comigo? E eu sempre pensei que o interesse de Jude em April fosse puramente baseado em ressaltá-lo de suas memórias — mas se ele esteve em contato com ela desde que ele partiu, então talvez eu esteja errada sobre a relação deles. Mas a mais importante parte desde pensamento era que April esteve em contato com Jude.

“Então você falou com Jude desde que ele partiu?” Perguntei.

April usou o dedo indicador para rolar a pedrinha na palma da mão.

“Eu sei que você se importa com ele, April. Eu também me importo. Eu acho que ele está entre problemas, e tudo o que eu quero fazer é trazê-lo para casa.”

“Ele tem uma casa nova.” Disse April. “Ele me disse que achou uma casa nova, e uma família nova que não viraria as costas para ele assim como você fez. Mas o jeito como ele fala deles... Eu não sei, Grace. Eles parecem ser perigosos, e não como uma família de verdade. Eu não ficaria surpresa se eles tivessem envolvidos no que aconteceu no Day’s Market.”

Eu coloquei minha mão sobre a boca. No que meu irmão foi se meter?

April colocou a pedrinha cuidadosamente na mesa e olhou para mim. “Eu sabia que eles estavam na cidade, mas eu honestamente não pensava que ele viria aqui.”

“Então você sabia o tempo todo onde Jude está e não contou a ninguém? Você não sabe o quanto meu pai esteve procurando por ele?”

“Eu não sabia *o tempo todo*. Ele me manda e-mails de vez em quando, mas eu não posso respondê-lo, pois as mensagens voltam.”

Eu assenti. Eu costumava enviar a ele uma mensagem por dia em seu e-mail escolar, pedindo a ele para voltar para casa, mas desisti quando depois de um tempo as mensagens retornavam. “E ele te contou onde está?”

“Não, ele nunca disse nada sobre sua localização. Mas acho que eu o rastreei.”

Minhas sobrancelhas se arquearam involuntariamente. “Você sabe como rastrear e-mails?”

“Não. Mas sei como rastrear comentários em blogs. Dê uma olhada.” April sentou-se em sua cadeira da mesa do computador e sacudiu o mouse para a tela voltar à ativa e então se conectou a internet. “Em adição aos e-mails, eu comecei a receber alguns comentários aleatórios de um anônimo há uns dois meses. Depois de um tempo percebi que eram de Jude.”

“Seu blog?” Jude estava se escondendo de todos de sua família e ainda tinha tempo para comentar no blog de April? *Eu* nem sabia que ela tinha um blog.

“Eu desenho acessórios” — April apontou para as coisas em cima da mesa — “e os vendo no blog.” Apontou para o computador. Havia um blog aberto. Uma página com redemoinhos cor-de-rosa em volta de um estandarte escrito VENDA DE ACESSÓRIOS DA APRIL, e então fotos de anéis, colares e pulseiras.

“Eu não sabia.” Mas agora que pensei sobre isso, a qualquer hora em que eu visse April parecia que ela tinha um novo acessório. E eles eram bonitos. “Eu acho que isso acontece quando alguém para de falar com você.”

April deu de ombros. “De qualquer jeito, como eu disse, eu comecei a receber esses comentários anônimos em meu blog, e eles pareciam ser sempre da mesma pessoa. Como quando eu postei uma foto desse colar.” Ela clicou em uma foto de um colar com um pingente de três pontas, era o mesmo que ela usava agora. “Recebi esse comentário.” Ela rolou a barra para baixo um pouco e pairou o cursor sob o comentário. “Eu não sei como isso poderia ser de outra pessoa a não ser Jude. Foi a última coisa que ele me enviou.”

Me inclinei sob o ombro dela e li o comentário.

Anônimo disse:

Bonito. Se parece com a noqueira que tem do lado de fora de minha casa antiga. Às vezes eu desejo poder vê-la novamente do balanço da varanda, onde costumávamos sentar juntos. Mas aquilo não acontecerá novamente, não é? Não depois do que eles fizeram para mim.

Meu coração se apertou em meu peito e eu procurei pelas palavras. As primeiras linhas soavam como se fosse o velho Jude, mas o resto doía demais para ser lido novamente.

“Não sei se você notou, mas a mensagem foi enviada às três da manhã do dia vinte e cinco de setembro. Três semanas atrás.” Ouvi um clique do mouse e quando olhei de volta para a tela, ela estava em uma nova página. “Esse é o meu contador de estatísticas. Mostra de onde meus visitantes do blog vêm.” Ela clicou em outra coisa e apareceu uma lista de vezes, datas e localizações. “Você pode ver aqui que a única pessoa que visitou meu blog às três da manhã foi localizada aqui na cidade.”

“Nossa! É realmente possível ver?” Eu apertei meu pingente de selenita do meu colar. Sempre me envias boas vibrações. E para mim isso era esperança. E então eu soltei o pingente e suspirei. “Mas Jude pode estar em qualquer lugar. Essa cidade é grande.”

“Ah! Mas isso fica melhor ainda. Eu posso vasculhar ainda mais e na verdade ver o endereço de IP do visitante e o servidor que ele está usando.”

“Sério?” Aparentemente, havia muito do que eu não sabia sobre April. Ela costumava ter zero em dez de interesse em computadores, e agora ela estava falando em rastrear endereços de IP e servidores? “Como você aprendeu a fazer isso tudo?”

“Você conhece o Avery Nagamatsu—o irmão mais velho da Miya? Que estava estudando para ser programador de software?”

Assenti.

“Fui com ele a algumas festas no verão, para fazer parecer que ele tinha uma namorada. E em troca ele me ajudaria a criar meu blog para a venda de acessórios, e me mostrou como fazer isso tudo, então eu poderia ver de onde meus clientes vêm. Mas também há benefícios adicionais, como rastrear namorados fugidos.”

“Hum.” Bem, eu sempre soube que essa garota tinha iniciativa.

April clicou mais algumas vezes. “Geralmente o nome do servidor é muito vago para realmente me dizer algo, mas Jude pareceu pertencer a um servidor de negócios.”

April apontou para um nome na tela. Quase engasguei quando vi.

“The Depot.” Li alto. “Você sabe o que é isso?”

“Andei pesquisando por aí.” Ela disse. “Não achei nada no início. Nem mesmo nada na internet que não estivesse em um fórum trancado. Mas então noutra noite eu fui naquele cinema antigo em Apple Valley com Miya e Claire. E sabe aquele cara com cara de

machonheiro que trabalha nas tendas de concessão—aquele que sempre usa bonés de jogos?”

“Sim.”

“Bem, eu estava comprando pipoca quando ouvi esse garoto conversando sobre um novo clube em que ele estava morrendo de vontade de jogar—um lugar chamado The Depot.”

Minha boca se abriu. “Achou algo mais?”

“Sim. Tive que dar dez dólares, mas ele finalmente me disse que o The Depot é essa boate superexclusiva para emogamers da cidade. E por mais vinte dólares ele me deu o endereço.”

Ela abriu a gaveta e tirou um pedaço de papel dobrado.

“O que... sério?” cheguei mais perto.

April retirou o papel de minhas vistas. “Não sei se deveria te falar onde Jude está.”

“Por quê?”

“Porque se eu te contar você contará a Daniel ou a seu pai, e eles vão assustá-lo. Se ele quisesse que eles o achassem então ele já os teria contatado... E não a mim.”

“Não a nós. Jude me contatou também.”

April olhou para o pedaço de papel dobrado. Ela o girou na mão algumas vezes e suspirou. “Acho que isso não te faria bem. Você não pode simplesmente ir entrando no The Depot. Eu te disse, é tipo, superexclusivo. Na verdade, nem mesmo o garoto que me deu o endereço esteve lá dentro ainda. Você tem que ter um cartão-chave especial ou não pode nem chegar na porta.”

Cartão-chave? Enfiei minha mão no bolso de minha jaqueta e tirei de lá um cartão de plástico que achei no supermercado ontem. “Tipo esse aqui?”

O queixo de April caiu. “Como—?”

“Você conseguiu o endereço. Eu consegui o cartão. Nós podemos fazer isso juntas, ou não.” Dei um passo em direção a ela. “O que você diz?”

“Está bem.” April ficou de pé. Moveu-se naquele jeito dela todo nervoso e ansioso. “Mas vamos precisar de disfarces.”

Quase deixei o cartão-chave cair. “Vamos precisar... Do quê?”

Capítulo Oito

The Depot

NAQUELA NOITE

É, então essa é de longe a coisa mais idiota que eu já fiz, eu pensei enquanto ouvia o vroom-vroom que as calças de vinil emprestadas que eu usava fizeram à medida que eu andava. O som era tão distrativo que eu não vi a rachadura na calçada e tropecei com as botas de couro vermelhas de salto alto que April insistira para eu usar.

April me pegou pelo braço antes de eu cair. “Elas são difíceis para caminhar, não é?”

“As calças ou as botas?” Eu resmunguei. “Sério, por que você tem calças de vinil?”

“São para a minha fantasia de Halloween. Eu vou de Lady Gaga”. Ela apontou para o top de lantejoulas que ela usava com uma jaqueta de brim e uma minissaia preta. “Isso vai acompanhar.”

Ótimo, eu estava sendo conduzida a um clube noturno pela primeira vez na minha vida usando metade de uma fantasia de Halloween. Eu envolvi meus braços em volta da minha cintura, tentando cobrir minha barriga nua. Esse top vermelho rendado estava muito curto para o meu gosto, mas April me proibira de usar minha jaqueta de lã sobre ele porque ela disse que arruinaria o “conjunto”.

E não só estava vestida como uma pseudovagabunda como também estava caminhando por uma rua há apenas duas quadras de Markham—a pior vizinhança do meio-oeste — depois do anoitecer. *Sim, essa definitivamente está no topo da lista das coisas mais estúpidas que eu já fiz.*

April olhou para o papel em sua mão e depois deu uma volta completa, olhando para os prédios na rua. “Esse deveria ser o endereço, mas não se parece com um clube noturno para mim.”

Eu estava tão distraída pelas minhas roupas ridículas e pela perspectiva de ser assaltada e/ou solicitada por um total estranho, que eu nem mesmo prestei atenção à arquitetura à nossa volta. Eu olhei para cima para o prédio diante de nós. Era alto e largo, com janelas com bordas de madeira e enormes correntes embrulhadas em volta das maçanetas das decrepitas portas duplas. Eu pude sentir uma pequena vibração sob meus

pés. “Essa não é aquela estação de trem abandonada que eles sempre falam nos noticiários? Que ela precisa ser demolida?”

April deu de ombros. “Tudo o que eu sei é que eu vou socar aquele garoto maconheiro nas bolas se ele não me devolver meus vinte dólares. Ele me roubou completamente.”

Eu dei mais alguns passos em direção ao edifício. A vibração no chão ficou mais forte, fazendo ruído nas solas dos meus sapatos e subindo pelos saltos pontudos de 10 centímetros. Outros dois passos e eu pude sentir a vibração nos meus ouvidos agora. Música – vindo de algum lugar próximo dali. Abaixo de nós, talvez? Se não fosse pelos meus poderes, eu provavelmente teria perdido isso.

“Não”, eu disse. “Eu acho que encontramos. The Depot? Estação de trem? Faz sentido, não faz?⁸”

“Eu acho que sim”, disse April. “Mas este lugar está totalmente fechado.”

Eu gesticulei para April enquanto seguia a vibração musical em volta da lateral do prédio e descendo o estreito beco entre a estação de trem e um depósito igualmente aparentemente abandonado. *Idiota, idiota, idiota*, eu continuei entoando a mim mesma a cada passo rápido, mas se este era o único modo de encontrar Jude, eu não desistiria agora. Os sons de um carro guinchando e um homem gritando saindo na rua me fez retomar o meu caminho até eu chegar a uma porta de metal na lateral do edifício. Parecia bem mais moderna que as portas acorrentadas da frente. A vibração era forte de trás da porta e eu percebi o fraco ritmo trepidante da música tecno.

“Eu acho que é aqui.”

“Tem certeza? Isso não parece a entrada de um clube. Quero dizer, não deveria ter seguranças ou algo desse tipo?” A coragem anterior de April parecia ter sido lavada dela. A aparência pálida em seu rosto fazia parecer que ela estivera meio antecipando/meio esperando que nós não fôssemos capazes de entrar no clube sem falsas identidades. Um pensamento que eu nem mesmo tive até agora.

Eu tentei a maçaneta, mas uma trava na porta a impediu de abrir. Depois eu percebi um teclado numérico próximo à entrada com uma pequena luz vermelha. “Eu acho que tudo o que precisamos para entrar no clube é o cartão.” Eu tirei o cartão do meu bolso—uma façanha mais complicada do que parece quando suas calças são feitas de vinil—e passei no que parecia ser um leitor de cartão de crédito. A luz no teclado numérico ficou verde, seguida por um barulho alto quando o parafuso na porta destrancou.

Eu puxei a maçaneta. A porta se abriu e uma onda de música pulsante inundou o beco. “Está pronta?” Eu perguntei a April.

⁸ Uma tradução alternativa para Depot seria entreposto ou estação ferroviária.

“Eu acho que sim...” Ela arrumou sua minissaia. “Quero dizer, sim”, ela disse com apenas uma ponta de tremor em sua voz. “Vamos fazer isso.”

Dentro da entrada havia uma longa escadaria. Eu agarrei no corrimão e rezei para não escorregar em meus saltos enquanto eu descia os degraus cimentados. No fundo nós passamos por uma porta aberta e entramos no clube. Ele zumbia como uma colméia com pessoas girando, luzes piscantes, música pulsante, nuvem de fumaça de uma pista de dança no meio do salão e TV’s de plasma grandes como carros tremeluzindo estendidas por cabos presos ao teto. Grupos de garotos, em sua maioria com vinte anos ou menos, abarrotados em volta das TV’s. Eles torciam e gritavam enquanto jogavam vídeo-game que em sua maioria envolviam tiros, carros de corrida e mulheres quase nuas. O público do jogo era salpicado com algumas meninas—vestidas tão escassamente quanto as que estavam nas telas. Mas na maioria das vezes as únicas fêmeas no local se amontoavam em volta do bar no final do clube ou festejando na pista de dança com espartilhos e roupas de couro que faziam da minha tentativa de me vestir como uma garota vulgar uma vergonha.

Os caras que enchiam a cara sala eram um estranho misto de hippies e góticos. Eu nunca vi tantos pêlos imundos, tantas calças apertadas, piercings e tatuagens em um só lugar. Eu não pude evitar imaginar a festa que eu fui no velho apartamento de Daniel na Rua Markham—aquele que me fizera correr assustada pela noite—isso era vinte vezes pior. Esse era definitivamente o tipo de lugar que eu sempre imaginei que os adultos de Rose Crest estavam tentando nos manter longe quando eles nos contavam histórias sobre o Monstro da Rua Markham.

“Essa é a estação Wi-Fi”, disse April. Sua voz ainda balançava um pouco. “Tem que ser de onde Jude me contatou”. Ela começou a andar em direção a um grupo de mesas de metal estreitas com filas de laptops presos com correntes no canto à esquerda do clube, levemente removida de toda a comoção.

“O que você está fazendo? Eu pensei que o plano fosse ficar nas sombras?”

“Você deveria ficar nas sombras. Fique de olho no seu irmão, talvez pergunte por aí. Eu sou a isca.” Ela afofou seus cachos e fez biquinho com seus lábios rosa. “Se Jude está aqui, então eu quero que ele me veja. Nós o atrairemos para o lado de fora.”

“Eu não tenho certeza que seja uma boa ideia”. Até mesmo de nosso lugar no canto escuro, eu poderia dizer que nós estamos chamando mais atenção do que nós precisávamos. Eu sabia que April estava tentando ser sensual com sua escolha de roupa, mas sua jaqueta de brim e seu top rosa com lantejoulas sobressaíam como um sinal de neon OI, SOU INGÊNUA E VULNERÁVEL! Nesse mar de couros pretos e piercings.

E com calças de vinil ou sem elas, eu tinha certeza que estava parecendo tão posuda quanto ela.

“Se Jude estiver aqui, a pessoa que ele mais provavelmente irá se aproximar sou eu. Apenas fique nas sombras e fique de olho”. April perambulou pela estação Wi-Fi. Com um

floreio, ela tirou seus cachecóis loiros de seu ombro e sentou no computador. Eu me curvei por quão inocente ela parecia, sentada ali em campo aberto.

Eu decidi ficar perto do perímetro, circular a sala e ficar com um olho procurando Jude e outro em April. Eu fiz isso uma vez em torno de todo o clube, sem manter contato visual com ninguém, mas depois percebi que eu provavelmente precisava perguntar por aí se eu planejava descobrir qualquer coisa sobre Jude. Eu fiquei num canto por um minuto, desenvolvendo minha coragem e depois notei alguém que eu realmente reconheci entre um grupo de caras em uma das estações de jogos. Sob a tatuagem deles, a maioria dos caras pareciam não ser muito mais velhos que eu e o que estava sentado com um controle em forma de raquete distante do grupo parecia muito familiar para mim.

O amigo de Pete... Aquele que ele chamava de Ty. Eu olhei a minha volta, me perguntando se aquilo significava que Pete estava em algum lugar por perto—ele era a última pessoa que eu gostaria de encontrar neste lugar—mas parecia que Ty estava aqui sem ele. Eu sabia que o cara me jogara contra uma parede de tijolos na noite anterior, mas eu esperava que ele ainda estivesse assustado o suficiente com Daniel nivelando seus amigos que ele não me traria nenhum problema se eu tentasse interrogá-lo. Além disso, ele parecia relativamente doce se comparado à maioria dos caras nessa estação de jogos.

Ty apertava freneticamente os botões em seu controle e entoava, “Vamos lá, vamos lá” em voz baixa, de forma que ele não percebeu que eu andava atrás dele. Eu estava quase dando um tapinha em seu ombro quando o cara tatuado próximo a ele se levantou rapidamente e começou a gritar obscenidades para a tela.

“Quem me matou?” Ele rugiu.

Ty deixou cair seu controle na mesa de metal em frente a ele e tentou rapidamente sair de sua cadeira, mas o jogador furioso o agarrou pela jaqueta e o puxou para cima com tanta força que seus pés ficaram pendurados acima do chão de concreto.

“Você me matou?” O jogador gritou no rosto de Ty.

“Desculpa, cara.” A voz de Ty tremia. “Eu nunca joguei isso antes.”

“Quem permitiu que esse newb⁹ entrasse aqui?”

O jogador lançou Ty contra sua cadeira. Ela virou para trás e quase me derrubou. Eu saltei para fora do caminho bem na hora. O jogador continuou gritando com Ty e depois empurrou outro garoto que nem mesmo estava envolvido na discussão. Se for assim que ele se sentia sobre pessoas novas por aqui, então eu precisava sair rápido antes que uma briga completa estourasse. Eu me virei para correr da cena, mas eu apenas tropecei algumas vezes em meus saltos estúpidos quando eu corri direto para o que parecia ser uma parede de tijolos coberta com uma flanela.

“Oh, aqui. Você está bem?”

⁹ Termo utilizado por jogadores para um jogador novato.

A parede de tijolos fala?

Eu dei um passo pequeno para trás e olhei para cima para ver que eu bati exatamente no peito de um cara que estava usando uma camisa de flanela. Ele olhou para mim com grandes olhos verdes.

“Desculpe-me,” eu disse e dei mais um passo para trás. “Eu não vi você aí.”

Mas realmente, eu não sabia como eu não notara esse cara antes. Quero dizer, se eu pensei que eu estava chamando atenção aqui, como eu não notei alguém como ele num lugar como esse? Enquanto a atual declaração de moda do clube envolvia tinta e uma abundância de preto, esse cara usava uma camisa de flanela verde, jeans azul claro e uma grande fivela de cinto de bronze antiga que parecia uma estrela de xerife do Texas. Ele tinha um cabelo cacheado da cor de um chocolate ao leite que saiam pelas beiradas de seu boné azul de beisebol e seu rosto bronzeado estava completamente livre de marcas ou pêlos estranhos, ao contrário da maioria dos caras daqui. Eu olhei para baixo, esperando que ele estivesse usando botas de cowboy, mas ao invés disso ele usava um par de tênis Nike cinzas – caso contrário, ele teria parecido como se ele tivesse vindo direto de um rancho, fazenda ou algo assim.

Ele me deu um sorriso amigável—formando suas esculpidas e bronzeadas covinhas nas bochechas—e ele envolveu seus dedos quentes em meus cotovelos. “Uma garota bonita como você deveria ser mais cautelosa em lugares como esse”, ele disse e me puxou para bem longe da briga que começava atrás de mim.

“É. Um. Eu sei. Desculpe.”

Suas mãos grandes e calejadas ainda estavam em meu cotovelo. Suas palavras—*uma garota bonita como você*—finalmente afundaram em meu cérebro. Eu mordi meu lábio enquanto calor percorria minhas bochechas. Eu quis me desculpar e correr para me esconder no banheiro ou algo assim.

O sorriso do garoto ampliou-se e me ocorreu que havia alguma coisa nele—talvez a forma de sua boca, ou o tom de sua voz—que parecia inexplicavelmente, apesar de confortantemente, familiar. Como o primeiro cheiro flutuante da torta quente de maçã caramelada do Dia de Ação de Graças depois de um ano inteiro sem ter saboreado. Eu percebi então que, pela mesma razão que esse cara chamava atenção como uma unha encravada nesse lugar, ele era provavelmente a única pessoa aqui que eu realmente me sentia segura de perguntar sobre Jude. “Ei, posso te perguntar uma coisa?”

Ele soltou meu cotovelo. Seus olhos verdes rapidamente se moveram em direção aos jogadores gritando há apenas poucos metros dali e depois ele parou novamente em meu rosto. “Claro, amor.”

“Você... Ahh!” Eu apertei minhas mãos sobre meus ouvidos quando um grito de dor explodiu em meus tímpanos e minha audição ampliou dez vezes. A vibração da música retumbante era torturante, mas misturada com o coro de jogadores gritando e os

efeitos sonoros de muitos videogames diferentes tudo de uma vez, era completamente nauseante. “Esquece.” Eu recuei e fui embora.

“Você está bem?” O som da voz dele tão perto fez meus tímpanos pulsarem ainda mais.

Eu acenei para ele e recuei para um canto vazio. Eu respirei fundo dez vezes e me concentrei em filtrar a barragem de sons como Daniel tentou me ensinar. Após um longo momento, eu finalmente consegui separar a música explosiva do equipamento de som dos bipes e lamentos dos videogames e depois os barulhos mais baixos de conversas humanas. Pessoas discutindo suas estratégias para chegar ao próximo nível do jogo, um cara tentando convencer uma garota chamada Veronica a ir para casa com ele, os caras da estação de jogo que eu estava perto gritando uns com os outros, alguém perguntando onde ele poderia “conseguir uns beijos”.

E então de repente o som estridente de uma voz feminina gritando: “Pare com isso! Deixe-me em paz!”

Eu girei em direção à voz, sabendo instantaneamente que não era apenas um efeito sonoro de um dos jogos. Eu me distraíra e tirei os olhos de April e agora ela não estava mais sentada no bar Wi-Fi. Ela estava de pé, tentando escapar de um cara com jaqueta de couro que a agarrara pelo pulso. Outro cara parou atrás dela, com os dedos em seu cabelo. April tentou virar para afastá-lo, mas aquele com jaqueta de couro a segurou apertado contra ele. Ela gritou. O barulho entrou rapidamente em meus ouvidos.

Minhas pernas doeram com o poder e eu atravessei a sala em questão de segundos.

“Vamos dançar,” o cara disse para April, esmagando-a contra ele.

Ela gritou de novo. O som quase rompeu meu tímpano dessa vez. O que era bom, na verdade, uma vez que significava que meus poderes ainda estavam funcionando—pelo menos nesse momento.

Eu andei rapidamente até os garotos e disse com a minha melhor falsa voz de eu-não-estou-assustada, “Solte-a.”

Os dois garotos olharam para mim e riram. O que estava com os dedos no cabelo de April a soltou e sorriu para mim. Ele era um jovem rapaz, talvez dezenove anos, mas um de seus dentes estava faltando e os outros estavam amarelos—provavelmente devido a anos de fumo, a julgar pelo cheiro dele. Mas havia outro cheiro oculto no ar me deixou arrepiada. Algo que eu não podia muito bem reconhecer. Meus músculos se contraíram quando ele se aproximou de mim.

“Parece que nosso pequeno pássaro trouxe uma amiga. Quantas *danças* você acha que conseguiremos com elas?”

“Pelo menos três,” disse o que estava segurando April.

“Nojento!” April o chutou na canela, mas ele apenas riu.

Esses caras estavam me irritando—e eu estava feliz que meus poderes estavam se acumulando em meus músculos, queimando sob minha pele. Eu não estava com humor para bancar a donzela em perigo.

“Eu gostei ainda mais do cabelo dessa,” disse o cara com dentes amarelados e ele ergueu sua mão grande e suja em direção a um de meus cachos escuros.

Eu senti um pequeno estouro de poder quando eu balancei meu braço para cima e bati em sua mão antes que ele pudesse me tocar. O cara pareceu chocado por um segundo. Ele sacudiu sua mão como se eu realmente o tivesse machucado. Depois ele sorriu ainda mais. “Essa tem o verdadeiro espírito de luta. Eu gosto disso.”

Ele estendeu a mão para mim novamente, mas antes que eu soubesse o que estava fazendo, meus punhos estavam na posição de boxe que Daniel me ensinou. Eu bati novamente na mão do cara e quiquei de volta em meus tornozelos. Quando ele tentou me tocar pela terceira vez, meus músculos dilataram com calor. Eu balancei minha perna e pé com salto alto dando um perfeito chute circular na barriga dele. Eu senti o poder absoluto no movimento, mas eu ainda estava surpresa quando ele foi voando para trás. Ele colidiu com seu amigo. O cara com a jaqueta de couro soltou April e os dois aterrizaram em uma pilha em frente à estação de carga e descarga.

Eu agarrei o braço de April. Nós estávamos para nos virar e correr quando eu senti uma dura mão de ferro segurar meu tornozelo. A mão puxou minha perna. Meu salto pontudo escorregou debaixo de mim. Eu soltei April e tombei para trás, batendo violentamente com as costas no chão de concreto.

O barulho e o movimento das luzes de repente paralisaram, como se o tempo tivesse parado. Tudo o que eu podia sentir era uma dor esmagadora no meu tornozelo e o aperto de April enquanto ela tentava me puxar para cima. Meus poderes se foram. Eu os senti dissipar no segundo em que atingi o chão; eu sacudi minha cabeça e minha visão e audição melhoraram um pouco.

A dor diminuiu no meu tornozelo, mas foi para o meu joelho. Talvez seja porque meus poderes foram embora repentinamente, mas a força esmagadora de seu aperto pareceu praticamente sobre humana. O cara me manteve presa pelas pernas enquanto se debruçava sobre mim – seus dentes amarelos e seu bafo podre há apenas centímetros do meu rosto. Ele levantou seu punho. “Por que sua va—”

“PARE!” alguém gritou. Mas não foi um grito. Soou como um comando.

O garoto com dentes amarelos soltou minha perna quase instantaneamente e se afastou.

“Bem, se não é o Bom Samaritano,” seu amigo disse. “O que você quer?”

“Essas garotas estão comigo”, a voz de comando disse, “então saia da minha frente, agora!”

O cara de dentes amarelados cambaleou uns bons dois metros para longe e seu amigo murmurou algo como, “Que seja. Divirta-se com elas,” e desapareceu na multidão de curiosos que se formou em torno de nossa pequena discussão.

Eu ainda estava confusa, chocada na verdade, quando eu percebi que mais alguém estava debruçado sobre mim agora, estendendo sua mão para me ajudar a levantar. Eu mal o pude ver a princípio, mas quando eu finalmente foquei em seu rosto, eu arfei.

Eu não sabia quem esperar vir para me resgatar — talvez Daniel tivesse secretamente me seguido até aqui, ou talvez Jude tivesse saído de seu esconderijo quando ele viu sua irmã e sua namorada em perigo — mas eu certamente não esperava que o garoto da camisa de flanela fosse.

Capítulo Nove

Talbot

FORA DO CLUBE

A próxima coisa que eu sabia é que estava sendo puxada pela multidão do clube para a saída. April seguia próxima, atrás de mim. As pessoas praticamente pularam fora do caminho do cara de camisa de flanela para nos deixar passar. Foi só quando nós subimos às escadas até o lado de fora e respiramos ar puro que eu percebi que o cara estava me segurando pela mão—e eu tive noção o suficiente para reagir.

“Onde você está nos levando?” Eu puxei a minha mão da sua esperando que ele fosse tentar mantê-la presa, mas ele soltou sem hesitação.

“Para o seu carro,” ele disse. “Eu suponho que vieram de carro aqui. Vocês não parecem com as garotas que vivem por aqui e eu acho que vocês não andam de transporte público.”

Eu coloquei meus braços em volta do meu estômago nu. Tenho certeza que essa ação só reforçou a ideia dele de que não pertencíamos aqui.

“Nós temos um Corolla no fim da rua.” April apontou em direção ao meu carro estacionado próximo ao único poste de luz que tínhamos encontrar. “Nós dirigimos todo o caminho desde Rose Crest.” April soou sem fôlego e eu não poderia deixar de notar seu sorriso para o cara, de um jeito totalmente-mega-amigável.

“April,” eu surtei. Dei aquele olhar que diz: *nós não conhecemos nada desse Adam, então não diga onde moramos!*

“O quê?” ela sussurrou, *não silenciosamente*. “O cara acabou de salvar nossas vidas... E ele é bonitinho.”

Por alguma razão, eu corei. Não poderia negar que o cara era atraente – do tipo caipira e garoto-da-fazenda, com seu cabelo ondulado cor castanho chocolate, covinhas, olhos verdes e antebraços maciços que parecia que ele passava horas empacotando feno. Mesmo com a camisa de flanela e o jeans surrado ele gritava Clark Kent—sem os superpoderes, quer dizer.

Mas não *significa* nada que eu notei essas coisas nele, certo? E, sobretudo não significa que eu devesse confiar nele imediatamente.

“Eu acho que nós estamos bem a partir daqui.” Eu disse para ele “E obrigada por nos ajudar.”

“De jeito nenhum. Esses caras vão ficar putos.” Ele disse. “Eu não vou tirar o olho de vocês até estarem dirigindo para longe daqui.”

“Sério, é como dois quarteirões até o carro. Você pode ir agora.”

“Grace, você está sendo rude.” April disse. Ela voou e agarrou Sr. Flanela pelo braço e o puxou em direção ao carro. “Eu sou April, a propósito. Obrigada por nos ajudar. Qual é o seu nome?”

“Talbot,” ele disse olhando para trás pra checar se eu estava seguindo. E eu estava—de má vontade. “Nathan Talbot na verdade. Mas eu voto por Talbot. Meus amigos me chamam de Tal.”

“Bem, Tal.” April disse “Eu estou agradecida por você estar lá para nos ajudar. Nós estaríamos ferradas sem você.”

“Ferradas?” Talbot perguntou. O sotaque na sua voz soou como se ele estivesse profundamente entretido com a simpatia de April. “O que vocês meninas estão fazendo aqui? Não parece o tipo de lugar de vocês.”

Eles estavam muito longe para eu chutar a canela de April antes que ela pudesse compartilhar mais alguma informação sobre nos. “Nós estamos procurando pelo irmão de Grace. Seu nome é Jude Divine. Ele está desaparecido e nós pensamos que talvez ele tivesse ido naquele clube.”

Talbot parou e virou na minha direção. Eu quase bati direto no seu peito novamente “Como seu irmão se parece? Talvez eu possa ajudar.”

Eu o encarei. Ele sorriu para mim com um sorriso simpático acentuando suas covinhas extras. Alguma coisa sobre ele me deixava inquieta—e fez meu coração bater forte quando o olhei. Talvez fosse o modo como todo mundo no clube parecia ter medo dele.

Talbot colocou sua mão no meu ombro. “Você pode confiar em mim.”

E ai estava: a forma da sua boca ou o tom da sua voz—alguma coisa que eu não podia identificar—causando uma onda familiar de calor no meu corpo. Esse foi o mesmo sentimento que me faz confiar nele no clube, então porque não confiar nele agora? Ele tinha salvado nossas vidas daqueles caras afinal de contas.

“Eu não tenho certeza como meu irmão se parece mais.” Eu disse. “Eu não o vejo há quase um ano.” Eu lembrei como Daniel mudou fisicamente nos três anos em que ele foi embora. Jude poderia estar parecido com qualquer um esses dias—especialmente se ele estava tentando se esconder. Eu peguei meu celular e rolei para a primeira foto que eu

tirei nele — de um dia antes de Jude sumir. Eu bati a foto dele enquanto ele olhava pra o anel da selenita que papai o deu.

Eu dei o telefone para Talbot. “É difícil te dizer por essa foto porque ele esta olhando para baixo, mas Jude é sete centímetros mais alto do que eu, ele tem a mandíbula quadrada. Tinha cabelo marrom curto da mesma cor que o meu da última vez que o vi. E nós também temos o mesmo nariz e os olhos violetas.”

“Humm.” Talbot segurou o telefone próximo a minha cabeça. Ele mordeu seus lábios enquanto estudava o rosto no telefone e então o meu. Eu não poderia ajudar, mas o olhei fixamente. Foi assim que eu reparei que apesar das covinhas, ele tinha mais maturidade no seu rosto que qualquer garoto adolescente que eu já tinha conhecido. Se eu fosse adivinhar, diria que ele provavelmente tinha vinte e um ou vinte e dois anos. Talbot suspendeu e tirou meu cabelo do rosto para ajudar a identificar melhor meu perfil. Ele deu um pequeno passo para perto e me estudou por um momento. Eu segurei minha respiração todo o tempo.

“Não, desculpa. Não o vi.” Ele finalmente disse. Ele devolveu meu telefone, seus dedos quentes roçaram contra a minha pele “Eu tenho certeza que me lembraria de olhos como os seus.”

Calor correu para minhas bochechas novamente. Abaixei meus olhos e me afastei.

“Bem, aqui estamos.” Eu apontei para meu Corolla á aproximadamente vinte metros. “E obrigada por nos trazer de volta.”

“É, obrigada Tal!” April parecia a ponto de dar um abraço de urso no pobre garoto.

Talbot levantou suas mãos. “Sem problemas. Estou aqui pra isso.”

“Adeus!” April acenou para ele enquanto eu a arrastei para o carro.

“Ei, Grace Divine?” Talbot me chamou.

Eu me virei para ele “Sim?”

“Vejo você por aí.”

“Ok,” eu disse, mas eu não sei por que—não parecia como seu eu fosse vê-lo novamente.

NO CARRO

“Você deve estar completamente a fim dele!” April disparou quando nos afastamos do meio-fio.

“Do que você está falando?” Eu olhei o retrovisor e vi Talbot parado como uma sentinela na calçada. Ele não estava brincando sobre manter seus olhos em nós até estarmos longe dali. “Eu já *tenho* namorado.”

“Ok, eu irei concordar com o fato de Daniel é perversamente sexy, mas o Tal é como um delicioso prato novo. Não acha?” April tremeu do seu jeito animado “Você viu como os outros praticamente *correram* dele?” Ela gritou e caiu no banco passageiro com seu suspiro dramático.

“Hum, *você* está livre para paquerar o garoto, se quiser. Eu posso manobrar o carro e pegar o número dele pra você.”

“Não!” April se levantou. Seus olhos estavam arregalados, como se a ideia a aterrorizasse. Ela poderia flertar às vezes, mas ela normalmente se encolhia como meu velho cocker spaniel quando um cara de verdade queria alguma coisa. “Não se atreva! E ele também só tem olhos para você.” Ela me cutucou no braço. “Grace Divine,” ela disse numa voz profunda, imitando Talbot. “Vejo você por aí.”

Calor se passou no meu rosto e eu o virei antes que ela me visse corar. Isso não significava nada, mas a última coisa que eu queria era ela me zoando por causa dele.

Quando eu pensei que April tinha esquecido a proposta de ir ao clube em primeiro lugar, ela suspirou de novo e olhou para a janela. “De qualquer jeito, Jude é o único garoto que me interessa.”

Nós paramos no sinal a três quarteirões de distância agora, e Talbot tinha desaparecido do meu retrovisor. Eu olhei para frente e através do para-brisa notei uma longa fileira de motos paradas do lado de fora do bar chamado Knuckle Grinders. Uma delas—uma Honda Shadow Spirit preta e vermelha—me lembrou da moto de Daniel.

“É, eu sei o que você quer dizer,” eu disse. “Eu já tenho o melhor cara.”

April fez um barulho de desconforto e se mexeu no seu lugar. Depois de alguns segundos ela perguntou. “Você acha que Daniel realmente mudou?”

O sinal ficou verde e eu dirigi através do cruzamento. Eu dei uma última olhada na Honda fora do bar. Ela se parecia bastante como a de Daniel. Mas não tinha jeito dele coincidentemente estar num bar a três quarteirões de onde eu estava no The Depot. Nenhuma chance de Daniel estar nem em um bar. Além disso, ele estava em casa doente. “O que você quer dizer?” Eu perguntei a April.

“Todas as coisa que Jude me contou sobre Daniel—as coisas que ele fez. Quem... O que... Ele costumava ser. Você não se preocupa dele simplesmente voltar a ser o que ele era antes?”

“Eu sei que ele não vai.” Eu disse. “É fisicamente impossível—ele foi curado da maldição do lobo que o transformou em monstro em primeiro lugar.”

“Mas as outras coisas. Você sabe, as coisas que ele estava antes mesmos dele se tornar um lobisomem. Jude disse que realmente ficou confuso. Drogas, bebidas, brigas e essas coisas.”

“Isso tudo continuava sendo influência do lobo. Ele nasceu com essa maldição. O lobo sempre esteve ali, dirigindo-o a fazer escolhas ruins.” Pelo menos foi o que eu pensei sobre isso. Eu acho que tinha possibilidade da Daniel fazer escolhas por ele mesmo. Mas isso não importa mais. “Eu sei que ele não iria por esse caminho novamente. Nós sacrificamos muito para salvá-lo. Ele nunca viraria as costas para isso... Para mim.”

“Minha mãe diz que as pessoas nunca mudam realmente.” April ficou olhando o lado de fora pela janela. Eu me perguntava se a sua mãe se referia ao seu pai que tinha as abandonado há anos atrás.

“Se você realmente acreditasse, então não estaria aqui comigo para ajudar a encontrar Jude.”

“Eu acho que não.” Ela ficou quieta por um momento. “Mas eu ainda não acho que deveria confiar no Daniel tanto quanto você confia.”

“Hum.” Eu disse e deixei o silêncio preencher o espaço entre nós no carro.

Por um momento nessa noite eu tinha achado que éramos amigas novamente. Eu sentia falta do jeito da April e das suas brincadeiras e do jeito que ela babava atrás dos garotos e agia como um cachorrinho hiperexcitado a maior parte do tempo. Com todo mundo na escola me tratando como meias de ginástica da semana passada, minha mãe dando entrada no Hotel Realidade Alternativa, papai saindo o tempo todo e eu tentando manter Charity sem saber de nada, quando Daniel não estava por perto, eu me sentia como se não tivesse ninguém para conversar. Eu podia lidar com os olhares estranhos das pessoas e com o sussurro nas minhas costas, mas eu odiava o silêncio que ocupava muitas horas do meu dia. Não que fosse quieto—especialmente quando você tem uma super-audição—, mas tinha poucas pessoas que falavam comigo esses dias e não sobre mim.

E eu sentia falta da minha melhor amiga.

Nós estávamos cerca de dez minutos fora da cidade quando eu decidi quebrar o silêncio. Eu não o quero mais. “Aqueles dois rapazes eram desagradáveis, né? Eu não acredito no que aconteceu.”

April se animou. “Cara, o jeito que você chutou os caras foi incrível! Claire e Miya nunca vão acreditar nisso... não que eu vá contar, entretanto. Quer dizer, todo mundo iria pirar se nós contássemos sobre irmos ao The Depot.”

Ela sorriu para mim como se tivéssemos um grande segredo. Isso fez o meu coração se sentir mais leve.

“Onde você aprendeu a fazer aquilo?” Ela perguntou.

“Eu tenho treinado com o Daniel.”

“Treinado? Para quê?”

Meu coração se sentiu pesado de novo, porque eu percebi que April podia saber sobre Daniel e Jude, mas ela não sabia sobre mim. Ela não sabe que eu fui infectada com a maldição e posso possivelmente me transformar em um monstro. E eu não sei se eu poderia contar a ela a verdade. Isso é algo bem difícil de engolir.

E se a verdade a assustasse quando eu estava quase tendo a minha melhor amiga de volta?

Mas então me lembrei de como April me acusou de não dar crédito suficiente a ela. Ela veio comigo essas noite mesmo quando ela sabia que havia a possibilidade de Jude ser perigoso. Uma parte do meu coração estava machucada do jeito que ela virou as costas para mim no ano passado —, mas talvez não tivesse acontecido se eu tivesse sido honesta com ela desde o momento que Daniel veio para casa.

Eu parei em outro sinal vermelho e coloquei o carro no meio-fio. Estava na hora de revelar tudo. “Há algo que eu quero te mostrar.” Eu puxei minha manga do ombro e expus minha cicatriz na forma de meia-lua no meu braço.

“O que é isso?” O rosto de April se tornou branco. “Você foi... Foi...?”

“Mordida.”

“Deus. Daniel mordeu você? Como você continua —?”

“Daniel não me mordeu. Foi Jude. Ele me atacou logo depois de ele se transformar em um lobisomem.”

April olhou para longe. Ela estava brincando com uma de suas lantejoulas da camisa. “O que isso significa? Você ainda não é um lobisomem, certo?”

“Não. Eu fui infectada com a maldição, mas não sou um lobo ainda. E eu nunca vou ser se Daniel e eu pudermos evitar. Ele está me treinando para que eu use meus poderes para ajudar as pessoas. Mas sim, há a possibilidade de eu me tornar um monstro.”

Um carro buzinou atrás de mim, e eu me mexi para voltar a dirigir. Eu olhei para April para ver sua reação, quase aterrorizada que ela fugisse do carro agora que ela sabia a verdade. Ela estava quieta até que tínhamos dirigido através do cruzamento e então ela se inclinou para mim. “Você está falando a verdade?” Ela perguntou. “Você está me dizendo que tem superpoderes? Porque isso quase seria um feito maravilhoso.” Ela sorriu para mim e se sacudiu excitada, muito trêmula.

“Hum. Sim. Mais ou menos. Eu estou aprendendo como usá-los e eles são do tipo inconstante — mas eles vieram a calhar essa noite, não foi?”

“Caramba, sim, eles vieram!” April sacudiu. “Você viu o olhar do cara quando ele atingiu o chão? Serio, foi à coisa mais legal. Ele estava todo ‘Venha aqui, pequena garota indefesa’ e quando você foi ‘Bam! Toma essa, idiota! Eu tenho superpoderes!’”

Eu ri. “E você meio que se esqueceu da parte onde ele me derrubou e ia quebrar a minha cara.”

“Sim, mas é por isso que o universo cria caras como Talbot. Aqueles garotos praticamente se mijaram nas calças quando o viram.”

“É, mas você não achou que isso foi estranho? Quero dizer, o que um garoto como Nathan Talbot faz ali, de qualquer maneira? Ele não se mistura com as pessoas, exatamente.”

“*Tal*,” ela disse, enfatizando o apelido que só seus amigos usavam, “é provavelmente um ME.”

“Um quê?”

“Parte do programa Motorista Escolhido¹⁰ da universidade. Ele provavelmente é como um conselheiro residente de um dos dormitórios. Eu aposto que ele pode fazer um desses caras ser expulso por serem uns idiotas. Esse provavelmente é o por isso que se afastaram, mas continua sendo legal o jeito que ele atacou para nos salvar.”

Eu encolhi. Eu absolutamente odeio quando alguém tem que “atacar” para me salvar. Eu tenho habilidades e se pudesse descobrir como usá-las do modo certo, eu não iria precisar de um cara qualquer para vir me socorrer.

April deu uma risadinha. “E não machuca se seu cavaleiro de manta verde e azul acontece de ser sexy.”

Eu ri. “Você sabe, só porque o cara é bonito e parece legal... não significa que ele é.” Eu aprendi isso muito bem com Pete Bradshaw ano passado.

“Oh. Meu. Deus.” April gritou tão alto que eu pisei no freio, pensando que iríamos bater num cachorro ou algo. Mas April saltou do seu banco com um sorriso louco no rosto, como se ela tivesse pensado na melhor ideia desde a unha polonesa. “Ok, desculpa seguir longe da gostosura que o Talbot é, mas eu tenho que te perguntar: se você vai ser um super-herói, posso ser sua ajudante?”

“O quê?” Eu fiquei de boca aberta, esperando que ela estivesse brincando—mas é claro que não estava.

“Dupla Dinâmica,” ela sussurrou, balançando o dedo entre mim e ela.

“É, hum, eu tenho quase certeza que os ajudantes também têm superpoderes.” Eu disse gentilmente, dando a notícia a ela.

¹⁰ Um motorista escolhido é uma pessoa que se abstém de álcool em uma ocasião social, a fim de levar seus companheiros para casa em segurança.

O sorriso maluco de April desapareceu. “Ah, sim.” Mas então ela pulou no banco novamente. “Ok, mas isso não significa que eu não possa ser seu Alfred.”

“Meu Alfred?”

“Você sabe, eu posso, assim, ajudar você a criar dispositivos e outras coisas. Oh!” Seus olhos arregalaram. “Eu posso criar equipamentos para combater o crime!”

“Eu apenas estou treinado April, eu não acho que eu precise—”

“Ah, qual é Grace. Isso seria perfeito para meu portfólio de Trenton. Eu quero participar de um programa de moda e design e Katie já tem mais experiência que eu tenho. Por favor?” April fez os olhos de cachorrinho para mim e apertou as mãos.

Eu não pude deixar de rir. “Ok. Claro. Mas sem lycra.”

April gritou de alegria e jogou e jogou os braços em volta dos meus ombros enquanto dirigia. Eu realmente não precisava de um uniforme de super-herói ou dispositivos, mas isso significa que realmente somos melhores amigas novamente. “Pelo menos algo bom aconteceu essa noite,” eu disse em voz alta.

April me soltou e sentou no banco. Nós estávamos passando pela sua vizinhança. “Então, você vai contar a Daniel sobre o que aconteceu essa noite?”

“Boa pergunta.” Eu desejava que ela não tivesse tocado nesse assunto. A alegria que eu tinha sentido nos últimos minutos desapareceu enquanto eu pensava em ter que dizer a Daniel que eu quebrei minha promessa e fui procurar Jude sozinha. E mesmo que eu tecnicamente não tenha ido sozinha... Eu não tinha certeza se estava preparada para a sua reação quando eu contasse que eu quase fui aleijada no processo. Sem mencionar que por causa da cena que eu e April causamos no clube, nós provavelmente arruinamos qualquer mínima chance de encontrar Jude através dessa ligação.

E eu não sei por que, mas por alguma razão eu não me sentia confortável de falar para Daniel sobre Talbot vir me salvar. Como, talvez, ele se preocupe que aconteceu algo entre esse cara novo e eu, quando nada realmente aconteceu.

“Eu vou,” eu disse a April antes dela deixar o carro. “Eventualmente.”

Capítulo Dez

Barreiras

MANHÃ DE DOMINGO

A igreja foi cancelada pela segunda semana seguida, porque meu pai *ainda* estava desaparecido. Ele tinha ido por duas semanas e meia diretas agora—sua mais longa viagem até o momento.

Quando mamãe começou a enviá-lo para procurar por Jude, ele sempre fez questão de estar de volta para os serviços de domingo. Quero dizer, já era ruim o bastante quando ele perdia os seus ensinamentos para turma de estudos bíblicos na quarta-feira. Esta era a nossa vida, afinal.

No entanto, ultimamente, suas viagens tinham ficado mais longas e longas, hoje era o quinto domingo que ele tinha perdido nas últimas doze semanas, e a terceira vez que ele tinha esquecido—ou não tinha se incomodado—em arranjar alguém para cobrir ele e dar o sermão.

Mamãe acordou em um de seus maníacos estados arrogantes, e ela fez Charity e eu ligarmos para cada um dos paroquianos para dizer-lhes que a igreja foi cancelada, e pedir desculpas em nome do meu pai—mesmo que *ela* fosse a razão de ele partir em primeiro lugar. Mas a coisa era, a lista das famílias para ligar continuava ficando mais curta cada vez que meu pai perdia um domingo.

Pessoas costumavam vir de toda Rose Crest e Oak Park, e até mesmo partes de Apple Valley, para ouvir o evangelho do Pastor Divine. Mas cada vez mais os paroquianos fiéis de papai estavam desertando para o Pastor Clark na Nova Esperança—e toda vez que meu pai perdia um sermão havia rumores sobre a paróquia precisar de um novo pastor.

As pessoas que eu achava as mais simpáticas sugeriram que meu pai trouxesse um pastor júnior quem estaria sempre de plantão para substituí-lo, quando ele partia—e talvez pegar as aulas de religião da escola, desde que o Sr. Shumway tinha parado. Mas uns casais de paroquianos mais frustrados e rudes resmungaram sobre a necessidade de substituir papai por completo, mesmo que a paróquia tinha estado nas mãos dos Divines pelas últimas três décadas. Eu me perguntava se eles ainda se sentiriam da mesma maneira se eu fosse lá e dissesse a eles que meu pai tinha ido embora porque ele estava procurando por Jude.

Eu desliguei a última ligação, esperando sentir-me esgotada, mas tudo que eu sentia era ansiedade. Isso era porque houve um número que eu tinha discado sete vezes, sem obter uma resposta—o de Daniel.

Por que ele não atendia ao telefone?

Ele provavelmente está apenas dormindo, eu tentei dizer a mim mesma. Se ele ainda está doente, então ele precisa de descanso e eu não deveria incomodá-lo.

No entanto, a tensão arrepiava nos meus músculos toda vez que minha mente vagueava para a imagem daquela moto que parecia ser a dele, estacionada a poucos quarteirões do The Depot. *Mas não poderia ser a sua moto, não é? O que ele estaria fazendo na cidade?*

Não, não era a moto de Daniel. Ele estava doente na cama—isso foi o que ele disse, de qualquer maneira.

Quer dizer, por que ele mentiria?

Tentei ler um livro para aula de Inglês por um tempo e depois enfrentei a montanha de tarefas que mamãe forçou em mim e em Charity, mesmo que hoje fosse domingo. Mas não importa o quanto eu tentasse, não conseguia afastar a inquietação de meu corpo. Eu queria sair da minha casa. Eu queria ir para de Daniel.

Eu queria correr.

Essa foi uma das coisas que eu ainda não tinha me acostumado em tudo isso de ser infectada—a necessidade de correr. Eu nunca tinha sido uma corredora antes. Na verdade, nosso professor de ginástica do décimo grau apelidou April e eu de “tartarugas gêmeas” porque nós sempre ficávamos em último durante na milha diária: April porque ela não gostava de suor, e eu porque não me importava com corrida. Mas agora muitas vezes eu ansiava por uma boa corrida, e eu sabia que não seria capaz de relaxar durante todo o dia se eu não esmagasse a dor dos meus músculos na calçada—e checasse Daniel no processo.

Mamãe estava vestindo James em seu casaco para um passeio à noite para fora do centro sênior para visitar a Sra. Ludwig e um par de outras viúvas da paróquia (uma das tarefas do papai no domingo) quando desci as escadas com minhas roupas e sapatos de corrida.

“Onde você pensa que vai?” Perguntou ela.

“Eu realmente preciso de uma corrida, mãe. Eu terminei meu dever de casa e limpei todos os banheiros e organizei a lavanderia, como você pediu.” Mais para *exigiu*, mas que fosse. “Eu não vou ficar fora por muito tempo, eu prometo.”

O olhar apertado no seu rosto me convenceu de que ela não ia me deixar sair de casa. Mas ela fechou o último botão na jaqueta de James e enganchou a bolsa no ombro dela. “Muito bem, então. Mas não vá muito longe de casa,” disse ela. “Vai ficar escuro em breve, e você nunca sabe quem está lá fora esses dias.”

“Ok.” Eu não lhe disse que eu estava pensando em correr todo o caminho para Oak Park, e deslizei pela porta antes que ela pudesse mudar de ideia.

Parei na nogueira e descansei minha mão contra ela, enquanto eu esticava meus quadris, em seguida, comecei uma corrida leve. Durante todo o dia, eu não tinha sido capaz de parar de pensar sobre o que tinha acontecido na noite anterior. Eu tinha meus poderes em minhas mãos, controlei-os uma vez, e usei-os por um momento. Eu havia lutado com Daniel uma e outra vez, mas realmente usar os meus poderes para realmente lutar com aquele cara e proteger alguém com quem eu me preocupava era absolutamente exultante.

E eu queria mais.

Eu estava a uma milha de casa quando as dores familiares dos meus poderes começaram a aparecer bem dentro do meu corpo, se juntando em meus músculos, fazendo os meus ombros tremer e minhas pernas latejar. Eu aumentei minha velocidade para uma corrida rápida.

O sol estava se pondo atrás das colinas de Rose Crest, e eu sabia que mamãe queria que eu voltasse para casa. Mas eu não conseguia parar de pensar em quão frustrante foi quando meus poderes se dissiparam na noite passada e eu tive que confiar em alguém para vir em meu auxílio. Se eu tivesse um melhor controle, então eu poderia ter batido esses caras sem qualquer ajuda. E ainda mais frustrante era a constatação de que eu realmente precisava dos meus poderes, se eu fosse encontrar Jude. O fiasco da noite passada tinha provado isso para mim.

Concentrei-me na dor engolindo meu corpo. Tentei abraçá-la. Tentei desejar que minhas pernas corressem mais rápido e mais arduamente do que nunca.

Mas nada aconteceu.

Eu não conseguia romper qualquer barreira entre mim e minha habilidade de usar os meus poderes totalmente.

MAIS TARDE

Minhas pernas estavam tão estáveis quanto pasta de borracha quando eu corri em direção ao bairro de Daniel, em direção a antiga casa de Maryanne Duke. Eu estava esperando ser capaz de compartilhar boas notícias com Daniel—lhe dizer como eu finalmente consegui um controle sobre a minha velocidade e agilidade—mas meus ombros cederam com a frustração. Eu não entendia. Por que eu havia sido capaz de usar os meus poderes na noite passada, mas não agora? Qual era a diferença?

Mas a minha frustração se transformou em curiosidade quando me aproximei da casa de Maryanne e vi Daniel na frente, amarrando uma bolsa de tecido da traseira de sua Honda Shadow.

“Ei,” eu chamei enquanto corria até a calçada.

Daniel se agachou e ajustou uma das tiras segurando sua bolsa. “O que está fazendo aqui?”

“Verificando... Hum, só parando para dizer oi.” Dei-lhe um ligeiro aceno. “Então, hum, oi.”

“Oi.” Daniel arranhou o curativo no antebraço, em seguida, testou o aperto de uma segunda tira que segurava a sua bolsa. Ele não tinha sequer olhado para mim ainda.

“O que está acontecendo?” Eu segurei o zíper da sua mochila. “Você está indo para algum lugar?”

Daniel resmungou, mas antes que ele pudesse responder nós dois viramos ao som de um carro parando na garagem atrás de nós. Não só qualquer carro—a camionete de patrulha do xerife. Daniel enrijeceu e se endireitou. Seus olhos escuros finalmente acenderam em minha direção por meio segundo e depois voltaram para sua mochila na parte traseira de sua moto. Ele deu um passo em frente a isso quando o xerife Ford e o Delegado Marsh saíram da camionete.

“Olá, senhor,” ele disse ao xerife. “Existe um problema, ou algo que eu possa ajudá-lo?” Ele parecia alguém que tinha sido parado por excesso de velocidade, muitas vezes—que eu não tinha dúvida. Daniel sempre teve uma coisa por se mover rapidamente. Mas o olhar pálido no rosto do xerife Ford me fez ter certeza que ele tinha algo muito mais sério do que multas de trânsito em sua mente.

“O que há de errado?” Eu perguntei.

“Algun de vocês conhece Tyler Whitney?” Ford perguntou.

“Não,” disse Daniel. “Certeza que eu não conheço.”

“Bem, eu tenho uma testemunha que diz que você conhece.” Ele apontou para o curativo no braço de Daniel. “Alguém disse que você entrou em uma briga com Tyler e um casal de amigos dele na outra noite.”

“Espere. Tyler?” Eu olhei para Daniel. Sua expressão era como pedra. “Eu acho que ele quer dizer o amigo de Pete Bradshaw, Ty.” *Aquele que eu vi no clube na noite passada.* “Isso é totalmente falso,” eu disse ao xerife. “Porque se eles estão fazendo uma denúncia, então você deve saber que Daniel e eu estávamos cuidando de nosso próprio negócio quando eles se aproximaram de nós. Daniel só agiu em legítima defesa.”

“Grace,” disse Daniel, um sinal de advertência em sua voz.

“O quê? Eles devem saber a verdade.”

“Parece que você ficou bastante ferido,” disse o Delegado Marsh. “Você não estava procurando por nenhuma revanche, estava? Não seguiu Tyler e o abateu para tentar ensinar-lhe uma lição para não brincar com você? Talvez foi um pouco longe demais?”

“O quê?” Daniel olhou para o delegado Marsh direito nos olhos. “Eu não tenho ideia do que está falando. Aconteceu alguma coisa com esse garoto Tyler?”

Xerife Ford limpou a garganta. “Ele está morto.”

Meu estômago embrulhou. “O que aconteceu?”

“Seu colega de quarto, um Pete Bradshaw” —xerife Ford consultou seu bloco de notas— “encontrou-o fora do seu apartamento esta manhã. Parece que ele foi atacado no estacionamento e espancado até a morte em algum momento durante a noite.”

“Pete nos disse que você teve uma briga com ele duas noites atrás,” disse delegado Marsh. “Ele disse que você estava à procura de vingança.”

“Isso é loucura,” Eu disse. “Daniel nunca atacaria ninguém.” Bem, pelo menos não o novo Daniel livre do lobisomem. “Pete é um mentiroso total. Ele diria qualquer coisa para conseguir colocar Daniel em problemas.”

“Eu lhe asseguro, senhor, eu não tive nada a ver com isso,” disse Daniel ao xerife, soando muito mais calmo do que eu.

“Vocês dois tem muita história com o Sr. Bradshaw, que eu me lembre.” Delegado Marsh olhou para Daniel. “Talvez vocês estivessem procurando acertar velhas contas com Pete, mas foram atrás do colega de quarto quando não conseguiram achá-lo. Você deve ter ficado com raiva quando as acusações caíram no caso da sua namorada, considerando que a única outra testemunha morreu. A maioria dos caras não ia deixar isso barato se suas garotas fossem atacadas por um colega que escapou sem nem um tapa nos pulsos. Talvez a luta da outra noite foi o acerto final.”

“Marsh,” disse o xerife. Ford gostava muito mais de Daniel do que o delegado, e ele tinha muito mais respeito pelo meu pai. Ou isso, ou eles estavam fazendo um ótimo trabalho em brincar de policial bom/policial mau. “Eu não tenho liberdade para discutir os detalhes, mas temos razões para crer que a morte de Tyler pode ter sido relacionada com o roubo no Day’s Market, mas desde que você teve uma briga com Tyler e você trabalha no Day’s, temos que lhe fazer algumas perguntas. Podemos fazer isso aqui ou na delegacia.”

“Espere, agora você está culpando-o pelo Day’s Market, também?”

“Nós não estamos culpando, apenas investigando.”

Raiva rolou no meu estômago. Pete e sua estúpida acusação estavam fazendo uma boa bagunça em nossas vidas. Se Tyler e o mercado estavam ligados, então isso provavelmente tinha mais a ver com sua estada no The Depot na noite passada. *Gah! Claro que sim. The Depot!* Aqueles jogadores pareciam que queriam esfolar Tyler vivo por estragar o seu jogo. E se eles o seguiram até em casa e decidiram mexer com ele em troca?

“Tyler gostava de ir a um lugar chamado The Depot... Na cidade. Talvez você devesse—”

Daniel lançou-me um olhar ponderado.

As sobrancelhas finas do delegado Marsh se ergueram em arcos. “Então você está ciente do paradeiro de Tyler na noite passada? Isso é interessante. Seus amigos deveriam encontrá-lo em um lugar chamado The Depot, mas ele não estava lá quando eles chegaram lá. Vocês estavam seguindo ele?”

“Hum... não.” Merda, como é que tudo o que eu dizia fazia Daniel parecer culpado? Como eu poderia dizer a eles o que eu vi no clube, sem deixar que eles soubessem que eu estive lá? Isso só faria parecer como se eu estivesse seguindo Tyler. “Eu só estou dizendo que eu ouvi é um lugar perigoso, e se Tyler foi lá e pisou no pé do cara errado... como estragar o jogo de vídeo de alguém, eles podem ter ficado loucos o suficiente para acertar as contas com ele.”

“Você acha que Tyler foi morto por um vídeo game?” Delegado Marsh pediu.

“É possível,” disse eu, mas não parecia que mesmo eu acreditava em mim mesma neste momento. Eu realmente provavelmente, deveria calar a boca.

“Nós vamos olhar lá,” disse Ford. “Mas, enquanto isso, tenho de lhe perguntar, Daniel, sobre o seu paradeiro na noite passada.”

Daniel ficou tenso ao meu lado. Eu quase podia sentir o estresse que irradiava de seu corpo. Ele parecia tão calmo até o momento. Eu olhei para ele, esperando por sua resposta.

“Eu estava aqui,” disse ele lentamente, deliberadamente, “assistindo TV.”

“Entre as dez horas da noite e uma da manhã? O que você assistiu? Horas? Canais? Qualquer comercial específico que você se lembre?”

“Um...” os dedos de Daniel contraíram-se junto aos meus. Eu queria pegar sua mão para acalmar o tic antes que os outros percebessem—mas isso provavelmente, seria mais perceptível. “Não me lembro de nada específico.”

“Realmente,” Delegado Marsh perguntou, “nada?” Ele colocou as mãos nos quadris e estufou o peito como se ele estivesse se preparando para pegar Daniel e levá-lo até a delegacia. O sorriso arrogante no rosto fez parecer que ele gostaria de fazer isso também.

Daniel deu um passo pequeno para trás, seus dedos ainda se debatendo. “Sinto muito. Eu realmente não lembro.”

Eu dei um passo à frente. “O que ele quer dizer é que ele estava distraído. Nós estivemos aqui... Juntos. A TV estava ligada, mas não estávamos exatamente, você sabe, assistindo.” Corei embora eu não estivesse dizendo a verdade, mas esperançosamente a

cor iria se misturar com as manchas vermelhas que sempre pintavam meu pescoço sempre que eu mentia.

Daniel me deu um olhar como se ele fosse surpreso pelas minhas habilidades de atuação—mas esperançosamente grato.

“Eu fiquei até cerca de duas horas. Daniel só não mencionou porque, você sabe... você não vai dizer ao meu pai, vai?” Eu perguntei, torcendo as mãos. Eu nem sequer tive que atuar nessa parte. “Por favor?”

Sheriff Ford limpou a garganta. “E você tem certeza de que você esteve aqui com ele o tempo todo, sozinha?”

Eu balancei a cabeça.

“Muito bem, então.” Ford escorregou seu bloco de notas no bolso. “Isso é tudo que eu precisava saber.”

Os ombros de Marsh caíram, embora o sorriso arrogante ficou em seu rosto. Ele indicou a sacola amarrada à moto de Daniel. “Eu espero que você não esteja pensando em deixar a cidade tão cedo.”

“Não, senhor,” disse Daniel em voz baixa.

“Nós estaremos te observando,” disse o delegado Marsh.

Daniel e eu ficamos lado a lado e vimos os dois oficiais subir na camionete e sair. Os dedos de Daniel tremeram mesmo depois que eles foram embora. Eu agarrei sua mão antes que ele pudesse se virar.

“Então me diga,” eu disse. “Onde você *estava* na noite passada?”

SESSENTA SEGUNDOS INTEIROS DE SILÊNCIO DEPOIS

Quanto mais Daniel ficou sem falar, mais meus músculos se tencionaram. Eu podia sentir aquela dor familiar dentro de mim—como eu fazia quando eu sabia que algo estava errado. Era o mesmo sentimento que me fazia querer lutar ou fugir.

Daniel puxou suas mãos das minhas. Eu estava apertando-o mais apertado do que eu percebi. Seus dedos estavam vermelhos brilhantes.

Eu deixei sua mão. Senti uma onda de culpa enquanto ele esfregava os dedos e, em seguida, o curativo no antebraço. Eu tinha certeza que agravei a dor nos seus pontos. Mas essa culpa culminou em raiva. *Por que você deveria se sentir culpada quando ele é o único na posição errada?* Uma voz estranha falou dentro da minha mente. Eu me sacudi. Eu não sei por que eu mesma pensava assim. Não há desculpa para causar dor a alguém.

“Por que você não me diz onde você estava na noite passada?” Eu perguntei. “Deveria ser uma questão simples.”

Daniel arranhou atrás da orelha e olhou para fora em direção ao crepúsculo que nos cercava agora. “Já disse tudo. Eu estava aqui. Assistindo TV.”

Ele está mentindo, disse a voz estranha dentro da minha cabeça. *Você mentiu para a polícia por ele, e ele te paga de volta com mais mentiras.*

Eu dei um passo para trás. Por que eu estava ouvindo uma voz dentro da minha cabeça que nem mesmo soava como a minha? Mas ela apontava a verdade gritante.

“Eu acabei de mentir para a polícia por você, Daniel. Você não acha que você me deve uma explicação por que eu tive que fazer isso?”

“Eu nunca lhe pedi para mentir.” Daniel enfiou as mãos nos bolsos. Era como se ele não soubesse o que fazer com os dedos que se mexiam. “Eu não te devo nada.”

“Você não me deve?” Minha voz tremeu de raiva. “Depois de tudo que passamos?” *Depois de tudo que você fez por ele!* A voz disse. “Eu salvei sua maldita alma—literalmente—e você acha que não me deve uma explicação simples de onde você estava na noite passada? Que diabos você estava fazendo?”

“Não é isso que eu quis dizer.” Daniel deixou cair os ombros e olhou para o céu. “Eu só... Não posso.”

“Não pode o quê? Dizer-me? Confiar em mim?” Eu praticamente gritei com ele. Era como se eu não pudesse controlar o volume da minha voz.

“Por favor, Gracie. Apenas tenha paciência comigo. Eu preciso que você fique de fora. Dê-me algum espaço.”

“Algum espaço?” Fogo queimou embaixo da minha pele. Eu tremia de raiva e poder nascente. Alguma coisa estava errada. Definitivamente errada. *Lute ou fuja*, a voz sussurrou dentro da minha cabeça. Mas uma parte pequena, racional do meu cérebro não queria lançar-se em Daniel, então eu fiz o que parecia ser uma segunda natureza para mim agora. “Tenha todo o espaço que você quiser,” eu disse, e sai correndo.

“Espere, Gracie!” Daniel gritou quando eu fugi da garagem. “Droga, não era isso o que eu quis dizer.”

Mas eu continuei correndo—mesmo quando ouvi o barulho da moto de Daniel atrás de mim. Eu aumentei a minha velocidade. Ele gritou meu nome, me disse para parar. Mas eu não podia. Poder escoou em cada célula do meu corpo, me empurrando mais rápido. Daniel parou ao meu lado em sua motocicleta. Eu podia ouvi-lo me chamando, mas eu virei para cima da calçada e atravessei vários metros me entrelacei entre casas onde ele não poderia seguir.

E mesmo que eu soubesse que tinha despistado Daniel, eu não diminuí. A cicatriz em forma de crescente no meu braço queimava como louca. Peguei meu ritmo já corrido. Eu corri mais rápido agora do que eu jamais poderia ter sonhado apenas alguns meses antes. Mas eu me forcei a ir ainda mais rápido.

Minhas pernas gritaram por mais velocidade.

Eu precisava disso.

Ansiava por isso.

Meus pés ganharam impulso como um raio em mim. A noite estava escura, mas a conforme o sangue pulsava em meu rosto, eu senti uma pressão queimando atrás de meus olhos. Eu pisquei e de repente minha visão era clara, nítida, quase como se a noite tinha se iluminado. Eu podia ver tão bem como se fosse o anoitecer em um dia nublado.

Mas a coisa era, eu não precisava ver. Meus pés sabiam para onde ir por instinto. Eles pousavam apenas nos lugares certos, perdendo as fendas e buracos nas ruas irregulares. Eles encontraram o caminho mais fácil entre as lápides e arbustos crescidos no cemitério no Faraway Boulevard. E a cada passo-relâmpago, a dor e a raiva dentro de mim desapareciam, substituídas por um sentimento de pura euforia.

Liberdade.

Abandono.

Como eu me senti na primeira vez que eu corri com Daniel na floresta. De volta quando ele era o que tinha que me puxar junto. De volta quando eu era apenas humana. Tinha me sentido maravilhosa, então... Como nada que eu tivesse conhecido antes. Mas isso era muito mais do que isso. Não apenas a energia transferida de outra pessoa. Isto veio de dentro de mim. Este era o *meu* poder. E ninguém poderia tirar isso de mim.

Inclinei minha cabeça para trás, tendo no brilho da brilhante lua crescendo no céu a noite enquanto eu corria, e deixei que o sentimento de poder lavasse através de mim. Calor formigante espalhou-se em meus braços, pernas e no meu peito. *Você está no controle agora*, a voz estranha me tranquilizou enquanto eu corri.

Eu finalmente havia quebrado a barreira.

Capítulo Onze

Estranho

UMA HORA DEPOIS

A lua brilhou sobre o campanário da paróquia quando eu corria descendo a Crescent Street. Era domingo, e noite de escola, e a maior parte de Rose Crest já havia ido para cama. Eu havia passado somente por alguns carros na rua, e o estacionamento da escola e da paróquia estavam vazios. Era estimulante ter ido tão longe, feito tanto, enquanto grande parte da cidade estava debaixo das cobertas em casa. E eu ainda não podia acreditar que havia corrido a toda velocidade por tanto tempo, usando todos os meus poderes ao mesmo tempo sem perder o controle deles. Parte de mim queria voltar para Daniel—dizer a ele as boas notícias, ver o olhar de orgulho em seu rosto. Mas então me lembrei do por que eu havia começado a correr em primeiro lugar, e meu coração afundou em dor.

Diminui meu passo para uma corrida leve. Havia só mais alguns quarteirões até chegar em casa, e eu queria me acalmar. Mas então eu percebi algo estranho sobre a paróquia quando eu passei: as luzes estavam acesas.

Era tarde, e papai ainda estava fora da cidade. Eu sabia que era possível que as luzes tivessem sido deixadas acesas em algum ponto do final de semana, mas um sentimento—tipo um sexto sentido— me disse que alguém, ou alguma coisa, estava dentro do prédio.

Mas quem poderia estar ali essa hora?

Meus pensamentos rapidamente correram para o que havia acontecido no mercado, à notícia sobre a tentativa de arrombar a escola, e a especulação de Daniel sobre Jude estar revistando os lugares de suas maldades passadas. Primeiro a casa de Maryanne, a janela de James, o Day's Market, e então a escola. Não seria lógico o próximo lugar fosse a paróquia—o último lugar ao qual ele havia ido? O lugar onde ele enfim havia se tornado lobo, o lugar onde ele havia me atacado, me infectado, e onde ele havia tentado matar Daniel?

Eu não queria acreditar que Jude estava tentando causar mais dano e terror de propósito. Mas se essa era sua última parada em seu tour de crimes passados, então essa poderia ser a minha única chance de encontrá-lo—especialmente desde que meu único outro líder não tinha caído fora.

Diminui ainda mais o meu passo conforme me aproximava da paróquia, e eu tentei fazer meu coração parar de bater tão alto. Escutei o mais próximo que eu podia graças ao meu coração desobediente, concentrando-me em outros barulhos: o som de um carro nas ruas desertas, uma música sendo assobiada por outra pessoa em algum lugar no quarteirão, o tilintar dos semáforos para pedestres.

Segui outro som, um barulho farfalhante, como caixas ou objetos sendo movidos do lugar, descendo o beco entre a paróquia e a escola. Primeiro eu pensei que o barulho vinha do escritório do meu pai. Hesitei por um momento do lado de fora da porta no beco, mas então me dei conta de que o som vinha de algum lugar mais no interior da paróquia. Deslizei ao redor da lateral do prédio para outra porta nos fundos. Era a entrada para um pequeno apartamento de zelador que não era usado desde que Don Mooney morreu. Papai não havia alugado o apartamento novamente, e havia sido deixado intocado desde o dia que nós ouvimos sobre a morte de Don.

Meus ouvidos captaram um murmúrio de detrás da porta. Soava como uma gaveta emperrada sendo forçada a abrir. De repente, eu não estava mais pensando sobre resgatar Jude. Eu estava pensando na destruição causada no mercado. Toda a ira que eu senti hoje voltou a me atingir. *Alguém deve estar tentando fazer o mesmo à paróquia do seu pai*, disse essa voz na minha cabeça. *Começando na antiga casa do seu amigo*. Eu não ia deixar alguém se sair com isso—mesmo que esse alguém fosse meu próprio irmão.

Aquele ruído de ira me atravessou. Atingindo meu coração como uma garra. Antes que eu pudesse me parar, eu arrombei a porta entrando na sala.

Um homem alto girou em torno da frente da mesa de Don. Algo prateado brilhou em sua mão. Meus pés e minhas mãos não me pertenciam quando me joguei contra ele. Um olhar de surpresa atravessou seu rosto quando eu arrancava a faca de sua mão e o atingia no peito com meu punho. Ele cambaleou para trás e bateu contra a parede, e então atingiu a ponta da mesa. Pulei sobre ele e o agarrei pelo pescoço.

“Como você se atreve,” rosnei. “Como você se atreve a roubar as coisas do meu amigo?” Apontei meu punho para o rosto dele, pronta para acertar com tudo seu nariz caso ele fizesse algum movimento em falso.

Mas o homem não lutou. Ele apenas me encarou. O ar saiu do meu peito, e minha mão tremulou com fúria enquanto aproximava mais meu punho de sua cabeça. Mas eu não podia parar de encarar de volta seus olhos azuis—olhos que pareciam familiares, como se eu os houvesse encarado antes. O homem parecia novo, vinte e poucos anos talvez, mas algo em seus olhos parecia absolutamente antigo — como se ele já houvesse visto o suficiente do mundo para uma dúzia de vidas.

Meus dedos se contraíram contra sua garganta. Eu podia sentir seu pulso em minha mão, firme e forte. Algo estranho e odioso em minha cabeça disse para esmagá-lo. *Puna esse homem por invadir o lugar*.

Mas eu realmente queria fazer isso?

Um sorriso se deslizou pelos lábios do estranho. Parecia tão velho quanto seus olhos. “Olá, Grace,” ele disse, soando um pouco estrangulado.

Ao som do meu nome, o poder apertando meu coração aliviou um pouco. Arfei ante a visão da minha mão pressionando sua garganta. Mas não o deixei ir. Eu não poderia até saber o que esse homem estava fazendo aqui. “Como você me conhece?” questionei.

Olhei o homem pela primeira vez. Ou o pouco que eu podia ver dele, já que eu estava sobre ele, prendendo seus braços para baixo com meus joelhos. Ele tinha longos cabelos ruivos e uma barba aparada. Ele era alto, quase tão alto quanto Don Mooney—quem eu sempre achei ser tão alto quanto um urso—havia sido, mas magro. Ele vestia preto dos pés a cabeça, o que o havia feito parecer sinistro a princípio. Mas então, uma horrível realização me atingiu quando eu me dei conta do quadrado branco em seu colar preto—o colar de um pastor, como o que o meu pai algumas vezes usava quando estava trabalhando.

“Ah não!” Soltei sua garganta e desci de cima dele o mais rápido que pude. Agarrei o pingente de selenita que pendia no meu próprio pescoço. Isso me deixou quente, calma atravessando por mim. “Sinto muito, pastor. Sinto muito...” Calor atingiu minhas bochechas. “Eu não sei o que me deu, Pastor... Eu só... Só...” Deixei minha sentença falhar. Como eu poderia explicar o que eu havia acabado de fazer a esse homem?

Quero dizer, eu havia atacado um pastor—em uma igreja! Minha fúria havia sido substituída por embaraço, que rapidamente se transformou em vergonha.

“Sinto muito,” eu disse novamente. Eu poderia me desculpar o suficiente? “Eu o vi aqui com essa faca...” Apontei para a adaga prateada, jogada no chão com seu punho furando o ar. Um pequeno pedaço de tecido voou para o chão perto da faca, quando eu atingi a mão do homem. Era a infame faca de Don—a que eu havia enfiado no peito de Daniel. A que eu havia usado para quebrar a maldição. Eu a havia encontrado na paróquia algumas semanas depois, trouxe-a aqui para o apartamento de Don, e a deixei com as coisas dele, onde ela pertencia.

“Pensei que você fosse um ladrão. Pensei que você estava tentando roubar aquela faca.” A faca era antiga, feita de prata pura, e eu sempre achei que poderia conseguir um bom preço com o comprador certo. Mas pastores não invadem igrejas e roubam coisas. Tinha de haver outra explicação.

O homem sorriu novamente, e com um rápido movimento ele se moveu para baixo e pegou o pedaço de tecido e o envolveu ao redor do cabo da faca prateada e a puxou de seu lugar ao chão. Ele olhou para a adaga com apreço, como um colecionador inspecionando uma antiguidade. “Como eu poderia roubar algo que já pertence a mim?”

“O quê?” Olhei para ele novamente—o corpo de um jovem homem com olhos de um ancião. Percebi o modo como ele cautelosamente segurava a faca em sua mão,

cuidadoso para manter o tecido entre sua mão e a faca. Eu podia pensar em apenas uma razão para esse homem ter medo de tocar na prata.

Meus músculos se tencionaram imediatamente quando o pensamento atingiu meu cérebro. Esse homem não era um pastor. Esse homem não era nem sequer humano. Então outro pensamento superou este, e meu corpo estremeceu com medo. *Eles estão vindo por você. Ele faz você pensar que pode confiar nele, mas você não pode*, a voz de Jude ecoou em minha cabeça.

“Sinto muito,” eu disse, dando passos para trás em direção a porta. “Eu preciso ir.” Esbarrei em uma cadeira e tentei me manter de um jeito que não parecesse tão frenética. Eu não sabia no que estava pensando quando vim a essa sala, em primeiro lugar; eu não era nada para esse homem. Eu posso até ter dado alguns socos no clube noturno noite passada e corrido a toda velocidade sem vacilar esta noite, mas isso não era nada, eu me dei conta agora. Não importava quanto poder eu podia reunir, não era nada comparado ao que ele poderia fazer a mim. Esse homem era perigoso. Esse homem era um lobisomem.

Esse homem era...

“Gabriel!”

“O quê?” Eu virei em direção à porta aberta.

Daniel estava lá, sua boca aberta. Ele largou as chaves de sua moto na entrada e buscou pelo homem com a faca. Mas não era uma luta ofensiva. O homem agarrou Daniel pelo braço, e os dois se enroscaram. Foi um curto abraço, mas um abraço mesmo assim.

“Daniel, meu garoto!” O homem deu um tapa em suas costas. “Você parece muito melhor desde o Natal. Embora eu esperasse ver você sem nenhuma bandagem.”

Daniel balançou a cabeça. “Você não tem ideia de como eu preciso falar com você agora.”

Olhei de relance longe dos dois.

“Sempre é um prazer poder ser útil.”

Mudei meu peso de um pé para o outro e limpei minha garganta.

Eles se viraram para mim. “Grace,” Daniel disse. “Esse é Gabriel.”

“Gabriel, o anjo?” Era assim que eu sempre me referia a ele em minha cabeça, por causa do status dele no Jardim dos Anjos.

“Anjo, hein? Soa como se Daniel estivesse contando histórias sobre mim.” Os lábios de Gabriel se ergueram em um sorriso amigável.

“Sinto muito por soar rude, mas por que você está aqui?” Eu não pude evitar perguntar. E como Daniel havia me seguido?

“Porque eu o trouxe aqui,” meu pai disse vindo da estreita entrada até nós. “Gabriel veio para nos ajudar.”

“Você está de volta!” Saltei para meu pai no lugar onde Daniel havia abraçado Gabriel, e envolvi meus braços no meio deles. Por mais brava que eu estivesse com ele por ter ido, eu não podia deixar de sentir alívio por ele estar aqui. “Pensei que você não sabia quando iria voltar.”

“Eu não sabia,” meu pai disse. “Não tinha certeza de quanto tempo levaria para encontrar Gabriel e convencê-lo a vir a Rose Crest.”

“Mas por que você não me disse que era aqui que você estava escondido em primeiro lugar?”

“Porque eu não queria nem você nem Daniel tentando vir atrás de mim.”

“Por quê?”

“Porque ir atrás de um lobisomem e visitá-lo sem um convite é perigoso e um esforço imprudente. Especialmente para um humano.” Gabriel disse. “Seu pai tem sorte de ser bom com as palavras. Sirhan, meu alfa, esteve bem intrigado com a sua história.”

Deixei meu pai ir e me virei para Gabriel.

“Seu pai também é sortudo por eu estar esperando um momento para lhe devolver uma visita,” Gabriel disse. “Eu estive esperando para conhecer você, Grace.”

“Eu?”

“Você está ganhando uma boa reputação no meu bando. Eles te chamam de A Divina.”

“A o quê?”

“É um nome bobo, sim. Mas eles não podem evitar estarem fascinados sobre você. Em quatro mil anos desde que o primeiro Urvat sucumbiu à maldição, ninguém jamais curou alguém do modo como você curou Daniel.”

Gabriel deu um tapa nas costas de Daniel novamente, mas dessa vez Daniel abaixou seu olhar para os pés. Vermelho atingiu seu rosto. Eu não sabia por que ele estava embaraçado já que ele havia sido salvo. Mas então novamente, algumas vezes eu me pergunto se ele ainda pensa que não era digno disso. Ou talvez ele apenas não quisesse me olhar nos olhos. Nós ainda estávamos brigados, apesar de tudo.

“Eles pensam que você é alguma coisa um tanto quanto especial, Grace.” Gabriel atravessou a distância entre nós dois e segurou a minha mão. Ele a segurou por um momento e então curvou a cabeça. O gesto pareceu algo de séculos atrás.

Eu era a que estava corando agora. Dei uma olhadela em Daniel para ver o que ele fez com essa ideia de “A Divina”, mas ele ainda estava encarando os próprios pés. Olhei de volta para Gabriel. “E você? Você pensa que eu sou *especial*?”

Gabriel gentilmente soltou a minha mão. “Estou aqui para descobrir.”

Foi então que a ideia me atingiu. Com Gabriel aqui, eu finalmente tinha uma chance de testar todo o meu potencial. Eu tinha alguém com as mesmas habilidades que eu, que poderia realmente me ensinar como usá-las. Sem ofender o Daniel nem nada assim, mas era difícil para ele me mostrar como usar poderes que ele não possuía mais. Quero dizer, eu fugiria dele mesmo quando ele está em uma moto. Mas Gabriel vem usando seus poderes por mais de oitocentos anos. E foi ele que pensou ser possível para os Urbat reclamar suas bênçãos—para usar seus poderes para ajudar o mundo. Ou pelo menos foi isso que ele havia escrito naquelas cartas para sua irmã Katharine.

Usar meus poderes para correr essa noite havia sido incrível. Mas agora que Gabriel estava aqui para ajudar, eu me tornar uma heroína realmente pareceu possível.

Papai arranhou a garganta. Eu havia esquecido que ele ainda estava aqui. “Vamos mover essa reunião para o meu escritório, então nós podemos discutir o que fazer sobre Jude. É hora de descobrir como nós vamos encontra-lo”.

ALGUNS MINUTOS DEPOIS, NO ESCRITÓRIO DO MEU PAI NA PARÓQUIA

Gabriel se sentou em uma das cadeiras almofadadas em frente à mesa do meu pai. Era tão estranho como ele parecia tão novo e ao mesmo tempo tão velho. E mais estranho ainda ficar de pé aqui o ouvindo falar pela primeira vez quando eu já sentia que o conhecia muito bem. Lendo o livro de cartas que ele havia escrito para a irmã no decorrer dos séculos passados fazia parecer que eu estava olhando para a alma dele. Eu estava praticamente explodindo para dizer a ele sobre a minha ideia dele me treinar.

“Grace?” Meu pai disse. O tom de sua voz sugeria que ele havia tido de dizer meu nome algumas vezes antes de conseguir a minha atenção.

“O quê?” Eu desviei meu olhar fixo de Gabriel e passei a encarar meu pai.

Ele arqueou as sobrancelhas por cima das hastes de seus óculos. “Eu estava te pedindo para nos contar sobre a ligação de Jude.”

“Oh.” Eu disse a eles sobre a ligação e que Jude havia dito algo sobre alguém vindo por nós. “Ele também disse que eu não poderia confiar em ninguém.”

“Parece que Jude talvez ainda esteja contra Daniel,” Papai disse. “Ele ainda pensa que nós não podemos confiar em você.” Papai olhou para Daniel. Ele estava sentado no canto mais distante, encarando a bandagem branca em seu braço.

“Mais alguma novidade?” Daniel murmurou. Foi à primeira coisa que ele disse desde que nós saímos do apartamento de Don Mooney.

“Acho que a parte mais significativa da conversa foi que Jude disse que havia alguém *vindo* por você,” Gabriel disse. “Você tem alguma ideia do que isso significa?”

“Nenhuma.” Dei de ombros. “Daniel acha que ele está só brincando conosco, mas eu não penso que ele voltaria só para uma brincadeira doentia.”

“Depende de quão longe seu irmão tenha ido. O lobo pode te fazer todo tipo de coisas doentias.” Gabriel arrumou o colar de pastor ao redor do seu pescoço. Perguntei-me se ele estava pensando sobre Katharine—a irmã que ele havia matado depois de se tornar um lobisomem. “Mas eu acho mais seguro assumir que todos vocês estão em perigo se Jude estiver em qualquer lugar próximo.”

“O que significa que nós precisamos encontrá-lo logo.” Papai se inclinou para frente em sua cadeira. “E nós vamos precisar de um plano de ataque. Penso que é no mínimo lógico assumir que Jude possa ter contatado algumas pessoas de seu passado. Eu gostaria que você achasse um modo de trazer o assunto à tona com April. Descobrir se ela ouviu algo sobre ele.”

“Eu já fiz isso,” respondi.

“E?”

Contei a eles sobre a minha visita à casa de April e o que ela havia me dito sobre seu blog e rastrear o IP do computador de Jude. “Era de um clube na cidade. Eles têm um Wi-Fi que ele deve ter usado. Veja isso, Daniel, é chamado de The Depot.” Olhei para Daniel, mas ele não havia olhado em minha direção. Aparentemente o bom humor por ter encontrado Gabriel havia desaparecido agora. Limpei a garganta e me virei para meu pai. “Achei um cartão do clube na bagunça no mercado.”

Papai se ergueu um pouco. Ele deve ter reconhecido isso como uma pista, do mesmo jeito que eu havia—diferentemente de Daniel, que havia zombado da ideia.

“Hmm,” Daniel disse de seu canto. Eu o encarei de volta. Suas sobrancelhas estavam franzidas enquanto ele coçava por cima de sua bandagem. “Eu andei perguntando por aí sobre o lugar. Não é um lugar bom.”

“A quem você perguntou?” Dediquei a Daniel um olhar penetrante que ele não viu. “Era isso que você esteve fazendo na noite passada?” Mas se era esse o caso, por que ele não havia me dito?

Daniel ignorou minhas perguntas, e olhou para o meu pai. “Talvez você e eu devêssemos sair essa noite e perguntar por aqui. Não quero que Grace vá.”

“Hmmm,” hesitei. “Eu meio que já fiz isso.”

“Grace!” Daniel e meu pai exclamaram ao mesmo tempo.

“Você tem alguma ideia do tipo de pessoa—sem mencionar os que *não são humanos*—vão até lá?” Daniel perguntou, olhando para mim pela primeira vez. Exceto que era mais como cravando os olhos.

“Bom, *agora* eu sei.”

Daniel quase soltou um sorriso, mas ele o escondeu rapidamente lançando um olhar de aborrecimento. “Acho que eu pedi a você que não fosse procurar por Jude por conta própria.”

“Eu sei. Mas você estava doente, ou era o que você *afirmava*, então eu não quis incomodar você.” Exceto que Daniel não parecia nem um pouco doente. Nem mesmo mais cedo quando eu estava em seu lugar. “E April disse que sabia onde era, e eu tinha a chave de entrada, então nós meio que formamos uma equipe.”

“Uou, você levou April com você? Grace, você tem alguma ideia do que...?”

“Poupe-me do sermão, ok? Foi estúpido. Eu deveria ter percebido antes. Nós poderíamos ter sido mortas...”

“O quê? Você está bem?” Daniel perguntou, sua voz de repente mais suave. Era a primeira vez que ele soava como o meu namorado durante toda a noite. “Alguém machucou você?”

“Não.” Eu desviei o olhar de sua encarada, tentando esconder o vermelho em meu pescoço. Eu definitivamente não queria trazer à tona o que havia acontecido com aqueles dois caras e Talbot agora. “O ponto é que eu fui até lá e perguntei por ai e não descobri nada. Provavelmente já faz semanas desde que ele esteve lá.”

“E qualquer chance de tentar encontrá-lo através desse clube se perdeu,” Gabriel disse.

Gemi. “Não me lembre.”

“Eu ainda quero ir até lá e ver o que posso encontrar,” Daniel disse.

“Você não pode entrar lá sem um cartão de entrada,” eu dei a ele um sorriso encabulado. “E eu acho que devo ter deixado cair enquanto estava lá” Eu não havia conseguido encontrá-lo desde que Talbot nos arrastou de lá.

Papai soltou um resmungo.

“Eu tenho alguns contatos” Daniel disse. “Vou procurar por aqui novamente. Ver se eu posso conseguir um novo cartão.”

“Você consegue pensar em mais alguém que Jude pode ter tentado contatar?” Papai me perguntou.

Balancei a cabeça.

“Hmm.” Papai massageou as têmporas, como se ele estivesse tentando afastar uma dor de cabeça. “Vou ter que pensar sobre isso um pouco mais antes de vir com um plano B. Nesse meio tempo, nós precisamos descobrir o que fazer com você, Grace.”

“O que fazer comigo?”

“Eu não quero você correndo toda despreparada novamente. Se eu posso confiar em você para usar sua cabeça, então talvez você precise ser instruída. Sem mais visitas clandestinas à cidade. Pare com o seu treinamento e volte para os seus livros por um tempo.”

“O quê? Não!” Eu fiquei surpresa quando papai aceitou a ideia de meu treino em primeiro lugar. Eu sabia que ele se sentia culpado por não ter dito a Jude o que estava acontecendo com ele. Então quando eu finalmente disse ao papai que havia sido infectada, ele disse “Conhecimento é poder,” e me deu todos os seus livros sobre lobisomens. Ele havia até me comprado alguns livros sobre karatê e autodefesa. Eu achei que ele esperava estar me ajudando a desenvolver minhas habilidades sem perder o controle como Jude. Não que você possa realmente aprender a lutar através de um livro, mas era isso que meu pai pensava—qualquer coisa importante poderia ser encontrada em um livro, pelo menos até onde ele sabia.

Mas então por que ele tentaria tirar isso de mim agora? Especialmente com Gabriel aqui para me treinar?

“Papai, você não pode fazer isso. Não agora. Eu estou só começando a ficar hábil em realmente desenvolver meus poderes. Eu corri a toda velocidade por quase uma hora e meia essa noite. E noite passada eu...” Deixei esse pensamento morrer antes que eu falasse demais.

“O que é isso tudo?” Gabriel perguntou. “Você esteve treinando para o quê?”

Gabriel! Sim, ele era quem poderia me ajudar a convencer meu pai.

“Daniel e eu estamos trabalhando em desenvolver os meus poderes. Nós pensamos que eu posso me tornar um Cão do Céu, como aquilo que você escreveu sobre os Urvat. Como esses poderes são usados para ajudar as pessoas. Como eles podem ser uma benção e não uma maldição. Daniel vem tentando me ensinar como usar as minhas habilidades, e eu estamos começando a descobrir como, mas agora que você está aqui, você pode me ensinar tudo que você sabe. Você pode me ensinar a como penetrar em meus poderes. Se você me treinar, então você pode me ajudar a reivindicar a benção aos Urvat, exatamente como você disse em todas aquelas cartas a sua irmã que queria fazer.”

Gabriel ficou de pé na frente de sua cadeira. Ele segurou o colar de pastor e arranhou sua garganta. “Não, Grace. Acho que é uma péssima ideia. Treinar é a última coisa que alguém como você deveria estar fazendo.”

Dei um passo para trás. Essa não era a resposta que eu esperava. “Mas você me viu lutar há uns minutos. Eu estou ficando mais forte e mais rápida. Quer dizer, você viu do que eu sou capaz...”

“Sim, Grace. Eu vi exatamente do que você é capaz. E esse é o motivo para eu não treinar você. Daniel nunca deveria ter começado, em primeiro lugar. O que você fez lá atrás foi perder o controle. Você queria me machucar. Vi isso em seus olhos.”

“Sim...” Fiquei calada pela frustração. Gabriel estava baseando todo seu conhecimento sobre mim nesse único incidente. Ele não me conhecia de verdade. “Mas isso nunca aconteceu antes. E não vai acontecer novamente. Foi um pequeno lapso... Eu posso fazer isso...”

“Um pequeno lapso é tudo que precisa Grace. Você tem alguma ideia de quão perto de se perder para o lobo você esteve? Tudo que você tinha de fazer era apertar mais.”

Papai se levantou de sua cadeira. Eu não sabia o que ele queria fazer, mas ele hesitou e encarou a mim e a Gabriel, obviamente se dando conta de que ele havia perdido algo antes de entrar no apartamento de Don. Daniel ficou congelado como uma estátua em sua cadeira, encarando o chão.

“Daniel, diga a eles. Isso foi sua ideia em primeiro lugar. Foi você que me convenceu de que eu poderia me tornar uma heroína. Você sabe que eu posso fazer isso.”

Daniel me devia isso, e eu tentei fazê-lo perceber isso em meu tom de voz. Depois de toda a merda na entrada da garagem, e qualquer que fosse o segredo que ele estava mantendo, *essa* era à chance dele recompensar por ter sido um idiota. “Fale a eles.”

Daniel respirou fundo. Ele não me olhou. “Sinto muito, Grace,” ele disse asperamente. “Mas eu acho que eles estão certos.”

“O quê?”

Meus lábios tremeram. Eu deveria estar brava, mas eu só me sentia magoada. Lágrimas surgiram por trás de meus olhos, mas eu as forcei a voltarem. Cair no choro agora não iria convencer ninguém de que eu era perfeitamente capaz de manter o controle. Eu não podia mais olhar para Daniel.

“Mas você disse que eu era especial,” eu disse a Gabriel, tentando mais uma vez convencê-lo. “Não era por isso que você queria vir até aqui? E não era isso que você queria? E não foi isso que você contou a Katharine que queria fazer? Descobrir um jeito de ajudar os Ubat a usar esses poderes para o bem? Lutar uma boa luta?”

“Eu escrevi essas cartas há oitocentos e trinta anos atrás, Grace. Eu costumava pensar que esses poderes poderiam ser usados para o bem. Mas eu não acredito mais em lutas. Eu não uso os meus poderes se posso evitar isso.” Gabriel andou para próximo de mim. “Você é especial, Grace. Eu posso dizer isso só por ouvir quão duramente você quer

salvar o seu irmão. Mas é por isso que nós não podemos perder você para a maldição.” Ele segurou minha mão novamente.

Puxei-a dele. Essa pessoa parada na minha frente não era o Gabriel que eu esperava—o Gabriel que eu havia imaginado conhecer algum dia. Esse não era o Gabriel que eu conheci através das cartas.

Eu não conhecia esse homem.

“Você *pode* ajudar as pessoas, Grace,” ele disse. “Mas não do jeito que você está pensando. Há outros modos de ser uma heroína nesse mundo. Isso é o que eu pretendo ensinar a você se você me permitir.”

Soltei um longo suspiro. “Bom,” eu disse, embora eu me sentisse distante disso. Eu só não queria mais falar. Como podia essas três pessoas que supostamente deveriam me ajudar virarem as costas para mim?

Papai bateu na sua mesa com os nós dos dedos e se sentou de volta em sua cadeira. “Eu preciso fazer um trabalho aqui. Mas vocês três deveriam ir para cama. Vocês três têm escola pela manhã.”

“Todos vocês?” Daniel perguntou.

Gabriel encarou seu colar.

“Conheça o Pastor Saint Moon, pastor júnior e nosso novo professor de religião,” papai disse. “Gabriel vai assumir as aulas de religião do Sr. Shumway e me dar cobertura na paróquia se eu precisar me afastar novamente.”

“Ele é o novo professor de religião?” Minha mente não podia realmente se envolver com a ideia de um monge católico de oitocentos e poucos anos transformado em lobisomem dando aulas de religião numa escola protestante para adolescentes. Mas a parte que me incomodava era que a minha decisão mental de nunca mais falar com Gabriel não ia funcionar se ele invadissem a minha vida escolar—e especialmente não ia funcionar se ele fosse se tornar meu maldito professor.

“Isso vai ser interessante,” eu disse, com um pouco de sarcasmo demais na minha voz.

“Eu concordo.” Gabriel fez uma careta. “Mas eu tenho que usar esse estúpido colar? Faz-me sentir como um cachorro na rédea de alguém.”

“Se acostume com isso,” eu disse.

“Grace,” meu pai redarguiu, com um severo tom de não-se-meta-nisso em sua voz. “Você deveria ir para casa. Daniel, você vai levar Grace de volta para casa?”

Encarei Daniel e cruzei meus braços na frente do peito. Eu não estava no humor de ir a qualquer lugar que fosse com ele, mas eu já havia aprendido que isso não era motivo para protestar contra.

“Na verdade, senhor.” Daniel se ergueu de sua cadeira. “Eu realmente preciso falar com Gabriel, sozinho. Isso não pode mais esperar.”

Papai encarou de Daniel para mim, como se estivesse percebendo a tensão entre nós pela primeira vez. “Muito bem.” Papai pegou um livro e o pôs em sua bolsa. “Vou terminar isso o mais rápido possível, e então ela pode ir para casa comigo.”

Daniel assentiu. Ele pegou sua mochila de lona e acenou para Gabriel ir com ele para o lado de fora. Ele nem sequer me olhou antes de sair.

Gabriel pôs uma mão em meu ombro. “Nós ainda vamos nos tornar amigos rapidamente, Grace.” Ele me dedicou um sorriso cansado. Seus olhos enrugados com a idade em seu rosto liso, jovem. “Você parece tanto com Katharine, sabe. Pelo menos há algo dela que eu posso me lembrar.” Ele tocou sua testa e então soltou meu ombro. Então ele seguiu Daniel para fora do escritório.

“Vai levar só uns poucos minutos,” meu pai disse.

Assenti e encostei-me à porta que Gabriel havia acabado de fechar atrás de si. Prendi o fôlego e me concentrei o máximo que podia para ouvir através da grossa porta de metal. Meus ouvidos queimaram apenas ligeiramente—estava se tornando mais fácil chamar a esse poder—e então eu ouvi a voz de Gabriel.

“O que foi, meu garoto?” ele perguntou a Daniel. Eles soavam como se estivessem há uns bons vinte passos da porta.

“Eu não sei,” Daniel disse. Sua voz estava ainda mais distante agora. Pelo som dela, eles estavam andando para longe dos fundos da paróquia. Provavelmente voltando para o apartamento de Don. Presumi que era lá que Gabriel deveria estar ficando. “Eu não tenho certeza sobre...”

“Gracie,” papai me chamou desde sua mesa.

Pulei. Soou como se ele houvesse gritado em meus ouvidos supersensíveis. Balancei a cabeça, e minha super-audição se foi.

“Vá ligar para sua mãe e dizer que você está comigo. Imagino que ela esteja esperando você em casa há um tempo.”

“Oh. Sim.” Hesitei por um momento e tentei sintonizar novamente na conversa de Daniel e Gabriel, mas então uma voz encoberta passou por minha mente.

Já usando seus poderes para o mal? Espiando a pessoa que você ama? Bom para você.

Pus as mãos em minha cabeça e andei para longe da porta. Como eu podia me deixar pensar sobre coisas tão inquietantes?

Capítulo Doze

Bom Samaritano

ESCOLA, NO DIA SEGUINTE

Praticamente todos estavam agitados sobre o novo professor de religião na segunda. Considerando que a média de idades dos professores na HTA passava dos quarenta, ter alguém tão jovem (mesmo que só pela aparência) como novo professor era *algo* a se comentar.

“Eu ouvi que ele é fofo,” April disse enquanto andávamos em direção a aula de religião avançada—a última aula do dia.

Eu estava contente por sua companhia, desde que Daniel e eu estávamos aparentemente nos evitando nesse dia. Ou pelo menos eu estava, considerando o fato de que eu havia escolhido sentar perto de April no fundo da sala na aula de artes já que o parceiro dela estava doente. April passou a maior parte da aula de artes esboçando roupas para mim. Mesmo que eu não me importasse sobre vestir uma capa violeta com uma grande lantejoula GL (para Garota Lobo!) nas costas, não tive coragem de dizer a ela que eu havia sido proibida de treinar—e se Daniel, Gabriel, e papai tivessem qualquer coisa a dizer sobre isso, eu nunca precisaria de algum dos desenhos delas. Mas agora eu quase desejava que April voltasse ao assunto do calçado ideal para o combate ao crime, porque debater os pontos finais de Gabriel, ou pastor Saint Moon, ou qualquer coisa que ele deveria ser, não era exatamente algo que eu queria fazer.

April suspirou quando passávamos através da porta da sala.

“É, ele é fofo. Na verdade, eu acho que lindo é uma palavra melhor para ele, não acha? Fofo implica certa infantilidade, mas...”

Encostei perto do ouvido dela. “Você sabe que ele é, tipo, um lobisomem de oitocentos-e-alguns-anos, certo?”

“O quê?” April fez mais umas dez perguntas em um único fôlego, mas eu tenho que admitir que a ignorei.

Gabriel parou perto da mesa de Daniel. Ambos olhavam para um pedaço de papel na mão de Daniel. Eu sabia que poderia usar minha super-audição — estava realmente ficando fácil controlar esse poder—para descobrir o que eles estavam dizendo, mas não gostei da ideia de usar minhas habilidades para espionar Daniel. Também sabia que eu

poderia provavelmente só andar até lá e perguntar sobre o que eles estavam falando. Eu normalmente sento perto de Daniel, de qualquer jeito. Mas honestamente eu não estava pronta para falar com nenhum dos dois. E desde que Daniel não havia tentado nenhuma vez falar comigo desde a noite anterior, muito menos tentado fazer um pedido de desculpas sobre seu paradeiro e então virar as costas para mim, eu puxei uma falante April para o lado oposto da sala.

“Ei, Grace,” Miya Nagamatsu disse depois que eu sentei na frente dela.

“Oi,” Sorri para ela. Principalmente porque sua presença significava que April iria parar de me perguntar coisas sobre o status-lobo de Gabriel.

“Nós nunca mais a vimos por aqui.”

Encolhi os ombros. Esse era o negócio sobre quando April e eu deixamos de ser amigas. Era como se tivéssemos um acordo não dito de que ela poderia manter todos os nossos outros amigos, como Miya, Claire e Lane. Elas normalmente almoçam juntas no Rose Crest Café enquanto eu fico para trás na sala de artes para trabalhar com Daniel, e algumas vezes com Katie Summers. Só que hoje Daniel saiu assim que o sinal para o almoço tocou, então era só eu e Katie trabalhando em nossas pinturas—e ela era definitivamente muito menos falante sem Daniel por perto.

“É,” disse Claire. “Nós sentimos sua falta.”

“Obrigada, gente.”

“Você e Daniel terminaram ou algo assim?” Miya apontou para Daniel através da sala. “Vocês normalmente estão grudados.”

Assim que ela disse isso, Daniel olhou para mim. Nossos olhos se encontraram por um momento, e ele me dedicou meio sorriso. Mais tristeza presa à sua expressão do que eu gostaria de ver. Isso fez meu coração parecer vazio.

O que está acontecendo com ele?

“Não,” eu disse a Miya. “Eu só quis uma mudança por hoje.” Mas logo senti a necessidade de diminuir a distância entre Daniel e eu. Sim, Daniel havia mentido, e ele não estava comigo quando eu precisei dele, mas ele estava obviamente passando por algo. Odiei a mim mesma por ser estúpida e mesquinha e não estar lá por ele agora.

Mas justo nesse momento Katie Summers deslizou na mesa vazia perto de Daniel, onde eu normalmente me sentava. Ela se inclinou e perguntou algo a Daniel. Ele tirou os olhos de mim e respondeu a ela.

O sinal tocou. Virei minha atenção de má vontade para Gabriel quando ele entrou na sala. Ele escreveu as palavras do Pastor Saint Moon no quadro branco na frente da sala. Perguntei-me por que ele usou aquele nome. Era o nome de casada de sua irmã – não o seu.

“Sou novo em Rose Crest, mas estava imaginando que alguns de vocês conhecem meu tio, Donald Saint Moon. Talvez a maioria o conheça por Don Mooney.”

Quase deixei escapar um baixo riso. A ideia de Don ter sido *tio* de Gabriel era de algum modo engraçada—era mais para ele ser seu tatara-tatara-multiplicado-por-dez sobrinho-neto.

“Eu quero ir logo onde o senhor Shumway parou. Quem lembra o que vocês discutiram na semana passada?”

A mão de Kathie se ergueu. “Nós havíamos recém começado a discussão no parágrafo do Bom Samaritano. Nós lemos o relato bíblico na última aula em que o Sr. Shumway esteve aqui.”

“Grace,” Gabriel virou-se para mim. “Você pode nos dizer o que você sabe do Bom Samaritano?”

“Como?” A única coisa que eu podia pensar no momento era como o cara da jaqueta de couro havia chamado Talbot de Bom Samaritano quando ele parou uma briga no clube. A imagem de Talbot inclinado sobre mim jogada no chão—oferecendo sua mão para me ajudar, névoa girando atrás dele—atingiu minha mente. Empurrei a imagem para fora da minha mente. Era uma coisa estúpida para ficar pensando, e certamente não era o que Gabriel queria ouvir.

“Você pode resumir a história para nós?” Gabriel perguntou.

“Ah claro, sim.”

“Levante-se para que todos possam vê-la.”

Fiquei de pé. “Um homem judaico foi roubado, espancado, e deixado largado para morrer na beira da estrada. Dois homens ricos de seu mesmo povo o viram, mas não fizeram nada porque tinham medo. Mas quando um Samaritano—que os judeus odiavam—o viu, ficou com pena e o levou para uma pensão e pagou para ter certeza de que ele seria alimentado e cuidado.”

“E o que isso diz a você?”

Pensei sobre isso por um momento. “Diz que se você tem a habilidade e a oportunidade de ajudar alguém, mas você não o faz só por causa do medo ou por ser inconveniente ou algo assim, então talvez você seja tão mau quanto à pessoa que causou o primeiro problema.”

“Boa análise,” ele disse. “Obrigado.”

Estava prestes a me sentar novamente, mas algo na explicação me incomodou. “Então isso não significa que se você tem os meios necessários para ajudar alguém, você deve fazê-lo? Quero dizer, o Bom Samaritano poderia ter o deixado ali e seguido andando

como todos os outros. Mas ele escolheu fazer algo, ao invés disso. É isso que o faz um herói. Ele não deixou o *medo* detê-lo.”

“Sim, mas o Samaritano também não tentou caçar os bandidos e lutar com eles. Ele ajudou o homem ferido como caridade e compaixão. Violência e brigas não é a resposta.”

“Mas e se estivesse na guerra? E se fosse uma batalha entre o bem e o mal? Não deveria ‘lutar fogo contra fogo’?” Olhei para Daniel, porque era assim que ele havia descrito a razão para Deus ter criado o Ubat em primeiro lugar. Na batalha contra diabos e demônios, Deus havia criado seus próprios guerreiros para proteger a espécie humana. Ele os havia saturado com a essência das mais poderosas bestas nas florestas—os lobos antigos—para “lutar fogo contra fogo.” Olhei novamente para Gabriel. “Quando você está numa guerra contra algo ruim, então é totalmente diferente, certo? Algumas vezes você tem de usar medidas extremas para proteger quem você ama?”

Gabriel limpou a garganta. “Acredite em mim, Grace. Eu estive na guerra. Não é um lugar que você gostaria de ir.”

Eu não sabia o que dizer em retorno, então Gabriel e eu só ficamos parados ali, encarando um ao outro por um momento, até Claire perguntar atrás de mim. “Você esteve no Oriente Médio?”

Gabriel piscou e olhou para ela. “Desculpe, como?”

“O Oriente Médio? A guerra? Meu irmão está no Iraque.”

Gabriel deu um passo atrás. “Ah, sim. Eu estive no Oriente Médio.”

“Como é?”

“Não me lembro. Foi há muito tempo.” Sua voz era suave, e não tenho certeza se ele disse isso alto o suficiente para alguém, além de mim, ouvir.

Sentei novamente em minha cadeira e abri meu caderno.

“Que tal nós passarmos para a próxima lição?” Gabriel perguntou para toda a classe. “Entendo que vocês já estiveram discutindo os princípios dos assuntos bíblicos, mas eu acredito firmemente que é melhor seguir falando e interagir nas lições que devem aprender é o melhor. Praticar o que pregamos, por assim dizer. E de acordo com o que o Sr. Shumway havia planejado para as próximas semanas, parece que nós pensávamos parecido”. Gabriel voltou ao quadro e escreveu em letras grandes: *Projeto de Estudo Religioso Avançado*.

“Sr. Shumway tinha planos para instituir um novo requerimento para todos os veteranos que quisessem se formar esse ano. Ele queria cada um de vocês para cumprir um intensivo projeto de serviço comunitário antes que o primeiro semestre acabasse. Penso que é uma ideia brilhante, e planejei seguir em frente com os acordos que ele já fez.”

Sentei-me com a coluna ereta. Essa deveria ser a grande surpresa que o Sr. Shumway nos preparou antes de sair.

“Antes das férias?” Chris Conway, o filho do diretor, parou de desenhar chamuscas em seu caderno. Fiquei surpresa por ele estar prestando atenção alguma vez. “Só tem mais duas semanas até o fim do primeiro semestre. É impossível.”

“Não é impossível, e eu vou dispensá-los da escola uma hora antes todos os dias para irem aos projetos.”

“Nós podemos fazer o que quisermos?” April perguntou. “Eu poderia fazer bijuterias para as crianças no hospital infantil.”

“Na verdade o Sr. Shumway já arrumou os projetos para vocês. Nós vamos trabalhar com um grupo chamado Fundação Rock Canyon.”

“Eles têm seu próprio abrigo na cidade, certo?”

“Certo, Grace.”

“Sinto muito, mas não vai ter como meus pais me deixarem trabalhar nesse abrigo,” Katie disse. “Eles não me deixam ir à cidade nunca desde que esses bandidos invisíveis começaram a rodar por lá.”

“É por isso que nós vamos nos dividir em dois grupos. Um grupo vai estar perto de casa. O Sr. Shumway originalmente planejou para esse grupo se voluntariar na Fundação Rock Canyon no centro mais antigo em Oak Park. De todo modo, vou fazer algumas modificações nisso. Assumo que a maioria de vocês deve ter ouvido sobre o que aconteceu no mercado de alimentos? Ouvi que o proprietário precisa de ajuda para erguer a loja e voltar a trabalhar. É mais sobre limpeza e algumas luzes a serem arrumadas, e imagino que eles poderiam usar um angariador de fundos e algumas horas de trabalho nas próximas semanas.”

“Daniel Kalbi vai liderar esse grupo, já que ele já trabalha para o Sr. Day. Aqueles que não podem ficar viajando, ou já tem trabalho depois da escola, vão estar nesse grupo. Sr. Shumway já havia contatado cada um de seus responsáveis para pedir permissão e dividir a classe em dois grupos. Daniel tem os nomes daqueles que vão ficar em Rose Crest.”

Daniel acenou com o papel que ele havia estado olhando com Gabriel.

“Daniel, você vai precisar de um co-capitão.”

Comecei a erguer minha mão, mas juro que Gabriel me ignorou deliberadamente. “A jovem dama sentada perto de Daniel, qual o seu nome?”

“Katie Summers,” ela disse. “Ficaria feliz em ser a co-capitã”.

“Bom” ele disse. “Ajude Daniel a passar as instruções a cada um da lista.”

Perfeito, pensei. Ergui minha mão novamente. “Eu gostaria de estar no grupo de ajuda ao mercado, porque já estive lá ajudando com a limpeza.”

“Na verdade, Grace,” Gabriel finalmente prestou atenção em mim. “O Sr. Shumway especificou você para ser capitã do segundo grupo, e eu concordei que você seria perfeita para isso. Seu time vai trabalhar com a Fundação Rock Canyon como parte do projeto Bom Samaritano. Vocês vão ser divididos em pares e terão um motorista, que vai levá-los para vários projetos aqui na cidade e em cidades vizinhas. Qualquer coisa para entregar comida no Meals on Wheels, trabalhar no Boys and Girls Club, ajudar os idosos com as tarefas domésticas... Qualquer coisa que eles precisarem. Esse grupo vai realmente sair daqui e servir nas necessidades da comunidade.”

“Isso é falso,” Chris disse. “Meu pai nunca nos deixaria sair do campus desse jeito.”

“Na verdade, seu pai vai ajudar a inspecionar os grupos por hoje. E eu acho que você vai ser um bom co-capitão para Grace.”

Ainda mais perfeito. Duvidava que Chris houvesse feito uma simples contribuição para escola nos últimos três anos. A única razão para ele não ter sido chutado para fora da HTA era porque seu pai era o diretor. Podia imaginar a mim mesma fazendo todo o trabalho sozinha.

Estava prestes a protestar e insistir para ficar no grupo de Daniel, mas me dei conta de que essa poderia ser a oportunidade perfeita para procurar por Jude na cidade novamente.

Talvez eu conseguisse sair em algum momento—demarcar o The Depot, mas incógnito desta vez, ou alguma das outras empresas vizinhas.

“Ok,” eu disse. “Então quando nós vamos começar?”

NO ÔNIBUS ESCOLAR

Gabriel não estava brincando ao dizer que o Sr. Shumway já tinha tudo planejado. Ele tinha permissões assinadas por todos os pais, e nós estávamos prontos para começar a trabalhar imediatamente.

Metade da sala foi ao mercado com Daniel e Gabriel, e o resto de nós subiu num ônibus escolar com o diretor Conway. Pensei que nós não começaríamos pelo menos até o dia seguinte, mas Gabriel disse que o projeto deveria começar na sexta passada, então o pessoal do Rock Canyon estava ávido para nos ver trabalhando. Mas não vi problemas com esse repentino desenvolvimento, já que isso significava que eu poderia ir à cidade mais cedo do que o esperado.

Só o diretor Conway nos informou que iríamos nos encontrar com o grupo Bom Samaritano no centro de recreação em Apple Valley. Só alguns de nós poderíamos ir à cidade—dependendo da agenda de nossos motoristas.

Passei a pilha de papéis que Gabriel havia me entregue antes de entrar no ônibus. Ele já havia combinado com todos, com Chris e eu trabalhando juntos, exatamente como eu temia. Quando o ônibus parou no centro de recreação, todos nós saímos do ônibus e fomos recebidos por uma fila de vans estacionadas, todas com o símbolo do Rock Canyon—duas mãos unidas.

“Nosso motorista vai estar aqui de volta em duas horas, então nós pegaremos o ônibus de volta para a escola,” instrui. Então o grupo se separou, e eu segui atrás com o diretor Conway para ter certeza de que cada um havia entrado na van certa e tudo estava certo.

Senti uma pontada de inveja quando acenava para April e Claire, então elas entraram numa van e saíram com uma motorista de meia-idade na última das vans.

Minha pilha de papéis dizia que eu supostamente deveria ir na van número 8, mas ali havia apenas sete vans disponíveis, e agora todos, exceto eu, o diretor e Chris, haviam partido.

“Isso é estranho,” o diretor Conway disse. “Vou falar com o diretor¹¹ e ver o que aconteceu com a última van.” Ele puxou seu celular e saiu falando dentro do centro de recreação.

11 – Nesse caso, são dois tipos diferentes de “diretor”, o ‘principal’ e o ‘director’.

Chris e eu ficamos parados no estacionamento por um momento. O vento bagunçava meu cabelo. Esfreguei meus braços. Tinha sido um outono excepcionalmente quente esse ano, mas no momento eu desejei ter levado uma jaqueta. Felizmente a última van não levaria muito tempo para chegar aqui.

“Isso é chato,” Chris disse. “Tô fora.”

Ele jogou a mochila sobre os ombros e começou a andar para longe.

“Hmm, onde você pensa que está indo?” Chamei atrás dele.

“Vi um fliperama descendo a rua. Vou estar de volta em poucas horas, antes do ônibus voltar.”

“Mas a van está aqui.” Apontei para a van branca com tinta escura nas janelas e as mãos unidas, que estava entrando no estacionamento.

“Que seja,” Chris disse, e continuou andando.

A van branca parou exatamente a minha frente. Não gostei do fato de não poder ver através das janelas. Era uma coisa entrar em uma van com um total estranho quando, pelo

menos, outra pessoa da escola deveria estar junto comigo, mas agora eu estava sozinha, e não gostei nem um pouco da ideia. Meus braços se arrepiaram, e hesitei na calçada.

A janela do passageiro da van rolou para baixo alguns centímetros. “Você vem?” Uma profunda voz chamou desde dentro. Eu ainda não podia ver o motorista.

Virei para a entrada do centro de recreação, para ver se o diretor Conway estava voltando mais cedo.

“Nós temos que pegar a estrada se quisermos estar de volta na hora que o ônibus estiver aqui.”

Peguei minha mochila e andei até a van. Puxei a porta aberta e estava prestes a dizer para o motorista ir sem mim.

“Grace Divine?” perguntou o motorista. Ele sorriu para mim por baixo de seu boné de baseball. As mangas de sua camisa de flanela estavam dobradas até os cotovelos. “Eu disse a você que estaria por perto.”

Eu quase caí para trás. Agarrei o puxador da porta para me segurar. “Nathan Talbot? O que diabos você está fazendo aqui?”

Capítulo Treze

Resgate

MEIO SEGUNDO DEPOIS

“Chame-me de Talbot, por favor. Ninguém exceto minha mãe me chama de Nathan.”

“Ok, *Talbot*, então... sério, o que você está fazendo aqui?” Eu estava parada no meio da porta da van.

“Hum, o meu trabalho?” Talbot tirou o boné para mim. Tinha o logo de mãos apertando bordado na frente.

A camisa de flanela desabotoada dele revelou uma camiseta debaixo desta com as palavras ROCK CANYON FOUNDATION: PROJETO O BOM SAMARITANO escrito na frente. Imaginei que era por isso que o cara no clube havia o chamado de Bom Samaritano.

Talbot deu um tapinha no banco do passageiro. “E então você vai entrar, ou o quê?” Hesitei de novo e olhei novamente para o centro de recreação. Nenhum sinal de Diretor Conway ou Chris em qualquer lugar perto.

“Eu não mordo, eu juro.” Talbot sorriu e as covinhas dele apareceram nas suas bochechas bronzeadas. “Como eu disse, temos que pegar a estrada agora, se nós queremos fazer isso e voltar a tempo para o ônibus.”

Eu não poderia evitar encarar o sorriso amigável de Talbot, enquanto ele falava. Essa onda de familiaridade quente rolou através de mim. O que aconteceu com ele?

Quero dizer, ele estava apenas um passo acima de um estranho, mas algo sobre ele me fez sentir como se fôssemos velhos amigos. *Você pode confiar nele*, uma voz suave sussurrou dentro da minha cabeça.

“Sim. Ok.” Eu subi na van e sentei no banco de passageiro. Eu olhei para trás na entrada do centro de recreação uma última vez e imaginei que o Diretor Conway saberia que eu tinha saído com a última van quando ele voltasse e eu tivesse ido.

“Onde está seu parceiro?” perguntou Talbot.

“Ele se foi. Indo rua abaixo para um fliperama.”

“Bom,” Talbot disse. Ele agarrou o volante com suas mãos grandes, bronzeadas e dirigiu a van longe do meio-fio e pelo estacionamento. “Eu odeio quando eu recebo determinadas crianças que não querem fazer o trabalho.” Seus olhos verdes acenderam em minha direção. “Você quer fazer isso, certo?”

“Claro.” Eu prendi o cinto de segurança quando nós pulamos do estacionamento na rua. “Hum... Você não está me seguindo por aí, certo?”

“Muito egocêntrica?” Talbot riu. O som da sua risada despertou novamente aquelas ondas quentes pelo meu corpo. Isso me fez estremecer.

“Sou eu que deveria estar te perguntando isso, você não acha?” Talbot disse. “Você vai aparecer no meu quarto na próxima?”

Corei. “Não, hum, é só estranho ver você de novo.”

Talbot parou em um sinal vermelho. “Estranho assustador ou estranho agradável?”

Ele sorriu para mim novamente, fazendo com que suas covinhas ficassem super evidentes. Por que ele me fazia sentir como se eu estivesse enrolada em um cobertor quente numa tarde fria de inverno? E como poderia ser um sentimento reconfortante, mas perturbador ao mesmo tempo? Desviei o olhar para que ele não notasse o rubor de calor no meu rosto.

“Estranho agradável, eu acho.”

Talbot ligou o pisca-pisca e puxou a van para a estrada. Nós dirigimos na direção da cidade. Eu sentia um pequeno arrepio de antecipação pela possibilidade de ter outra chance para procurar Jude.

“Você me salvou de um problema de qualquer maneira,” Talbot disse.

“Como é que é?”

“Agora eu não tenho que tentar rastrear o seu número. Embora eu duvide que haja muitos Divines lá fora.”

Droga, eu corei ainda mais agora. O que havia de errado comigo? “Você estava procurando o meu número?”

“Sua amiga deixou cair a pulseira no clube. Achei que ela ia querer de volta, mas ela não me disse seu sobrenome. Mas o seu foi difícil esquecer. Eu tenho a pulseira na minha mochila atrás. Me lembre para dar a você antes de sair.”

“Ah, tudo bem.” Um pouco de alívio acalmou meu rosto queimando. É claro que ele não queria me ligar apenas por uma questão de me ligar. “Então, para onde estamos indo, afinal?”

“Eu tenho cerca de vinte caixas de livros doados na parte de trás da van. Nós estamos levando-os para a biblioteca na Rua Tidwell. A maioria de seus livros começou a estragar cerca de uma década atrás.”

“Só isso?”

“O quê, não excitante o suficiente para você?”

“Eu não sei, acho que esperava algo um pouco mais prático. Eu realmente não entendi o ponto de eu estar aqui apenas para ajudar a entregar alguns livros.”

“Você está aqui porque eu estou supostamente te ensinando os melhores pontos de ajudar o seu companheiro. Caridade não é sempre fascinante. Sim, algumas semanas nós fomos escolhidos para alimentar os necessitados ou ajudar a construir uma casa em um fim de semana, mas a metade do que eu faço é apenas entregas.” Ele ajeitou o chapéu. “Mas não se preocupe, nós vamos por a mão na massa eventualmente.”

Eu atirei um olhar surpreso a ele embora minha face brilhasse mais que antes.

“O quê?” Ele sorriu maliciosamente. “Não me diga que você tem medo de sujar as mãos? Porque se você for uma daquelas crianças que fica assustada com as pessoas sem abrigo ou está muito preocupada em quebrar uma unha para balançar um martelo, eu deveria apenas ligar a van e dar uma volta agora e pedir um novo parceiro...”

“O quê? Não. Em primeiro lugar, eu não sou uma criança. Eu vou fazer dezoito anos em três meses. E eu definitivamente não tenho medo de sujar as mãos.” Eu não sei por que, mas senti a necessidade de me justificar para Talbot—me provar ou algo assim. Talvez fosse porque Gabriel tinha feito tantas suposições sobre mim depois do nosso primeiro encontro, que eu não queria que Talbot fizesse o mesmo. “Caridade não é exatamente novidade para mim. Meu pai é um pastor. Costumávamos fazer coisas como esta o tempo todo. Você sabe quantas horas eu costumava gastar ajudando com unidades de alimentação e de voluntariado no abrigo?”

“Costumava? Por que você diz que *costumava*?”

Eu olhei para fora da janela, observando os pedestres na rua. Estávamos na cidade agora, então eu queria manter meus olhos atentos para qualquer um que pudesse se parecer com Jude. “As coisas ficaram complicadas ultimamente. Passou um tempo desde que eu fui capaz de fazer a diferença para alguém.”

“Bem, agora é a sua chance.” Talbot entrou numa vaga para estacionar de entregas da biblioteca. Cada um de nós saiu, e eu o encontrei na parte de trás da van.

A biblioteca Tidwell esta apenas a poucos quarteirões da rua Markham e do The Depot. Eu verifiquei os rostos de cada pessoa na rua.

Eu sabia que Jude poderia estar em algum lugar próximo, mas se este lugar fosse qualquer coisa como Markham, o bairro seria abandonado no momento em que sol se pôr.

Talbot abriu as portas de trás da van. “Vamos lá, vamos começar.” Peguei uma caixa e quase cai por causa do peso da coisa. Eu finalmente me equilibrei e olhei para Talbot. Ele tinha três caixas de mesmo tamanho empilhadas em seus braços.

“Você pode fazer melhor que isso, *criança*,” ele disse, com um pouco de provocação em sua voz naquela última palavra.

“Sim, certo.”

Eu pensei que levaria um milhão de anos para descarregar todas essas caixas na biblioteca, mas Talbot levava seis caixas para cada uma que eu conseguia levar pra dentro. Eu odiava parecer fraca em sua frente e eu fiquei tão aborrecida comigo que eu consegui juntar uma explosão de força que me ajudou a levar duas caixas em minha última viagem. Considerando o quanto foi fácil, eu desejaria ter sido capaz de fazer isso na primeira vez. Mas eu acho que eu realmente não queria que Talbot notasse minha taxa desproporcional de sobre-força-na-parte-superior-do-corpo.

“Assim mesmo,” Talbot disse quando ele segurou a porta aberta para mim em seu caminho para fora. Eu carreguei as duas últimas caixas para o balcão de informações e as deixei com o bibliotecário.

“Então, onde agora?” Eu perguntei quando voltei para a van, sentindo como se eu tivesse recebido um segundo fôlego. “Podemos ir pintar sobre alguns grafites ou algo parecido?”

“Não tenho certeza se temos tempo para isso, garota.” Talbot tirou seu chapéu. Seus cabelos ondulados castanho todos esmagados contra sua cabeça o fez parecer com um garoto. Ele estendeu a mão para passar pelo cabelo. Mas então ele largou o chapéu e se virou. “Você ouviu isso?”

“Ouvi o quê?”

Eu me concentrei, prendendo a respiração até que eu senti uma cortante irritação nos meus ouvidos. Então ouvi, também: um grito de mulher.

Parecia tão perto em meus ouvidos que eu pensei que ela deveria estar a apenas alguns metros de distância, mas a rua estava escura e deserta, exceto por Talbot e eu. Ele poderia ter vindo de alguns quarteirões de distância pelo que parecia.

“Vamos!” Talbot disse. “Nós temos que ajudar.”

“O quê? Não. Devemos chamar a polícia!”

Eu tentei puxar o meu telefone do meu bolso.

O grito soou de novo, mas cortou de repente, como se alguém tivesse coberto a boca da mulher. Meus músculos chamejaram.

“Não há tempo.” Talbot agarrou meu pulso. “A polícia não pode ajudá-la, mas *você* pode.”

“Eu?”

Talbot soltou do meu braço. “Eu vou.” Ele jogou as chaves van para mim. “Se tranque na van, se você estiver com muito medo.” Ele saiu correndo na direção do grito.

“Pare!” Eu gritei depois dele. “Você vai se matar!”

“Não, se você cuidar das minhas costas,” ele gritou.

Que diabos ele quis dizer com isso? Olhei para as chaves na minha mão. Eu tinha pego no ar, mesmo sem perceber. Quando olhei para cima novamente, Talbot já havia desaparecido ao virar da esquina.

“Droga, ele *vai* ser morto,” eu disse para mim mesma. A tensão em meus músculos corria como fogo. Meu corpo queria fazer *algo*, mesmo que o meu melhor julgamento gritou para eu ficar parada. Em seguida, um estrondo explosivo sacudiu o céu. *Um tiro!*

Vá! gritou uma voz estranha na minha cabeça. Eu comecei a correr antes mesmo que eu pudesse parar. Em questão de segundos, eu dobrava a esquina, onde Talbot tinha virado, e dei de cara com uma mulher que estava correndo na direção oposta. Lágrimas escorriam pelo seu rosto, e ela prendeu a camisa rasgada fechando na frente de seu peito.

“Sinto muito. Você está bem?” Eu tentei agarrar o braço dela, mas ela se afastou do meu toque.

“Afastese,” ela gritou, e continuou correndo.

Mas eu não podia sair sem Talbot. Eu andei mais alguns passos e parei na cena em frente a mim. Três caras. Dois vestidos de preto com máscaras vermelhas de esqui brilhante. Eu poderia dizer pela sua leve aparência que eles eram provavelmente adolescentes. A terceira pessoa era Talbot. Um dos caras mascarado tinha lhe empurrado contra uma parede de cimento, um revólver pressionado para a sua cabeça—a boca da arma perdida no grosso cabelo de Talbot.

Eu tentei não gritar. Eu realmente tentei. Eu sufoquei tão forte quanto eu pude, mas um alto e aguçado grito escapou da minha garganta. Eu joguei minhas mãos sobre minha boca.

O cara empurrou a mão contra o tórax de Talbot, pressionando contra a parede. Ele gesticulou em minha direção.

“Nós temos companhia.”

O segundo cara virou para mim. Ele não tinha um rosto a não ser os dois olhos negros que olharam para mim através dos furos na máscara de esqui vermelho.

“Traga ela aqui,” ordenou o atirador.

O outro cara deu um passo em minha direção.

“Faça algo, Grace,” disse Talbot.

O cara deu um segundo e um terceiro passo.

Fazer o quê? Correr? Mas eu estava congelada a esse ponto. Exceto que eu não estava tecnicamente congelada, uma vez que cada célula do meu corpo estava como os fogos de artifícios de Quatro de Julho sob a minha pele.

O homem tinha apenas meia dúzia de passos para terminar distancia entre nós, mas eu ainda não podia me mover. Meu estômago cerrou em um nó quente.

“Droga, Grace!” Talbot gritou. “Faça alguma coisa. Eu sei que você pode.”

“Fazer o quê?” Eu gritei de volta.

“Essa sensação em seu estômago? Isso é raiva. Isso é o poder. Agarra-se a ele e chuta o traseiro desse cara!”

Como ele sabe...?

“Cale a boca.”

O atirador deu um tapa na cabeça de Talbot com a arma. Uma gota de vermelho escorria na sua testa. “Pegue a menina, agora!” Ele ordenou a seu companheiro.

Talbot estava certo. Esse nó no meu estômago tinha se tornado uma raiva flamejante. Daniel me dizia para afastar isso. Encontrar o equilíbrio. Mas, com o grande bandido mascarado me alcançando, deixei a raiva me banhar, e meus punhos voaram. Eu o soquei no intestino, e ele foi cambaleando de volta para trás. Eu não tinha ideia de que eu era capaz de bater tão forte.

Ele bateu na parede de tijolos do edifício próximo, mas não parecia perturbado. Ele se conteve e veio em minha direção. Eu saí do seu caminho, mais então ele se virou e agarrou a minha camisa. Um dos punhos dele tinha tatuagens das letra R e S entre as juntas dele. Este sujeito fedia, e o cheiro de leite velho de dois meses atrás me irritava mais. Eu agarrei as mãos dele e as torci longe de mim, então baixei o corpo dele mais perto e dei um chute em sua virilha. Ele grunhiu com dor. Sua língua saía da boca. Eu o empurrei, e ele cambaleou para trás. Chutei na rótula esquerda do joelho, enquanto ele estava instável, e ele se dobrou sob o seu próprio peso e caiu no chão. Eu olhei para ele, minhas mãos em punhos.

“Ei!” O atirador gritou. “Você vai pagar por isso.”

Cuidado! Ouvi dentro de minha cabeça, e olhei para cima a tempo de olhar para o cano de uma arma.

“Não!” Talbot gritou, e em um movimento ultrarrápido, ele saiu do controle do cara e depois ficou com a arma do homem na mão dele. Talbot bateu o braço do cara para baixo e depois contra o seu joelho. Eu juro que ouvi o estalo de ossos.

O cara largou a arma e puxou seu braço na frente do peito, gemendo. Ele deu um golpe selvagem em Talbot com o braço que não estava machucado. Talbot bloqueou o golpe e quebrou a palma de sua mão na máscara de esqui do cara, provavelmente, onde seria seu nariz. O cara bravejou e tossiu.

“Que diabos, cara?” Ele ofegou e puxou à máscara de esqui dele, mas antes de ele pudesse tira-la, Talbot deu um pulo, saltou para a parede de cimento como se fosse um trampolim e deu um pontapé no tórax do sujeito. O atirador foi jogado no chão. Talbot parou em uma posição agachada ao lado dele. Havia apenas luz suficiente do lado esquerdo no beco escuro refletindo o brilho de seus olhos verdes, fazendo-os parecer como esmeraldas deslumbrantes.

Eu ofeguei. “Você é um... Você é um...”

“Um Urvat.” Talbot se endireitou. Ele cruzou o beco entre nós, então colocou a mão quente e calejadas contra o meu braço. “Assim como você.”

DE VOLTA A VAN

O bandido que eu havia derrubado fugiu durante o confronto, e Talbot queria ter certeza de o outro não escapasse quando recuperasse a consciência. Eu não pude deixar de ver os grandes músculos nos antebraços de Talbot ondularem quando ele usou o cinto dele para atar o atirador próximo à caçamba. Ele fez isso com tanta facilidade que eu imaginei ele amarrando um bezerro em qualquer fazenda de onde ele supostamente veio. Talbot então esvaziou a arma de suas balas e colocou no bolso da frente de sua camisa de flanela. Então, ele limpou a arma com sua camisa e jogou ao lado da cabeça do cara semiconsciente. “Para evidências,” disse ele.

“Eu deveria chamar a polícia agora?” Eu tirei meu telefone.

“Deixe-me fazer isto,” Talbot disse. “Meu telefone é pré-pago, assim eles não poderão localizar.”

“Você quer dizer que nós não vamos ficar?”

“O que nós diríamos? Além disso, eu tenho que levar você de volta para o ônibus antes que pensem que eu fugi com você. Eu não posso perder esse emprego.”

Puxou o seu telefone e fez sinal para eu o seguir para fora do beco.

“Nós vamos apenas deixar ele aqui assim?” Eu olhei para o cara, deitado de lado, gemendo de dor. “Parece um pouco desumano.”

“Aquele cara tentou te matar, Grace.” Ele abriu seu telefone. “Além disso, ele não é humano. Ele é o que você chama de demônio.”

No começo eu pensei que ele estava sendo metafórico, mas em seguida entendi o seu significado. “Um demônio? Vivo, verdadeiro, genuíno demônio?”

“O quê? Não me diga que você nunca tinha visto antes.”

Dei de ombros. “Bom, não realmente. Eu conheci um uma vez em uma festa. Ela fez este truque de controle da mente um pouco com os olhos.”

“Ah, um Akh. Eles são uma espécie terrível.” Ele estalou a língua. “Este aqui é um Gelal. Eles são predadores de mulheres jovens. Aquela menina teria passado por todos os tipos de inferno se não tivéssemos aparecido.”

“Como você pode saber?” Eu perguntei. O cara ainda parecia uma pessoa para mim. Eu estava louca para ir lá e tirar a máscara para ver o como ele realmente era por baixo.

“O cheiro.” Talbot enrugou seu nariz. “Você realmente é uma novata, não é? Eu aposto que você ainda nem descobriu como rastrear alguém ainda.”

Olhei para o chão. O demônio mascarado soltou um gemido alto e com raiva.

“É melhor ir embora,” disse Talbot. “Estou apenas esperando a polícia chegar aqui antes que ele fique forte o suficiente para se libertar.”

Talbot apertou um botão em seu telefone e colocou na sua orelha.

“Você tem o 911 na discagem rápida?”

“Eu disse que fazia muitas *entregas*.”

Segui-o para fora do beco. “Espere, você quer dizer que você faz muito *isso*?”

Mas Talbot não respondeu. Ele estava muito ocupado contando ao operador do outro lado da linha que uma jovem foi atacada perto da biblioteca Tidwell e que eles encontrariam o autor por trás de uma lixeira perto Tidwell e Vine. Ele desligou antes que eles pudessem fazer perguntas.

“Você ainda tem as chaves?”

“Hum, sim, eu espero.” Eu revistei os bolsos e encontrei as chaves. Talbot destrancou a porta do lado do passageiro e segurou aberta para mim. Em algum momento enquanto Talbot fechava minha porta e sua ida ao lado do motorista, o choque de tudo o que tinha acontecido finalmente me bateu. Minhas mãos tremiam tanto que eu mal conseguia apertar meu cinto de segurança.

“Você está bem?” Talbot perguntou. “Você fez uma coisa impressionante lá atrás. Assim como eu sabia que você iria.”

“Mas como... Como você sabia que eu poderia mesmo fazer alguma coisa? Como você sabe o que eu sou?” Eu já tinha perguntado como ele sabia que eu era um Urbat mais

cedo, mas ele insistiu em cuidar do atirador antes que nós conversamos sobre isso. Mas agora eu queria respostas.

“Seu colar.” Talbot estendeu a mão e tocou o pingente da selenita rachado preso em meu pescoço. “Um tipo de dádiva morta, se você pensar assim.” Ele tocou de leve um de meus cachos contra meu pescoço com os dedos dele enquanto ele afastava sua mão. “E eu a vi lutar de volta no The Depot. A maioria das meninas não pode dar um chute daqueles em um cara tão grande, a menos que ela esteja armada com algum calor paranormal.” Ele enrugou o nariz novamente. “Além disso, você de certa forma fede, também.”

“O quê?” Eu cheirei os meus braços. Eu cheirava perfeitamente normal para mim, tudo bem, meio suada da luta, mas não em todo, como esses caras naquele beco.

Talbot riu, seu rosto tem covinhas em seu sorriso.

“Seu idiota!” Eu dei um soco de brincadeira no braço.

Ele agarrou minha mão. “Ei, cuidado, garota. Você tem um bom gancho de direita.”

A mão de Talbot, se envolveu em torno de meu punho, parecia enorme por comparação. Eu podia ver as veias que se estende ao longo de seus tendões. Ele apertou meus dedos, e um pulso de energia e formigamento correu até meu braço e minha espinha. Parecia a ligação que tinha passado entre Daniel e eu quando nos demos as mãos no Jardim dos Anjos. A sensação de formigamento virou-se para um estremecimento. Eu puxei minha mão para longe do alcance de Talbot. Não estava certo de sentir esse tipo de energia com alguém que não fosse Daniel.

Cruzei os braços na frente do meu peito. Talbot desviou o olhar longe do meu rosto. Tossiu um pouco e ligou a van. Levando-nos para longe da biblioteca. Depois de um momento, fiz a pergunta que estava me irritando por trás da minha mente.

“Se esses caras eram realmente demônios, então por que eles precisaram de uma arma?”

Talbot deu de ombros. “Eu não sei, Grace, mas me preocupa. Gelals nem sequer costumam sair até bem depois da meia-noite. Eles são completamente noturnos, você sabe? E o fato deles estarem aqui mesmo na cidade é um mistério. Esse é a terceira vez que eu me deparo com eles nos últimos dois meses, mas antes disso eu ainda não tinha encontrado um desde que eu tinha passado na Costa Oeste.” Ele balançou a cabeça. “Há algo acontecendo por aqui. Eu costumava a ir à procura de demônios, e monitorá-los por meses antes de um sair da clandestinidade, mas agora a cidade parece estar se espalhando deles. E eu ainda ouço rumores de que alguém está juntando lobisomens, Gelals, Akhs e todos os tipos de outros adolescentes paranormais em algum tipo de gangue. Que supostamente se dizem os Reis das Sombras.”

“Um grupo de paranormais?”

“Você conhece aqueles ‘bandidos invisíveis’ sobre quem eles continuam falando nos noticiários?”

Eu assenti.

“Você não acha que os seres humanos estão por trás de tudo isso?”

“Não. De modo algum,” eu disse. “Eles atingiram uma mercearia em minha cidade. Saquearam todo o lugar em menos de cinco minutos. Meu... namorado e eu estávamos pensando que uma gangue de adolescentes superpoderosos tinha que estar por trás de tudo. E eu acho que meu irmão pode estar se misturado com eles. Ele disse algo a April sobre encontrar uma nova família.”

As sobrancelhas de Talbot arquearam para cima. “Seu irmão é como você?”

“Um pouco.” Eu não sabia o que eu deveria dizer a Talbot. Quero dizer, nós nos encontramos apenas por algumas horas, mas foi nessas poucas horas que ele salvou minha vida duas vezes. E ele era a única pessoa que eu conhecia que tinha poderes e que realmente queria usá-los para o bem. Pelo menos era o que dava pra saber. *Você pode confiar nele*, uma voz sussurrou na minha cabeça. “Jude se transformou em um lobisomem por completo. Eu não. Ele me mordeu quando ele se transformou na primeira vez, e então ele tentou matar seu melhor amigo, meu, hum, namorado. Eu acho que é por isso que Jude saiu de casa.” Eu respirei um suspiro. Senti-me bem ao dizer a verdade a alguém que poderia realmente me compreender.

Talbot assentiu. “Então, quem é esse namorado que você fica mencionando? Parece que seu irmão não gosta dele tanto quanto eu.”

Eu inclinei minha cabeça e olhei para Talbot. O que ele quis dizer com isso?

“Desculpe.” Talbot me deu um sorriso. “Só estou pensando que esse *namorado* deve ser muito especial para justificar ter uma garota como você. Mas o que ele fez, para irritar o seu irmão?”

“Oh. Daniel, meu namorado...” Argh. Era como se essa conversa agora não poderia ir mais de dez segundos sem que um de nós use a palavra N. Daniel e eu nem gostamos de chamar um ao outro de namorado e namorada. Isso só parecia tão banal em comparação com o que sentimos um pelo outro. “Daniel, meu namo—” Limpei a garganta. “Ele costumava ser um lobisomem. Ele foi quem infectou o meu irmão há alguns anos atrás. E agora meu irmão o odeia e quer destruí-lo.”

Talbot me olhou interrogativo, e apesar disso divertido. Ele balançou a cabeça. “O que você quer dizer com que Daniel *costumava* a ser um lobisomem? Eu tive a impressão que ser um Ubat é uma condição permanente.”

“Eu o curei.”

Os olhos de Talbot se arregalaram. Ele fechou na passagem pouco antes de ultrapassar uma luz vermelha. “Como você fez isso?”

Infelizmente, eu estava cansada demais para dizer grande parte da história. “O verdadeiro amor primeiro mata”—Eu acenei minha mão no ar—“blá, blá, blá... É realmente uma história para outro dia.”

Talbot piscou. Ele soltou uma risada curta e então olhou nos meus olhos. “Eu acredito, senhorita Grace Divine, que você fica mais e mais interessante a cada minuto.”

O tom de sua voz quando disse as palavras *senhorita Grace* enviou outro tremor de familiaridade quente pelo meu corpo. *O que é isso sobre ele?*

O sinal ficou verde, e nós dirigimos através do cruzamento. Virei à cabeça e olhei pela janela do passageiro. “Eu que o diga, quer dizer, eu suponho que é algo que você faz muito. Rastrear demônios e investigar gangues de ladrões paranormais? É este trabalho de bom samaritano apenas uma fachada para o seu super-herói vigilante procurar?”

“Culpado pelo crime,” ele disse.

“Sério?”

“Fui infectado quando meus pais foram mortos por lobisomens, jurei que iria usar meus poderes para proteger o mundo dos demônios... blá, blá, blá... É realmente uma história para outra hora.”

“Oh, vamos lá, você não pode fazer isso comigo.”

“Sim, eu posso, porque estamos aqui.” Segui o seu dedo apontando para o ônibus iluminado em frente ao centro de recreação. Estudantes encheram o ônibus e o diretor Conway passeava em frente a eles com o telefone dele pressionado à sua orelha.

“Eu acho que eu tenho que ir,” eu disse. “Obrigado pela... Hum... Aventura?”

“Estou feliz que você fez isso.” Ele sorriu para mim, todo cheio de covinhas e animado. “Na verdade, estou feliz por você ter feito par comigo. Eu não estaria certo do que eu teria feito se qualquer outro estudante de sua escola estivesse comigo hoje. É como se isso fosse o destino, você não acha?”

Eu sorri. “Sim, eu acho que é.” Puxei na maçaneta da porta e empurrei. Eu estava prestes a saltar para fora quando Talbot disse, “Grace?”

“Sim?” Eu olhei para ele.

Ele segurou algo prata e brilhante na mão dele. No princípio eu achei que ele estava me dando que um presente—o que teria sido estranho, mas doce—mas então ele disse, “A pulseira de April. Ela deixou cair isto no clube.”

“Oh.” Peguei a pulseira de seus dedos quentes. Uma tira de papel cortado foi embrulhada em torno dele.

Eu olhei nos olhos brilhantes esmeralda de Talbot.

“Isso é para você,” ele disse. “Chame-me se você precisar de algo. Qualquer coisa absolutamente.”

“Ok,” eu disse, e saí da van.

“Diga a April que eu disse oi,” Talbot disse antes de eu fechar a porta.

Enfiei o pedaço de papel no bolso e caminhei em direção ao ônibus, no escuro, imaginando a melhor forma de explicar o meu atraso quando outra pessoa caiu direto ao meu lado.

“Cara, você levou muito tempo para voltar aqui,” disse Chris. Ele tinha metade de um sanduíche na mão, os bolsos dele chiaram como se fosse moedas quando ele caminhava.

“Onde vocês dois estavam?” O diretor Conway perguntou quando ele nos viu se aproximando. “Estávamos programados para sair 20 minutos atrás. Eu estava começando a me preocupar que vocês não estavam em uma das vans.”

“Desculpe, Tom,” Chris disse ao seu pai. “Eu fiquei todo hiperglicêmico, então fiz o motorista encostar para que eu pudesse conseguir algo para comer. Eu acho que esse trabalho voluntário não é bom para minha saúde.”

“Boa tentativa,” disse o diretor Conway, e levou seu filho para subir os degraus do ônibus. “Da próxima vez, atenda ao telefone quando eu ligar.”

Eu parei no primeiro degrau do ônibus e olhei para o estacionamento. Talbot piscou as luzes de sua van e depois foi embora.

Capítulo Catorze

Uma Vida Normal

NO ÔNIBUS

“Droga!” April deslizou sua pulseira de prata em seu pulso. “Número um: eu não posso acreditar que Talbot encontrou a minha pulseira no clube—que era para ser o item de exibição em minha nova coleção de outono, mas de maneira nenhuma eu vou colocá-la de volta. Número dois: eu não posso acreditar que ele é seu motorista. Número três: Eu não posso acreditar que vocês pararam um maluco assalto juntos. E o número quatro: O fato de que ele é um Ur—”

“Shhh!” Eu tentei colocar minhas mãos sobre sua boca. Nós sentamos sozinhas na parte de trás do ônibus, mas sua voz tinha subido de volume em cada número em sua lista de coisas que ela não podia acreditar. De repente eu me perguntava se tinha feito à coisa certa ao contar-lhe a verdade.

April gritou e contorceu longe de minhas mãos. “Número quatro,” ela sussurrou em voz alta, “o fato de Talbot ser um condenado Urbat caçador de demônios é, como, estourar minha mente!” Sua voz levantou-se na última palavra de modo que era quase um grito. Eu pulei sobre ela de novo, praticamente amassando ela no banco do ônibus, tentando cobrir sua boca. Ela riu e me empurrou de cima dela. “Ok, ok. Vou tentar ficar quieta. Mas isso é, tipo, muito impressionante. Você tem que me deixar ficar empolgada sobre o seu encontro secreto com Talbot por um momento.”

“Eu sei,” eu sussurrei. “Mas se o Diretor Conway ou Gabriel... Pastor Saint Moon, quero dizer, descobrir que eu saí com Talbot sozinha, você não acha que eles terão um problema com isso? Eu não quero que eles descubram que eu estava trabalhando com ele cara-a-cara e muito menos o que estávamos fazendo.”

Abril balançou as sobrancelhas para mim.

“Não é isso...” eu disse. “Além disso, eu não quero que Chris tenha problemas por abandono.”

“Você é uma péssima mentirosa. Eu posso ver as marcas vermelhas em seu pescoço.”

Eu esfreguei meu pescoço. “Eu só estou com calor.”

“Eu *aposto* que você está.”

“Abril, sério. Não é assim. Talbot é só um novo amigo. Você sabe como me sinto sobre Daniel.” Eu estava falando sério, mas meu pescoço ainda sentia calor e comichão. Eu puxei uma garrafa de água para fora da minha mochila e tomei um gole.

“Sim, mas como é que *Daniel* vai se sentir sobre isso? Qualquer garoto tem um problema com sua namorada estando cara-a-cara com um cara gostoso—especialmente se você está ficando toda quente e suada. Você não acha que Daniel vai ficar com inveja que ele não é o único a fazer isso com você?”

Engasguei e quase cuspi água nela.

“Quero dizer fazer isso como Daniel querendo chutar a bunda-do-cara-mau com você¹²... Não... Você sabe... Vocês dois não estão ‘ficando’.” Ela fez um gesto estranho com as mãos que eu assumi tinha algo a ver com “sexo”. “A menos que você e Daniel estejam. Você sabe... Hum, você não está, né? Porque eu ouvi—”

12 – Aqui ela está perguntando se Daniel não vai ficar chateado por não ser ele que está “trinando Grace”, e depois ela percebe que pode ser interpretado de outro jeito.

Eu tossi e limpei a garganta. “Não, Daniel e eu não estamos ‘ficando’. Não importa as pessoas dizem.”

Graças a minha super-audição e todos aqueles rumores que Lynn Bishop espalhou ano passado, eu sabia que havia muitas pessoas que pensavam que Daniel e eu estávamos “ficando”. Mas nós definitivamente não estávamos. Não que nós não pensássemos sobre isso ou quiséssemos—a simples visão de Daniel na maioria dos dias fazia meu coração disparar e me doerem às pernas com antecipação.

Era exatamente isso, para mim, o sexo era uma *grande coisa*.

Quer dizer, era uma piada na HTA que se meu pai substituísse uma das aulas de religião, iria sem dúvida ser uma lição sobre a castidade. E deixe-me dizer, tendo que se sentar com seu pai ensinando todos os seus amigos sobre a abstinência—não é uma festa divertida como acham que seria. Mas, mesmo que os discursos de papai sempre me davam vontade de bater a cabeça na minha mesa, não pude deixar de acreditar nas coisas que ele estava nos contando sobre a espera para o casamento. Pareceu-me como se viesse com o pacote inteiro, sabe? Isso se eu acreditasse em Jesus, e acreditasse em todas as parábolas que ele ensinou, e acreditasse em perdoar as pessoas, então o que a Bíblia tinha a dizer sobre o sexo a ser sagrado e especial tinha que ser certo, também.

E tanto quanto eu queria *isso*—e eu sabia que Daniel era o único com que eu queria—eu também queria esperar. Mesmo que fosse uma das mais difíceis escolhas que eu já tivera de fazer.

Eu estava preocupada que minha decisão fosse um problema para Daniel. Nós tínhamos vivido vidas muito diferentes durante os três anos que ele tinha ido, e ele, hum, *ficou* por assim dizer, mais de uma vez. Mas uma das coisas que eu amava em Daniel é que ele compreendeu completamente.

“Você é diferente das outras garotas,” Daniel me disse uma vez. “Nós somos diferentes. Eu te amo. E eu quero que as coisas sejam certas conosco.”

Mas agora, com todas as mentiras, brigas e segredos de repente acontecendo entre Daniel e eu, quase senti como se nada estivesse certo com a gente.

“Então, você vai dizer a ele?” April perguntou, me puxando para fora dos meus pensamentos.

“Dizer o que a quem?”

“Você vai dizer a Daniel sobre Talbot e você?”

“Eu te disse, não há *Talbot e eu*.”

“Mas poderia haver,” ela sussurrou.

“Ok, eu não vou te dizer mais nada.”

“Ah, vamos lá, você sabe que eu só estou brincando. Eu quis dizer, você vai dizer a Daniel sobre Talbot ser seu motorista? Você sabe que ele vai ficar com ciúmes desde que ele ficou preso fazendo o inventário no Day’s com Katie Summers, em vez de estar lá fora lutando lado a lado com você na cidade.”

Eu poderia ter dito muito a April ultimamente, mas eu ainda não tinha dito a razão de eu estar evitando a Daniel o dia todo. Tanto quanto sabia, Daniel era muito entusiasmado me treinando para se tornar um super-herói. Ela não sabia como ele virou as costas para mim e sobre o plano que ele tinha, em primeiro lugar.

“É. Acho que vou lhe dizer.”

Meu corpo formigava com a esperança de uma nova ideia: quando Daniel ouvir como eu levei o cara no beco, ele vai perceber que eu realmente posso me cuidar lá fora. Ele mudará de ideia sobre concordar com Gabriel. Quando ele souber como eu ajudei a salvar a mulher, ele teria que acreditar em mim novamente.

E então talvez ele finalmente me diga o que ele estava mantendo em segredo de mim.

DE VOLTA PARA A ESCOLA

Eu não tive que esperar muito tempo para ver Daniel. Ele estava saindo do estacionamento da escola quando eu desci do ônibus. Ele se inclinou contra sua motocicleta preta, com as mãos dobradas nos bolsos de seu moletom.

“Tenho que ir,” eu disse a April, e praticamente pulei atrás de Daniel através do estacionamento em sua maioria deserto. Eu estava prestes a lançar meus braços em volta

do pescoço e dizer-lhe tudo sobre o que tinha acontecido no beco com o Gelal e Talbot, até que vi o olhar de pedra em seu rosto.

Isso me lembrou de Jude. Todo estoico e frio.

“Ei,” eu disse, e parei dando um pequeno abraço nele. “O que você está fazendo aqui?”

“Seu pai queria ter certeza de que você tinha uma carona para casa. Eu pensei que vocês iam estar de volta há um tempo, no entanto. Estava começando a ficar preocupado.”

“Desculpe.” Dei a ele um sorriso de desculpas.

Daniel pegou seu capacete na parte de trás da moto e entregou-o para mim. Eu sempre pensei que era engraçado que ele insistisse que eu fosse a única que usasse—considerando que eu tinha habilidades de cura sobre-humanas e ele não. Então, novamente, de acordo com minha leitura, parecia que um catastrófico ferimento na cabeça era uma das poucas coisas que poderiam matar um Urbat—além de prata e veneno de certos demônios (incluindo o lobisomem), se não curada com rapidez suficiente. Que provavelmente foi por isso que, quando o monstro do pai de Daniel atacou-o quando ele tinha apenas treze anos, tentou esmagar a cabeça de Daniel com um cavalete quebrado.

O pai dele queria que Daniel morresse.

Daniel ficou na moto, e eu subi em suas costas. Ele estava tão silencioso e distante que eu não sabia como me sentiria se passasse meus braços em volta da cintura como eu costumava fazer. Eu coloquei minhas mãos levemente nas laterais, ao invés. Daniel ligou a moto, e nós saímos da Rua Crescent. Ele não olhou para mim depois de tudo enquanto dirigia, ele só olhava para frente.

O ar da noite estava tão frio e pesado entre nós, cheio de todas as coisas que queria dizer a ele, mas de repente senti que não podia. Eu me desloquei de volta no meu lugar e soltei as laterais, deixando o meu equilíbrio sobrenatural manter-me firme na moto. Como poderia ser que eu me sentisse perfeitamente confortável dirigindo na volta no ônibus sozinha com Talbot, mas agora eu nem sequer sabia onde colocar as minhas mãos enquanto andava com Daniel?

Nós paramos em frente da minha casa. Daniel colocou o pé para baixo e moveu para o ponto morto, mas deixando a moto em marcha lenta. Ele não estava pensando em ficar muito tempo. “Vejo você amanhã.”

Tirei o capacete e entreguei a ele. Ele não tocou em meus dedos quando ele o tomou da minha mão. Recuei pronta para ir embora. Mas eu não podia.

Eu não poderia fugir mais uma vez sem respostas. Eu não deveria ter feito isso da última vez—mesmo que a experiência tenha me ajudado a romper a barreira e explorar plenamente meus poderes pela primeira vez.

“Que diabos está errado?” Eu perguntei a Daniel. “Por que você está agindo como se estivesse tão chateado comigo?”

Daniel piscou. Ele soltou um pequeno suspiro e depois apertou os lábios.

“Desculpe-me por ter fugido ontem. E me desculpe por lhe dar o tratamento de silêncio durante todo o dia de hoje. É só que eu sei que você está mentindo sobre onde você esteve na noite passada. E em cima de tudo, eu não conseguia acreditar como você não me apoiou com Gabriel. Mas estou com raiva agora. Eu estava na aula de religião, mas não tive a oportunidade de falar com você por causa do projeto de serviço.” *E então eu passei as próximas duas horas a sós com outro cara* — mas não acho que agora fosse o melhor momento para contar sobre Talbot.

“Eu só quero entender porque você está agindo desta forma. E eu não quero que você fique com raiva de mim. Eu não aguento mais.”

“Eu já te disse. Eu não estou bravo com você, Gracie. Estou preocupado.”

Suas palavras me assustaram. Não foi quase exatamente a mesma coisa que Jude disse para mim uma vez? Quando Daniel voltou da primeira vez à cidade e Jude queria que eu ficasse longe dele.

“Preocupado com o quê? Diga-me, por favor?”

Daniel segurou o guidão de sua moto. O motor roncou entre nós. Ele inclinou sua cabeça para trás e olhou para a lua crescente pendurada no céu, sua profundidade, escura, seus olhos de terra molhada sem piscar. A árvore de nogueira—iluminada pela luz da varanda—atrás dele fez o cenário perfeito para a sua silhueta. Se isto tivesse sido qualquer outro momento, eu teria puxado o meu bloco de desenho para capturar a beleza da imagem. Mas agora, vendo Daniel dessa maneira, só fez meu coração doer por ele.

Eu mordi do meu lábio inferior. “Eu sei que algo está errado, Daniel. Além de mentir para mim, eu posso ver isso nos seus olhos. Você parece como naquela noite quando eu te beijei pela primeira vez sob a árvore de nogueira. À noite em que te disse que te amava, e você fugiu porque pensou que jamais poderia pedir-me para te salvar.”

Daniel fechou os olhos. Eu juro que às vezes ele parecia um anjo.

“Mas eu te salvei. De toda essa dor que passamos, essa é a única coisa que fez valer a pena.” Toquei seu ombro. “Então, o que está acontecendo? Por que você não me quer treinar mais? E onde você estava na noite passada? O que aconteceu que você acha que não pode me dizer?”

Daniel se livrou do meu toque. “Você acha que eu tenho algo a ver com ferir o garoto Tyler? É que o que você acha?”

“Não. Esse pensamento jamais passou pela minha cabeça.” Eu segurei minhas mãos na cintura. “Mas eu sei que você não estava em casa assistindo TV como você disse a

polícia. E vi uma moto como a sua fora de um bar no centro da cidade, quando estava no meu caminho para casa do The Depot. Era um lugar chamado Knuckle Grinders, eu acho.”

Daniel piscou o olhar na minha direção. Ele sabia exatamente o que estava falando?

“Por que você me disse que estava doente e em seguida, vai a um bar? Você tem alguma ideia de como isso me deixa preocupada?” Eu o defendi com a April —disse que não voltaria a ser quem ele costumava ser —mas quase não sabia mais o que pensar.

“Eu estava procurando informações,” disse Daniel.

“Sobre Jude?” Alívio varreu através de mim. “Por que você apenas não me disse isso?”

Daniel abaixou a cabeça e fechou os olhos novamente. Ele parecia quase como se estivesse orando. Depois de um momento ele soltou um longo suspiro e deixou cair às mãos do guidão. Ele olhou para mim com os olhos escuros e engoli em seco. “Tudo que eu sempre quis foi uma vida normal, Grace. Você sabe disso. Quero uma família normal. Quero Trenton. Eu quero você e eu, e um futuro normal.”

“Eu sei, Daniel...”

O único problema era que eu não sabia como eu me encaixava na imagem de Daniel de normalidade. Não mais, de qualquer maneira. Não com a minha família bagunçada. Não com minhas chances próximas à zero de ir para a faculdade. E especialmente não com os meus superpoderes, que não estavam perto de ir embora. Daniel nunca poderia ter uma vida *normal* comigo. Ele precisa de alguém como Katie Summers para isso.

“Então você pode entender porque eu quero que você abandone toda essa bobagem sobre ser uma Cão do Céu,” disse ele.

“Mas o que eu não entendo é por que você queria que eu começasse a treinar em primeiro lugar. Você é o único que me fez pensar que eu *poderia* ser uma heroína. Você me colocou neste caminho.”

“Eu estava apenas tentando fazer o melhor em uma situação ruim. Mas eu estava errado, Grace. Gabriel está certo. É muito perigoso. Eu não poderia perder você para a maldição.”

“Mas você não vai me perder. Eu não vou mudar. E mesmo que eu mudasse, você poderia me salvar. Existe uma cura...”

“Mas e se não der certo? Não é totalmente confiável. Você não pode ir pensando que não é grande coisa você se transformar em um lobisomem. Talvez não haja um caminho de volta a partir daí.” Daniel passou a mão pelo cabelo loiro desgrenhado. “E é muito perigoso de qualquer forma. Eu não sei o que eu estava pensando. Você não é páreo para um demônio...”

Foi por isso que ele estava agindo de modo estranho, desde a luta com Pete? Eu não fui capaz de lutar de volta, então, agora Daniel pensava que eu não era mais capaz?

Eu estava louca mais uma vez para dizer a ele sobre o beco. Sobre como eu derrubei Gelal em questão de segundos. O único problema era que essa história também envolvia uma arma ser apontada para minha cabeça... Mas ele tinha que saber do que eu era realmente capaz.

Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, Daniel estendeu a mão e pegou a minha mão na dele. “Gracie, tudo que quero é que tenhamos um futuro normal—juntos. Eu não sei se isso é possível. Não sei se o universo me deixará tê-lo. Eu não sei se eu mesmo mereço.” Ele deslizou os dedos entre os meus. “Mas eu tenho certeza como o inferno que eu vou tentar obtê-lo.”

Olhei para as nossas mãos entrelaçadas. Como eu poderia dizer a ele sobre Talbot agora?

“As entrevistas de Trenton são dentro de um mês,” disse Daniel. “Você já olhou o seu?”

Eu balancei minha cabeça. “Não, eu estive muito ocupada...” *Com tudo o que ele pensou que eu não deveria estar fazendo.*

Daniel soltou da minha mão. Escovou meu rosto com os dedos e, em seguida, pegou meu rosto mais perto do seu. Ele tocou nossas testas juntas. “Você vai fazer isso por mim, Grace? Você pode esquecer todas essas coisas de herói antes de se machucar? Deixar que seu pai e Gabriel sejam os únicos que procuram Jude? E deixe-me ajudá-la com a sua entrevista para Trenton, juntos?” Ele mudou ligeiramente a cabeça e roçou os lábios contra os meus. Seu toque era tão intoxicante como sempre. “Por favor, Gracie,” ele sussurrou contra a minha boca. “Meu futuro não significa nada sem você.”

“Ok,” eu disse. “Mas você sabe que eu não faço promessas.”

Daniel riu ligeiramente. “Sim, eu sei. Mas eu vou contentar com o seu ‘ok’.”

Eu encontrei-me segurando meu colar de selenita quando seus lábios se derreteram contra os meus. Seu beijo fez minhas pernas doerem como faziam quando eu precisava de uma boa corrida. Cada célula formigante do meu corpo queria subir no colo de Daniel na moto, mas ele se afastou depois de um momento.

“Eu deveria ir,” disse ele. “Eu tenho dever de casa e outras coisas.” Ele realmente estava levando a sério essa coisa de faculdade. “Pelo menos examine a entrevista esta noite, ok?”

Eu balancei a cabeça. Eu assisti da varanda enquanto ele foi embora, e depois fui para a casa.

MAIS TARDE NAQUELA NOITE

Eu sentei-me à mesa da cozinha com um prato de sobras intactas que empurrei de lado e minha entrevista para Trenton espalhada na minha frente. Eu o tirei da minha mochila, onde esteve desde que eu recebi de Barlow na semana passada e quebrei o lacre do envelope. Fiz o ritual de mamãe e joguei fora o envelope quando eu olhei os requisitos: lista de documentos de 21 trabalhos em pelo menos três meios diferentes, duas cartas de recomendação, um teste que mede o tempo no carro do papai se você alinhou os documentos de ponta a ponta, e *duas* dissertações.

“Ah, Trenton,” meu pai disse quando veio até a mesa. “O tempo de entrevistas já, hein?”

“Sim.”

O pai pegou uma página da entrevista e a examinou. Ele fez um ruído baixinho, assobiando. “A mensalidade tem realmente aumentado, não é?”

Eu assenti. “Há algo sobre as formas de ajuda financeira em seu site. Daniel com certeza se qualifica, mas não acho que eu me qualifico.”

“Humm.” Papai baixou o papel. “Nós vamos descobrir alguma coisa. Sua mãe costumava guardar parte de seu salário a cada mês para vocês crianças. Nós tivemos que mergulhar um pouco ultimamente, mas com Jude desaparecido...”

Mamãe aumentou volume da TV. Aparentemente, estávamos falando muito alto para ela.

Papai se inclinou perto do meu ouvido. “Ela está assim o tempo todo desde que saí?”

“Liga e desliga,” eu disse. “Às vezes pior. Pelo menos ela comeu um pouco do jantar esta noite.”

“Pode ser hora de consultar o Dr. Connors novamente.”

O volume da TV subiu mais alguns decibéis. Esfreguei atrás dos meus ouvidos.

“Certifique-se de não deixar as dissertações até o último minuto. Eles são a parte mais difícil, você sabe.”

“Sim,” eu disse, e peguei o formulário com as perguntas de desenvolvimento.

Papai acariciou sua mão sobre o meu cabelo e depois apertou meu ombro. “Não sei como vamos administrar sem você aqui.” Ele pegou seu projeto do balcão da cozinha e foi para seu escritório.

Olhei as perguntas de desenvolvimento. A primeira foi a menos difícil das duas: “Que artista mais influenciou o seu trabalho, e por quê?” Eu poderia facilmente escrever um ensaio sobre Renoir¹³ ou Cassatt¹⁴—se eu pudesse escolher entre os dois. Mas a segunda pergunta me fez parar. Confundi-me, na verdade. “Como você vai usar seus talentos para tornar o mundo um lugar melhor?”

Eu ainda estava remoendo a questão quando as minhas orelhas ficaram em pé, à menção de algo na TV. Eu me levantei da mesa para ver a tela melhor. A repórter entrevistou uma mulher em uma camisa rasgada vermelha que parecia vagamente familiar.

“Eu teria morrido,” disse a mulher. “O homem com a arma disse que ia me matar. Mas, então, houve um movimento rápido, e este outro cara veio do nada e puxou o homem mascarado de cima de mim. Ele me disse para correr, então eu fiz. Poderia ter havido uma menina lá com ele. Eu não dei uma boa olhada em qualquer um deles, mas salvaram minha vida.”

A câmera cortou para um repórter em pé na frente de uma van de notícias estacionada em frente a esse beco na Rua Tidwell. “Depois de ser salva por uma pessoa desconhecida, ou pessoas, Sra. Taylor correu todo o caminho até a delegacia. Quando as autoridades chegaram ao local, eles encontraram um dos atacantes suspeito amarrado e inconsciente ao lado de uma lixeira. As autoridades ainda não foram capazes de identificar ou perguntar ao homem, mas eles esperam interrogá-lo sobre uma série de ataques similares na cidade durante as últimas semanas. A polícia acha que ele pode estar envolvido com o assassinato de Leanne Greenwood, a garçonete que foi encontrada morta perto desta mesma área, no mês passado. Apesar de apenas um dos assaltantes da Sra. Taylor estar preso, a polícia da cidade está aliviada que pelo menos um criminoso perigoso esta fora das ruas esta noite.”

A câmera cortou para uma âncora—a mesma com o cabelo cheio da outra noite. “Obrigado, Carlos. E parece que podemos ter um bom samaritano ou dois para agradecer por esta prisão?”

“Sim,” o repórter na frente da van disse. “O capitão Morris disse que este não é o primeiro relato de um cidadão desconhecido ajudando a parar um crime nas últimas semanas. Talvez haja esperança de que a onda de criminalidade que tem tomado a cidade pelo medo tenha um fim à vista.”

“Isso é uma boa notícia, Carlos,” disse a âncora, e depois a estação cortou para um comercial.

A sensação de calor correu através de mim. Meus dedos tremiam quando eu juntei os meus trabalhos da entrevista da mesa. Olhei a segunda questão do questionário mais uma vez antes eu escorregar as folhas de volta para o envelope.

Como eu vou usar meus talentos para tornar o mundo um lugar melhor?

Levei o envelope para o meu quarto e coloquei na minha mesa ao lado do meu computador mais do que antigo. Puxei a calça que eu estava usando mais cedo no dia da minha reunião e coloquei a mão no bolso da frente. Minhas mãos ainda tremiam quando eu puxei para fora o talão de papel amassado e disquei o número escrito lá no meu telefone celular.

Ele tocou quatro vezes e então alguém atendeu.

“Alô?” A voz de um cara disse. Meu ouvido sensível pegou a música e que soava como gritos ao fundo. Ele deve ter ido de volta ao The Depot.

“Talbot? É a Grace.”

“Ei, criança. O que foi?”

Inspirei profundamente, expirei e então disse, antes que pudesse mudar meu pensamento, “Eu quero que você me treine. Eu quero encontrar meu irmão e espero derrubar a gangue que esta aterrorizando a cidade no processo.”

Talbot riu. Eu podia ouvir o sorriso em sua voz quando disse, “Eu pensei que você nunca pediria.”

Capítulo Quinze

Teste

TERÇA-FEIRA À TARDE

“Você está pronta para isso?” Talbot perguntou enquanto eu subia na van.

“Pronta como nunca estarei.” Eu coloquei a minha mochila no assento entre nos e tirei meu tênis de corrida da bolsa. Saí do campus da escola e troquei o tênis.

“Então onde está o seu parceiro? Abandonando de novo?”

Eu sorri. “Eu arranjei para ele encontrar vinte dólares em moedas de vinte e cinco centavos no seu banco de ônibus. Isso deve mantê-lo ocupado no fliperama por alguns dias.”

Talbot riu. “Eu gosto da maneira que você pensa.”

“Então o que nos aguarda hoje? Será que vamos ter algum tempo, você sabe, treinando?”

“Na verdade, eu estava cuidando da nossa atribuição antes que eu chegasse aqui. Além disso, temos uma hora antes do ônibus retornar, então teremos tempo pra ver o básico.”

“Que básico?”

“Você verá,” ele disse.

Dirigimo-nos para uma área chamada Glenmore na periferia da cidade, um bairro que provavelmente tinha sido bom nos meados do século XX, mas agora era uma mistura de apartamentos de baixa renda, casas originais de pessoas idosas e casas antigas que se transformaram em lojas. Estávamos a um par de quarteirões quando Talbot puxou a van próximo a uma loja de penhores chamada Second Chances. A primeira coisa que eu notei foi um X da polícia em toda a entrada e outro em frente à janela da frente estilhaçada.

Talbot agarrou sua grande mochila atrás do assento e saiu da van. Eu o segui. Ele andou até a vitrine. Olhou para trás e para frente da longa rua e depois torceu fortemente a maçaneta da porta. Eu ouvi o estalar a porta destrancada e aberta. Talbot puxou a faixa da polícia para o lado e fez um gesto para eu entrar na loja.

“Hum, isso não é meio ilegal?” Eu não era exatamente uma grande sorrateira em entrar em lugares.

Talbot encolheu os ombros. “Algumas vezes nós temos que quebrar as regras nessa linha de trabalho.”

“E se formos apanhados?”

Talbot bateu ao lado da sua orelha. “Esse lugar está vazio. As câmeras de segurança ainda estão desativadas. E nos vamos entrar e sair em questões de minutos. Eu só quero testar algo.”

“O quê?”

“Você.”

Eu olhei dentro de seus olhos verdes e inclinei minha cabeça, mas não disse nada.

“Vamos, antes que acamemos perdendo a chance,” ele disse.

Eu hesitei por um único segundo a mais, então me abaixei sob a fita e entrei na loja.

Cacos de vidro eram triturados pelos meus sapatos enquanto eu fazia um pequeno círculo, inspecionando o dano a minha volta. Todos os processos de exibição tinham sido esmagados e a mercadoria tinha sumido.

“Esse lugar foi atropelado na noite passada,” Talbot disse. “Quem fez isso limpou todo o estoque e tirou seiscentas libras do cofre em menos de seis minutos em que a policia levou para responder o alarme silencioso.”

“Como você sabe tudo isso?”

“Ajuda quando você conhece um detetive.”

“Oh. Deixe-me adivinhar, não há imagens nas câmeras de segurança.”

“Não. Eu perguntei ao meu amigo detetive essa manhã sobre isso e ele disse que é exatamente igual aos trabalhos do ladrão invisível. Sem digitais, sem imagem nas câmeras e tudo aconteceu em questão de minutos.”

“Então o que estamos fazendo aqui?”

“Respire fundo.”

Eu dei um olhar interrogativo.

“Vamos. Faça.”

Eu dei uma respiração profunda. Fosse o que fosse que ele queria que eu fizesse deveria ser interessante se eu tivesse que praticar a respiração profunda antes dele me contar. O ar cheirava a azedo, como leite velho, e eu soltei a respiração imediatamente. Eu olhei ao redor procurando uma fonte de água para que eu pudesse tirar o gosto ruim que

ficou na minha boca. Quando eu não pude encontrar uma, eu olhei de volta para Talbot, “Ok, o que é?” Eu perguntei timidamente. “Por que estamos aqui? Que tipo de teste eu supostamente estou tendo?”

Talbot levantou a sobrancelha. “A respiração profunda era parte do seu teste. Você não sentiu alguma coisa?”

“Bem, sim. Tem cheiro de leite azedo aqui, mas o que isso tem haver com alguma coisa?”

“Hum, nós vamos ter mais trabalho do que eu pensei originalmente. Eu achei que você tinha *alguma* habilidade com caça.”

Eu senti uma onda de constrangimento. “Não, eu sei o que você quer agora.” Eu tomei outra respiração profunda e segurei a parte da trás da minha garganta. Tudo que eu podia sentir era leite azedo, mas eu me forcei a não soltar o ar. Eu não queria falhar na frente dele. Eu não queria que ele pensasse que eu não estava pronta para treinar. Eu sabia que eu provavelmente estava ficando com o rosto azul e fiquei aborrecida comigo mesma. Eu finalmente exalei o ar pelo meu nariz como antes e senti outro odor que não tinha notado antes. “Eu senti o cheiro de leite azedo, mas senti alguma coisa a mais. Como carne podre, talvez? Alguma coisa podre.”

“Bom,” Talbot disse. “Ou realmente ruim.”

“Bem, eu não sei fazer isso direito, então me mostre como eu posso fazer melhorar. Você deveria estar treinando comigo, lembra?”

“Sem treinos ainda. Só depois do seu teste. Você foi bem, afinal. E simplesmente o leite azedo significa que temos um par de Gelals em nossas mãos, mas o cheiro de carne podre significa que temos um Akhkharu aqui.”

“Akh... a... o quê?”

“Akh-hay-roo,” ele pronunciou para mim.

Eu esfreguei o nariz e nem mesmo tentei repetir a palavra novamente.

“Sim” Talbot disse. “Só chamam de Akhs—rima com meias. É mais fácil de dizer. Algumas pessoas os chamam de vampiros.”

Eu senti meus olhos alargando. “Sério?”

“Exceto que eles não são os mesmos que os tradicionais. Tipo de vampiro Eu-quero-sugar-o-seu-sangue.” Talbot encolheu os ombros. “Vamos começar antes que alguém volte. Eu tenho outro teste para aplicar antes que você pegue o seu ônibus.”

“E que é?”

“Vamos dizer que foi bom você trazer seu tênis de corrida.”

ALGUNS MINUTOS DEPOIS

Talbot colocou sua mochila sobre ambos os ombros e me levou até o fim do quarteirão. Ele parou na esquina com o seu nariz no ar. A rua estava vazia exceto por uma velha mulher no ponto de ônibus. “Você sente o cheiro?” Talbot tomou uma rápida respiração.

Eu fiz o mesmo “Sim, é o mesmo cheiro de leite azedo e o odor de carne podre.”

Talbot acenou com aprovação. “Estamos na sua trilha.” Ele me pegou pelo cotovelo e atravessamos a rua, ele continuou testando o ar. “Sim, esse foi o caminho que eles foram. Estão a pé.”

“Com seiscentas libras do cofre?” Minha voz era mais que uma sugestão de descrença.

“Não subestime os demônios, criança. Esses Gelals fugiram facilmente no outro dia. Muito facilmente, se você me perguntar.”

Meu estômago deu uma reviravolta. Tinha sido *fácil*?

“Você está pronta para a próxima etapa do teste?”

“Sim, claro. Eu acho.”

Talbot ainda me segurava pelo cotovelo e me puxou para perto dele, nossos corpos quase tocando. Ele parou sua cabeça com sua face aninhada no meu pescoço e tomou uma profunda respiração. Quando ele deixou o ar sair, fazia formigamento na minha pele e arrepiou a minha coluna.

“Você acabou de cheirar o meu cabelo?” eu perguntei minha voz soando demasiadamente instável.

“Eu estou sentindo a sua essência. Você devia sentir a minha também caso nos separarmos.”

“Sentir o seu cheiro?” Eu quase ri, porque eu não poderia deixar de pensar em mim como um daqueles cães de caça que a polícia faz sentir o cheiro da blusa de uma criança perdida ou alguma assim antes de sair para procurar.

Talbot me puxou para mais perto, meus lábios praticamente tocando seu pescoço, ele cheirava como chiclete de menta, serragem fresca e alguma coisa a mais que eu provavelmente não poderia sentir sem meu sentido de loba em desenvolvimento. Cheirava como minha cadela Dayse costumava quando ela dormia de manhã no sol na varanda dos fundos. Era um cheiro que eu sempre achei desagradável no passado—

especialmente quando ela cochilava na minha cama cheirando assim — mas agora fez meus dedos se curvarem em uma memória morna, coisas familiares.

“Você cheira como lavanda e baunilha,” Talbot disse. Ele estava tão próximo que eu podia sentir suas palavras quentes como a luz do sol, contra o meu rosto. Ele tocou em um dos meus cachos escuros.

Eu dei um passo para trás. Eu o deixei chegar muito perto. “É só o meu shampoo.”

“Bem, é bom e dá para rastrear, em caso de eu precisar voltar duas vezes e encontrar você. Você pegou a minha essência?”

Eu acenei.

“Agora o plano B caso você perder seu caminho. Eu quero que você se concentre na essência do Gelal e no Akh. Mas sua trilha é antiga e fraca. Então não se sinta mal se você perder. Minha trilha é boa e fresca se nos separarmos, então volte para cá.” Ele sorriu, com todas as covinhas. “E tente se manter comigo. Não terá graça se eu os achar sem você.”

“Ei, espere, estamos rastreando os ladrões... Agora?”

“Não era isso que você queria?”

“Sim, mas eu pensei que nós iríamos entrar nisso devagar. Eu achei que nos iríamos fazer o básico por enquanto.” Era assim que Daniel teria lidado. *Devagar. Equilibrado.* “Quero dizer, você nem sequer me ensinou nada.”

“Esses são os princípios básicos, Grace. Somos caçadores de demônios. Não há tempo para ir devagar.” Talbot agarrou as mangas da sua camisa de flanela vermelha e azul.

“Então, hum, o que vamos fazer quando encontrarmos esses demônios?”

“Bem nós iremos descobrir quando encontrarmos.”

“Quando?”

Talbot riu. “Isso vai ser divertido.” Ele disse e saiu correndo pela rua.

Ele estava no fim do quarteirão quase na esquina antes mesmo que eu percebesse que ele tinha ido embora. Eu corri atrás dele, porque eu sabia que iria me perder dele se não me mexesse. Mas quando eu dobrei a esquina, ele estava encostado contra uma árvore com as mãos nos bolsos. Quando eu estava cerca de três pés de distância, ele sorriu e correu novamente. Eu o segui enquanto, ele corria e parava assim — como um jogo de cão e gato — nas ruas do bairro vazio.

Talbot parecia se divertir com tudo, mas isso só me aborreceu — ele correu na forma de parkour que Daniel tinha usado quando tinha seus poderes — tendo a passagem mais fácil sobre as coisas em seu caminho ao invés de passar em torno deles. Eu o vi parado

num lance de escadas de concreto de um prédio adjacente, mergulhando através das grades, na parte superior, em um aterrisar em um rolo mortal, e depois aparecer de novo.

“Vamos lá, criança” ele gritou.

Eu tomei uma respiração profunda e o segui, chocada e feliz comigo mesma quando pulei e fiz o mesmo movimento. Talbot aplaudiu. Uma mulher andando com seu cachorro deixou a coleira cair e olhou.

Talbot decolou novamente, correndo mais rápido do que a última vez. Eu corri atrás dele, chamando meus poderes para me ajudar a alcançar, deixando um rastro de calor me empurrando para frente. Eu estava a vinte metros atrás dele quando ele virou à esquerda e em segunda pulou um muro de dois metros e desapareceu.

Foi necessário toda a minha concentração para mudar meu curso. Mudei de direção e disparei em direção a parede—muito rápido. Mas quando eu estava prestes a esmagar meu rosto no muro, os meus pés se impulsionaram no chão e eu pulei no ar. Meus dedos roçaram levemente no topo da parede, no momento em que saltei sobre ele em um raso meio segundo.

Meus pés tocaram no chão com apenas um som e eu desacelerei da corrida enquanto me aproximava de um cruzamento com três vias. A estrada se estendia para a direita e esquerda e uma estrada de cascalho levou a um beco sem saída de casas em ruínas. Talbot não estava em nenhum lugar, mas eu podia sentir seu cheiro quente. Eu dei alguns passos para a esquerda e cheirei o ar. Eu senti a essência de Gelal e dei mais cinco passos. O fedor da essência do Gelal desapareceu assim como a trilha de Talbot. Eu fiz a mesma coisa com o lado esquerdo, mas não era a direção correta, também. Voltei para onde eu tinha começado no cruzamento e senti a misturas de essências novamente. Eu corri para o beco sem saída. A essência estava forte no ar. Talbot tinha se dirigido para uma dessas casas. Mas qual?

Eu dei a volta num pequeno círculo, respirando o ar. O que praticamente me fez sentir como um cachorro correndo atrás do seu rabo. Mas eu escolhi um caminho com o cheiro mais forte e cuidadosamente segui para uma garagem que provavelmente foi de uma linda mansão vitoriana, mas agora parecia que deveria ser condenada, pelo menos uma década atrás. O cheiro de leite azedo e carne pobre tinha positivamente aumentado enquanto eu me aproximava da garagem. Talbot continuava desaparecido.

“E agora?” eu me perguntei de mal humor. E então eu senti um duro aperto sobre a minha boca e fui puxada para trás de um de um alto arbusto.

Eu golpeei meu agressor inicialmente, mas depois me senti envolvida pela essência quente de Talbot e o ouvi sussurrar. “Shhh. Eles tem super-sentidos também, você sabe.”

Ele descobriu a minha boca e eu virei na sua direção. “Eles?” eu sussurrei e estava praticamente murmurando as palavras. “Então eles estão aqui?”

Talbot assentiu. “Veja se você pode dizer quantos são.” Ele bateu nas minhas orelhas indicando que eu deveria ouvir com atenção.

Eu segurei minha respiração, meu coração continuava acelerado e eu quis ter calma. Eu ouvi grilos gorjeando no mato conosco e eu empurrei todos os barulhos na proximidade até me concentrar nos sons por trás das paredes da casa. “São três deles,” eu sussurrei. “Tem um roncando e outros dois soam como se estivessem sentados numa mesa.”

“Quatro.” Talbot disse. “Tem alguém no segundo andar. O que está dormindo provavelmente é um Gelal. Akhs não dormem normalmente.” Talbot tirou a mochila e abriu. Ele tirou o que parecia uma espada curta, um cabo enrolado no cordão de couro preto, e um grosso pedaço de madeira, talhada em uma ponta no final. “Você prefere aço ou madeira?”

“O quê?”

“Você parece preferir madeira.” ele disse com um sorriso e me passou a vara... Ou estaca, eu acho que devo dizer.

Minha mão estalou e eu a peguei no ar sem mesmo pensar. Eu poderia definitivamente me acostumar com esses reflexos. “O que você está fazendo? Você não fala sério sobre nós entrarmos ali, certo?”

“É claro que vamos lá.” Talbot desembainhou a espada. Parecia muito afiada. “Quatro contra dois. Não são probabilidades ruins.”

“Ok, de jeito nenhum.” Minhas mãos tremiam tanto que a estaca quase caiu. “Isso é um pouco mais do que treinamento básico para o primeiro dia. Eu não posso ir lá dentro.”

“Sim, você pode, Grace.” Talbot sussurrou. Ele me olhou com seus olhos verdes penetrantes. “E se esse fosse o único jeito de salvar seu irmão e você se afastou? E se ele estiver lá dentro agora? E se eles o estão fazendo de prisioneiro? Talvez seja ele lá em cima. De tudo que você sabe, eles o tem acorrentado lá em cima, poupando para a próxima refeição. Você não os quer fazer pagar por isso?”

Eu senti um aperto firme, queimando em sensações no estômago—o mesmo sentimento que senti quando eu vi os Gelal mascarados com uma arma na cabeça de Talbot. De repente eu podia imaginar Jude preso naquela casa, amarrado, sangrando e ferido. Um monstro agachando-se sobre ele, ameaçando destruí-lo. Eu apertei meus dedos na estaca. “OK, vamos fazer isso.”

62,5 BATIMENTOS CARDÍACOS MAIS TARDE

Talbot arrebentou a porta e nós dois entramos pela porta. Um homem e uma mulher estavam sentados na mesa jogando cartas, gritaram quando nos viram. O terceiro homem, que estava dormindo no sofá, de repente se atirou para cima parecendo confuso e selvagem. Ele correu em nossa direção e deu um giro louco para mim. Eu facilmente desviei do golpe e o empurrei. A mulher jogou a mesa para o lado, acertando acidentalmente o seu companheiro e atacou Talbot. Talbot socou seu estomago e ela cambaleou para trás. Resmungando se atirou contra ele novamente.

O cheiro de demônio nocivo me deixou tonta e nauseada. O homem selvagem rosnou para mim. Eu assumi que ele era um Gelal pelo cheiro de leite azedo. Ele tentou socar meu rosto. Me esquivei e estava preste a rodear suas pernas quando peguei brilho de aço pelo canto do meu olho. Eu virei minha cabeça na direção do flash quando Talbot brandiu a espada na direção da garganta da mulher. Afundou na pele dala como o som de uma faca mergulhada numa melancia — e com um jorro de sangue, sua cabeça se separou do corpo.

Talbot *arrancou* a cabeça dela!

Eu gritei. Como eu não sabia que eu era capaz de gritar. *Talbot matou aquela mulher!* Eu engoli em seco e me mexi para me afastar da cabeça quando ela rolou para mim, com uma expressão de surpresa no rosto.

O que tinha acontecido? O que Talbot tinha feito?

Ele a matou!

Eu não sabia o que esperava antes de sair daqui. Iríamos dominar esses criminosos e depois os entregar para a polícia?

Mas não *assassiná-los!*

O corpo sem cabeça deu mais um passo em direção a Talbot, em seguida caiu no chão... E se espatifou em pó em frente aos meus olhos. Sua cabeça também se desintegrou.

“O que você fez?” eu gritei para Talbot.

Então tomei um soco do Gelal no meu rosto.

Eu voei para trás e bati contra a moldura da parede. Eu podia sentir o vidro triturado contra meu ombro e a dor rasgar meus joelhos. Caí de joelhos. Fiquei espantada, o cômodo inteiro nadava nos meus olhos quando o homem se jogou em mim. Seus dedos alongaram em garras profundas, mirando minha garganta. Talbot lançou sua espada para o homem. A lança entrou pelas costas e saiu no seu peito. Lodo negro jorrou da ferida para o meu rosto. Isso queimou como ácido contra a minha pele e eu tentei limpar isso. O homem caiu aos meus pés, agarrando freneticamente a espada nos seu peito, incapaz de fazer qualquer coisa, mas se cortava ao abrir suas mãos com garras.

“Oh, Deus.” Eu me levantei e tentei ajudá-lo.

“Não toque nele!” Talbot gritou. Ele estava numa luta corpo a corpo com o cara que estava na mesa.

O homem na minha frente que tremia de agonia de repente parou. Seu corpo enrijeceu e balançou para frente e para trás e então explodiu em lodo. Eu pulei para o lado a tempo para perder o impacto com o ácido que queima.

Eu tremia quando tropecei para longe da confusão que cheirava a leite azedo enquanto eu podia. Eu me firmei contra o corrimão da escada que dava acesso até o andar superior, minha respiração estava muito rápida. Meu estomago embrulhou. Eu estava preste a perder os conteúdos dele quando alguém me agarrou por trás. Meus pés saíram do chão antes que eu pudesse reagir e quem me agarrou me jogou no sofá. Metade do meu corpo estava no sofá e outra metade para fora, mas antes que eu tivesse tempo para me mover alguém pulou em cima de mim. Uma mulher. Com o cabelo rosa e preto e dentes afiados e pontiagudos. Ela agarrou meu pescoço.

De onde ela tinha vindo?

Ela deve ser quem estava no andar se cima e eu percebi que Jude não estava aqui depois de tudo.

“Não olhe nos olhos dela,” eu ouvi Talbot gritar.

Mas era muito tarde. A mulher tinha bloqueado seus olhos comigo e eu não conseguia desviar o olhar das íris preto carvão. Eu não podia desviar o olhar ou fechar minhas pálpebras. Eu podia ouvir a mulher cantando alguma coisa — em alguma outra língua — mas seus lábios não estavam se movendo. Eu tinha experimentado isso antes, mas de repente não sabia como e por que.

“Use a estaca, Grace!” Talbot gritou. Mas o som estava muito distante. “Use a estaca, Grace. Mate-a.”

Você quer me dar à estaca, a mulher disse sem falar. Dê para mim. Você sabe que é isso que você quer fazer.

Eu segurei a estaca na mão. Eu tinha tudo, mas esqueci de porque estava lá. Um espesso nevoeiro girava no meu cérebro e tudo que eu podia lembrar é que eu não queria aquela arma terrível. Eu não poderia matar alguém. Eu não era uma assassina. Eu não era um monstro. Se a mulher queria a estaca, ela poderia tê-la.

Lentamente levantei o braço e a entreguei.

Ela agarrou em seus dedos como garras e riu. *Eu não sei o que Daniel viu em você, ela disse dentro da minha cabeça. Você é tão fraca de espírito.*

O quê? Eu tentei perguntar, mas meus lábios não mexiam. Como ela sabe o nome de Daniel? Como ela pode saber quem eu sou?

Mas, talvez essa noite ele tenha mais diversão na festa comigo—ela levantou a estaca em cima do meu coração—agora que você está morta. Ela enfiou a estaca no meu coração.

Porém, então ela congelou como se tivesse se chocado com alguma coisa. Seus olhos reviraram na sua cabeça quebrando a transe que ela tinha me prendido. O nevoeiro na minha mente clareou um pouco e eu descobri quem é ela.

“Mishka?”

“Putinha,” ela disse e desintegrou em cima de mim.

Tudo o que restou dela foi uma pilha de pó. Uma perna da cadeira quebrada caiu de costas quando ela desapareceu. Saiu do sofá e atravessou o chão parando quando bateu nos tênis de Talbot.

“Você está bem, criança?” ele perguntou e estendeu a mão para me ajudar a levantar.

Eu encolhi com seu toque e me mexi o mais longe possível dele no sofá enquanto esfregava freneticamente a poeira de Mishka das minhas calças.

“Eu... Eu... Conhecia-a,” eu gaguejei. “E você a matou.” Eu virei minha cabeça de lado a lado da sala, procurando alguma vida na sala. Estava vazio exceto por duas pilhas de poeira e um ácido que corroía o tapete. Meu estômago embrulhou. Eu o agarrei com a minha mão. “Você... Você matou todos eles.”

“É, isso é meio que eu faço.” Talbot passou a mão pelo cabelo. Ele tinha perdido o boné de beisebol em algum ponto da luta. “Você achou nós iríamos pegá-los e sair para tomar sorvete e comprar filhotes?”

“Não. Eu pensei... Que nós os entregaríamos para a polícia. Mas você os *matou*.” Isso não fazia sentido. Eu tinha visto Talbot lidar com a pulseira de prata de April, sem queimar a mão. Eu suponho que ele era igual a mim—um Urvat que tinha poderes, mas não tinha caído na maldição. Um Cão do Céu. Mas se essa é a primeira vez que ele matou uma pessoa, ele não deveria ter se transformado em lobo? Exceto... O jeito que ele lidou com a espada, não é certamente a primeira vez que ele mata alguém. Ele não teve nenhuma hesitação aqui. “Eu não entendo. Um ato predatório... Se você mata uma pessoa, então...”

“Isso não são pessoas, Grace. Isso eram demônios. A maldição do lobisomem só afeta se você mata um *humano*. O Urvat foi criado para matar demônios. Isso é o que nos fazemos.”

“Mas você não matou aquele cara com a arma outro dia.”

“Eu não o matei na sua frente porque achei que você não estava pronta para isso. Aparentemente, você continua não estando pronta. Você está mais verde do que eu esperava.”

“Não. Eu ainda continuo sem entender. Meu irmão sofreu a maldição quando ele tentou matar Daniel—que era um lobisomem naquela época...”

“Ah” Talbot sentou ao meu lado no sofá. Eu fugi dele, não tendo certeza de quem ele era mais. “Veja, lobisomens continuam sendo humanos. Eles continuam tendo coração humano que convive com um demônio. É por isso matar um lobisomem—com intenções maldosas—conta como um ato predatório contra um humano. Mas os verdadeiros demônios são diferentes. Gelals só parecem humanos — aparência humana. Eles não têm um corpo real. E Akhs—a espécie de vampiros—pega a resistência de corpos mortos. É por isso que eles cheiram como carne podre—pelo menos com alguém com o sentido de olfato sensível.” Ele bateu na lateral do nariz. “Isso também é porque eles viram poeira quando morrem. A infestação rápida acelera a decomposição do corpo, de modo que eles quebram quando o demônio dentro deles morre.”

“Oh.”

Minha mente vacilou. Papai tinha me dado livros sobre lobisomens, mas a maioria desses livros só continha mitos, nenhuma informação real e substancial e a ideia de luta contra um demônio real tinha sempre sido distante—e completamente irrereal—e eu não me incomodei tentando aprender sobre o inimigo. Talbot estava certo—eu estava verde.

E eu quase tinha sido morta.

“Obrigada por me salvar. Eu teria ficado parada lá e esperando ela me matar.” Eu abracei meus joelhos contra o peito no sofá, me sentindo totalmente inútil. “Eu não poderia deixar de fazer o que ela queria.”

“Controle da mente,” Talbot disse. “Só se lembre de nunca olhar nos olhos de um Akh. Isso é como se diferenciam dos vampiros tradicionais. Akhs são o que você chama de vampiros psíquicos. Alimentam-se da sua força vital e roubam seu livre arbítrio. Mas Gelals e vampiros morrem da mesma forma. Estaque o seu coração ou decapitação a moda antiga.”

Eu estremeci, lembrando dos olhos da primeira mulher a ter sua cabeça cortada do seu corpo. “Eu estava tão chocada com tudo. Eu esqueci completamente que tinha alguém mais na casa.”

“Isso foi minha culpa. Eu devia ter lembrado você para que estivesse mais preparada. Mas vamos deixar que isso seja uma lição para nos dois, ok?” Ele sorriu para mim. “Regra número um: Nunca baixe a guarda.”

Eu dei um meio sorriso, mas depois virou uma carranca. Daniel tinha dito a mesmo a coisa pra mim novamente. E eu odiava não ser capaz de dizer para ele o que aconteceu essa noite.

Eu tinha que mentir para ele.

O sentimento de total derrota se liquidificou nos meus ombros enquanto eu observava a sala vazia de novo. “Eu só desejava que você não matasse a todos eles. Quero dizer, não fizemos nenhuma pergunta sobre o Jude. Se essa gangue tinha o sequestrado, então em que diabo de lugar ele está?”

“Jude nunca esteve aqui.” Talbot disse. “Essas criaturas eram apenas amadores. Imitadores. Eles não são os verdadeiros Reis das Sombras. A gangue real nunca teria disparado o alarme silencioso daquela loja de penhores.”

Eu me levantei e enfrentei Talbot. Minhas mãos tremendo de raiva. “Espere, você sabia todo esse tempo que eles não eram a gangue real?”

Talbot assentiu.

“Então por que nós viemos aqui?”

“Porque isso era um teste, Grace. Eu precisava saber se você estava preparada e está claro que não está. O que você disse aqui, o que aconteceu naquele beco segunda-feira, é apenas brincadeira de criança comparada ao que vamos realmente enfrentar. Esse pequeno bando de armadores tinham apenas quatro poderosos. A gangue real provavelmente é cinco vezes maior.”

Esse pensamento me deu calafrios. “Então você sabia que Jude não estava aqui antes de entrarmos?”

“Sim.”

“Então por que você disse... Por que me fez pensar que ele estava?”

“Porque eu precisava saber se você trabalharia bem o suficiente para agir. Suas emoções—é de onde vem o seu poder.”

As palavras de Talbot me confundiram. “Mas isso não é o que Daniel diz. Ele sempre fala que eu tenho que bloquear a raiva. Ele diz que a chave para aprender a usar meus poderes é o equilíbrio. Ele diz que eu nunca devo usar as minhas emoções para conseguir o melhor de mim se eu quero aprender a usar meus poderes sem ceder ao lobo.”

“Então você devia perguntar a si mesma por qual razão Daniel está segurando você.”

Calor passou pelo meu rosto. *Talbot está certo*, uma voz dentro da minha cabeça disse. Daniel queria me segurar. Mas isso não significava que Talbot estava certo e Daniel errado.

Talbot se levantou e parou na minha frente, só alguns centímetros nos separando. Ele me olhou com seu olhar penetrante. Estendeu a mão e tocou no meu colar com a selenita. Eu queria recuar para longe, mas não fiz.

“Você nunca vai atingir seu potencial completo continuando a usar isso.” Ele disse. “Eu descartei a minha há muito tempo.”

“Você jogou fora sua selenita? Onde você arrumou uma? Eu achei que elas eram raras...”

“Herança velha de família. Estou melhor sem ela.”

“Mas Gabriel disse que a selenita é a única coisa que mantém o lobo à distância. Gabriel—”

“Gabriel?” Talbot afastou a mão do meu colar e deu um passo para trás. “Você conhece Gabriel?”

“Sim.” Assumindo que falávamos do mesmo. “Gabriel Saint Moon?”

Talbot deu uma risada áspera. “Ele se chama de Saint Moon agora? Isso é irônico.”

“Você sabe sobre Gabriel e os Saint Moon?”

“Gabriel é um notório covarde.” Talbot abriu os braços ao seu lado. “Eu *sou* um Saint Moon.”

Eu fiquei sem fôlego. “Você é?”

“Ou pelo menos minha mãe era. Ela era descendente direta de Katharine e Simon Saint Moon, o primeiro lobisomem na minha família. No momento em que a minha mãe nasceu os Saint Moon tinham supostamente se aposentado do show de caça-demônios. Mas meus pais eram os criptográficos-zoólogos. Eles viajavam o mundo procurando locais de mitologia demoníaca—mas eu imagino que eles faziam uma pequena matança quando os chamaram. Até que eles me tiveram. Pararam de viajar e estabeleceram-se numa pequena cidade da Pensilvânia. Os Saint Moon tinham um acordo com a matilha de Gabriel, que viviam nas montanhas próximas, mas então, no meu terceiro aniversário, meus pais foram abatidos por um bando de lobisomens vindos da matilha—bem na minha frente.”

Dessa vez eu soltei um suspiro. Tapei a minha boca com a minha mão.

“Um dos convidados inesperados decidiu me deixar um presente especial de aniversário.” Talbot puxou pra cima a parte de baixo da sua blusa de flanela e me mostrou a grande cicatriz em forma de Lua crescente que parecia quase uma tatuagem em seu abdômen bem talhado.

“Eu sinto muito.” Eu não sabia mais o que dizer.

Talbot abaixou sua blusa. “Gabriel é quem deveria dizer que sente muito. Ele poderia ter parados esses lobisomens, mas não fez. Para isso ele teria que sujar as mãos. E seu Alfa, Sirhan, mal puniu os lobisomens que mataram meus pais. Eles merecem o que vai acontecer com sua matilha quando Sirhan morrer...” Ele apertou seus lábios e olhou para seus pés.

“O que aconteceu com você depois disso?” Eu não poderia imaginar ser tão pequeno e ver seus pais mortos na sua frente. Ele deveria ser só seis meses mais velho que o bebê James.

“Eu fui enviado para viver com meu avô na sua fazenda. Ele já estava cuidando do meu primo com deficiência mental. Nosso avô costumava nos contar todas as histórias sobre o grande Saint Moon. Combatentes de demônios. Admirável até o fim. Costumava nos mostrar esse velho punhal de prata. Ele morreu após um AVC quando eu tinha treze anos e foi quando eu decidi continuar seu legado. Eu só tinha uma vantagem sobre Simon e os outros Saint Moon—eu tinha super poderes. E ao contrário de covardes como Gabriel, eu os usava.”

“Seu primo com problema mental era a única família que você tinha?”

Talbot assentiu. “Eu não podia tomar conta dele e ele não podia tomar conta de mim, mesmo ele sendo muito mais velho. Eu não o tenho visto desde o dia em que nosso avô morreu. Mas nós somos os últimos da família.”

“Não,” eu disse “Don está morto. Eu o conhecia e ele morreu há dez meses. Mas ele queria ser um herói como você.”

Talbot abaixou sua cabeça e os seus ombros caíram. Foi por isso que ele parecia estranhamente familiar. Mesmo sem nenhuma das características específicas eram idênticos, ainda que houvesse uma semelhança na família—essa familiaridade me surpreendeu tantas vezes antes—na forma da boca, no tom de voz e no tamanho das mãos. Talbot me lembrou de um jovem, atraente mentalmente e fisicamente saudável Don Mooney. Ele ate mesmo tinha uma ligeira semelhança com Gabriel—talvez os dois fossem também primos.

“Isso significa que *você é o último Saint Moon verdadeiro*,” eu disse.

Talbot se curvou. Tinha achado seu boné de beisebol. Pegou e colocou na cabeça. “Eu vou checar o resto por corpos. Duvido que essas criaturas fossem hóspedes *bem-vindos* de quem morava aqui.”

Ele se encaminhou para as escadas, então parou e olhou para trás para mim. “Você fez um trabalho descente hoje. Nos só temos muito para trabalhar antes de pensar em ir atrás da gangue de verdade.” Ele deu um meio sorriso. “Vamos achar seu irmão. Eu prometo.”

“Obrigada,” eu disse.

“Vamos começar a trabalhar curando essas marcas no seu rosto. Eu aposto que você pode encontrar uma toalha nos quartos e se lavar um pouco. Eu não posso te levar de volta ao ônibus com essa aparência.”

ALGUNS MINUTOS DEPOIS

Eu encontrei um pequeno banheiro fora da cozinha. Anéis amarelos manchavam dentro do vaso e o espelho estava embaçado e rachado. Uma velha toalha de rosto estava presa no anel de toalha de bronze. Eu a puxei da alça de metal e usei para limpar uma parte do espelho. Eu olhei para meus olhos avermelhados no reflexo e então minha pele pálida e meus cabelos desgrenhados. Marcas vermelhas em forma de dedos pintavam o meu pescoço onde Mishka tinha me agarrado e três raivosas bolhas de queimadura da luta apareciam no meu rosto do sangue ácido do Gelal.

Eu fechei meus olhos e me concentrei. Tentei imaginar minha cura como Daniel tinha me ensinado. Mas quando eu abri meus olhos meu reflexo era exatamente o mesmo. Minha habilidade de controlar minha super-audição, velocidade e agilidade tinham aumentado dez vezes mais desde a importante descoberta no domingo. Mas meu poder de cura ainda me iludia. Sim, essas feridas provavelmente iriam sarar em questão de horas—comparado com um humano normal que deveria levar semanas—mas eu deveria ser capaz de acelerar o processo ainda mais. Fazer em segundos o que levaria horas, se eu me concentrasse bastante.

Eu não podia esperar horas, então fechei meus olhos e tentei de novo. A cura tinha sido o primeiro poder que Daniel desenvolveu quando era criança—foi assim que ele descobriu as habilidades especiais em primeiro lugar. Mas por uma razão foi a mais difícil para mim. Eu abri meus olhos e franzi minha testa com a aparência inalterada—depois eu dei um pulo com Talbot parado atrás de mim na porta. Eu segurei o balcão para me equilibrar.

“Desculpa,” Talbot disse. “Eu bati na porta, mas não tive resposta. Estava preocupado...”

“Tudo bem. Eu estava tentando me concentrar.”

“É melhor se concentrar mais. Temos que voltar para o ônibus e você não está curada ainda.”

“Isso é porque eu não sei como fazer.”

“Oh.” Talbot deu um passo e entrou no cômodo. Só mais dois passos e nós estaríamos nos tocando. Amaldiçoei meu coração por estar batendo tão rápido. “Eu posso te ajudar,” ele disse.

“Como?”

Talbot deu mais um passo. Muito perto agora. Eu vi seu reflexo no espelho quando ele levantou suas mãos e escovou meu cabelo para trás da orelha. Ele colocou as duas mãos no meu rosto, pressionando-as nas queimaduras. Eu estremeci e tentei me afastar do seu toque.

“Calma,” ele disse baixinho. “Não pense na dor. Pense sobre de onde ela vem. O que você estava sentindo quando isso aconteceu?”

“Assustada.” Imaginei a visão do Gelal com a espada espetada na minha frente. Então o jeito que ele pegou a espada e cortou suas próprias mãos. “Horrorizada.”

“Feche seus olhos.”

Eu deixei minhas pálpebras se fecharem.

“Concentre-se no que estava sentindo.” Ele chegou perto da minha orelha. “Segure essas emoções dentro de você até queimar.”

No início eu não sabia o que ele queria dizer, parecia tão o oposto do que Daniel tinha me dito que eu pensei que não faria. Mas repetindo aquela cena horrível na minha cabeça eu deixei o medo me dominar. Senti pânico no meu peito. Então senti o toque de Talbot formigar. O calor aumentava até que ficou quente como uma brasa branca, e quando eu pensei que talvez eu fosse desmaiar de dor, o formigamento se distanciou para o nada.

Eu abri meus olhos. Talbot tirou a mão do meu rosto e as colocou nos meus ombros. O fogo tinha ido embora.

“Novinha em folha,” ele disse.

Encontrei seu olhar no espelho por um segundo e rapidamente virei minha cabeça.

Eu não sabia se eu podia olhar para o Talbot da mesma forma de novo. Ele mudou muito nas últimas horas. Ele não era apenas um garoto da fazenda com covinhas que passou a ser outro Ubat e me lembrava de coisas confortáveis. Debaixo dessa camisa de flanela batia o coração de um poderoso caçador—um forte o suficiente para matar um demônio com uma única espada de aço.

Talbot era perigoso.

Eu não tinha nenhuma dúvida sobre isso.

Mas ao mesmo tempo, eu não podia deixar de imaginá-lo como um garotinho, gritando com medo porque seus pais foram mortos na sua frente. Isso me fez querer envolvê-lo em meus braços, segurá-lo como o bebê James e dizer que tudo ia ficar bem—que eu poderia ajudar a fazer os monstros irem embora.

Eu tirei as suas mãos e me virei para sair. Não estava certo ficar perto de Talbot. Eu amava Daniel.

“Grace.”

“Sim?” Eu olhei para ele.

Ele ficou quieto por um momento. Nenhuma expressão de felicidade no seu rosto. “Pegue a toalha e limpe qualquer coisa que você possa ter tocado.”

“Por quê?”

Ele puxou o celular do bolso. “Eu estava certo. Alguém *vivia* aqui. Eu preciso ligar para a polícia para cuidar do corpo.”

Capítulo Dezesseis

Bestas de Gevaudan

MAIS TARDE, DE VOLTA AO ÔNIBUS

“Uou, que diabos aconteceu com você?” April perguntou quando eu me aproximei dela e de Claire na frente do centro de recreações.

“Uh...” Eu ainda pareço tão ruim?

“Ew. Sério, o que tem na sua camisa?”

Eu olhei para minha polo branca. O ácido do Gelal aparentemente abriu pequenos buracos em minha camisa, e traços de gosma preta permaneciam em volta das bordas de cada um deles.

“Oh, droga,” eu disse.

Claire fez uma cara de nojo. “O que vocês tiveram que fazer?”

“Oh, um. Nós estávamos ajudando alguns asilos e aconteceu que eles estavam todos infestados. Tivemos que esmagar alguns insetos.”

“Nojento!” disse April. “Cara, desculpe. Tudo o que tivemos que fazer foi ajudar a pintar uma cerca atrás de uma escola primária... E depois recebemos biscoitos!” Ela puxou um biscoito embrulhado em guardanapo de sua bolsa e o passou para mim. “Sério, eu acho que você merece.”

“Oh, obrigada,” eu disse.

Mas eu não sabia quando, ou se, eu seria capaz de comer de novo. Não depois do que Talbot encontrou no quarto principal daquela casa abandonada. Aquele velho homem nunca tivera uma chance contra aqueles monstros. Ao menos Talbot chamara a polícia, então o corpo daquele velho homem seria logo encontrado e cuidado. A única coisa que me fazia não desabar em lágrimas sobre um total estranho era saber que eu tinha pelo menos—de alguma forma—participado da destruição dos demônios que o mataram.

Claire olhou rapidamente para minhas roupas novamente. “Então, que tipos de insetos vocês tiveram que matar?”

“Insetos realmente grandes,” eu disse. Então eu gesticulei com a boca para April a palavra *demônios*.

Oh, ela gesticulou em resposta. Ela pegou o braço de Claire e a puxou em direção ao ônibus. “Não vamos fazer uma grande coisa das nojentas tarefas da Grace,” ela disse. “Você não quer deixar as pessoas com ciúme ou algo assim.” April riu desconfortavelmente.

“Mas eu quero saber o que...” Claire disse enquanto April a empurrava para subir os degraus do ônibus.

“Ei, você sabia que Jeff Read disse que você fica gostosa nesse suéter?”

Eu as segui para dentro do ônibus e sentei na fileira atrás delas. Eu ouvi quando elas fofocaram sobre o que mais recentemente Jeff Read dissera sobre Claire. Eu sorri e acenei com a cabeça em todas as ocasiões certas, mas eu realmente não queria mais falar.

Quando nós paramos no estacionamento da escola, eu vi Gabriel esperando por nós no portão. Eu sabia que poderia enganar Claire a respeito do dano na minha camisa, mas eu calculei que Gabriel seria mais difícil—além do mais, ele provavelmente poderia sentir o fedor de Gelal e Akh que grudara em meu cabelo – então eu fui diretamente para o Corolla do papai no estacionamento da paróquia.

Eu puxei da minha bolsa meu chaveiro com as chaves de casa, que também tinha uma chave sobressalente do Corolla. Com um pouco de sorte, papai não se importaria se eu o tomasse emprestado para ir para casa. Eu até mesmo liguei e deixei uma mensagem no celular dele, contando o que eu faria. Ele sempre podia pegar o caminhão da paróquia se ele não quisesse andar.

Eu estacionei na garagem e corri para casa. Mamãe chamou o meu nome da cozinha—seguido pelo divino cheiro de seu lombo de porco com molho Marsala¹⁵—mas eu fingi não ouvi-la e corri para o banheiro. Eu tirei rapidamente minha blusa suja, embrulhei-a na toalha que eu usara para me limpar na casa do idoso e empurrei a trouxa para o fundo da lata de lixo do banheiro. Eu tirei rapidamente o resto das minhas roupas e entrei no banho.

Eu ensaboei e enxaguei meu cabelo três vezes antes de sentir que os cheiros nocivos da tarde tinham saído. Mas o que era impossível de tirar eram as memórias do dia que agora grudavam em mim—apagando a cena de um crime, observando um demônio morrer bem na minha frente, a expressão no rosto daquela cabeça sem corpo e Talbot encontrando o velho homem morto. Eu esfreguei e esfreguei. Eu sentei sob o chuveiro com meus joelhos encostados em meu peito e deixei a água escaldante cair sobre mim. Mas não importava o quanto eu tentasse, eu não podia enxaguar aquelas imagens da minha cabeça.

Minha vida mudara nas últimas poucas horas.

Eu mudei.

Eu me sentia uma pessoa diferente e parte de mim desejava estar nos braços de Daniel, fortes e verdadeiros, para me envolver em seu abraço quente. Eu queria ouvi-lo me

dizer que estava tudo bem eu ser diferente agora. Que ele ainda me amava não importa o que aconteça.

Quando a água ficou fria, eu saí e coloquei roupas limpas. Meu plano era me esconder no quarto pelo resto da noite. Eu ainda murmurava tanto pelo que acontecera essa tarde que eu temia que se eu passasse muito tempo com alguém, eles perceberiam que eu estava escondendo algo. Eles perceberiam as mudanças em mim. Eu estava a ponto de começar um trabalho de casa em minha mesa quando Charity bateu em minha porta.

“O que foi?” eu perguntei.

“O jantar,” ela disse e me lançou um estranho olhar da porta.

“Eu comerei algumas sobras mais tarde.” Eu me virei e olhei para o livro. “Eu tenho muito trabalho a fazer.”

“Não... Mamãe disse que todos tem que vir. É um jantar em *família*. Mamãe cozinhou e nós teremos companhia.”

“Sério?” Jantar regular em família tem sido um familiar ritual Divine pelos primeiros dezessete anos da minha vida, mas agora eu mal podia me lembrar da última vez que todos nós sentamos à mesa juntos—quanto mais com companhia. Eu acho que deveria ter somado dois com dois quando senti cheiros bons vindos da cozinha.

“Daniel está aqui.”

“Ooh.” Eu adorava que só pela menção do nome dele meu coração saltava.

“E aquele novo professor gato de religião da sua escola. Pastor Saint Moon.”

“Oh.” Minha voz dessa vez bem diferente. Gabriel era a última pessoa que eu queria ver nesse momento. “Eu realmente tenho muito trabalho a fazer. Você pode dizer à mamãe que eu não posso—”

“Sim, certo. Mamãe está no modo Martha Stewart lá em baixo. Ela fez uma refeição com quatro pratos e tirou a boa porcelana do armário. Eu não mexeria com ela se eu fosse você.”

“Ótimo,” eu murmurei.

Mãe gritou nossos nomes do andar de baixo. Charity pulou como um gato assustado e gritou, “Estou indo!”

Eu levantei da minha mesa e verifiquei meu reflexo em meu espelho de corpo inteiro, só para reafirmar a mim mesma que não havia nenhuma evidência física do que eu fizera com Talbot essa tarde. Charity ainda estava de pé na porta, então eu fingi que estava verificando minha maquiagem — mas depois eu me lembrei de que não estava usando.

“Você está bem?” ela perguntou.

“Ah, sim.”

Eu segui Charity descendo as escadas. Daniel e Gabriel estavam sentados à mesa de jantar com papai e o bebê James. Mamãe nos deu aquele olhar de porque-demoraram-tanto enquanto colocava uma tigela de salada na mesa.

Gabriel ficou de pé quando Charity e eu nos aproximamos e ele curvou a cabeça para mim enquanto eu sentava. Me perguntei se tinha algo a ver com aquela coisa de A Divina que ele falara, ou se era só outro maneirismo fora de moda. Depois Gabriel virou e curvou sua cabeça para Charity.

Ela riu e corou.

Eu rolei meus olhos.

E Daniel bufou.

Charity não tinha ideia de quão velho Gabriel Saint Moon era para ela ter uma queda por ele.

Eu sentei próximo a Daniel. “Ei,” ele disse e apertou minha mão. A beirada da atadura em seu braço estava toda corroída—provavelmente porque ele ficava mexendo nela.

“Ei,” eu respondi, tentando soar o mais normal possível. Porque era isso que Daniel queria: normal. Não diferente, como eu me sentia agora. Eu sorri casualmente, ou pelo menos tentei fazer parecer o mais casual e natural que eu podia, mas então eu temi estar exagerando. Eu não conseguia olhar Daniel nos olhos também. E se ele conseguisse ver através da minha atuação? Eu desfiz o sorriso desajeitado e mudei minha atenção para o bebê James, que tentava conseguir um ato de Houdini com as tiras da sua cadeira de balanço. Depois que eu lutei para colocar James de volta na cadeira, papai abençoou a comida e mamãe colocou salada para todo mundo.

“Isso tudo parece ótimo,” Gabriel disse quando mamãe estendeu seu prato de volta. “Eu não como dessa forma desde a última vez que eu estive na França.”

Mamãe sorriu. “Bem, obrigada, Pastor Saint Moon. Nós na verdade estamos tendo um jantar italiano essa noite. Parte de minha família se origina de Roma.” Ela então começou a contar nossa mais-que-diversa herança enquanto Gabriel acenava e fazia perguntas sobre sua família. Ouvindo mamãe entrando numa conversa real quase me fez gostar de Gabriel por um momento. Quase me fez relaxar.

Isso é, até meu pai mudar a conversa para a direção oposta. “Então, Gabriel, como está indo o projeto de serviços comunitários? Eu temi que fosse totalmente cancelado quando Sr. Shumway desistiu.”

“Muito bem,” Gabriel disse com um sorriso velho. “Você não concorda, Daniel?”

Daniel pegou seu telefone. “Sim, eu acho.” Ele verificou a tela do telefone e depois o colocou no colo. “Nós estamos esperando abrir a loja e tê-la funcionando no Halloween. Katie teve uma ótima ideia para organizar uma festa de rua fora da loja como parte de uma grande reabertura. Jogos, doces ou travessuras, concessões, rifas para arrecadar fundos.”

“Isso soa fabuloso,” mamãe disse. “Eu devia fazer algumas maçãs-do-amor e pipocas para vender e ajudar a arrecadar fundos.” Ela quase soou como a antiga ela. “Eu também posso ajudar com a decoração.”

Charity tossiu e me olhou como se dissesse, *Você acha que mamãe vai se lembrar de ter oferecido sua ajuda amanhã?*

Eu dei de ombros.

“Isso seria maravilhoso, Sra. Divine,” Gabriel disse.

Daniel verificou seu telefone de novo. “Katie ficará muito feliz em ter sua ajuda. Eu vou te dar o número dela.”

Ele olhou para a tela do telefone mais uma vez. Esperançosamente, ele não estava esperando uma mensagem de Katie ou algo assim. Mas então um pensamento pior cruzou minha cabeça. Era difícil lembrar o que acontecera enquanto eu estava em transe sob o controle de Mishka, mas eu de repente me lembrei de ela ter dito algo sobre ir a uma festa com Daniel—essa noite. Mas Mishka estava morta, então se era isso que ele estava esperando, com certeza sua mensagem nunca viria.

“Eu vou fazer turnos extras até lá para deixar a loja pronta,” Daniel disse. Eu olhei para seu telefone, agora tão ansiosa quanto ele para ver se ele tocava.

Eu quis saber como eu poderia perguntar a ele sobre o que Mishka dissera para ele sem entregar que eu conversara com ela. Ou o fato de que eu estava envolvida com sua morte.

“E você, Grace?” Gabriel perguntou. “Você acha que seu serviço comunitário está valendo a pena?”

“Sim,” eu disse. Esperançosamente, ele não me perguntaria nada tão difícil de responder sem marcas vermelhas por causa da mentira aparecendo em meu pescoço. “Mais do que eu pensei que valeria.”

“Bom. Eu estava esperando que você se envolva. Veja quanto bem uma pessoa pode fazer no mundo. Eu tenho um pressentimento que você estará viciada no fim do projeto.”

“Eu acho que já estou.” Eu não tive que esconder nenhuma marca no meu pescoço—eu estava falando a completa e total verdade.

“Então talvez meu trabalho aqui seja mais fácil do que eu pensei primeiramente.” Gabriel golpeou um pepino com seu garfo. Eu percebi que era o garfo de ouro especial da

mamãe, enquanto o resto de nós estava comendo com talheres de prata. Eu não pude evitar ficar o encarando.

Gabriel me deu um sorriso divertido e balançou seu garfo. “Como você já sabe, eu sou alérgico à prata. Foi muito gentil da sua mãe me oferecer uma alternativa tão agradável. Eu tenho que admitir que a comida não fica tão gostosa quando a gente come com talheres de plástico.”

“Deve ser terrível,” Charity sussurrou. Ela soou como se estivesse tentando parecer mais velha.

O telefone de Daniel tocou. Eu pulei. Ele o agarrou e praticamente se jogou da cadeira.

“Desculpe-me, mas eu preciso sair.”

“Sério?” Mamãe disse. “Tem certeza? Nós nem comemos o filé ainda.” Ela se virou para Gabriel. “É realmente maravilhoso, se eu posso dizer. Receita da minha mãe.” Ela olhou novamente para Daniel com um sorriso doce no rosto. “Seria uma pena você perder, Daniel.”

Eu quase me sufoquei com uma amêndoa da minha salada. Essa era a segunda vez que mamãe estava sendo legal com Daniel em uma noite. Normalmente, ela apenas tolerava sua presença porque papai disse que ela não poderia mais proibir Daniel de entrar em nossa casa. Mamãe voltou seu sorriso agradável para Gabriel.

Ou o Pastor Saint Moon era um grande estabilizador de humor para minha mãe, ou ela estava tentando ao máximo impressioná-lo. Talvez houvesse alguns benefícios em tê-lo por perto.

O telefone de Daniel tocou em sua mão. “Desculpe, eu realmente tenho que correr.”

“Aonde você vai?” Eu levantei da mesa. “Eu vou com você.”

“Grace,” Mamãe repreendeu. “Nós temos visita.”

“Não.” Daniel já estava na porta. Ele pegou sua jaqueta do porta-casacos. “Eu disse ao Sr. Day que se ele precisasse de mim essa noite, eu iria fazer um turno extra. Eu vou trabalhar até tarde. Fique aqui e coma.” Ele passou pela porta antes que eu tivesse a chance de responder.

Por que ele estaria tão ansioso para receber uma mensagem do Sr. Day?

Mas pelo menos eu sabia que não era de Mishka.

“Conte-nos mais sobre França,” Charity disse a Gabriel.

Eu me sentei novamente na cadeira e encarei minha comida.

De repente, eu não tinha mais apetite.

DEPOIS DO JANTAR

Eu estava ocupada limpando a mesa enquanto mamãe pegava Charity e papai para ajudá-la a desenterrar todas as nossas decorações de Halloween do porão.

Ela queria enviá-las a Gabriel para ajudar na arrecadação de fundos. Gabriel oferecera ajuda, mas mamãe o enxotou para o escritório de papai, recusando a permitir que ele levantasse um dedo.

Eu passei pelo escritório com uma braçada de louças e vi Gabriel sentado na cadeira de papai, folheando um dos muitos livros dele. Ele passou sua mão em seu longo e pesado cabelo. Eu estava certa; ele e Talbot realmente pareciam ser primos algumas vezes—mesmo que a maioria de suas características não fossem as mesmas. Eu me perguntei se Gabriel realmente não tinha feito nada para impedir que a família de Talbot fosse massacrada. Como ele podia permitir aquilo depois do que acontecera com sua própria irmã?

Eu suspirei. *Há diferença entre ser um pacifista e ser um covarde?*

Eu fui para a cozinha e deposei as louças na pia. Quando eu voltei pelo corredor em direção à sala de jantar, eu encontrei Gabriel em pé na porta do escritório.

“Você quer me perguntar algo?” Gabriel deu um passo de lado para que eu pudesse entrar no escritório se eu quisesse.

Eu hesitei e quase disse não, mas eu não podia apagar a imagem de Gabriel não tomando parte enquanto uma mãe e um pai eram assassinados na festa de aniversário de seu pequeno filho. Ele realmente estivera lá? Ou isso fora apenas algo que saíra de seu controle? Eu segui Gabriel para o escritório de papai e sentei em uma das cadeiras em frente à mesa.

A única coisa era que eu tinha o mesmo problema aqui que eu tive com Daniel. Como eu poderia fazer as perguntas para ele sem revelar que eu sabia o que eu sabia para começar?

“Algo está te preocupando,” Gabriel disse. “Você ainda não está vendo os méritos de seu serviço comunitário? Eu posso garantir a você, Grace, caridade e compaixão proverão uma vida muito mais completa que qualquer outro caminho à sua frente.”

“Mas todo mundo é capaz de ter caridade e compaixão. O que eu não entendo é porque você não usa suas habilidades especiais para fazer a diferença. Há muitas coisas perigosas acontecendo. Nós não deveríamos fazer qualquer coisa para impedi-las?” Eu não podia ignorar a lembrança daquele velho homem morto em sua casa por aqueles demônios. *E se Talbot e eu tivéssemos conseguido encontrá-lo mais cedo? E se nós conseguíssemos salvar sua vida?* “Eu não entendo você. Você tem a possibilidade de fazer a diferença, mas

“você apenas se esconde nas montanhas com seu bando, completamente isolado do mundo. Por que você vira as costas para o que o Urvat foi originalmente criado para fazer? Por que você quer que eu faça o mesmo?”

“Porque eu *sou* uma dessas coisas perigosas, Grace. E eu não quero que você se torne uma também.”

Eu olhei para longe de seus olhos azuis acinzentados.

“Meu grupo vive isolado porque nós nos removemos da sociedade pela segurança da humanidade—e para nossa própria segurança.” Gabriel ergueu o livro que ele estivera folheando. Era um dos livros de papai sobre a doutrina dos lobisomens, recheado da maioria dos mitos. Gabriel abriu-o em uma página com um desenho de uma criatura estranha parecida com uma hiena-lobo. “Você já ouviu sobre a Besta de Gevaudan?”

Eu afirmei com a cabeça. Era uma das mais ameaçadoras histórias que eu lera no livro.

“O que você sabe sobre isso?”

“Eu li que a besta aterrorizava os campos da França nos anos 1760 ou por aí. Em três anos, ela matou duzentas e duas pessoas. A maioria mulheres e crianças. Finalmente, um pobre camponês supostamente matou a besta com um único tiro no peito com uma bala de prata. Ele levou o corpo da besta para o rei e fora recompensado com uma fortuna. Os cientistas alegam que deve ter sido algum tipo de hiena, mas muitas pessoas acreditavam que era na verdade um lobisomem que foi a responsável por todas aquelas mortes.”

“Eles estavam parcialmente certos. Eram lobisomens, na verdade,” Gabriel disse. “E foram cento e dezessete mortes. Esse livro não é exato. Bem, na verdade, nenhum deles nunca é, pois há apenas poucos de nós que sabem o que realmente aconteceu.”

“Você estava lá?”

Gabriel afirmou com a cabeça. “Veja, houve um tempo que meu grupo viveu próximo à sociedade. Nós nos misturávamos como pessoas normais. Eu até mesmo tentei pela primeira vez ser um sacerdote por um tempo—não exatamente o mesmo que um monge. Mas nosso alfa naquele tempo—seu nome era Ulrich—deixou os lobisomens de nosso grupo caçarem de acordo com a sua vontade. Eles foram discretos no início, mas muitos deles saíram do controle. Eles acreditavam que nós, como criaturas superiores, deveríamos dominar os campos com terror. Ulrich começou a acreditar que ele podia derrubar o governo se os camponeses tivessem medo o suficiente para se revoltar. Muitos do grupo tinham prazer em atacar mulheres e crianças e deixar seus corpos estripados perto das estradas e nas trilhas das florestas para que outros os encontrassem. Eles sentavam nas praças da cidade e com alegria ouviam os lamentos e choros dos amedrontados.”

Eu me mexi desconfortável na cadeira. Isso era pior do que a história do livro.

“O Rei Luis XV finalmente ouviu as preocupações de seu povo e estabeleceu um prêmio para a cabeça da suposta besta. Ele recrutou camponeses como soldados para matar lobos e enviou esses grandes nobres caçadores para as vilas e florestas. Os homens do rei saquearam muitas casas dos camponeses, levando comida e suprimentos, estupraram suas filhas e dizimaram suas fazendas—tudo para encontrar a besta. Tornou-se uma época muito perigosa para qualquer pessoa suspeita de saber qualquer coisa sobre os lobos. Muitos do meu grupo levaram tiros dos caçadores enquanto estavam em sua forma de lobo. Todos eles sobreviveram, claro, mas ainda era uma forma muito desagradável de viver. Apesar disso, Ulrich e muitos dos lobos em nosso grupo continuaram a matar—mesmo arriscando nos expor.”

“Isso é terrível. O que você fez?”

Gabriel esfregou um de seus dedos, que tinha uma faixa de pele mais clara do que o resto da mão. “Eu estava preocupado com os habitantes da cidade. Com o coração partido de ver muitos inocentes morrerem por esporte. Eu era o sacerdote responsável por muitos de seus funerais. Afortunadamente, eu não era o único que estava enojado das maneiras de Ulrich. Meu mentor, Sirhan, que deveria ter sido o verdadeiro alfa de nosso grupo, não reivindicara a posição por respeito ao seu pai, Ulrich. Entretanto, ele temia não haver grupo para ele herdar se ele esperasse muito. Ele e alguns outros parceiros do grupo inventaram um plano. Eu me recusei a tomar parte diretamente, porque envolvia matar, mas como sacerdote, eu abençoei algumas balas de prata para eles. Sirhan então esperou até que Ulrich se transformasse num lobo e quando ele estava para atacar um caçador camponês, Sirhan atirou nele no coração com uma das minhas balas de prata. Ele então disse ao camponês que se ele levasse o corpo do lobo gigante ao rei e alegasse que ele o matara, ele seria recompensado graciosamente.”

“Sirhan tornou-se o verdadeiro alfa do grupo e pôs um fim nas matanças e quando chegou à hora certa, nós nos mudamos para a América. Nós vivemos aqui em solidão desde então. Sirhan pôs a preservação do grupo sobre tudo. E eu, como seu beta, Guardião do grupo, os encorajei a viver em paz. Alguns podem chamar isso de ser covarde. Eu não.”

“E o grupo tem estado em paz desde então?” eu perguntei. Aquilo não se encaixava com o que Talbot me contara sobre os lobos do grupo de Gabriel atacando sua família.

“Muitos deles ainda caçam em nosso território—animais em sua maioria, mas houve poucos humanos infelizes que vagavam em nossas terras nos últimos duzentos anos... Mas nós vivemos discretamente. Entretanto, um pouco menos de vinte anos atrás, houve um grupo de Urbats relativamente jovens em nosso grupo que não entendiam as coisas que Sirhan e eu tentávamos ensinar a eles. Eles eram uma nova geração que se divertiam com as histórias de Ulrich e as Bestas de Gevaudan; eles achavam que o grupo devia voltar ao que eles se referiam como ‘a era de ouro dos lobisomens’. Um deles desejou ser o novo alfa, então eles atacaram Sirhan, feriram mortalmente sua parceira, Rachel, e levaram sua ‘festa de matança’ para a cidade mais próxima e atacaram pelo menos cinco diferentes famílias.”

A imagem de uma criança de três anos assistindo seus pais morrerem brilhou em minha cabeça. “E você não fez nada para impedi-los?”

“Não havia nada que eu *pudesse* fazer.” Gabriel baixou seus ombros e novamente esfregou aquela faixa mais clara na pele de seu dedo. “Quando eu fora transformado em lobo, eu fui para uma ‘festa de matança’ também—até eu matar minha irmã, Katharine. Quando eu retomei meus sentidos e percebi o que tinha feito, eu jurei evitar todas as formas de violência. Eu não machuquei ninguém por vontade própria desde então. Eu não levanto minha mão, não importa a causa.”

“Então você só saiu da frente e deixou aqueles lobos vagabundos matar aquelas famílias?”

“Sirhan mandou homens atrás deles. Eles foram capturados e lidados por quase expor o grupo. Seu líder foi banido por ferir Rachel, que veio a falecer, e por tentar usurpar a posição de alfa de Sirhan.”

“Banido? Por que não morto? Para onde ele foi?”

Gabriel apertou os lábios e colocou o livro aberto na mesa. “Sirhan o pôs para fora do território. Ele vagou um pouco e então decidiu criar seu próprio grupo casando com uma mulher humana e tendo um bebê. Ele finalmente começou a matar novamente. Eu acredito que você o conheça como O Monstro da Rua Markham.”

Eu arfei. “Sr. Kalbi? O pai de Daniel?” Eu procurei em minha cabeça pelo primeiro nome—Daniel nunca o disse.

“Caleb Kalbi,” Gabriel disse. “Sim.”

Agora eu finalmente entendo por que Sirhan não deixara o filho de Caleb voltar para seu grupo no ano passado. Por que ele parecia desprezar Daniel sem ele ser culpado de nada.

“Eu apenas estou grato por Caleb não ser um alfa de verdade, ou esse mundo poderia ser um lugar muito diferente. Se ele convencesse mais do que alguns membros de nosso grupo que ele poderia ser um líder...” Gabriel sacudiu sua cabeça. “Caleb deu prejuízo suficiente como o Monstro da Rua Markham, mas imagine se ele tivesse um grupo inteiro cumprindo suas ordens. Seria uma repetição de Gevaudan. Provavelmente muito pior.”

Eu estremeci com a ideia. Caleb matara pelo menos duas dúzias de pessoas sozinho antes de deixar a cidade. Eu não podia imaginá-lo com um grupo inteiro sob seu controle. “O que você quer dizer com um *alfa de verdade*?” eu perguntei a Gabriel. “Você chamou Sirhan disso antes.” Minha cabeça estava começando a rodar por absorver tanta informação, mas eu não sabia quando eu teria a chance de fazer essas perguntas a Gabriel.

“Alfas verdadeiros são muito raros. Eles são Urbats nascidos com certa essência mística que cresce neles enquanto eles ficavam mais velhos. Eles são líderes de grupos

verdadeiramente ‘escolhidos’ e se um alfa verdadeiro quiser ser o alfa de um grupo, normalmente o resto do grupo o reconhecerá como tal. Eu não sei exatamente por que, talvez seja algum fenômeno mágico, ou simplesmente feromônios. Houve pouquíssimos alfas verdadeiros e eles são ainda mais raros agora do que antes—provavelmente porque Urbats tendem a não procriar mais tão frequentemente. A maioria dos grupos funcionam sob a liderança de um alfa regularmente nomeado, ao invés de sob a direção de um alfa verdadeiro. Sirhan é o último alfa verdadeiro restante que eu conheça. Eu pensei que houvesse outro em um determinado momento, mas não mais. E com Sirhan em seu leito de morte—”

“Sirhan está morrendo? Alguém tentou matá-lo novamente?”

“Ele está morrendo de velhice, eu acho que você pode afirmar. Sirhan caiu na maldição dos lobisomens há novecentos e noventa e nove anos e ele está começando a sentir a idade agora. Ele está muito doente. Nenhum lobisomem viveu mais do que mil anos. Eu acredito que é só uma questão de semanas para ele morrer.”

“Então, o que vai acontecer quando Sirhan morrer?” Eu me lembrei de Talbot dizendo algo sobre como Gabriel merecia o que estava para acontecer com seu grupo quando Sirhan morresse.

“De acordo com a lei do grupo, quando um alfa morre, um novo alfa deve ser nomeado. Se não há um alfa verdadeiro presente, então normalmente o chamado do alfa passa para um beta. Esse seria eu, nesse exemplo. Entretanto, antes que o beta possa tomar conta, ele deve suportar uma ‘cerimônia de desafios’, durante a qual qualquer lobo pode se apresentar para contestar o beta sem que ninguém o proíba. O beta pode tanto sair do caminho e deixar o desafiante ser o alfa, ou os dois podem brigar até alguém desistir—ou morrer. O vencedor é nomeado o alfa do grupo, mesmo se ele for um intruso, ou for o alfa de um grupo diferente. Se mais de um desafiante se apresentar—mesmo sendo mulher, embora isso seja raro—na cerimônia, então eles todos devem lutar pela posição. Isso pode ser mortal.”

“E eu devo supor que você sairá do caminho se alguém te contestar?”

Gabriel suspirou. “Normalmente o beta não é desafiado por respeito,” ele murmurou.

“Mas e se alguém como Caleb te desafiar?”

Gabriel piscou.

“Você irá lutar, certo?” Havia mais raiva na minha voz do que eu esperava. *Ou ele era apenas um covarde?* Essa voz que eu ouvia algumas vezes rosnou dentro da minha cabeça.

Gabriel não respondeu. Ele bateu seus dedos na página aberta do livro.

“De que vocês dois estão falando?” Charity disse da porta do escritório. Ela balançou em seus braços uma caixa grande escrito HALLOWEEN #3.

Gabriel levantou-se da cadeira. “Deixe-me pegar isso para você,” ele disse e estendeu seus braços para Charity.

“Obrigada”, ela disse enquanto dava a caixa para ele. “Mamãe pegou mais umas cinco dessa. Desculpe por demorar tanto. Mamãe nos fez organizar o armário inteiro antes que pudéssemos tirar qualquer coisa.”

Eu ouvi mamãe chamar Charity da escada do porão e ela mergulhou novamente no corredor.

Gabriel voltou-se para mim. “Nós veremos o que vai acontecer quando chegar a hora. Mas eu não temo Caleb Kalbi, Grace. Ele é um pretexto patético para um homem ou um lobo e eu duvido que ele ouse aparecer sozinho em qualquer lugar perto do nosso grupo.” Gabriel levou a caixa para fora do escritório e disse algo para o meu pai, que devia estar na cozinha.

Eu suspirei e deitei minha cabeça na mesa. Meu cérebro parecia pesado de tanta informação, e agora, por cima das minhas preocupações sobre Daniel e minha ansiedade para encontrar Jude estava uma nova grande caixa de preocupações. Olhei para o livro e vi o desenho da Besta de Gevaudan. Pescoço comprido, garras afiadas e dentes pingando sangue. O desenho descrevia uma mulher deitada no chão, tentando em vão impedir que a besta se lance com uma grande lança. Outra pergunta veio à minha cabeça, mesmo que fosse muito tarde para perguntar ao Gabriel agora.

E se Caleb Kalbi realmente aparecesse na cerimônia — mas ele não estivesse sozinho?

Capítulo Dezessete

Treino Básico

QUARTA À TARDE

Eu sabia que as histórias de Gabriel deveriam supostamente me deter de tentar desenvolver meus poderes, mas elas só me fizeram ficar mais determinada. Havia coisas más lá fora—coisas ruins como Caleb Kalbi (mesmo que, de acordo com Daniel, ele esteja supostamente morando na América do Sul agora) e coisas ruins como os Reis das Sombras, com intenção de resgatar a cidade daqueles que sabiam seus propósitos. E eu tinha de estar preparada para enfrentá-los se pessoas como Gabriel estavam se sentando e fazendo nada. Eu mal podia esperar que os dias de aula passassem antes que eu pudesse ver Talbot novamente.

Bati meus pés com antecipação à viagem de ônibus para Apple Valley e mal percebi o que April estava falando até ela me perguntar o que eu pensava sobre tiaras.

“Hmmm, o quê?”

“Tiaras: a favor ou contra? Fale a favor, porque eu venho morrendo por desenhar uma tiara de matar. Oh! Talvez isso possa mesmo ser de matar. Poderia ter algumas pontas de prata nela que se separam, como aquelas estrelas chinesas ou algo assim.” Ela tremeu e escreveu algo no caderno.

“Sobre o que você está falando? Por que eu iria precisar de uma tiara?” E eu queria mesmo saber?

April ergueu um dedo. Ela escreveu mais uma coisa no caderno. “Nós estamos discutindo um tema de princesa para o seu disfarce. Como Princesa dos Lobos, ou Princesa Lupina, Princesa Filhote... Não...”

“Você está brincando, certo? Sem elastano. Sem tiaras. E definitivamente sem princesas.” Eu tentei pegar seu caderno para ver em que droga ela vinha trabalhando durante o tempo em que eu não prestara atenção.

Ela pôs o caderno contra o peito para mantê-lo longe de mim. “E que tal sobre a Rainha C-A-D-E-L-A?”

“Abril!” Meu maxilar caiu. Ela nunca tinha sido uma de ofender – mesmo com outras palavras.

“Bom, você tem estado mesmo no limite ultimamente,” ela disse.

“Eu não estou no limite. Eu só, você sabe, estou nervosa.”

Eu não sabia realmente o que esperar de um treino básico, desde que a ideia de Talbot para testar minhas habilidades havia sido um pouco mais que intensa, mas fiquei surpresa quando ele nos levou para uma corrida descendo a galeria Apple Valley depois que eu o encontrei fora do ônibus.

“Se você pensa que eu preciso aguçar minhas habilidades com shoppings, eu já tenho Abril para isso,” brinquei quando seguia Talbot a uma das lojas.

“Essa não é uma viagem de prazer,” ele disse, e apontou para cima para o símbolo na porta. Metade das letras estava faltando, mas eu poderia dizer que era um estúdio de karatê para crianças. Um dojo—ou pelo menos era assim que eu pensava que se chamava.

Cruzei meus braços na frente do peito. “Se você está pensando em me inscrever em uma turma com um monte de crianças do jardim de infância, já vou logo lhe dizendo que isso não vai acontecer.”

Talbot revirou os olhos. “Esse lugar esteve fechado no último ano. A Fundação Rock Canyon acabou de arrendar a propriedade. Eles estão planejando em ajeitá-lo para um dos programas juvenis deles, mas eu calculo que nós temos esse estúdio para nós por uma semana mais ou menos. Um lugar perfeito para aprimorar as suas habilidades em um ambiente controlado.” Ele tirou uma chave do bolso e destrancou a porta da frente. Ele a segurou aberta para mim.

“Ambiente controlado?” Era uma pequena sala de espera na frente de uma loja com cadeiras de metal empoeiradas, e então um longo e escuro corredor que supostamente levava para o estúdio. “Você jura que não tem demônios esperando lá dentro para pular em mim?” Eu podia apenas imaginar uma sala cheia de Gelals com suas garras para fora, prontos para cravá-las em mim no segundo em que eu entrasse.

Talbot sorriu. “Bom, eu talvez possa pular em você—mas só se você pedir por isso.”

“Eu gostaria de ver você tentar.”

Talbot sacudiu um pouco a cabeça. Ele me dedicou um olhar levemente esperançoso.

“Piada ruim para os dois,” respondi, sentindo embaraço e culpa ao mesmo tempo por ter respondido ao flerte dele. Daniel e eu podíamos não estar no mais sólido degrau no momento, mas não havia desculpas. “Desculpe.” Se Talbot ia ser o meu mentor, então eu precisava delinear a linha entre nós bem longe do limite de flertes.

As bochechas de Talbot pareceram um pouco coradas. “De qualquer jeito, eu vou só ensinar a você alguns novos movimentos, prometo.”

Talbot e eu andamos pelo longe corredor e então entramos no dojo. Estava cheio de esteiras e possuía uma longa parede de espelhos quebrados. Talbot abriu sua mochila. Ele tirou de lá um desses uniformes brancos de karatê e o esticou para mim.

“Tem um banheiro ali. Você deveria se trocar e por isso, então você não vai estragar a sua roupa para a escola.”

Dedilhei o tecido enquanto andava para o banheiro. Fechei a porta com força e tirei minha roupa. Vesti rapidamente aquele quimono porque parecia estranho ficar ali parada com só uma blusinha e roupas de baixo enquanto apenas uma fina parede nos separava. E se ele decidisse de repente aparecer na porta de novo?

Enquanto eu saía do banheiro, encontrei Talbot esperando por mim, vestido em seu próprio quimono branco preso por uma faixa preta. A parte branca de cima se cruzava sobre seu peito. Ele tinha um peitoral tão delineado quanto seus antebraços. Olhei para baixo para seus pés descalços aparecendo no final de sua leve calça branca. Por que toda essa situação não parecia mais surreal que qualquer outra que nós tivemos feito até o momento?

“Então você é o Sr. Miyagi e eu sou o Karatê Kid,” eu disse.

“Eu sou o Senhor o quê?” Talbot perguntou.

“Você sabe, Sr. Miyagi. Do filme? Tenta pegar moscas com os palitinhos?”

Talbot me respondeu de forma inexpressiva.

“Você sabe, você tem que ser todo ‘Wax on, wax off!’” Fiz os gestos com as mãos junto com o canto.

Os olhos de Talbot permaneceram inexpressivos. Ele obviamente não havia entendido.

Eu fiz um gesto muito dramático. Eu acho que crianças que cresceram em fazendas com caçadores de demônios aposentados não assistiram muito dos oito filmes. “Você é o grande mestre do karatê, e eu sou sua aluna.”

“Hmmm, ok.” Ele ainda me olhava de um jeito engraçado. “Mas eu não vou ensinar karatê a você. Eu estou atualmente debatendo entre aikidô e Wing Chun. Ambos são bons para uma lutadora pequena. Além do mais, você precisa de um treino de espada. E então nós vamos avançar para bestas, estaqueamento avançado, e talvez até algum trabalho com a equipe de arcos.”

Dessa vez fui eu quem fiz a cara de surpresa, mas não porque ele estava brincando. Ele estava extremamente sério.

DOMINGO À TARDE, QUATRO DIAS DEPOIS

Treinar com Talbot era intenso, para dizer no mínimo. Ele não recuava de socos, nunca tinha de tomar fôlego ou cuidar de uma tensão no joelho. O que significava que eu tinha que trabalhar como louca para manter o ritmo com ele. E eu não sabia como isso era possível, mas eu ganhei mais habilidades em menos de uma semana trabalhando com Talbot do que eu havia conseguido em meses trabalhando com Daniel.

Talvez fosse pelo fato de que Talbot não exigiu que eu me segurasse, ao mesmo tempo em que me encorajava a ir em frente. Ele queria que eu me agarrasse às minhas cruas emoções, usá-las para me fazer mais forte. E eu não podia acreditar em quão rápido isso funcionara—quão mais poderosa eu havia me tornado.

Nossos treinos eram como uma droga—atingindo minhas habilidades de forma esmagadora, engolindo-me, deixando-me tonta com poder e querendo mais. April sempre me dava olhares engraçados quando eu voltava para o ônibus, e ela sempre pergunta sobre o que Talbot e eu estivemos fazendo para treinar, mas ela nunca entendeu completamente porque eu estava tão animada com um parceiro para lutas.

Eu já havia meditado sobre sair com Talbot no domingo para uma sessão extra de treinos. Mas mamãe estava a todo vapor desde que Gabriel apareceu uma noite para jantar e ela soube mais sobre a arrecadação de fundos no festival de Halloween—o mesmo festival de angariação de fundos que ela havia assumido o controle das cabines de concessões e dedicou cada momento para a preparação. E não havia como escapar do desejo dela de cozinhar e congelar um milhão de tortas de nozes todo domingo para comer e beber. Nós estávamos em contagem regressiva, seis dias até o Halloween, e eu sabia que se não fosse pelo meu serviço obrigatório do projeto cada tarde na próxima semana, eu provavelmente nunca sairia de casa para o treino com Talbot novamente.

No domingo à tarde, eu me senti tão positivamente instável por ter passado tanto tempo sem treinar que eu mal podia pensar. O que definitivamente não era uma coisa boa, desde que eu supostamente deveria encontrar com Daniel para um piquenique nos gramados da paróquia após o serviço. Com a insistência de meu pai, mamãe me concedeu um indulto de duas horas para trabalhar na minha aplicação para Trenton com Daniel. Eu ainda me incomodava pensando se Daniel iria notar alguma diferença em mim.

Parecia que quanto melhor ficavam meus treinos com Talbot, pior ficavam as coisas com Daniel. O mais difícil era fingir ser normal perto dele.

Eu sempre odiei esconder as coisas de Daniel. Eu odiava não poder dizer nada a ele sobre Talbot, ou minhas lições, ou meus planos para encontrar Jude, pelo que importava.

Mas esse era o caminho que as coisas precisavam seguir, porque eu sabia que ele tentaria me parar.

Daniel queria que eu fosse normal, mas eu não podia ser. Essa não era mais quem eu era. Eu tenho esses talentos, essas habilidades. Eu sabia que o mal existia no mundo, e eu não podia mais só ficar sentada. Acho que é por isso que em todas essas histórias em quadrinhos o super-herói tem de criar um álter ego—a pessoa que finge ser normal para então poder ainda ficar com a amada.

Eu sabia que Daniel queria que eu fosse normal, porque ele queria me manter segura. Mas isso era apenas porque ele não sabia o que eu realmente era capaz de fazer. Ele perdeu a fé em mim em algum momento, de algum modo. Perdeu sua fé em todo conceito de eu me tornar uma Cão do Céu—mas eu ia mostrar a ele, ia provar a ele que eu podia fazer isso. Quando estivesse na hora—provavelmente não até eu terminar meu treinamento com Talbot... E talvez não até depois de eu trazer Jude para casa—eu iria dizer tudo a Daniel... Eventualmente.

Então isso tornou o que eu estava fazendo uma surpresa. Eu não estava tecnicamente mantendo segredos da pessoa que eu mais amo.

Certo?

Tanto quanto eu temia tentando retirar “Grace Divine: a filha 100% normal do Pastor” por algumas horas, eu queria estar com Daniel. Só que quando ele sugeriu o piquenique em primeiro lugar fez algum embaraço em potencial valer a pena. Com mamãe me mantendo ocupada enquanto eu não estava com Talbot, e Daniel trabalhando turnos extras para o Sr. Day e ajudando Katie Summers como co-presidente da arrecadação de fundos, parecia que fazia séculos desde que nós tivemos algum tempo juntos fora da escola. Ou até mesmo na escola, para constar—considerando que ele passa a maior parte do nosso almoço fazendo planos e colando cartazes com Katie. E por mais agitada que eu tenha me sentido hoje—tipo de retirada de poder—nada iria me impedir de almoçar com Daniel.

Exceto pelo fato de que Daniel aparentemente não se sentia do mesmo modo.

Sentei na grama com o meu vestido azul até os joelhos, absorvendo o excepcionalmente quente sol de outubro por mais de cinquenta e cinco minutos até eu decidir que ele deve ter se esquecido do nosso almoço. O almoço que ele havia planejado. Daniel não estava em serviço, mas sua presença na igreja era manchada de qualquer maneira, então eu não pensei muito sobre isso.

Meu estômago grunhiu. Eu estava sem celular (mamãe me proibiu de levá-lo para a igreja), então entrei na paróquia para usar o telefone no escritório do meu pai e ligar para Daniel. Papai não estava em seu escritório, mas a porta estava destrancada. Entrei e disquei o número de Daniel. Deu direto na secretária eletrônica.

“Eu espero que o que quer que você esteja fazendo seja importante o suficiente para me dar um bolo,” eu disse. “Ligue para o meu celular quando você lembrar quem eu sou.”

Desliguei e quase liguei de volta imediatamente para me desculpar. Eu me odiava por ser tão grossa. Mas então novamente, não era o super-herói que supostamente está

sempre esquecendo sobre os planos nos últimos minutos, saindo durante jantares importantes? Se alguém vai deixar alguém esperando, não deveria ser eu?

Peguei de cima da mesa meu pacote de aplicação e sai para o corredor. Meus músculos se contraindo, e eu estava pronta para dar o fora em uma boa corrida—com saltos ou sem saltos—mas assim que passei pelas portas duplas do hall social, ouvi estranhos barulhos vindo de dentro. Parecidos com longas e pesadas respirações e ocasionalmente alguns grunhidos.

Minha curiosidade despertou—todos os paroquianos deveriam ter ido para casa a esse horário—eu abri uma das portas e entrei. Gabriel estava sozinho de pé no meio da sala, na ponta dos pés e os braços erguidos sobre a cabeça. As palmas de suas mãos uma contra a outra. Ele usava uma túnica de linho cinza e calças, como os quimonos que Talbot e eu usamos para treinar, e um longo robe marrom. Eu não podia parar de pensar que ele parecia como um cruzamento entre um monge e um Cavaleiro Jedi.

Vi como ele baixou os braços de forma fluída, deixando-os paralelos a frente de seu peito, suas mãos curvadas, então parecia que ele estava segurando uma bola invisível. Sua cabeça virou em minha direção. Ele piscou quando me viu, mas não disse nada e continuou com seus movimentos. Isso me lembrava das artes marciais que Talbot me falou, ainda que completamente diferente ao mesmo tempo. Ele fez outros três movimentos que terminaram em um como um conjunto rotineiro. Quando ele terminou o último, se virou para mim e fez uma suave reverência.

“Olá, Senhorita Grace,” ele disse, e apontou para que eu me aproximasse na sala. “Perdoe-me por usar esse espaço. Mas temo que meu quarto seja pequeno demais para os meus exercícios.”

“Pensei que você não iria lutar,” respondi. “Por que você está praticando artes marciais?”

“Eu não pratico para lutar. O que eu faço é para balanceamento e meditação.” Ele esfregou a mancha em seus dedos, uma faixa mais clara de pele. “Algo que eu acho que preciso de mais tempo nesses dias”

“Isso é por que você perdeu o seu anel?” Apontei para sua mão. Era óbvio de onde a pele mais clara surgira, comparado com o resto de sua mão, ele deve ter carregado um anel naquele dedo por anos.

Gabriel me deu um aceno positivo, como se ele estivesse satisfeito pela minha rápida conclusão.

“O que aconteceu com ele?” perguntei. Eu estava surpresa por ele ter vindo aqui sem a selenita. Parecia como um grande risco para alguém que era obsessivo com estar em pleno controle.

“Eu a dei a alguém que precisa mais do que eu.” Ele parou de esfregar a faixa clara em seu dedo e deixou suas mãos caírem ao lado do corpo. “Só espero que não tenha sido um sacrifício em vão.”

“Jude?” Relembrei agora que essa não era a primeira vez que Gabriel vinha a Rose Crest. Eu não o havia visto, mas ele esteve aqui na véspera de Natal e havia dado ao meu pai um anel com uma selenita para Jude—o anel dele, aparentemente. “Você fez isso por ele? Mas você nunca nem nos conheceu.”

Gabriel acenou, mais solene desta vez. “Daniel falou sobre você e a sua família ocasionalmente. Acho que eu senti como se já os conhecesse. Poderia dizer que você era exatamente como a minha irmã, Katharine, e Jude pareceu muito comigo antes de voltar e me juntar à igreja e partir com as Cruzadas. Quando eu recebi cartas do seu pai sobre a infecção de Jude, Sirhan me proibiu de me envolver, mas eu não pude evitar. Eu queria evitar que o seu irmão tivesse um destino como o meu. Mas temo sempre aparecer tarde demais.” Ele pôs uma mão sobre o meu ombro. Seus fortes olhos azuis parecendo tão velhos enquanto ele encarava o meu rosto. “Espero que esse não seja o caso com você.”

“Estou bem,” eu disse. Não sabia por que, mas minha voz mal soou mais alta que um sussurro.

“Ninguém nunca está tão bem quanto diz que está.” Gabriel abaixou sua mão de meu ombro e se afastou alguns passos.

“Bom, eu estou.” Me senti ainda mais duvidosa que antes. Eu não gostava da ideia dele me julgando novamente sem me conhecer. Ele já havia feito sua mente de que eu não poderia aprender sobre como usar os meus poderes sem ceder para o lobo, como Jude e ele.

“Diga-me, Grace, como você se sentiu quando empurrou aquela adaga no coração de Daniel?”

A pergunta veio de lugar nenhum, mas ele soou tão prosaico, como um psicanalista analisando um paciente mentindo no divã, o que me deixou perplexa por um momento.

“Não sei do que você está falando,” eu disse.

“Você estava com medo? Você estava com raiva? O que você esperava realizar?”

Ele vai pegar um caderno e começar a anotar as minhas respostas?

“Por que você quer saber?” perguntei.

“Meu bando está fascinado sobre você. Você se dá conta de que mercadoria você é para eles? Uma jovem garota que pode salvar a alma de Ubat. Eles me querem para descobrir como você fez isso. Mas eu estou mais interessado no porquê.”

“Porque eu amo Daniel. E eu prometi que iria salvá-lo.” Foi à única promessa que eu fui capaz de manter.

Gabriel só ficou parado ali, me encarando, como que esperando que eu lhe explicasse mais.

“Pensei que o lobo iria me consumir por assassiná-lo — mas salvar sua alma era mais importante que qualquer outra coisa. Eu estava com medo, mas só de que eu não pudesse ser capaz de salvá-lo a tempo. Eu não me importava sobre o que aconteceria a mim desde que a alma dele fosse preservada.”

“Hmmm,” Gabriel suspirou. Sua testa franzida. Qualquer resquício de seu sorriso ancião se transformou em uma carranca. Ele parecia desapontado com a minha resposta. Ou talvez fosse mais por ele saber o tempo todo qual seria a minha resposta, mas ele não tinha a primeira pista sobre o que fazer com a informação. “Amor verdadeiro. Poucas pessoas são capazes disso.”

“Acho que sim.” Bati meu calcanhar contra o chão de madeira. “Acho que já tenho que ir.” Eu realmente não queria mais ser analisada.

Gabriel ergueu os braços em uma das poses que eu o vi fazer antes. “Você deveria se unir a mim em meus exercícios. Sinto muita agitação em você.”

“Ok, Mestre Yoda,” murmurei.

Gabriel me deu um olhar interrogativo.

Revirei os olhos. “Deixa pra lá.” *Sério, ninguém mais assiste filmes?*

“Seria bom para você relaxar. Meditar. Você está deixando o lobo ter muito controle sobre as suas emoções. Você acha que no seu estado atual você seria capaz de mostrar a mesma restrição e amor como você fez na noite em que salvou Daniel?”

“Claro.” Olhei para longe de seu rosto, definitivamente me sentindo agitada agora. Ele não tinha o direito de entrar em minha vida – em minha cabeça – desse jeito.

“Tenho minhas duvidas,” Gabriel disse.

“Tanto faz. Você fez a sua ideia sobre mim no dia em que nos conhecemos. Eu não vou ficar aqui e tentar provar que você está errado. Não sou sua paciente, ou sua matéria, ou qualquer coisa a ser analisada. Por que você só não vai para casa?”

Virei-me para sair dali.

“Estou aqui porque eu me importo com você.”

Não, ele não se importa, essa voz disse em minha cabeça. Eu costumava pensar nela como estrangeira, mas agora parecia confortável. Gabriel nunca vai acreditar que você é capaz de se tornar uma verdadeira Cão do Céu — não do jeito que Talbot acredita que você pode.

Eu já havia quase atravessado à porta quando Gabriel chamou por mim. “Lembre-se, Grace. Se você deixar raiva em seu coração, ela vai destruir a sua habilidade de amar.”

Capítulo Dezoito

Dançando Com os Lobos

DOMINGO À TARDE

Daniel não me ligou de volta, mas *várias* horas depois ele mandou uma mensagem:

“Desculpe. Não posso falar agora. Ligo para você de noite.”

“Tanto faz,” escrevi de volta. Quanto mais as horas passavam sem eu ouvir nada dele, mais eu não queria falar com ele. Ou pelo menos era o que dizia a mim mesma.

“Sinto muito, ok? Não posso explicar agora. Ligo para você mais tarde.”

Segurei meu telefone por um momento, pensando no que dizer de volta. Aqui estava eu tentando agir normalmente com ele, quando ele ainda escondia alguma coisa de mim.

Isso me fez sentir irritada—e como uma hipócrita do pior tipo. Mas na maior parte, isso só me fez sentir vazia. Abri meu caderno de desenho e estava prestes a largar meu telefone quando começou a tocar em minha mão. Respondi sem nem olhar no display, esperando que fosse Daniel me ligando, mesmo depois de ele ter dito que não podia.

“Ei, criança. Está pronta pra uma ação de verdade?” Talbot me perguntou.

Uma onda de emoção superou meu sentimento de vazio. *“Depende do que você tem em mente.”*

“Entrar no The Depot. Tenho um bom palpite de que um par de Reis das Sombras vai estar lá esta noite. Acho que nós deveríamos segui-los e descobrir se eles nos levam a algum lugar interessante.”

Meu coração acelerou de excitação com a ideia, só para murchar dois segundos depois.

“Essa noite? Não posso. Minha mãe está em pé de guerra. Eu disse a ela que tinha que escrever um relatório pra tirar a cola quente das etiquetas de preços para o festival que eu falei pra você. Você deveria ter visto as bolhas que eu tinha nos dedos. Acho que estou presa no quarto a noite toda...”

“Você quer dizer que eu não te ensinei dissimulação o suficiente para ser capaz de sair da sua própria casa?” Talbot perguntou. “Talvez você não esteja mesmo pronta para uma missão de verdade depois de tudo.”

“Não... Eu posso fazer isso. Eu só não sei se devia.”

“Isso é só outra parte da apresentação de um super-herói, Grace. A maior parte dos crimes acontece depois do toque de recolher. Se você quer encontrar o Jude, então você precisa começar a se desfazer das inibições que a prendem para trás.”

Alisei meu colar com selenita com os dedos. “Quero encontrar o Jude.”

“Bom. Encontre-me na parte de fora do clube às dez. Isso deve nos dar tempo suficiente para encontrar uma posição antes que alguém importante apareça.”

“Mas...”

“Eu quero você lá comigo, Grace.”

Pelo menos alguém queria. “Ok. Vou encontrar você lá.”

“Bom.” Eu podia ouvir o sorriso em sua voz. “Oh, e Grace?”

“Sim?”

“Não use aquela calça de vinil novamente. Nós vamos tentar não chamar atenção.”

NAQUELA NOITE

Às oito da noite, desci as escadas para pegar um copo de água, deslizei minhas chaves do Corolla fora do balcão da cozinha, e as enfiei no bolso, todo o tempo fazendo uma grande cena sobre quão cansada eu estava, e como eu deveria ir para cama cedo por ter uma grande prova pela manhã. Papai roncou em sua poltrona reclinável na sala da família, com um livro aberto contra seu peito, mas eu disse boa noite para mamãe. Ela mal notou minha presença de trás da pilha de etiquetas e papéis de recados para a arrecadação de fundos no Halloween. Marchei de volta para o meu quarto, bocejando o tempo todo para dar mais entonação.

Às nove da noite, preendi meu cabelo em um rabo de cavalo e troquei minha roupa por um jeans escuro e uma blusa preta de mangas compridas (o que mais você deve vestir em uma missão?) e então arrumei alguns travesseiros por baixo do cobertor para fazer parecer que eu estava enfiada na cama. (Fraco, eu sei. Mas sair escondida não era exatamente o meu forte). Então abri a tela da minha janela no segundo andar e sai. Fiquei parada na beirada e observei a rua, tendo certeza de que não havia ninguém por perto. Quando tive certeza de que estava tudo limpo, sai do telhado, dei uma volta dupla no ar e

cai sem muito barulho perto da árvore de nozes. Senti um arrepio de orgulho triunfante no peito, e quase desejei que alguém estivesse ali para ver.

Para minha sorte, o Corolla estava estacionado na avenida, e às nove e quinze eu estava fazendo a volta na rua. O carro sacudiu todo o caminho até lá, e eu rezei para que ele não parasse em cada semáforo, mas consegui chegar ao The Depot antes das dez da noite. Fiquei parada no carro até Talbot surgir e estacionar ao meu lado com uma camionete—azul com manchas de ferrugem, e parecendo ter feito muito trabalho em fazendas nas últimas décadas.

Ambos saímos dos carros e ficamos parados na rua juntos. Talbot usava uma camisa de flanela branca e cinza, que parecia realmente ter sido passada, enfiado em botas e jeans. Ele estava sem o boné de baseball pela primeira vez desde que eu o havia conhecido, e havia penteado seu cabelo, cor de achocolatado, para trás das orelhas. Ele enfiou os dedos na cintura, ao lado da grande fivela bronze de seu cinto.

Eu balançava para trás sobre meus calcanhares. “Então... Você trouxe besteiras?”

Talbot entrecerrou seus olhos castanhos. “Para quê?”

“Nós supostamente não devemos sentar no carro e comer uma dúzia de besteiras e tomar café enquanto espera?”

“Você vê muita televisão.” Ele suavemente tocou meu braço. “E além do mais, por que nós deveríamos ficar sentados no carro se podemos ter mais diversão lá dentro?”

“Diversão? Lá dentro?” Dediquei a ele um olhar incrédulo.

“Vamos lá.” Ele deslizou os dedos em meu braço, segurando minha mão, e me puxou atravessando a rua e descendo o beco entre a estação de trem e o velho depósito. Ele puxou um cartão de entrada de seu bolso, e o usou para nos fazer atravessar a porta. Nós descemos os degraus em uma nuvem de música de fumaça. Hesitei no primeiro degrau. Não tinha certeza se eu queria entrar nesse lugar novamente. Talbot pareceu perceber minha razão para querer voltar. Ele me dedicou um aceno tranquilizador e soltou minha mão, para passar o braço ao redor da minha cintura como se me guiasse pela entrada.

“Só para mostrar,” ele disse seus lábios contra minha orelha. “Ninguém vai incomodar você se souberem que está comigo.” Ele me apertou contra ele e nos conduziu para o fundo do clube. E exatamente como na noite que eu vim aqui com April, as pessoas pareciam praticamente pular fora do caminho de Talbot quando ele ia na direção da pista de dança. Caras apontavam em sua direção, e garotas me olhavam com inveja. Eu não sabia o que era isso—os feromônios de lobo dele, talvez—mas ele parecia ter uma presença dominante nesse lugar.

Tanto que minha respiração ficou presa no peito quando ele deslizou os dedos pelos meus braços e entrelaçou suas mãos as minhas.

Olhei para cima em seus olhos verde esmeralda. “O que você está fazendo?” sussurrei.

“Dance comigo,” ele disse, e então me puxou para dançar no meio da multidão.

Era uma rápida e pulsante música, o tipo de música que te engole inteira, e eu não pude evitar ser puxada para o giro da multidão.

Talbot dançou com aquele mesmo tipo de ordenação de quando comanda—nada como um garoto de fazenda, mas como se ele houvesse sido feito para esse tipo de música. Como se ele possuísse aquela pista de dança. Quase como se ele me tivesse sob aquele transe Akh.

Nós dançamos duas músicas desse jeito, mas então a música se transformou em algo lento e mais sensual. Com um suave e rápido movimento, Talbot deslizou meus braços ao redor de seu pescoço e então colocou os braços ao redor da minha cintura. Ele me trouxe para perto, suas mãos pressionando contra minhas costas. Reconheci o brilho de caça em seus olhos. Era desse modo que Daniel costumava olhar para mim.

Senti de repente um aperto em minha garganta. Virei minha cabeça para o lado e analisei a multidão, perguntando-me quem nós supostamente deveríamos estar observando. Quando voltei a olhar para Talbot, ele ainda me encarava com tamanha intensidade, sem nem piscar.

“Nós supostamente não deveríamos estar observando os Reis das Sombras?” perguntei.

“Nós vamos. Mas eu duvido que ele vá estar aqui em menos de uma hora ou duas.” Sua voz tinha um suave rangido—quase como um ronronar satisfeito.

“Uma hora ou duas? Então por que nós chegamos aqui tão cedo? E eu supunha que nós não deveríamos nos destacar.”

“Há jeito melhor de se misturar que fingindo que está se divertindo?” As largas mãos de Talbot deslizaram para os meus quadris. Ele me segurou perto contra ele. “Você está ótima essa noite, aliás. Como uma ‘espiã chique’ ou algo assim. Perfeito para chutar alguns traseiros de demônios mais tarde.” Ele suspirou e então apoiou o nariz contra o topo da minha cabeça. “Noite perfeita, você não acha? Podemos até ter tempo de comer alguma coisa no bar antes que o RS chegue aqui.”

Eu tremi, mesmo que estivesse longe de estar frio naquela pista de dança. Não pude deixar de pensar que essa parecia o tipo de noite perfeita para alguém como Talbot: uma pequena dança, um pequeno jantar, e um pequeno demônio assassinado para a sobremesa. Pensei sobre sua camisa justa, seu cabelo estiloso, e até o espirro de colônia almiscarada que eu podia sentir em seu pescoço. Deixei minhas mãos escorregarem por seus ombros e dei um passo atrás. “Talbot, nós estamos em um encontro?”

Talbot me devolveu um olhar como se estivesse pensando que eu era totalmente insana. Ele afastou suas mãos dos meus quadris. “Hmmm, não. Isso é chamado de vigilância. Nós estamos nos misturando.” Ele enfiou os polegares nos suportes para cinto. “Sinto muito se eu fiz você se sentir desconfortável. Pensei que nós estávamos acertados sobre desempenhar um papel.” Então ele me dedicou um sorriso tímido, com covinhas. “Mas se isso fosse um encontro, seria tão ruim assim? Nós podemos fazer isso um encontro se você quiser.”

Suspirei. “Eu tenho um namorado. Você sabe disso.”

“Então por que não é ele que está aqui com você, ajudando você?”

“É mais complicado que isso... E você é o meu mentor. Não posso cruzar essa linha se você vai estar me treinando.”

Os ombros de Talbot caíram. Ele encarou sobre a minha cabeça.

“Sinto muito. Não quis chatear você. Mas isso não vai funcionar se nós não estivermos na mesma página sobre...”

Talbot balançou a cabeça e riu. Ele balançou para trás sobre os calcanhares. “Ah deixa disso, eu estou só provocando você, criança. Você é tão cheia de si. Eu diria que isso é fofo, mas você provavelmente pensaria que eu estou dando em cima de você.”

“Legal,” eu disse sarcasticamente, mas não podia parar de pensar se ele não estava só tentando encobrir.

Talbot riu de novo. “Nós não temos de dançar se você tem algum problema com isso. Que tal eu pegar para nós alguns drinks e então nós podemos esperar pelo RSs fora daqui, em uma das mesas?”

“Não bebo. Quero dizer, eu bebo... tipo água e essas coisas. Mas você sabe, eu não bebo.” *Eu poderia parecer mais chata esta noite?*

“Bom, eu não faço disso um hábito para comprar bebida para *menores*.” Talbot pôs uma ênfase na última palavra, como que para me lembrar de que eu era pelo menos uns três ou quatro anos mais nova que ele. “Mas imagino que uma coca não vai afetar a sua percepção.”

“Soa bom.”

Talbot balançou a cabeça e caminhou em direção ao bar. Fiquei parada na margem da pista de dança e observei alguns casais se moverem para o lado no bar, então Talbot poderia pedir nossas bebidas antes deles. Ele se virou para mim e piscou. Corei e me virei. Esfreguei meus braços, tentando aquecer em vão meus pelos eriçados, ainda que estivesse quente e pegajoso no clube.

Senti uma mão em meu ombro e me virei surpresa por Talbot conseguir voltar com nossas bebidas tão rápido, mas o calafrio que causou meus pelos eriçados se transformou em um total estremecimento quando vi quem estava parado de pé perto de mim.

“Então você finalmente decidiu ir a uma festa com um homem de verdade,” ele disse, e tentou me arrastar de volta para a pista de dança.

“Sai, Pete.” Puxei minha mão fora de seu agarre. Fechei-a em punho por instinto. Poder corria em minhas veias. Cerca de cinco movimentos diferentes de aikidô, que poderiam fazê-lo chorar como um bebê passaram pela minha mente. Ele merecia isso, também, por pôr Daniel em problemas com a polícia. “Suma antes que você lamente.”

“Não esqueci que você gosta disso bruto.” Pete me dedicou um sorriso que era ainda mais adulado que seu rosto estúpido. Minhas unhas cravaram na palma da mão, eu estava tentando duramente não atacá-lo. Eu poderia provavelmente quebrar o rosto dele, se eu quisesse.

Então faça isso, uma voz rosnou em minha mente. *Ensine ele a nunca mais mexer com você de novo*. Balancei minha cabeça. Algumas vezes, ultimamente, meus pensamentos não soavam como meus. Afastei-me de Pete.

Meus poderes formigavam sob minha pele. Meus músculos estavam tensos, prontos para ação. Tinha de me afastar de Pete antes de machucá-lo de verdade. Pete se mexeu atrás de mim. Ele rosnou algo, mas eu me concentrei tão duramente em não atacá-lo que não sei mesmo o que era. Virei-me e estava prestes a correr quando topei com Talbot. Ele pulou para trás e uma das cocas em sua mão virou sobre sua camisa branca de flanela.

“Uou, o que há de errado, Grace?” Ele tentou limpar a mancha molhada em sua camisa sem derrubar sua bebida nos outros.

Virei-me para Pete. Ele havia visto Talbot e então se afastou alguns passos, mas a tensão em meus músculos não relaxou. Eu ainda queria machucá-lo. “Sinto muito, Talbot. Tenho que sair daqui.” Virei minha cabeça para a saída.

Talbot soltou os copos em uma mesa e veio atrás de mim. “Não vá, por favor!” Ele segurou minhas mãos assim que eu comecei a subir os degraus, e me moveu depressa para perto dele. Seu rosto franzido em preocupação, mas então seus olhos se estreitaram com irritação. “Aquele cara que estava seguindo você, ele te machucou?”

“Não essa noite” eu disse. “Mas antes já. Nós meio que temos uma má história.”

A mão de Talbot tremia quando ele agarrou meu pulso. “Posso voltar lá e falar com ele. Certificar-me que ele nunca mais vai incomodar você.”

“Não. Pete não é do tipo de cara que vai escutar.”

“Então nós podemos *fazê-lo* escutar. Você sabe que nós podemos.”

“Por favor, não. Pete não vale à pena. É por isso que eu precisava sair.”

Talbot ainda tremia de raiva. Eu não queria que ele voltasse lá para tentar começar qualquer coisa com Pete. Deslizei minha mão livre nele e dei um leve aperto. “Me leve para fora, ok? Preciso ir para casa antes que fique muito tarde.”

“Fique,” ele disse em voz baixa.

“Eu tenho uma prova amanhã, e você provavelmente pode ficar de olho nos Reis das Sombras melhor sem mim. Se Pete e seus amigos tentarem fazer uma cena porque eu estou aqui, eles podem arruinar qualquer chance que nós tenhamos de seguir os RSs. Você pode segui-lo esta noite, e então talvez nós possamos descobrir o que fazer com qualquer que seja a informação que você tiver amanhã.”

Talbot suspirou. “Está bem.”

Deixei-o segurar a minha mão, seus dedos entrelaçados aos meus, até nós chegarmos ao meu carro. Puxei minha mão fora da dele e cruzei meus braços na frente do peito.

Ele abriu a porta para mim.

“Nós somos amigos, certo?” perguntei.

“Sim. É claro.”

“Bom.” Dei a Talbot um pequeno sorriso e deslizei no banco do motorista do Corolla. Não queria perder Talbot da minha vida—ele já havia me ajudado tanto, me mudado—mas eu também não queria que ele pensasse que havia algo entre nós que não poderia existir. “Gosto disso assim.”

MAIS TARDE

Eu estava aflita sobre o que fazer sobre Talbot, e simultaneamente esperava que ele não se metesse em problemas com os Reis das Sombras, quando o Corolla estalou e quase morreu nas luzes de Markham e Vine. Se eu estivesse prestando atenção em tudo que havia feito antes de hoje, eu nunca teria pegado esse caminho—especialmente assim tarde. Markham era definitivamente o último lugar que eu gostaria de estar sozinha a qualquer hora da noite. Chequei as travas das portas e rezei para que pudesse levar o carro para o caminho de casa. Claro, eu poderia correr de volta ao Rose Crest se eu precisasse, mas como eu iria explicar como o carro percorreu todo o caminho para fora da cidade sem os meus pais saberem que eu escapei quando supostamente deveria estar na cama?

Definitivamente eu precisava que Daniel olhasse o motor antes de levar o carro em outro lugar.

Droga. Daniel.

Ele supostamente iria me ligar esta noite, e eu deixei meu celular no carro. Senti-me uma idiota por dificultar para ele por não me atender—e agora ele provavelmente estava pensando que eu estava ignorando suas chamadas.

O sinal ficou verde e eu cuidadosamente pus o carro em movimento no cruzamento. Virei à direita e fui o mais longe possível da Rua Markham antes de pegar meu celular do bolso entre os dois bancos da frente. Chequei a tela.

Nenhuma mensagem.

Nenhuma chamada perdida.

Disquei o número dele. Ele me atendeu na quinta chamada.

“Ei, o que houve?” ele disse um pouco casual demais. Ele soava como eu quando estava tentando duramente parecer normal.

Eu podia ouvir uma música leve e um tique-taque—talvez aquele relógio de gato da Maryanne em seu apartamento? Em segundo plano. Também ouvi algo estranho que soava como mais alguém falando em um tom abafado.

“Onde você está?” perguntei.

“Em casa.”

“Tem alguém aí?”

“Não. Só estou vendo TV.” Eu o ouvi tossir, e então o som da música e a voz sumiram ao longe.

“Você não ligou. Você prometeu que ia ligar, mas não ligou.” Não importa o fato que eu não estaria ali para atender—mas ainda assim.

“Sinto muito,” ele disse. Nenhuma explicação a oferecer.

“Então onde você esteve esta tarde? Fiquei lá esperando você por quase uma hora. Pensei que você queria me ajudar com o meu formulário.”

“Eu quero, Grace. Mas algo apareceu, ok?”

“O quê? O que poderia possivelmente aparecer para fazer você esquecer? Você nem sequer ligou.”

Daniel suspirou. Ele ficou em silêncio por um momento. “Katie me ligou essa manhã. Ela estava surtando porque seu irmão mais novo entrou no quarto e acabou com todos os cartazes que nós fizemos para a barraca de arrecadação de fundos. Ela veio aqui então nós podíamos fazer alguns novos, e isso dá tanto trabalho... Acho que eu perdi a noção do tempo.”

“Espera, você está me dizendo que você me deixou plantada porque você estava com Katie, sozinhos, no seu apartamento, e que você perdeu a noção do tempo? O que diabos vocês dois estavam mesmo fazendo?”

Daniel praguejou. “Não é como parece. Você me conhece melhor que isso.”

“Conheço?” Me odiei por ficar tão aborrecida. Quero dizer, se eu dissesse a ele que estive fora essa noite, ia soar assim tão mau. Mas o que eu havia feito era em prol de encontrar o Jude. Havia um propósito maior por trás disso—ao contrário de Daniel, que estava só me afastando para pintar cartazes com outra garota.

Algo que costumava ser uma coisa nossa. “Você tem saído para bares, mentido para mim, saindo no almoço, e me deixando plantada. Eu sinto como se eu mal conhecesse você.”

“Gracie, por favor...”

“Estou começando a pensar que você está se esquivando de mim como um modo de me deixar saber que você prefere se esquecer de mim e ir para Trenton com a Katie.”

“Não, Grace” Daniel respondeu rápido.

“Não o quê?”

“Nunca pense que alguém ou alguma coisa nesse mundo poderia realmente me fazer esquecer você.”

Suspirei. “Então por que você tem me evitado?” Lembrei-me da mensagem que ele mandou correndo do jantar. Ele disse que foi do Sr. Day. Mas o Sr. Day sequer sabia como enviar uma mensagem? “Tem alguma coisa mais acontecendo? Só me diga, por favor.”

“Não posso,” ele respirou fundo. “Só preciso de um tempo. Preciso que você seja paciente comigo.”

“Mas...”

“Só preciso de mais um tempo. É tudo que eu estou pedindo.”

Ele tinha feito tudo, menos admitir que havia algo errado, e queria que eu só deixasse para lá? Mas não era isso que eu queria, também? Só mais um tempo antes de falar para ele sobre Talbot me treinando? Isso parecia tão diferente quando era ele quem mantinha segredos.

“Quanto tempo mais, Daniel? Porque eu não sei quanto mais eu posso aguentar.”

“Não sei. Eu realmente não sei.”

Meu coração doeu. Eu podia sentir algo surgindo e se expandindo entre nós—prestes a partir. Fazia apenas uma semana e meia desde que nós havíamos ficado juntos

na grama, olhando as estrelas ao redor de nós, mas de repente parecia que fora em outra vida.

Eu queria estar naquele lugar novamente. Queria que nada estivesse entre nós. Queria despejar todos os meus segredos então ele teria que me dizer os dele.

Mas ele não confia em você.

“Vejo você amanhã,” eu disse antes de desligar o telefone.

Capítulo Dezenove

Exame Final

NO DIA SEGUINTE

Eu não dormi nada quando eu cheguei em casa depois do clube. Arrependi-me de ter saído antes dos RSs chegarem lá, mas ao mesmo tempo eu soube que precisava me afastar de Pete. E me perguntei se eu tinha feito a coisa certa, não dizendo tudo o Daniel.

Mas eu não pude contar.

Se Talbot tivesse encontrado e seguido aqueles RSs na noite passada, então isso significaria que estaríamos mais perto que nunca de encontrar Jude. E eu não podia arriscar alguém interferindo com isso.

Daniel e eu nos sentamos ao lado do outro no AP de arte, como de costume. Ele me passou meus pincéis quando eu lhe pedi, e eu acenei com a cabeça quando ele sugeriu que eu usasse um azul mais escuro do que o que eu escolhi. Mas você pensaria que éramos dois estranhos forçados a partilhar a mesma mesa, a forma como nossos olhos mal se encontravam quando falamos. Eu não poderia evitar deixar escapar um pequeno rosnado quando Katie veio até a mesa para perguntar a Daniel se ele ainda tinha um de seus pincéis. Eu odiava o jeito que ela olhava para ele. Eu odiava seu cabelo brilhante, e também seu corte de cabelo muito legal, e sua faixa na cabeça com estilo vintage com a flor presa na fita logo acima de sua orelha.

Daniel abriu a bolsa e pegou o pincel. Eu me perguntei se ele havia pegado emprestado enquanto eles estavam trabalhando juntos em seu apartamento ontem. E ela acabou de tocar os dedos dele quando ele entregou para ela?

"Você está bem, Grace?" ela perguntou.

Eu não respondi.

Eu fiquei feliz quando o sinal indicou que era hora de passar para a próxima aula, e eu mal podia esperar para o último período do dia, quando eu poderia ficar longe desta escola e todas essas *pessoas* e me focar no projeto Bom Samaritano. Eu queria ver Talbot. Conversar com alguém que me entenda. Mas principalmente eu precisava saber se ele tinha encontrado os RSs noite passada.

Eu parei no meu armário no meu caminho para o ônibus. Eu não consegui encontrar a estaca que Talbot tinha me dado, e eu quis procurar mais uma vez. Não estava

lá. Eu bati minha porta armário fechando e estava prestes a ir quando eu vi Katie novamente. Ela carregava uma caixa de tintas e cartaz em seus braços, foi em direção ao salão principal.

Ela provavelmente estava a caminho de fazer mais cartazes com Daniel.

Pareceu uma boa sorte para ela que seus irmãos tinham arruinado a maioria dos cartazes—ela teria mais tempo mais de ficar com meu namorado. Na verdade, era conveniente, e a hora era muito suspeita. Ela tinha estado na sala de arte, quando Daniel e eu tínhamos feito planos para o nosso piquenique, e agora eu deveria acreditar em que sua pequena crise aconteceu no mesmo exato momento?

Ela está tentando roubá-lo de você.

Cerrei os punhos enquanto ela caminhava.

Você deve lhe ensinar uma lição.

Meus olhos se estreitaram enquanto eu observava seu andar. Eu levaria apenas um golpe para mandá-la batendo nos armários. A tinta iria derramar em toda parte. Mas eu provavelmente poderia sair de lá antes que alguém soubesse que tinha sido eu.

“Grace!”

Virei-me com o som do meu nome. April veio saltando pelo corredor. Olhei para Katie. Eu agora era tarde demais para fazer qualquer coisa.

“Grace,” April disse. “Caramba, você nunca vai acreditar em que me mandou uma mensagem.”

Olhei para ela.

Ela balançou da mesma forma que um cocker spaniel, mas o olhar no rosto dela me disse que não estava fora de excitação. Foi o suficiente para empurrar todos os pensamentos de Katie fora da minha mente.

“Quem?”

Ela agarrou meu braço e inclinou-se em estreita. “Jude,” ela sussurrou. “Ou pelo menos eu acho que foi. O número está bloqueado, mas tem que ser ele.”

Ela estendeu seu celular rosa brilhante. Ela tinha colado pequenas pedras brancas na forma da letra A na parte de trás. Minha mão tremia como quando tirei dela e li o texto: *Diga a ela para ficar longe. O tempo está se esgotando. Ela está bem onde eles a querem.*

“É isso?” eu perguntei. “Nada mais?” Se ele ia se incomodar para enviar mensagens, por que diabos ele estava sendo tão enigmático? Era quase como se ele não estivesse totalmente consciente ou algo assim.

“Isso é tudo,” April disse.

"Mas é ele, certo?"

"Sim. Eu acho que sim." *Quem mais poderia enviar este texto?*

"Mas o que isso significa?"

"Isso significa que estamos no caminho certo." Entreguei a April o telefone dela, e fomos direto para o ônibus. Se Jude estava me dizendo para ficar longe, então isso significava que eu estava chegando perto. Ele tinha me visto no clube na noite passada? Ele sabia que Talbot tinha seguido dois Reis das Sombras—supondo que ele tinha? Eu precisava encontrar Talbot, agora.

O único problema era que pouco antes do ônibus se afastar da escola, Gabriel subiu a bordo e anunciou que estava indo para ser nosso acompanhante do dia. Esta foi a primeira vez desde o início do projeto que ele tinha realmente ido junto com a gente. Eu perguntei se ele tinha uma aversão à cidade, mas Daniel disse que era porque Gabriel queria trabalhar com o primeiro grupo na primeira semana, e depois com o segundo grupo na última semana. Mas por que ele tem que escolher hoje de todos os dias para vir junto? Eu precisava encontrar uma maneira de sair com Talbot, sem Gabriel o farejando.

Gabriel estava na frente do ônibus e fomos em direção ao centro de recreação em Apple Valley. Ele fez algum discurso sobre a atribuição de hoje, que mais parecia um sermão. Peguei meu celular, digitei uma mensagem silenciosa para Talbot.

Eu: 911! Jude mandou uma mensagem a April!

Talbot respondeu imediatamente: ?! O que ele disse?

Repeti o texto de Jude para ele, e depois acrescentei: *Eu acho que estamos no caminho certo. O que você achou na noite passada?*

Talbot: *Eu vou lhe mostrar quando você chegar aqui. Eu tenho uma surpresa para você.*

Eu: *Problemas. Gabriel está no ônibus.*

Talbot: *Me****

Eu: *Encontre-me no outro lado do edifício. Eu vou escapar.*

Talbot: *Parece bom.*

Eu: *Então, qual é a minha surpresa?*

Talbot: *Você verá...*

E então, dez segundos depois: *Traga a sua estaca.*

Eu ainda estava mexendo em minha mochila quando o ônibus parou no centro do estacionamento do centro Apple Valley.

"Merda," eu disse baixinho.

“O que você está procurando?” April perguntou.

“Minha estaca,” sussurrei, e olhei para Gabriel quando ele desceu do ônibus. “Eu juro que eu deixei na minha bolsa na sexta-feira. Mas eu não consigo encontrá-la em nenhum lugar.”

“Um...” April abriu sua bolsa e enfiou a mão dentro. “Ok, não fique louca.” Ela puxou minha estaca—ou pelo menos algo que se parecia com a minha estaca, só que agora estava coberta brilhantes cristais azuis e diamantes, como pedras preciosas.

“Você enfeitou minha estaca?”

“Um. Surpresa,” April disse. “Só porque você está caçando coisas desagradáveis não significa você não pode fazer isto em grande estilo.”

MAIS TARDE

Nós descemos do ônibus e fomos para o estacionamento, onde as vans em marcha lenta esperavam por nós, todas elas, exceto pela de Talbot. A classe se reuniu em torno de Gabriel, que ainda estava dizendo alguma coisa, por isso foi relativamente fácil sussurrar para Claire e April que eu estava indo ao banheiro no centro de recreação, e depois escapar da multidão. Entrei no prédio, abaixei passando a recepcionista, e saí pela saída do outro lado. O furgão de Talbot esperava por mim debaixo de uma árvore de carvalho grande no lote de estacionamento ao leste. Eu olhei para ter certeza de que ninguém estava observando, e então entrei.

Talbot me encontrou com um sorriso de aprovação. “Parece que minha influência está finalmente funcionando em você. Você está ficando boa em espreitar por aí.”

“Tudo parte do trabalho,” eu disse. “Então o que você achou? E onde está essa grande surpresa?”

“Eu disse a você, você vai ver.” O sorriso Talbot cresceu o dobro do seu tamanho habitual, e ele levou a van para a estrada. Caminhou na direção oposta do dojo, onde normalmente treinamos, e se dirigiu em direção à cidade. Tentei fazer perguntas sobre o que tinha acontecido no clube depois que eu saí ontem à noite, mas ele só ficava com aquele sorriso bobo no rosto e dizendo, “Você vai ver,” com uma voz cantante. O que praticamente me fez querer dar um soco no braço dele, e fez o meu coração bater com antecipação.

Talbot levou a van até um prédio antigo perto da biblioteca do Tidwell. Eu podia ver a entrada do beco onde tivemos que salvar mulher dos Gelals armado.

“Então?” eu perguntei, enquanto batia meus dedos no painel.

“Aqueles RSs apareceram logo depois que você saiu ontem à noite. Segui-los em torno do clube, e ouvi nitidamente um deles dizer o nome de Jude.”

“Eles disseram?” Meu coração estava batendo dez vezes mais rápido agora. *Por que não fiquei por aqui na noite passada?* “O que você fez depois disso?”

“Os segui até aqui.” Apontou na direção do prédio. “Eu acho que nós encontramos a direção que precisávamos para nos levar a gangue e ao seu irmão.”

“Então o que você fez? Você perguntou a eles?”

“Não. Você vai fazer.”

“Eu?” Meu coração parecia que tinha parado frio em meu peito. “Eu não acho que—”

“Você está pronta. Eu sei que só está treinando há uma semana, mas é isto, garota. Eu sei que você pode conseguir.”

Talbot estendeu a mão. “Onde está a sua estaca?”

Puxei para fora da minha mochila.

Talbot asfixiou o ruído, como se ele tentasse estrangular o seu riso, quando ele viu o punho incrustado de pedras preciosas.

“April,” eu disse.

“Aha.” Talbot pegou minha mão e empurrou minha manga para cima. Ele cuidadosamente colocou minha estaca presa contra o meu antebraço e, em seguida, enfiou a manga sobre ela. “Ajuda. Apenas no caso de você precisar dela.”

“Quer dizer que eu vou sozinha?”

Talbot assentiu. Ele segurou minha mão por um momento e a soltou e moveu a mão até o pescoço. Seus dedos entrelaçados com a cadeia de ouro branco do meu colar de selenita. Eu não queria que seu toque enviasse formigamentos na minha espinha, mas fez isso de qualquer maneira. Eu estava prestes a lhe pedir para mover sua mão e o lembra da linha que não deve ser cruzada entre nós, quando senti um puxão e em um piscar de olhos ele puxou meu colar longe do meu pescoço.

“O que você está fazendo?” Eu peguei o meu pingente em sua mão.

Ele o afastou. “Isso é uma denúncia. Você está indo para ir até lá fingindo ser um cordeiro que se perdeu; se esses RSs verem isto, você vai se entregar em dois segundos.”

“Mas eu preciso dele.”

“Não, você não precisa, Grace. Eu lhe disse antes. *Isto*” —ele levantou o pingente de pedra azul— “está prendendo você, tanto como Daniel e Gabriel. Eles não acreditam em você. Eles não sabem o caminho que eu sei. E você nunca sabe o que realmente é capaz de

fazer sem largar as coisas que te seguraram.” Enfiou meu pingente no bolso da frente da minha mochila e, em seguida, juntou as mãos em meus ombros. Ele me fitou com seus olhos verdes penetrantes, enquanto parecia irradiar com aquela mesma presença dominante que eu tinha notado no clube.

NO ANDAR DE CIMA

Bati na porta do apartamento e esperei uns bons trinta batimentos cardíacos antes de bater pela segunda vez. Eu não podia deixar de me sentir um pouco despida e vulnerável sem o pingente de selenita, que eu não tinha ficado sem em mais de 10 meses.

“Olá,” eu chamei com uma voz doce, que só estremeceu um pouquinho. “Tem alguém em casa? Preciso de ajuda.”

Eu sabia que Talbot estava assistindo. Eu não sabia de onde, mas eu podia sentir a sua presença por perto. Eu ouvi o assoalho ranger dentro do apartamento, e depois sacudiu a porta aberta. Um rapaz adolescente olhou pela fresta. Ele parecia como qualquer outro garoto perdido da cidade: uma barba curta salpicado em seu queixo, e seus olhos estavam inchados e vermelhos como se tivesse acordado de um sono agitado, mas eu poderia dizer pelo seu cheiro de leite azedo-que ele era um Gelal.

“Oi,” eu disse, e dei um aceno amigável para o cara com o braço que não estava escondendo uma arma. “Meu carro quebrou, e meu celular não está funcionando.” Eu girei um de meus cachos ao redor do meu dedo e estalei meu chiclete. Eu tenho que admitir eu estava fazendo minha melhor personificação da April. “Você acha que eu poderia usar seu telefone? Isso vai levar apenas um segundo.”

O cara olhou pela fechadura para o cabelo que eu tinha torcido em volta do meu dedo. Ele esboçou um sorriso. Seus dentes eram amarelos, e um estava faltando. “Com certeza, passarinho.” Ele abriu a porta mais larga. “Tudo bem, entre.”

Meus músculos tensos, e meu estômago em um nó apertado. Eu reconheci aquele seu sorriso nojento. Ele era o cara que estava assediando April com seu amigo no The Depot. Aquele com o aperto mão de ferro que eu chutei no intestino, o que provavelmente poderia esmagar meus ossos com as próprias mãos. Eu estava vestida de forma bastante diferente do que eu estava no clube—sem as falsas calças de garota durona de vinil e maquiagem esfumada—por isso esperava que ele não me reconhecesse muito cedo.

Eu lutei contra o instinto de correr e dei o meu melhor sorriso doce e inocente quando eu cruzei o umbral da porta de entrada para o apartamento úmido. Não havia mobília na sala, apenas uma massa de cobertores amassado no canto como um ninho. Sem TV, sofá ou cadeiras. Nem mesmo um telefone na parede. Talbot tinha dito que ele havia seguido *dois* demônios até aqui, mas isso não estava correto. Até onde eu poderia dizer, o

cara estava sozinho no apartamento, e ele nem sequer olhou como se ele tivesse ficado aqui muito tempo.

“Eu gosto do seu cabelo,” disse o cara atrás de mim.

Eu fingi não perceber o som da tranca da porta sendo fechada.

“Então, hum, como, onde está o seu telefone?” eu perguntei.

“Oh,” ele disse com um grunhido em sua voz rouca. Ele se aproximou por trás de mim. “Eu esqueci. Eu não tenho um.” Meu corpo estremeceu quando ele me agarrou pelos cabelos e puxou minhas costas contra seu peito. A outra mão enrolada no meu pescoço. Eu podia sentir suas unhas em garras crescendo enquanto ele tamborilava os dedos contra o pulso da minha garganta.

“É uma pena,” eu disse docemente, e flexionando meu pulso. A estaca deslizou para fora da minha manga na minha mão.

“O quê?” O cara perguntou, genuinamente confuso. Tenho certeza que ele esperava que eu a gritasse.

“Agora você não pode pedir ajuda.” Senti uma explosão de energia, e eu pisei em seu pé descalço. Os ossos em seus dedos do pé estalaram debaixo do meu calcanhar.

Ele gritou e soltou meu pescoço. Eu agarrei o braço dele levantando o seu peso contra ele, jogando-o sobre meu ombro. Ele parou nas costas, um olhar de puro choque no rosto. Então seus olhos se estreitaram, e ele rosnou para mim. “Eu achei que você me parecia familiar. Você é aquela cadelinha briguenta do clube.” Ele saltou atrás para cima nos pés dele e veio a mim com sua garra. “Eles a enviaram?”

Eu evitei o ataque dele e o chutei na parte de trás do joelho. “Quem me enviaria?”

O demônio tropeçou na parede e, em seguida, virou-se. “Dissemos a eles que queríamos sair, e *ele* disse que poderíamos ir.” Ele avançou para mim. Empurrei-o de lado e, em seguida, trouxe meus punhos em uma posição defensiva, uma mão ainda segurando a estaca. Ele rosnou para a arma e deu um soco com sua garra. Desviei do seu ataque e saltei para trás.

“Mas eles lhe enviaram atrás de nós, não foi?” o cara perguntou, e me atacou outra vez.

Ele está falando a gangue?

Eu usei três dos meus novos movimentos para lidar com ele até que eu dominei seu ataque. “Onde eles estão?” eu perguntei, e meu joelho bateu em seu estômago. “Onde está a gangue? Como faço para encontrá-los?” Enviei um segundo golpe em seu intestino.

Ele tossiu. “Você já não sabe?”

“Diga-me onde encontrá-los!” Agarrei-o pelo pescoço e o joguei contra a parede. Segurei minha estaca acima de seu peito. “Eu quero saber onde encontrar os Reis da Sombra ou como que diabos eles se chamam. Me fale agora, e eu vou poupar sua vida.”

O cara riu. Líquido negro pingou do canto da boca. “Se você quiser encontrar o pacote, então por que você não pergunta ao Guardião deles?”

“O quê?”

Ele tentou rir novamente, mas acabou em um ataque de tosse rouca. Gotas de ácido pretas pousaram na minha mão, queimando minha pele, mas eu não o soltei.

“Ele é um verdadeiro golpista, esse aí. Você não acha?” O demônio perguntou.

“Golpista? De que você está falando—?”

Eu ouvi um barulho atrás de mim, e eu virei minha cabeça um pouco para ver Talbot entrando pela porta do apartamento, empunhando sua espada.

“Tal—?”

“Grace, cuidado!”

Mas já era tarde demais. Eu baixei a guarda, e o cara com seus dentes amarelos me cortaram antes que eu pudesse impedir. Suas garras arranharam meu braço. Eu uivava de dor e raiva enquanto o sangue fluía do ferimento. Eu o soltei e ele cambaleou para longe. Eu agarrei meu braço, tentando parar o sangramento. Os olhos do cara ficaram selvagens com o cheiro do meu sangue. Ele levantou a cabeça para trás e depois se lançou para mim como um leão estendendo as garras, com mandíbulas abertas para me matar. Minhas veias pulsavam de raiva, apertando o meu coração. *Mate-o!* Eu balancei meu braço lesionado para cima e enfiei no seu peito a minha estaca. A madeira o atravessou até o cabo de jóias que eu segurava na minha mão. Puxei a estaca para fora, e o sangue ácido jorrou preto de sua ferida. Ele caiu de costas contra a parede. Gosma negra manchava o papel de parede verde descascado quando o demônio caiu no chão, se contorcendo e gemendo, até que ele ficou mole. Eu recuperei meus sentidos a tempo de saltar para trás quando ele explodiu em uma piscina de ácido e fumaça. Segurei a estaca manchada de preto de tão forte que os cristais falsos cortaram na palma da minha mão. Meu coração disparou como um beija-flor no meu peito, e minha respiração veio tão rápido que eu estava em perigo de hiperventilar.

Minhas mãos caíram nos meus joelhos e eu tomei fôlego, só para engasgar com a fumaça de ácido flutuando acima do que restava do demônio. Eu tropecei para trás, tonta, e estava prestes a entrar em colapso quando mãos quentes agarraram meus ombros. Talbot me virou para que eu estivesse de frente para ele.

“Vocês conseguiu, criança! Você conseguiu! Vamos lá, precisamos comemorar!”

“Comemorar o quê? Eu não peguei nenhuma informação dele... Ele está morto... Eu falhei.”

“Eu não me importo com a informação. Nós vamos encontrar o outro cara que supostamente estaria aqui e o faremos falar. O que você deve estar comemorando é que você matou seu primeiro demônio. Você é um verdadeiro Cão do Céu agora!”

“Eu sou?”

“Você é.” Talbot apertou meus ombros. Ele sorriu para mim seu sorriso com covinhas. “Como você se sente? Maravilhosa, né?”

Além da dor no meu braço sangrando, eu ainda sentia tonturas e formigamento quente—como eu só podia imaginar que seria ficar drogada. Eu não podia acreditar que eu tinha enfiado a estaca no demônio antes que ele pudesse me matar—com minhas próprias mãos. “Sim, é.” Tomei uma respiração profunda, e enquanto o choque do que eu tinha feito era levado fora de mim, eu percebi que estava tremendo de forma positiva com a emoção pura de tudo isso. Eu nunca me senti tão em controle. Tanto poder impetuoso correndo nas minhas veias.

“Eu sabia que você poderia fazer isso, criança.” Talbot apertou meus ombros novamente.

Se ele realmente pensou que eu poderia fazer tudo sozinha, então por que ele entrou correndo aqui? Provavelmente porque ele realmente pensou que eu não poderia lidar com isso sozinha. Pelo menos eu tinha provado que ele estava errado. Eu era mais forte do que nem mesmo ele poderia imaginar. Eu levantei a estaca na minha mão trêmula.

“Chame-me de criança mais uma vez, e eu vou enfiar isso onde realmente importa.”

Talbot riu e passou os braços fortes dele em torno de mim. “Você está certa. Você está longe de ser uma criança.” Ele me segurou em um abraço apertado e olhou para mim com seus brilhantes. “Você é realmente incrível, Grace,” disse ele em voz baixa.

A próxima coisa que eu soube foi que sua mão embalava meu rosto, seus dedos calejados acariciando a minha pele. Ele inclinou meu rosto para o dele. Seus lábios pairaram apenas a centímetros dos meus. Eles vibraram com a sua respiração, como se me pedisse para ele ser o único a conhecer o resto do caminho.

Eu não podia me mover.

“Posso?” Talbot sussurrou.

Eu balancei levemente minha cabeça, os meus lábios quase tocando os dele com o movimento.

“Por favor?” O calor da respiração dele me fez estremecer em seus braços.

“Não,” eu sussurrei, mas eu não podia me fazer recuar. “Eu já tenho alguém.”

“Só uma vez... Por favor. Eu tenho que sentir isso.”

Eu meio que fechei os olhos, imaginando me perder na ideia do toque inebriante de Talbot, mas tudo o que passava em minha mente era o olhar no rosto de Daniel se ele soubesse que eu tinha beijado alguém. Virei a cabeça quando Talbot tentou pressionar sua boca sobre a minha. Seus lábios levemente escovando minha bochecha. Ele tirou a mão do meu rosto.

Afastei-me dele e cruzei para a porta aberta. “Eu preciso ir embora,” eu disse minha voz quase não saindo.

“Por quê?” Talbot pediu. “Você quer isso. Eu posso sentir. Pare de negar a si mesmo o que você quer.”

O calor irradiou pelo meu corpo. “Eu simplesmente não posso.”

As narinas de Talbot se dilataram, mas depois ele baixou o olhar. “Sinto muito. Me deixei levar pela excitação do momento. Eu nunca vou fazer isso de novo.” Ele deu um passo em minha direção.

Eu segurei minha mão para detê-lo e balancei a cabeça novamente. “Tudo bem. Nós dois nos deixamos levar. Eu preciso voltar para o ônibus agora.”

Talbot colocou a mão no bolso pegou as chaves da van. “Vamos, então.”

Deixei o apartamento e me dirigi para a van no estacionamento. Eu podia ouvir Talbot seguindo depois de mim, mas eu não olhei para trás.

Capítulo Vinte

Necessidade

DE VOLTA AO CENTRO DE RECREAÇÃO

Nós dois sabíamos que eu estava fingindo estar com pressa de voltar para o ônibus—era uma hora mais cedo do que precisava para estar lá—mas nenhum de nós disse nada sobre isso. Olhei pela janela para o espelho retrovisor, concentrando-me na cura da queimadura em minhas mãos e as marcas garra em meu ombro. Eu repassei a matança horrível do Gelal na minha cabeça, abraçando a sensação de poder estimulante— a correria de tudo— a fim de curar minhas feridas.

Nós dois ficamos em silêncio até que estacionamos debaixo da árvore de carvalho, onde ele me pegou. Eu puxei meu casaco para encobrir o rasgo sangrento da minha manga e peguei minha mochila, que ficou deixada na van durante a minha pequena escapada. Eu pendurei por cima do meu ombro e estava prestes a sair sem me despedir quando Talbot agarrou a minha mão recém curada.

“Apenas me diga uma coisa, Grace,” disse ele. “A ideia de você e eu estarmos juntos soa terrível para você?”

“Eu não posso fazer isso.” Puxei minha mão, meus dedos escorregaram para fora dos dele. “Você é meu mentor...”

“Não mais. O treinamento acabou. Nós podemos estar juntos agora.”

“Por favor, tente entender. Nós somos amigos, Tal. E isso é tudo que teremos.”

Ele semicerrou os olhos e suspirou. “Não me chame de Tal, então,” ele disse. “Parece bom demais vindo dos seus lábios.”

“Sinto muito.”

Talbot se sacudiu um pouco. “Vamos fingir que isso nunca aconteceu.” Ele encontrou seu boné de beisebol entre os nossos assentos. Ele o colocou sobre a cabeça e me deu um sorriso com covinhas. “Amigos. Isso é tudo.”

“Ok,” eu disse, e sorri fracamente de volta para ele.

“Ei, não deixe isso estragar o dia para você. Você deve estar orgulhosa do que você fez lá atrás. Seu treinamento terminou. Você fez isso. Eu te levo para comemorar se você me deixar—sendo apenas amigos.”

Eu dei uma risada discreta.

“Mais parecido com isso,” disse ele. “É melhor você estar pronta para quebrar algumas cabeças amanhã. Nós vamos encontrar uma nova pista—mesmo que para isso tenhamos que matá-la.”

Eu sabia que ele quis dizer a última como parte de uma piada—mas ao mesmo tempo sabia que não era.

Eu ri inquieta e sai da van. Disse adeus a Talbot e atravessei o estacionamento de volta. Fui através da construção e percebi uma figura hesitando em frente à entrada do centro de recreação. Estava na hora de pegar o ônibus, mas o que vi nas portas de vidro em frente ao estacionamento me fez sentir um frio na espinha.

O ônibus já estava lá, e assim estavam todas as sete vans do Rock Canyon—acompanhadas por um carro da polícia com as luzes piscando. Alunos de minha aula de religião sentados amontoados sobre as escadarias da entrada da frente, rodeados por pessoas em camisas pólo de Bom Samaritano. Um homem em um terno de negócio conversando com uma garota que parecia que estava chorando. E aquela garota era April.

Abri uma porta de vidro e corri em direção ao estacionamento. Quando me aproximei do amontoado de alunos, Claire se levantou e apontou para mim. “Ela está aqui! Grace está aqui!” Ela gritou. O restante dos alunos se levantou na escada, todos olhando para mim. April veio correndo.

Ela jogou os braços em volta de mim. “Oh, meu Deus! Você está bem. Eu estava tão assustada.” Ela me apertou tanto que mal podia respirar.

“Eiii! É claro que eu estou bem.” Me recuperei do aperto de morte da April. Seu rosto estava manchado de vermelho, e seus olhos brilhavam como se estivesse prestes a irromper em lágrimas novamente. “O que aconteceu com você?”

“O que aconteceu *comigo*?” ela perguntou incrédula. “O que aconteceu com você? Todo mundo está procurando por você! Primeiro Pete, e então você não aparecendo naquele estúdio de kârate, e depois nem você nem Talbot respondendo seus telefones. E então me lembrei da mensagem de Jude, e comecei a pensar você tinha sido sequestrada. Ou pior. Seu pai está a caminho, e o Pastor Saint Moon está totalmente pirado.”

“O que você está falando? Eu estava fora no meu serviço de projeto como qualquer outra pessoa... e o que sobre Pete e o estúdio de karatê?” *Ela está falando sobre o mesmo dojo onde eu e Talbot treinávamos?*

“Todos os grupos deveriam ir para o estúdio de karatê na rua debaixo. Como Gabriel disse no ônibus. Nós deveríamos começar a corrigi-lo para algum programa de

juventude. Mas quando chegamos lá, as janelas da frente estavam todas arrebentadas, e dentro... Eles encontraram Pete."

"Pete Bradshaw? O que quer dizer com *encontraram*?" Eu ouvi as pessoas falando desse modo antes—no ano passado, quando tinham *encontrado* Maryanne Duke e depois Jessica Day. Em seguida, na outra noite, quando os policiais nos disseram que tinham encontrado aquele garoto Tyler. "Pete está morto?" Eu mal conseguia dizer as palavras.

April balançou a cabeça. "Mas alguém quase arrancou a cabeça dele. Eles provavelmente *pensaram* que estava morto quando o deixaram para trás."

"O quê?" De repente senti o chão irregular debaixo dos meus pés. "Encontraram-no *dojo*?" *Nosso dojo*? "Ele disse quem fez isso?"

"Ele está totalmente inconsciente. Pode até estar em coma. Julie Pullman, foi quem viu Pete primeiro. Ela disse que as letras R e S foram pintadas ao lado dele."

Os Reis da Sombra! Foi esta uma espécie de aviso para mim e Talbot recuarmos? Foi por isso que Jude me mandou uma mensagem? Será que os Reis da Sombra têm *nos* seguindo o tempo todo, quando pensávamos que estávamos os seguindo? Se tivessem me visto no clube com Pete e decidiram usá-lo para enviar uma mensagem? Eu balancei minha mochila para minha frente e comecei a cavar procurando o meu celular. Eu precisava chamar Talbot e avisá-lo que os RSs estavam definitivamente em nós.

"O pessoal do Rock Canyon chamou uma ambulância e em seguida, enviou todos de volta para cá," disse April. "Mas quando percebemos que estava faltando um, o Pastor Saint Moon ficou completamente apavorado. Ele chamou seu pai, e a polícia veio e... E... Me desculpe. Eu estava realmente preocupada com você, então eu disse a ele. Sinto muito."

"Disse o que a quem?"

"Grace!" Era a voz de Gabriel, misturado com tranquilidade e outra coisa que eu nunca tinha ouvido nele—raiva. Ele encheu a porta aberta do centro de recreação.

"Sinto muito," disse April. "Eu disse a ele sobre você e Talbot."

"Como você pôde?" rosnei para April. "Eu confiei em você."

Lágrimas brotaram em seus olhos. "Pensei que estava ajudando você."

"Venha comigo, agora," Gabriel exigia.

NO CENTRO DE RECREAÇÃO

Segui Gabriel através da recepção e passei pela recepcionista que tentou nos deter. Mas Gabriel apenas ergueu a mão para acalmá-la, e continuamos caminhar. Ele abriu a porta de uma sala que parecia concebida para reuniões de conferências e acenou-me para dentro.

A porta se fechou em um segundo, e Gabriel virou para mim. “Você está bem?” ele praticamente gritou.

“Sim.”

“Você foi sequestrada, ameaçada, ou coagida a fazer algo contra sua vontade?”

“O quê? Não.”

“Então eu quero que você me diga o que sua amiga queria dizer quando ela me contou que você estava escapando sozinha com um garoto durante o projeto. E por que, se você não estivesse mesmo lá, o seu cheiro estava por todo o interior do dojo!” Ele agarrou meu braço. “E então me explica por que sinto o cheiro de sangue de demônio em suas roupas” —ele arrancou o meu casaco dos meus ombros, expondo a lágrima de sangue na minha manga e as três cicatrizes rosa brilhantes em meu braço— “e como você conseguiu isso.”

Você não tem que dizer nada a ele, disse algo dentro da minha cabeça. Era uma mistura da minha voz, da de Talbot, e a nova voz que tinha ouvido antes. Ela estava certa.

Eu puxei meu braço para fora do alcance de Gabriel. “Eu não tenho que te dizer nada,” eu disse. “Você não é meu pai. Você certamente não é o meu irmão. Você nem mesmo é realmente o meu professor.”

Ele não é nada comparado a você, disse a voz.

“Eu sou seu amigo, Grace. Eu posso não ser seu irmão, mas eu gosto de você como se fosse.”

“Você não é nada para mim.”

“Então é assim que você considera seus amigos, como ‘nada’? Eu entendi que o menino que foi atacado era o seu *amigo*. Ele é *nada* para você, também?”

“Pete Bradshaw não é meu amigo!” *Ele é um filho da puta que mereceu tudo o que aconteceu com ele*. A voz estava certa; Pete merecia isso. “Ele mereceu.”

“O quê?” Gabriel deu um passo para trás, esfregando os dedos. “Você fez isso, Grace?” Ele me olhou com medo, como se pensasse que eu poderia estar indo dar o bote sobre ele.

Gabriel é um covarde.

“Não. Eu não ataquei Pete. Ele não vale a perda do meu tempo.” Puxei o meu casaco de volta por cima dos meus ombros. “Eu tenho coisas mais importantes a fazer.”

“Então, por que seu cheiro está naquele dojo?”

“Porque é aí que eu venho treinando.”

“Treinando? Daniel me disse que vocês dois não estavam treinando mais.”

“Eu não estava com Daniel. Esse *garoto* com quem tenho escapado, ele é um Cão do Céu... E o último do Saint Moons. Pelo menos, o *real* Saint Moon. Não um covarde como você, que usa o nome, mas não faz nada para merecer isso.”

Os olhos de Gabriel se arregalaram. “Isso é impossível, Grace. Don foi o último Saint Moon. Todos os outros foram mortos quando—”

“Quando você estava junto e deixou Caleb Kalbi matá-los. Bem, você está errado. Nathan Talbot sobreviveu. Ele tinha três anos quando viu seus pais serem mortos na frente dele—tudo porque você não agiu.”

A boca de Gabriel ficou aberta por uma fração de segundo. “Disseram-me que o menino morreu por causa de seus ferimentos...”

“Bem, ele não o fez. E agora ele é um Cão do Céu. E ele estava me ensinando tudo o que sabe. Você pode estar com medo de fazer alguma coisa com os seus poderes, mas eu não sou uma covarde como você. Eu sou uma Cão do Céu agora, também. E enquanto você está se escondendo aqui, com medo de sujar as mãos, eu estava caçando demônios. Eu mesma matei o meu primeiro hoje.”

“Você fez o quê?” ele rugiu. Seu corpo tremia. Ele deu mais um passo para trás, respirando profundamente. “Não. Isso não pode estar acontecendo. Você está se perdendo para o lobo.”

“Eu não estou me perdendo. Eu matei um demônio, não um ser humano ou mesmo um Urvat. Eu sei a diferença. Eu não sou tão estúpida quanto você pensa.”

Gabriel estremeceu com a dor, ele pressionou as palmas das mãos e fechou os olhos, tomando uma respiração profunda e, em seguida, soltou entre os dentes. “Você está insanamente estúpida, se você acha que matar não vai te mudar,” disse ele em voz baixa. “Mesmo matando um demônio. Dá uma sensação de capacidade de poder para acabar com a existência de algo—para destruir algo com suas próprias mãos. E essa sensação de poder torna-se orgulho, se você deixá-la desmarcada. Logo você começará a pensar que é melhor que todos os outros. Superior. Ou talvez ele simplesmente faça você se sentir tão irritada que você não possa fazer mais. Mas esses são exatamente os sentimentos que alimentam o lobo—tornam-no mais forte. E antes que você saiba o que está acontecendo, você se perderá.” Ele estendeu a mão para tocar no meu ombro. “O lobo fala com você. Eu posso senti-lo. Já estamos perdendo você.”

Me afastei do seu toque. “Pare com isso! Por que você não pode acreditar em mim? Por que você não pode aceitar que só porque você perdeu-se na maldição, não significa que todos os outros Cães do Céu lá fora vão também?”

“Você realmente quer saber?” Gabriel perguntou.

“Sim.”

“Porque em oitocentos e trinta anos eu ainda não encontrei um único Urvat verdadeiro que não acabou *eventualmente* por ser vítima do lobo.”

Suas palavras foram como um soco no estômago. Engoli em seco e dei um passo para trás, acertando o lado da mesa.

“Cada um de nós cai, Katharine — e você irá.”

“Eu não sou *Katharine*. Eu não sou sua irmã. E eu não sou fraca como você.”

Gabriel resmungou. “Eu deveria ter entregado você a Sirhan quando cheguei aqui, como ele tinha ordenado. Eu pensei que se eu pudesse te entender, eu poderia poupá-la da viagem. Eu deveria ter sido mais esperto. Vou levá-la agora, então diga adeus aos seus amigos. Eu não sei quando você estará voltando.”

“Entregar-me?” *Sirhan ordenou a Gabriel me levar com ele?*

Eles estão vindo por você. Ele te fez pensar que você poderia confiar nele, mas você não pode.

“Você é quem Jude tentou me avisar? É você aquele que está atrás de mim?” Tentei empurrá-lo para passar por ele para fugir, mas ele não se movia.

Gabriel colocou as mãos nos meus ombros. “Não, Grace. Não é isso que eu quis dizer. Vou levá-la para Sirhan, para que possamos ajudá-la.”

Eu arrastei meu braço para fora e bati com ele contra a sua caixa torácica. Ele voou para o lado e bateu no muro. “Você não está me levando a lugar nenhum,” eu disse, e sai correndo da sala.

MAIS TARDE

Eu corri.

Fora do centro de recreação, passando pelos outros alunos nas escadarias, passando pelo ônibus e carro do meu pai, que estava apenas entrando no estacionamento e saindo da rua. Eu sabia que Gabriel era perfeitamente capaz de me seguir, mas eu também sabia que ele não faria.

Ele é fraco.

Ele mente.

Você é melhor do que ele.

Peguei meu ritmo, correndo mais e mais rápido. Minha mochila batia nas minhas costas a cada passo. Desviei os pedestres e carros e saltei sobre tudo o que tinha no meu caminho. Eu sabia que as pessoas estavam apontando, parando de queixo caído ao ver a menina que estava correndo como se estivesse sendo perseguida por um monstro. Mas eu não me importei. Eu só tinha que correr.

Eu comecei a correr porque Gabriel disse que queria me levar embora. Mas o monstro de que eu corria a partir de agora era as palavras que ele tinha falado antes. Ele arrastou atrás de mim como um demônio perseguindo sua presa: *Em oitocentos e trinta anos eu ainda não encontrei um único verdadeiro Urvat que não acabou eventualmente por ser vítima do lobo.*

Aquelas palavras me assombraram. Assim como a dor, sacudindo dentro dos meus músculos que não se acalmavam—não importa o quão rápido eu corria. Não importa quão duro batia na calçada, não importa o quanto eu abracei meus poderes. Nada aliviou a dor como antes—ela só ficou mais forte e mais forte com os meus pensamentos em fúria. Gabriel estava errado sobre mim. Ele não podia me ajudar. Ele não me entendeu. Ele não tinha o direito de dizer que eu iria cair. Ele nem sequer me conhece.

Você é melhor do que ele!

Mas eu não poderia chocar contra o que ele disse que todos os Cães eventualmente caíram. Gabriel tinha que estar errado. Queda não era inevitável. Por que Deus tinha inventado os Cães do Céu, em primeiro lugar, se todos eles falharam?

Não, você não é como eles, disse a voz. Você é especial. Você é a Divina.

Sim. Sim, eu era diferente. O Urvat pensou que não poderia receber a cura sem morrer—mas eu *tinha* salvado Daniel. Eu *tinha* curado ele.

Eu era melhor. Daniel sabia disso. Gabriel tinha tentado fazer Daniel se esquecer disso—tentou fazer Daniel ficar contra mim. Mas Daniel tinha acreditado em mim uma vez. Ele me amava.

Sim, Daniel a ama. Ele é o único que te ama muito. Faça-o se lembrar disso.

Vá até ele.

Meu corpo mudou minha direção e desviou em direção ao parque Oak. Eu não podia explicar isso, não podia descrevê-lo, mas cada parte de mim precisava encontrar Daniel, necessitava vê-lo, senti-lo, tocá-lo. Precisava saber que ele ainda precisava de mim. Eu continuei a correr até que eu tropecei descendo as escadas para o apartamento de Daniel e cai contra a sua porta. Eu afundei no concreto, tremendo como o laranja brilhante das folhas em torno da casa. Meu coração bombeava tão duramente que parecia que ia explodir no meu peito. Eu nunca corri tão longe, tão rápido, ainda que dentro de mim a dor horrível fizesse meus músculos apertarem em agonia.

A porta se abriu, e eu ouvi Daniel dizer o meu nome quando ele me puxou para seus braços. “Gracie, o que você está fazendo aqui? Você está bem?”

Eu queria Daniel para aliviar a dor dentro de mim, para provar que Gabriel estava errado sobre mim, mas ouvir sua voz e ver seu rosto não foi o suficiente. Eu passei meus braços em volta do pescoço e, em seguida, enfiei meus dedos em seu cabelo desganhado. Eu beijei o lado do rosto. Beije ao longo de sua mandíbula e atrás da orelha.

“Bem, olá para você também,” disse ele. “O que deu em você—?”

Apertei meus lábios sobre sua boca e o beijei com tal força que ele tropeçou de volta para seu apartamento. Chutei a porta fechada atrás de nós, minha mochila caiu no chão, e pressionei meu corpo contra o dele. Eu provei-o com meus lábios, extrai seu cheiro amendoado com cada respiração pesada, mas ainda não era suficiente. Ainda não era suficiente para aliviar a dor. Beije-o com mais força e passei as mãos para baixo de seus braços, sentindo as curvas de seus músculos sob a camisa Oxford fina. Os braços de Daniel apertaram-me quando ele retornava meus beijos. Suas mãos acariciaram as minhas costas e então ele puxou o meu casaco dos meus ombros. Caiu no chão aos meus pés. Então, suas mãos estavam na minha cintura, segurando-me firmemente pelos meus quadris.

Eu podia sentir o quanto ele me queria em seu toque, mas ainda não era o suficiente para aliviar a dor de dentro. Eu ainda precisava de mais. Beije-o mais forte e usei a pressão do meu corpo para impulsioná-lo para o sofá-cama apenas alguns metros atrás de nós.

Daniel parou quando as costas dos joelhos atingiram o lado do colchão. Seu toque tornou-se hesitante enquanto eu pressionei contra ele mais forte. Puxou de volta da minha boca e sussurrou em meu rosto, “O que você está querendo aqui, Grace? Pensei que estávamos esperando.”

Você não pode esperar mais.

“Eu não posso esperar mais.” Eu ecoei a voz na minha cabeça.

Eu empurrei Daniel. Seus joelhos amoleceram, e ele se sentou na beira da cama. Eu subi para o seu colo e o beijei profundamente, correndo os dedos ao longo os botões de sua camisa, traçando seus peitorais sob o tecido.

A dor nos meus músculos de repente percorria pelo meu corpo como uma espécie de energia externa. Eu senti que agarravam meu coração, espremendo como garras. Eu senti essa sensação antes. Eu sabia o que isso significava. Outra coisa estava no controle.

Uma pequena parte do meu cérebro me disse para parar, disse-me para recuar antes que fosse tarde demais, mas eu não podia. Eu queria Daniel mais do que eu jamais quis antes.

Eu precisava dele.

Então devore-o! rugiu a voz estranha dentro da minha cabeça.

E antes que eu soubesse o que estava acontecendo, meus dentes estavam descobertos em um rosnado, e minhas mãos estavam agarrando Daniel pelo colarinho. Eu rasguei a camisa aberta, fazendo os botões voarem. Eu podia sentir Daniel agarrando as minhas mãos, podia ouvi-lo me dizer para acalmar, mas isso só me fez arranhar ele mais. Era como se eu estivesse assistindo a mim mesma agir como um monstro a partir do canto da sala, e não pudesse fazer nada sobre isso.

“Pare!” Daniel gritou. Ele agarrou meus ombros e me jogou para o lado de cima dele na cama. Ele pulou para fora do colchão. Seus braços voaram em uma posição defensiva, prontos para lutar se precisasse. “Grace, Calma. Esta não é você. Se contenha.”

Rolei ofegante em seu colchão. Meu corpo estremeceu e convulsionou—como se algo estivesse tentando rasgar seu caminho para fora da minha pele. Eu gritei e agarrei meu próprio pescoço, procurando a minha selenita, mas meu pescoço estava vazio.

“Onde está, Grace?” Daniel perguntou com urgência saindo de sua voz. “Onde está sua selenita?”

“Minha mochila,” eu respirei dentro dos lençóis.

Ouvi um ruído farfalhante e, então, senti o calor pulsando nas minhas costas. Daniel sentou ao meu lado, apertando a pedra contra a pele nua na nuca do meu pescoço. Eu deixei seu calor formigar calmante através de mim, facilitando a escuridão que surgiu no meu coração. O estremecimento profundo em meus nervos diminuiu para um estremecimento.

Eu olhei para Daniel sentado ao meu lado. Sua camisa rasgada pendurada aberta, revelando três longos cortes vermelhos de minhas unhas em sua clavícula. Mas era a expressão em seu rosto enquanto ele olhava para mim que fez meus olhos se encherem de lágrimas. Ele não me viu deitada em sua cama.

Ele viu o lobo.

Capítulo Vinte e Um

Terrível Graça

DEZ MINUTOS DEPOIS

Eu estava em um dos lados do colchão o mais longe possível de Daniel que eu poderia conseguir. Apertei a selenita na minha mão, balançando para frente e para trás com o ritmo do meu pulso. Daniel começou a correr em minha direção, sua mão estendida na direção da manga rasgada da minha blusa.

Eu balancei a minha cabeça. “Não. Não me toque, por favor.” Eu não queria estar próximo a ele, não queria machucá-lo.

“Como isso aconteceu, Grace?” A voz de Daniel se quebrou um pouco enquanto falava. Ele estava tentando segurar a raiva na sua voz? “Eu não entendo como o lobo poderia ter tanto controle sobre você.” Sua voz se quebrou novamente. “Isso é minha culpa. Gabriel estava certo. Eu nunca deveria ter começado o treinamento em primeiro lugar. Eu pensei que se eu te ensinasse a equilibrar isso não teria acontecido. Mas eu fiz isso com você. Eu não parei de treinar você a tempo—”

“Não.” Eu disse. “Não diga isso. Não se culpe. Eu fiz isso, não você. Eu não parei de treinar quando você me pediu...” Meus lábios tremiam e eu não podia falar mais. Eu já tinha chorado uma boa quantidade, mas uma onda de soluços rasgou minha garganta.

“O que você quer dizer? O que você anda fazendo? O que aconteceu com o seu braço? E por que diabos...?” Ele parou como se amortecesse o seu temperamento. “Por que você não estava usando a sua selenita?”

Um milhão de mentiras passaram na minha cabeça—um milhão de mentiras que eu poderia contar a Daniel por que eu não estava usando minha selenita, minha segurança. Mas para quê mentir mais?

“Tirei para esconder minha identidade. Lutei contra um membro dessa gangue de ladrões invisíveis—eles se chamam Reis das Sombras. Eu o matei. Ele era um demônio e eu o estaquei no coração.”

Eu ouvi Daniel tomar uma respiração acentuada.

“Mas na realidade, a razão que eu tirei foi porque eu queria provar que eu não precisava disso.” Eu balancei minha cabeça. “Mas eu estava errada.”

Gabriel estava certo sobre mim.

Eu estava me perdendo como o resto deles.

Eu tinha deixado o lobo dentro da minha cabeça, dentro do meu coração, e ele tinha tentado me levar além. Eu não era forte. Eu não era melhor. Eu não era diferente.

O colchão deslocou quando Daniel levantou. Eu podia ouvir seus passos enquanto ele andava ao lado da cama. Ele parou alguns centímetros na minha frente e depois voltou a andar. Quando ele parou de se mexer ele estava no lado oposto do quarto. “Me ajude a entender o que você está falando. Você foi atrás da gangue sozinha? Por que você faria isso?”

“Porque eu queria encontrar Jude. Eu queria toda a minha família unida de novo. Indo atrás da gangue era a única maneira de encontrá-lo. Mas você não queria me ajudar. Nem você ou Gabriel ou meu pai. Então eu achei alguém que iria. Eu não fiz isso sozinha. Eu achei alguém que acreditou em mim.”

“O que você quis dizer que encontrou alguém? Quem é essa pessoa, Grace?”

“Seu nome é Nathan Talbot, ele é um caçador de demônios—um Cão do Céu. Eu o conheci no The Depot quando eu fui lá com a April. Ele me salvou de alguns problemas... mas ele tem me treinado. Me ensinado coisas que você não poderia.”

“Por que não me contou sobre isso?”

Eu balancei minha cabeça. “Por causa do jeito que com que você agido ultimamente—exigindo que eu fosse uma pessoa normal. E por que eu sabia que isso ai te incomodar. Eu sabia que iria preocupado. E eu ficar estava com medo de você tentar me parar—”

“Maldição, sim, estou preocupado.” Daniel gritou. “Você está guardando segredos de mim. Segredos mais mortais que você pode imaginar.” Ele bateu a mão contra a parede. “Você conhece um cara misterioso que *afirma* que pode te treinar? Como ele sabe quem você é? Como você sabe que ele não é alguém tentando avisar ao Jude sobre você? A pessoa que foi atrás de nos? Você tem ideia do quão estúpida você tem sido?”

“Pare com isso!” Eu pulei da cama e olhei para ele. “Talbot não está atrás de mim. Estivemos juntos sozinhos uma dúzia de vezes. Se ele queria me machucar, ele teria feito agora. Ele não quer me matar, quer me ajudar. Ele acredita que eu posso ser uma heroína com *você* costumava acreditar.”

Daniel se inclinou contra a parede, os punhos agarrando as extremidades do cabelo. “Então isso é minha culpa. Eu não poderia oferecer o que você queria então você foi procurar em outro lugar.”

“Não diga isso, Daniel... Eu amo você.”

“Mas você não confia em mim.” Ele soltou o cabelo e deixou-as cair ao seu lado. “Você confia mais num total estranho do que em mim.”

“Você é quem não confia em mim. O que você esteve fazendo na ultima semana e meia? Katie? Mishka? Bebendo em bares? Ou algo mais que eu nem posso imaginar? Pelo menos Talbot não mente para mim!”

Daniel olhou dentro dos meus olhos. “Diga-me uma coisa, Grace. Há algo entre você e esse Talbot? Algo mais que treinamento?”

“Não.” Eu sussurrei, mas então a imagem de Talbot tentando me beijar passou na minha mente, o jeito que os seus lábios roçaram no meu rosto.

Um olhar de culpa deve ter passado no meu rosto, porque Daniel interrompeu o olhar e colocou a mão na sua testa. Seu corpo inteiro tremeu numa onda de tristeza e ele caiu contra a parede

“Não, Daniel. Não.”

Eu queria correr até ele e jogar meus braços ao seu redor, mas eu tinha medo que ele me empurrasse para longe. Qualquer ligação que eu compartilhei com o Talbot, o que eu chamava de ligação com ele, percebi agora que era fraca e vazia em comparação como eu me sentia com Daniel. Nada se compara com o pensamento de como Daniel sentindo dor me fazia sentir.

“Isso não é tudo. Ele tentou me beijar. Eu disse não, mas ele ainda tentou.”

“O quê?” Daniel se levantou e pegou as chaves da moto em cima da mesa perto dele. “Me leve até ele. Onde ele está?”

“Não, Daniel. O que você poderia conseguir? Isso continua não sendo o que você pensa.”

“Me leve ate aquele bas—”

“E o que você vai fazer? Ele é um Urvat. Não há nada que você possa fazer.”

“Eu sou capaz de fazer mais estrago que você pode imaginar.”

“Daniel, por favor.” Eu disse tentando acalmá-lo. “Talbot é meu amigo e meu mentor. Isso é tudo.”

“Não, Grace. Isso não é tudo. Se esse cara é quem lhe disse para tirar sua selenita, então ele não é quem diz ser. Ele deveria saber que você não é forte o suficiente sem isso.”

Suas palavras me machucaram, mas só porque elas eram verdadeiras. “Bem, você não está errado sobre nada disso. Eu pensei que eu podia ser um Cão do Céu. Eu pensei que poderia assumir os Reis das Sombras e encontrar Jude. Mas tudo o que eu tenho feito é machucado você. Você está certo. Eu não sou forte o suficiente. Eu falhei.”

E Gabriel estava certo também.

A queda é inevitável.

Daniel suspirou. Ele tinha as chaves pendendo na sua mão. Sua camisa estava aberta onde eu o tinha rasgado e eu vi o seu peito perfeito enquanto ele respirava.

Foi aí que eu percebi: estava perfeito, *sem nenhuma marca.*

“Daniel.” Eu disse, dando outro passo em sua direção, tentando obter um ângulo melhor. “O que aconteceu com os cortes no seu peito?”

Daniel olhou para o esterno, e rapidamente puxou sua camisa para esconder sua clavícula, onde tinham três cortes há alguns minutos atrás — os que eu o tinha dado num momento de loucura. “Não é nada.” Ele murmurou e tentou se virar.

“Isso não é nada.” Eu agarrei a mão que segurava a camisa e puxei para longe do peito. Eu estava certa — os cortes tinham sumido. A única evidência deles eram três cicatrizes brancas. “O que é isso, Daniel? O que está acontecendo?”

Eu agarrei seu braço e puxei o curativo desgastado que cobria os pontos que ele tinha levado no hospital. Eu esperava o seu protesto, tentando puxar fora do meu alcance, mas ele só caiu contra a parede de novo — conformado — enquanto eu removia o curativo.

Nada estava lá. Nem mesmo uma cicatriz.

“O que está acontecendo?” Eu exigi.

“Eu não sei.” Daniel sussurrou. Ele passou a mão no braço ileso. “Eu realmente não sei.”

“Mas você sabia que isso estava acontecendo. Você está com raiva por eu manter segredos quando você está escondendo *isso* de mim?”

“Eu não queria te contar ainda...”

“Porque você não confia em mim?” Eu sabia que era uma pergunta estúpida. Eu não estava sendo muito digna de confiança depois dessa tarde — mas isso era uma coisa grande demais para esconder de mim. “Ou porque você achava que eu era muito fraca para aguentar isso?”

Daniel não respondeu.

“Todos os seus poderes estão voltando?” Eu perguntei.

“Sim. Lentamente. Mas eles estão se desenvolvendo.”

“Oh, Deus” Eu dei um passo para trás até bater na borda da cama. “Isso significa que você *não* está curado? Isso significa...?”

A queda é inevitável... e não há cura afinal?

“Eu não sei —” Daniel começou, mas foi interrompido por um barulho na sua porta da frente.

“Grace Divine!” Uma voz furiosa gritou. “Se você está aí dentro, é melhor você sair agora se você quiser ver a luz do dia de novo!”

Papai?

“Saia desse lugar agora, mocinha!” Ele gritou. “Ou eu irei quebrar essa porta se for necessário.”

Eu olhei para Daniel. Ele fechou a sua camisa e seus olhos fitaram a cama desarrumada. Nós dois sabíamos que a porta estava destrancada.

“Vai,” ele disse.

Meu coração doía como eu nunca pensei antes. Algo estava quebrado entre eu e Daniel e eu não queria ir embora sem que eu pudesse consertar isso.

“Isso não acabou.”

Eu ouvi a maçaneta da porta começar a girar. Eu peguei minha mochila e sai correndo em direção a porta, usando minha super-velocidade para chegar lá antes dele a abrir. Eu a abri, dei um passo à frente do meu pai furioso e a fechei atrás de mim antes que ele pudesse ver qualquer coisa.

Capítulo Vinte e Dois

O Grande Lobo Mau

NO CARRO

Eu não tinha ideia que meu pai pudesse gritar tão alto—ou por tanto tempo. Aparentemente, Gabriel contou para ele todas as minhas aventuras pelas últimas duas semanas e como eu fugi dele. Papai gritou comigo por todo o caminho para casa no Corolla, e depois nós sentamos no carro na garagem por um bom tempo porque ele ainda não havia terminado. Eu estava cansada de contar minha história, então quando papai exigiu mais detalhes, eu desembuchei cada evento que acontecera na última semana como um robô declarando fatos—bem, todos os eventos exceto aqueles que envolviam meus lábios de qualquer forma. Quando eu havia terminado, eu apenas me calei e o ouvi gritar comigo um pouco mais. Papai normalmente era tão equilibrado e complacente que a coisa toda parecia completamente surreal.

Eu podia ouvir a voz do lobo tentando avançar lentamente em minha cabeça. Tentando me fazer atacar meu pai com minhas palavras. Eu me odiei por quão fácil tinha sido para o lobo me fazer esquecer tudo o que era importante para mim—mesmo que tenha sido apenas por uns poucos minutos. E se Daniel não tivesse sido capaz de evitar que eu o machucasse? Eu teria perdido tudo. Eu agarrei meu colar de selenita com ambas as mãos e empurrei o lobo longe o melhor que eu pude. Eu não podia permitir que ele tivesse o *mínimo* de controle sobre mim de novo.

Eu nem mesmo pisquei até que meu pai colocou o carro na garagem; ele mudou seu tom para um mais leve, desapontado quase um sussurro. “O que mais me machucou, Grace, foi você ter pensado que tinha que tentar encontrar Jude sozinha. Se você não tivesse estado tão absorta em si mesma, você teria descoberto que Gabriel e eu estivemos fora revirando a cidade procurando seu irmão. Nós já sabemos sobre os Reis das Sombras.”

Eu mordi meu lábio e afirmei com a cabeça. *Por que isso me faz querer chorar?* “Você vai deixar Gabriel me levar para seu grupo?”

Papai sacodiu a cabeça. “Eu não vou deixar você sair de nossa vista.”

Eu estremeci com um choro agradecido. “Eu suponho que estou de castigo, então.”

Papai deu uma risada de zombaria. “Se você achava que você estava de castigo antes, você não está preparada para esse tipo de castigo.”

DURANTE TODO O RESTO DA SEMANA

Papai não estava brincando. Eu não só estava em prisão domiciliar, como também ele me escoltava para a escola e de volta para casa todos os dias e todo almoço eu tinha que ficar com Gabriel em sua sala de aula, aprendendo os melhores pontos do tai chi e da meditação. O projeto O Bom Samaritano fora cancelado por Gabriel, e os alunos foram retribuídos para ajudar Mercado Day's ficar pronto para sua grande reabertura. Eu fui informada por meu pai, entretanto, que eu estaria ajudando minha mãe a se aprontar para as franquias do festival de Halloween para preencher o resto do meu projeto. Além disso, papai pregou a janela do meu quarto e levou meu celular, porque se eu não me incomodava de atendê-lo “quando era necessário,” então eu não merecia ter um.

Eu perdi a tira de papel com o número de Talbot, então sem meu celular eu não tinha nenhuma forma de contatá-lo para contar o que aconteceu.

Mas a parte que me destruiu mais por estar de castigo era que, muito embora fosse metade da semana, Daniel não havia aparecido na escola no dia seguinte à nossa briga. Ou no próximo. Ou no outro. Eu liguei para ele algumas vezes do telefone de nossa casa quando meus pais não estavam no meu pé, mas ele nunca atendeu. E não havia nenhuma possibilidade de eu parar em seu apartamento para ver se ele estava bem.

Na quarta feira eu encurralei April depois da nossa aula de artes e redundantemente me desculpei por ter ficado louca com ela por me ter denunciado a Gabriel—ela realmente havia feito a coisa certa, apesar de tudo. Ela me perdoou imediatamente—mas ela soou mais que devastada quando eu contei a ela que eu não iria tentar mais ser um super-herói.

“Tem certeza?” ela perguntou. “Eu estive trabalhando no melhor desenho para a fantasia.”

“Tenho certeza que teria sido fabulosa,” eu disse. “Mas não posso mais fazer isso. Eu não sei como utilizar meus poderes sem perder o controle. Eu não posso arriscar novamente.”

Eu tinha quase certeza que Talbot não era sobre quem Jude tentara me prevenir. Isso só não fazia sentido. Mas quanto mais eu estava longe dele, mais eu questionava seus métodos. Sim, ele me mostrara como utilizar meus poderes, mas apenas como utilizar minha raiva e medo para isso—as coisas que faziam um lobo mais forte. Agora parecia que eu não sabia como usar meus poderes sem dar ao lobo controle demais. E por que ele queria que eu tirasse minha selenita? Agora eu a usava vinte e quatro horas por dia, até mesmo tomava banho com ela, com medo de tirá-la depois do que eu fiz com Daniel.

Como Talbot sobreviveu tanto tempo sem ceder ao lobo enquanto usava seus métodos? Especialmente sem uma selenita própria?

Talbot era realmente tão mais forte do que eu?

Ou será que Daniel estava certo sobre ele—que ele não era quem ele dizia ser?

Por mais que eu não me importasse com a companhia de Gabriel, tenho que admitir que estava ansiando pelas nossas sessões de tai chi juntos. Era um dos poucos momentos quietos do meu dia, quando eu podia abrir mão da minha selenita e não batalhar contra o lobo pelo livre reinado sobre os meus pensamentos. Parte de mim desejou que eu tivesse engolido o meu orgulho e o deixado me ensinar mais cedo.

Lá pela nossa sessão de quinta-feira, eu finalmente quebrei meu voto de silêncio a respeito de Gabriel e perguntei se ele sabia alguma coisa sobre a ausência de Daniel. Ele ficou em um formato de T, seus braços paralelos em sua frente. Então ele deslizou em uma posição dividindo-a-crina-do-cavalo e disse que Daniel estava “procurando por respostas.”

“Respostas para o quê?” Eu perguntei.

“Você sabe muito bem para o quê.” Gabriel disse, e então não diria mais nada. Sua voz estava enlaçada com tanta decepção que me fez sentir como se eu estivesse no fundo de um poço, olhando para uma escalada impossível.

Eu me virei, lutando contra a súbita vontade de golpear as pernas do Gabriel por baixo dele fazendo-o se esparramar pelo chão do hall social.

Acho que ele e eu não seríamos amigos tão cedo.

Na sexta-feira à tarde, Daniel ainda não havia aparecido na escola, e eu descobri que aparentemente não estava em seu apartamento, também, quando o xerife Ford e o delegado Marsh apareceram na nossa porta perguntando se eu sabia onde ele estava.

Eu balancei a minha cabeça. “Eu não o tenho visto desde segunda-feira.”

“Você sabe onde ele estava no domingo à noite?” Marsh perguntou.

“Por quê?”

“Nós estamos procurando por possíveis pistas sobre o ataque a Peter Bradshaw. Nós achamos que está conectado ao que aconteceu com Tyler, então estamos fazendo novas perguntas às pessoas.”

“Eu falei com ele no telefone nessa noite. Ele definitivamente estava em casa.” Eu disse, mesmo embora eu não tivesse mais certeza de nada.

Inferno, até onde eu sei esses dias, poderia ter sido eu quem atacou o Pete. Eu poderia ter feito isso sobre a influência do lobo e nem se quer lembrado disso. Do modo como Jude havia atacado o corpo de Maryanne e nem sequer sabia que era ele quem havia feito isso.

“Você tem certeza?” o xerife perguntou.

“Sim.”

O xerife Ford me fez algumas perguntas a mais e então me deixou com um cartão para caso eu pensasse em alguma outra coisa.

Mas tudo o que eu podia pensar era que eu queria que Daniel viesse para casa. Gabriel disse que Daniel estava procurando por respostas, mas e se ele tivesse ido embora por causa de mim?

E se ele não planejasse voltar?

HALLOWEEN

O resto da sexta-feira passou sem notícia alguma do Daniel, e eu teria passado o sábado inteiro enfiada na minha cama se não tivesse sido pela festa de Halloween naquela noite. Era a última coisa no mundo na qual eu queria ir, mas mamãe nem sequer piscou quando eu disse a ela que não estava me sentindo bem.

“Pegue aquela cesta de maçãs carameladas e coloque no Corolla.” Ela disse. “Agora eu estou indo supervisionar o comitê de decoração. Encontre uma fantasia, e então vou precisar que você traga as iguarias para a barraca.”

“Uma fantasia? Sério, eu tenho que usar uma fantasia?”

“Todo mundo está se vestindo. Você irá parecer boba se *não* usar uma.” A mamãe estava com um kimono que o avô Kramer havia trazido de sua viagem ao Japão a dois verões atrás. Ela até tinha penteado seu cabelo com um perfeito estilo japonês. Ela pegou o pequeno James, que já estava vestindo em sua fantasia de lobo Max do livro *Onde Vivem os Monstros*. Era feita de veloccino branco com uma calda marrom cheia de pelos e um capuz com orelhas longas e pontudas. Ele bateu palmas e cantarolou, “Que a selvagemia comeche!”

Eu ri, sentindo uma pontada de felicidade pela primeira vez em dias. Era simplesmente a coisa mais fofa que eu já vi.

“Eu ensinei isso a ele,” Charity disse enquanto passava por mim com uma caixa de toalhas de mesa laranjas-e-pretas. Ela estava vestindo uma fantasia de anjo com asas brilhosas e uma beca branca. A família inteira se vestindo para o Halloween sempre foi uma espécie de tradição da família Divine. Uma na qual eu aparentemente havia sido deixada de fora do circuito esse ano.

“Mas eu não *tenho* uma fantasia,” eu disse enquanto eles saíam pela porta.

“Encontre alguma coisa,” Mamãe disse. “E não se atrase com as iguarias.”

Depois que ela se foi, eu tentei encontrar nossas fantasias, mas então eu lembrei que todas as caixas de Halloween haviam sido enviadas para Katie Summers por causa do festival. Depois de cerca de vinte minutos de busca no depósito, eu desisti e liguei para April para pedir ajuda.

“Estou tão feliz que você ligou.” April disse quando ela entrou no meu quarto um pouco depois, com seu estojo de maquiagem, uma pequena mala, e uma caixa de jóias. “É exatamente por isso que você precisa de mim.”

Meu pai estava embaixo em seu escritório trabalhando em sabe-se lá o que e eu deduzi que ele não poderia protestar contra eu receber uma amiga se era tecnicamente para eu ajudar a mãe com o festival.

“Estou perdida.” Eu disse. “Estou pensando em apenas alfinetar um par de meias nas minhas roupas esportivas e ir de ‘atração estática.’”

April revirou os olhos. Ela colocou uma mão na sua bacia coberta de vinil. Sua blusa brilhante resplandeceu sob a iluminação do meu quarto, e suas mechas loiras estavam misturadas em um tipo estranho de escultura de cabelo à la Lady Gaga. Eu não consegui imaginar quantas latas de spray de cabelo ela usou para deixar o cabelo desse jeito. “Halloween é sobre liberar a sua loba interior,” ela se pronunciou.

Eu me apavorei com a sua terrível escolha de palavras. “Não tenho certeza que essa seja uma boa ideia.”

“Então pelo menos um pouco de gata sensual.” Ela abriu sua mala. “Não se preocupe, eu cuido de você.” Ela tirou um tecido vermelho-e-azul embrulhado. “Andei trabalhando nesse desenho nos últimos dias, mas quando você disse que não iria mais bancar a super-heroína, eu pensei que nunca teria a chance de ver você vestindo isso.” Ela me entregou o embrulho e então foi a sua mochila para pegar algo mais.

Eu segurei as roupas na minha frente: um pequeno vestido azul revestido de algodão e uma capa coberta por um vermelho sólido. Eu já vi essas roupas antes. Em uma foto na cômoda da April de uma festa a fantasia pai-e-filha da sua escola primária. Era a única foto do seu pai na casa inteira.

“Eu havia planejado escrever as suas iniciais de super-heroína atrás da capa, mas nós não havíamos nos decidido sobre nada, então eu deixei em branco.”

“Essa é a sua fantasia de chapeuzinho vermelho?” Eu perguntei. “E você não tinha tipo dez anos de idade quando vestiu isso? Você não acha que vai ficar pequeno demais?”

“Exatamente.” April disse, e deu um sorriso selvagem como o Gato de Cheshire.

Sério, eu não sei como April me faz fazer essas coisas. Quero dizer, na foto que eu a vi usando esse vestido, ele atingia metade da panturrilha dela. Mas quando eu o passei pelos meus ombros, o tecido agarrou no meu peito e no meu quadril e mal alcançou a metade da minha coxa. A capa vermelha que veio com ele deslizou até acima da parte de

baixo das minhas costas. Se não fosse pela meia-calça cor de pele que eu insisti em vestir junto com o traje, eu teria me sentido praticamente nua.

April puxou um baby-liss de dentro de sua mala e deu a meu cabelo já naturalmente ondulado um pouco mais de “pow”, como ela chamava isso. Então ela cobriu todas as minhas unhas com um esmalte azul brilhante para combinar com o vestido. Mas as coisas que quase colocaram a roupa acima do topo foram as botas de salto alto de couro vermelho que ela tirou da sua bolsa de suprimentos. Aquelas com a qual eu mal fui capaz de andar no clube.

Fiquei na frente do espelho em total descrença. “Simplesmente não posso sair de casa nisso.”

“Sim, você pode.” April disse, ficando do meu lado em frente ao espelho enquanto aplicava uma insana quantidade de lápis de olho ao redor de seus olhos. “Você arrasa totalmente nesse traje.” Ela se moveu rapidamente até a minha mesa e jogou seu lápis de olho dentro do estojo de maquiagem e então pegou duas pulseiras da sua caixa de joias. “Você acha que Gaga usaria ouro branco ou amarelo?” Ela levantou as duas pulseiras de cores diferentes. Uma era uma pulseira enfeitada de ouro, e a outra eu reconheci como sendo a pulseira que ela havia perdido no clube. A imagem de Talbot levantando ela para mim em suas mãos passou pela minha cabeça.

“Eu pensei que essa pulseira fosse prata.”

“Oh, aquelas que eu vendo no meu site são pratas. Mas eu mandei a original ser feita de ouro branco apenas para mim. Uma das vantagens de ser uma desenhista.”

Ela enfiou a mão em sua grande caixa de joias e tirou um bracelete prateado que era quase idêntica a sua pulseira. “Você deveria usar isto. É perfeito para o seu conjunto. Mas tenha certeza de dizer a qualquer um que perguntar sobre isso que é um dos meus desenhos de outono.” Ela voltou rapidamente para eu e passou o bracelete pelos meus pulsos.

“Está perfeito!” Ela gritou. “Exatamente o visual que eu queria atingir. Tão inocente, ainda assim tão malvada ao mesmo tempo. Como se Chapeuzinho Vermelho se misturasse com a Mulher Maravilha.”

“Huh.” Eu me olhei no espelho por um segundo—um pequeno vestido de algodão azul, capa vermelha, cabelo longo e ondulado, botas de salto alto, e braceletes prateados.

“Bem, essa é provavelmente a última vez que me deixarão sair de casa, então eu poderia muito bem sair arrasando.”

NO FESTIVAL, LOGO ANTES DO PÔR DO SOL

Uau. Devo dizer que Daniel e Katie se superaram com os desenhos para os cartazes e decorações para o festival de Halloween. Era como se Tim Burton tivesse passado pela Rose Crest e transformado a Main Street em um dos cenários de seus filmes. Todas as barracas estavam enfileiradas em tecidos de cores brilhantes, e os cartazes foram impressos com um estilo aracniforme de escrita que tinha que ser coisa do Daniel. Eu esperava que Katie tivesse um comitê inteiro ajudando-a com a preparação, já que Daniel ainda não estava em lugar algum para ser encontrado.

Carros, cada um decorado com um tema diferente, alinhados na rua para o “doces ou travessuras”. E pela aparência da multidão fantasiada já enchendo as calçadas, olhando as barracas e os jogos, a cidade inteira provavelmente iria estar na rua para o evento.

Sr. Day estava de pé na frente do mercado, vestido como um antigo lojista, distribuindo cupons em honra da grande reabertura. Ele sorriu para April e para mim quando nós passamos com nossas cestas de iguarias. A loja já estava cheia de clientes.

Mamãe estava tão ocupada dando ordens a todo mundo em volta que ela nem percebeu a minha fantasia de primeira, e quando ela percebeu, April e eu já estávamos cuidando da barraca de maçãs-caramelo. Eu pude dizer pelo olhar no rosto dela que se na hora eu não estivesse cercada por metade das moças do quadro da escola dominical, ela provavelmente teria tido um enorme ataque e me mandado para casa. Por sorte, a senhora Ellsworth, levantando sua bebê fada-princesa pelo seu quadril, sorriu e disse, “Você não está adorável?”

Mas novamente, esse comentário estava provavelmente direcionado para o bebê James em seu traje de lobo enquanto ele puxava a borda do meu vestido e implorava a mim que o levasse para o “doces-ou-travessuras” para conseguir alguns doces.

Eu o levantei com um braço e então peguei uma cesta de maçãs carameladas com o outro. “Eu vou levar o James para o ‘doces-ou-travessuras’ e tentar vender alguns desses pelo caminho.”

“Obrigada.” Mamãe disse. Ela bateu na testa com a manga de seu kimono e então contou o troco para dar para Amber Clark e o namorado dela. “Mas não deixe-o pegar muito doce.”

Bebê James e eu partimos pela rua. “Apenas eu e meu grande e malvado lobo.” Eu disse, e o coloquei no chão com sua bolsa de doces-ou-travessuras. James fez um pequeno rosnado e começou a correr para o primeiro carro da fila. Eu o segui com a minha cesta. Nós paramos em cada carro, e todo mundo bajulou James e sua fofura, e eu vendi um caramelo para cada três doces que ele recebia. Eu tinha apenas meia dúzia sobrando quando nós chegamos ao final da Main Street. Nós estávamos prestes a atravessar e ir pelo outro lado quando Charity e algumas das suas amigas vieram saltitando até mim para comprar maçãs.

Eu entreguei três e estava contando o dinheiro delas enquanto James puxava o meu vestido, tentando me forçar a atravessar a rua para conseguir mais doces, quando eu ouvi outro cliente perguntar “Quanto custa?” por trás de mim.

“Dois dólares cada.” Eu disse, e entreguei a Angela Leonard três dólares de volta.

“Obrigada.” Ela disse.

“Mas e se eu quiser a cesta inteira de guloseimas?” O cliente atrás de mim disse.

Eu olhei por cima do meu ombro e quase deixei a cesta cair. “Talbot?”

Ele estava lá em uma camisa de flanela azul-e-amarela e jeans azul desbotado, mas ele estava sem o seu boné de baseball como de costume. Ele tinha um sorriso menosprezador em seu rosto, mas seus olhos verdes pareciam sérios e preocupados.

“O que você está fazendo aqui?”

“Apenas dando uma olhada no festival.” Ele disse, e piscou para Charity e suas amigas. Então ele se inclinou para perto do meu ouvido e sussurrou “Eu preciso que você venha comigo, Grace. Agora.”

“O que? Não posso. Estou com o meu irmão.”

James puxou a minha mão e apontou na direção de mais doces, fazendo o seu pequeno rosnado.

“Oh. Meu. Deus.” Mimi Dutton disse. “Vocês são tão fofos. Olha, Angela, eles são Chapeuzinho Vermelho, o lobo, e o lenhador.” Ela apontou por último para Talbot.

Talbot deu um sorriso, então ergueu sua cabeça como se estivesse apontando a direção que ele quisesse que eu fosse. *Venha agora*, ele silabou.

Charity me deu um olhar engraçado. “Cadê o Daniel?”

“Eu não sei.”

Talbot colocou sua mão no meu braço. “Desculpe-nos, pequenas damas.” Ele disse para Charity e suas amigas. “Grace, eu preciso da sua ajuda com algo.”

James resmungou e começou a correr para a rua. Eu avancei e o peguei pelo capuz da sua fantasia de lobo.

“Eita,” Charity disse. “Isso foi rápido.”

Eu dei a mim mesma uma pequena balançada—Eu não quis ter usado meus poderes. Eu levantei James, e ele chutou minhas pernas e resmungou por doce.

“Charity, você toma conta dele?”

“Mas minha mãe disse que eu poderia andar com minhas amigas. Não sou eu quem está de castigo.”

“Apenas por alguns minutos, ok?” Eu olhei para Talbot. “Nós voltaremos logo, certo?”

“Claro.” Ele disse, e acenou com a cabeça para Charity. “Eu apenas preciso da sua irmã por um minuto.”

“Que seja.” Charity tirou James dos meus braços e deixou que ele a levasse através da rua em direção a Gabriel—vestido como um macaco—que estava entregando barras de chocolate de um caldeirão de plástico.

Eu dobrei a esquina com Talbot antes que Gabriel pudesse me ver com ele. “O que está havendo?”

Talbot agarrou meu braço. “Nós temos que sair daqui.” Ele disse. “Você e eu. Agora.”

“Que? Por quê?”

“Não há tempo para explicar. Nós apenas temos que ir.” Ele agarrou meu braço, sua mão como um alicate no meu cotovelo, e me levou até o estacionamento atrás da Lyman’s Hardware. Estava cheio de carros, mas nós éramos as únicas pessoas lá. “Nós temos que sair daqui antes que eles achem você.”

Talbot me puxou em direção à sua velha caminhonete azul, parada em duas vagas embaixo de um poste que brilhou na sombria escuridão da noite. Eu podia ver daqui que a traseira de sua caminhonete estava carregada com o que parecia ser equipamento de acampamento. Eu parei na hora, enterrando os saltos das minhas botas no asfalto, e puxei meu braço para for do seu agarrão. “Eu não vou a lugar algum até você me contar o que está acontecendo.”

“Eles estão vindo para te pegar, Grace,” Ele disse. Suas palavras soaram exatamente iguais as de Jude quando ele deu esse aviso. “Você está em perigo. Os Reis das Sombras estão vindo para cá. Bem agora. E eu não posso detê-los. Eles vão destruir essa cidade até te encontrar. Mas talvez nós possamos correr. Dirigir o mais longe daqui o possível e talvez nos esconder na mata. Eu não sei. Nós apenas precisamos ir.”

“Eles estão vindo *aqui*? Bem aqui? Eu tenho que avisar a minha família.”

“Não há tempo!”

“Minha irmã está lá fora com o meu irmão pequeno, e meus pais. Sem contar com a cidade inteira. Se os reis das Sombras estão vindo para cá, então eu preciso avisar eles. Eu preciso encontrar o Gabriel ou o meu pai.” Eu me virei e estava prestes a disparar pelo estacionamento.

“Não!”

Talbot avançou contra mim. Ele agarrou minha capa e me puxou de volta para ele. Eu dei um pequeno grito e deixei cair a minha cesta. Maçãs de caramelo se espalharam pelos nossos pés.

“Eu não ligo para eles.” Ele disse. “Você é a única que importa.”

“Eles são a minha família!” *Como ele pode querer que eu não os avise?* E não havia como eu deixar o bebê James desprotegido. Eu prometi isso a ele. “Eu não vou os deixar correndo perigo.”

“Apenas entre no maldito caminhão.” Talbot disse, e apertou sua mão contra o meu pulso, enterrando o meu bracelete de prata na minha pele. Ele começou a me arrastar em direção do carro, mas antes que ele pudesse terminar o movimento, gemeu e soltou meu braço.

Eu olhei para sua mão. Um vermelho da largura do meu bracelete formou bolhas em sua palma. A prata o havia queimado.

“Talbot?” Eu recuei. Pensei o tempo todo que ele era como eu. Um Ubat que ainda não tivesse se transformado. Agora era nítido que isso não era verdade.

Talbot olhou para sua mão e então de volta para mim. Seus olhos resplandeceram a luz do poste. Um pequeno rosnado escapou de seus lábios. “Apenas entre na caminhonete, Grace. Eu não quero ter que machucar você.”

Eu dei outro passo para trás. O salto da minha bota escorregou um pouco no cascalho embaixo dos meus pés. “O que está acontecendo? Quem é você?”

“Alguém que não se pode confiar.” Disse uma voz familiar de algum lugar por perto.

Eu me virei e vi com descrença enquanto um cara alto, de ombros largos surgiu do meio de duas vans no estacionamento. Ele parecia tão diferente, ainda assim tão similar ao mesmo tempo. Seu cabelo uma vez curto havia crescido abaixo do seu queixo, e ele tinha uma barba de pelo menos três dias em seu rosto normalmente limpo e barbeado. Dava a ele um olhar de um animal caseiro que se tornou feroz.

“Jude?”

Talbot deixou escapar uma reclamação repentina e fechou sua mão ferida em torno do meu cotovelo. “Nós temos que ir, agora!”

“Se afaste dele, Grace.” Jude levantou sua mão para mim. “Fique o mais longe de Talbot que você puder.”

“Vocês se conhecem?” Eu olhei para Talbot, que estava um pouco abaixado, com seus lábios um pouco curvados para trás com seus dentes a mostra. Ele parecia como um lobo tentando afastar um intruso de usurpar sua presa. “Você disse que não conhecia ele.”

“Não ouça nada do que ele disser,” Talbot rosnou.

Jude riu. “Talbot mente, Grace. É o jeito dele. Ele faz você pensar que pode confiar nele, mas não pode.”

Talbot é quem Jude estava tentando-me alertar quando ele chamou? Como isso era sequer possível?

“Ele é um verdadeiro golpista,” Jude disse.

Minha memória se voltou ao que Gelal havia dito um pouco antes... logo antes Talbot entrasse no quarto e o interrompesse: *Se você quer encontrar o bando, então porque não pergunta ao seu Guardião? Ele é um verdadeiro golpista, não acha?*

Golpista? Isso não quer dizer trapaceiro? E Guardião? Eu já ouvi essa palavra antes, também. Gabriel havia dito isso. Um Guardião era o beta de um bando de lobisomens.

Senti meu estomago como se eu tivesse me jogado uns trinta metros em uma montanha-russa. “Você é um deles.” Eu disse para Talbot. “Você é um dos Reis das Sombras.” Eu tentei me livrar do seu agarrão, mas ele não largava o meu braço.

“Entre na caminhonete!” Ele me pressionou contra a porta do passageiro. “Nós precisamos ir agora, antes que o resto deles—”

Um uivo alto rasgou o silêncio da noite—vários uivos, na verdade. Talbot olhou em volta freneticamente para a origem do som. Seu giro afrouxou meu braço.

“Gracie, venha aqui!” Jude gritou.

Eu chutei Talbot na canela com o meu salto pontudo, sai de seu agarrão, e corri em direção ao meu irmão. Jude me agarrou num abraço rápido, então abriu a porta de uma das vans próximas e me empurrou para dentro. “Você estará segura aqui.” Disse, e bateu a porta atrás de mim.

Havia dois caras no banco da frente da van. Eu os ignorei e rastejei para a traseira para que eu pudesse ver através da janela traseira. Espiei para fora no momento em que outros quatro caras apareceram aparentemente de lugar algum e avançaram contra Talbot. Ele gingou para um deles, mas então ele sumiu da minha vista quando os quatro homens se juntaram nele de uma vez só. Eu o ouvi berrar com dor. Eu sai á janela. Alguns segundos depois a porta da van abriu. Jude subiu na van. Dois outros homens o seguiram, arrastando o corpo flácido de Talbot para dentro junto com eles. Eles o depositaram no chão da van. Seus olhos estavam fechados. Sangue escorria de uma ferida em sua testa. Eu sabia que eu deveria ter medo dele, mas eu ainda não podia deixar de estar preocupada com sua respiração rasa.

“O que vocês estão fazendo com ele?” Eu perguntei para Jude. “O que está havendo?”

“Nós o estaremos entregando para o alfa.” Jude chutou o corpo abatido de Talbot com sua bota. Então ele olhou de volta para mim, seus olhos brilhando. “Junto com você, pequena irmã.”

“Quê?”

Um dos caras que carregou Talbot avançou contra mim. Eu tentei recuar, mas não havia para onde ir. Ele me agarrou pela garganta, e a última coisa que eu me lembro de ter visto foram às letras R e S tatuadas nos seus dedos bem antes dos seus punhos atingirem a minha testa e tudo ficar escuro.

Capítulo Vinte e Três

O Armazém Lobi

EM UM ESCURO, ESCURO CORREDOR

Acordei com uma leve dor de cabeça e a sensação de ter sido carregada por alguém—embalada entre braços como um filhote. O que eu imagino ser um jeito melhor de ser levada que como os dois caras atrás de mim puxaram Talbot, arrastando-o pelos braços sobre o piso de concreto.

Eu podia dizer pelo fraco gemido que vinha de sua boca que ele estava de algum modo consciente. Mas não consciente o suficiente para se ajudar a curar suas feridas, já que sangue ainda escorria do corte em sua testa, correndo sobre sua sobrancelha, e gotejando sobre sua face. Por alguma razão realmente me preocupou que ninguém esfregasse o sangue de seu rosto.

Eu ainda estava tonta, e tentei erguer meu braço para tirar o cabelo do rosto—foi quando eu percebi que ambas as minhas mãos estavam presas as minhas costas com algum tipo de corda. Tentei mover minhas pernas, mas elas estavam presas, também. Comecei a lutar contra os braços que me seguravam, mas eles só apertavam mais forte — eu não estava sendo embalada; eu estava sendo mantida em cativeiro.

Uma fraca música vibrava desde algum lugar próximo—vozes, também. Tentei gritar, mas minha língua estava grossa e pesada. Senti gosto de sangue em minha boca. Devo ter mordido minha língua quando aquele Gelal me derrubou. Mas eu ainda podia sentir o cheiro ácido do Gelal, o diferente odor de cachorro, e a fedida bile induzida de Akh. A mistura era tão fedorenta que eu quase cogitei morder minha língua ainda mais forte.

Ao invés disso, me ergui com o pequeno resto de força humana que eu ainda tinha e gritei, tão alto e por tanto tempo quanto eu pude. Quando eu terminei, a única reação que eu tive foi a de um dos caras perto de mim rindo.

“Eles não vão ouvir você com essa música,” Jude disse. Percebi agora que era ele quem me carregava. “E mesmo que eles ouçam, ninguém vai se importar. Os Reis das Sombras manda nesse lugar.”

“Onde nós estamos?”

Jude não me respondeu. Mas nós estávamos no subterrâneo—isso eu podia dizer pelo peso do ar e pela absoluta falta de luz natural. Só havia algumas lâmpadas pendendo, lançando sombras sinistras pelo corredor. Nós viramos numa esquina, e a música morreu ao longe. Então nós passamos por um corredor, e pelo o que parecia ser um elevador.

Nós estávamos em um armazém?

O elevador deu um empurrão para começar a subir. O portão abriu, e Jude me carregou para fora. O ar parecia mais leve, mas o odor era muito pior. Pisquei ante as grossas luzes fluorescentes, tendo sons e sombras ao meu redor. Havia uma escada acima de nós, e Jude me carregou ao redor dela, olhei para cima e vi que os degraus levavam para um balcão e um escritório com janelas escuras.

À minha frente havia uma grande sala que parecia ser parte armazém, parte uma casa de fraternidade.

O centro da sala estava vazio, mas uma TV de plasma do tamanho de um caminhão estava no canto. Estava cercada por sofás e pufes. Perto havia uma mesa de sinuca, e ao longo da outra parede havia uma longa linha de prateleiras de armazém. Quatro altas e cinco largas. Cada uma estava coberta com um fino colchão e cobertor—como se alguém tivesse transformado elas em camas.

Mas o que mais me surpreendeu foram os quatorze, ou quase isso, garotos que ocupavam aqueles sofás e pufes, jogados nas camas, e jogando sinuca. Reconheci um dos garotos na mesa de sinuca como o de olhar áspero que havia entrado na briga com aquele Tyler por um vídeo game no The Depot. O que havia provavelmente matado ele.

Jude disse algo que soou como um comando, e de repente todos os garotos pararam o que estavam fazendo e ficaram de pé. Ficaram em posição de sentido como soldados quando o capitão acaba de entrar em suas barracas.

Meu senso de lobo já estava formigando, mas todo meu corpo estremeceu em mau agouro quando eu examinei os garotos. Pelo menos quatro deles eram Akhs—eu podia dizer por suas unhas—e baseado no cheiro, pelo menos cinco eram Gelals. Imaginei que isso fazia sobraarem seis Urbats.

Então era isso. Eu havia achado a gangue—só que não do jeito que eu pretendia.

Eu era uma prisioneira no centro dos Reis das Sombras.

Muitos dos garotos ficaram parados duros como placas tatuadas com a cabeça abaixada. Outros pareceram alarmados ao ver Talbot e o modo como Gelal o arrastou para o centro da sala. O menor dos garotos, que havia estado jogando vídeo game na televisão gigante, parecia mal ter quatorze anos. Ele pôs os olhos em mim por um momento, curiosidade aparecendo em sua expressão, mas então ele se virou quando Jude rosnou para ele.

Jude me carregou para o centro do piso do armazém e me soltou sem cerimônias. Cai duramente, incapaz de me segurar, perto de Talbot, quem estava com a cabeça tão baixa que quase tocava o chão.

“Nós voltamos, Pai,” Jude disse na direção do balcão que olhava todo o armazém. “E foi como eu pensei. Talbot estava tentando ajudá-la a escapar.”

Olhei de soslaio para Talbot, não querendo desviar toda minha atenção do balcão. Será que ele esteve realmente tentando me ajudar?

Os ombros de Talbot caíram, mas então ele levantou o queixo e olhou para a varanda. O corte em sua testa havia finalmente começado a curar. “Jude está errado,” ele disse para quem estava lá em cima. “Eu estava trazendo a garota para você. Foi à interferência de Jude que quase permitiu que ela escapasse.” Ele se ergueu o mais alto que podia sobre os joelhos. “Eu nunca falharia com você, pai. Eu tenho servido você fielmente por vários meses. Observei a garota por semanas, como você ordenou. Desvendi toda essa charada. Me liberei de seu professor original quando ele começou a fazer muitas perguntas. Dispensei o motorista da van que deveria supostamente trabalhar com ela, e peguei o lugar dele. Ela acreditou em mim, e eu a tinha exatamente onde nós queríamos”. Ergueu o queixo com orgulho. “Eu sou seu Guardião—o mais devotado. Como poderia uma garota inútil mudar isso? Ela não é nada para mim.”

As palavras de Talbot queimaram. Toda a situação era ruim o suficiente, mas ouvir o que ele realmente pensava sobre mim—me dando conta de tudo que ele havia feito—fez sentir como pôr ácido em uma ferida recente. Talbot era provavelmente aquele que tentou matar Pete Bradshaw. Mas com que propósito eu não sabia. E o que ele havia feito com o meu verdadeiro motorista e o pobre Sr. Shumway?

A única coisa que me confundia mais que a traição de Talbot era o envolvimento de Jude em tudo isso. Eu pensava que Jude havia sido mantido em cativeiro pela gangue—forçado a fazer coisas contra a sua vontade. Mas de acordo com a cena que havia se desenrolado à minha frente, Jude não era um prisioneiro aqui. Talbot era o beta da gangue, mas Jude definitivamente tinha alguma influência ou controle. Poderia eu esperar que ele estivesse apenas usando essa influência até o tempo certo para me ajudar a escapar?

Eu havia quebrado a regra número um—eu havia baixado a minha guarda de tantos modos nas últimas semanas. Com o lobo. Com Talbot. Com Jude. E agora eu estava pagando o preço.

“Talbot está mentindo,” Jude disse para a pessoa que eu assumi estar acima no balcão. “Ele se importa com ela. Eles estiveram planejando fugir.”

“O que Jude me ouviu dizer era apenas parte do meu plano para fazer a garota confiar em mim. Que teria funcionado se ele não tivesse aparecido e feito uma bagunça. Eu não preciso de uma segunda opinião em meus métodos.” Ele fixou seu olhar em Jude.

“O quanto você estragou isso tudo? Você pelo menos se importou em levar uma fuga eficaz com você?”

Jude encarou Talbot. “Claro que sim.”

“Parem!” gritou uma voz acima de nós. Que ecoou por todo o armazém. Algo nessa voz me fez querer me esconder. Fez-me sentir exposta, rasgada. “Talbot vai livre. Jude, leve a garota para a sala. Então venha até mim para discutirmos a sua interferência.”

Jude balançou a cabeça como um cachorrinho adestrado. “Sim, Pai.”

Talbot sorriu afetado para Jude enquanto dois Gelals foram para frente e lhe cortaram as amarras dos pulsos e dos tornozelos. Ele ficou de pé e se alongou, e o machucado em sua testa se curou. Ele se virou para observar os outros dez garotos que nos olhavam absortos.

“Eu digo que isso pede por uma celebração,” ele disse para os rapazes. “Vamos todos ao clube.”

“Mas você nunca nos deixa ir,” o garoto mais novo disse, sua voz estalando pela puberdade. Ele apontou para si próprio e para os três menores próximos a ele.

“Bom, então hoje é o seu dia de sorte, Ryan. Nós todos vamos sair por um tempinho.” Ele se virou para mim pela primeira vez desde que saímos de Rose Crest. Seus olhos estavam sem expressão nenhuma. “Nós temos que ter certeza de que essa é uma grande oportunidade.”

Grande oportunidade? Para o quê?

Talbot olhou para Jude. “O que você está esperando, cara? Você ouviu o Pai. Leve ela para a sala.”

Jude me ergueu em seus braços e me carregou de volta pela porta que marcava SALA DO INTERVALO. Deve ter sido algum sinal deixado de quando esse lugar era realmente um armazém. Eu pensei sobre lutar, tentando me libertar de seus braços. Mas aonde eu iria? Como eu poderia correr com essa corda em meus tornozelos? Além do mais, se eu lutasse eles iriam mandar alguém para ajudar o Jude. E isso significava que eu não teria uma chance de falar com ele a sós.

Uma mesa, cadeira, e uma velha geladeira verde ocupavam o lugar. Pelo odor que emanava da geladeira, eu imaginei que ela estava cheia com caixas de comida pela metade e pelo menos umas doze pizzas meio comidas.

Jude me jogou na cadeira. Ele agarrou uma bobina com corda da mesa e começou a me prender. Encarei a coroa escura de seus olhos marrons quando ele parou no meu meio.

“Por que você está fazendo isso?” perguntei.

Jude não respondeu. Ele apertou a corda com mais força. Contraí-me.

“Então me ajude pelo menos a entender,” implorei. “Por que você iria ligar para mim e tentar me avisar sobre os Reis das Sombras se você estava trabalhando com eles todo esse tempo?”

Jude ergueu o olhar para mim. Suas sobrancelhas franziram com confusão. “Do que você está falando? Eu não liguei para você.”

“Sim, você ligou. Eu reconheceria a sua voz em qualquer lugar.”

Jude balançou a cabeça e foi para trás para apertar a corda na cadeira.

Como ele poderia não se lembrar disso?

“Você estava preocupado comigo. Você me ligou no número de Daniel de dentro do apartamento. Você disse que alguém estava vindo por mim. Você até tentou me avisar sobre o Talbot—só que eu não sabia de quem você estava falando. Você disse exatamente a mesma coisa que você tinha dito para mim no estacionamento atrás da loja de ferragens. Que ele estava fazendo você pensar que podia acreditar nele, mas você não pode.”

“Cale a boca,” Jude disse. “Eu não liguei para você. Pare de tentar me confundir.”

“Você ligou sim. O que significa que no fundo, você ainda se importa. Meu irmão está aí em algum lugar.”

“Eu disse para você calar a boca!” Jude ergueu a mão como se ele quisesse acertar o meu rosto. “Eu nunca ligaria para avisar você.”

“Mas você ligou. Na noite que a gangue esteve no Mercado Day’s. Aposto que você fugiu para me encontrar.” Tomei fôlego. “E você mandou uma mensagem para April na segunda. E você até deixou comentários no blog dela. Você não se lembra disso?”

Jude abaixou a mão e encarou o meu rosto. Um leve brilho de reconhecimento passou por seus olhos. Ele balançou a cabeça e se afastou para perto da porta. “Se certifique de gritar bem alto se ouvir alguém vindo.” Ele apontou em direção à janela quebrada. “Você não vai querer que Daniel perca você depois de todo esse trabalho.”

Sorriu e fechou a porta atrás dele quando saiu.

Era uma armadilha!

Uma armadilha para atrair Daniel.

Eles estavam contando com ele me encontrar. Esperando que ele tenha seguido o rastro até aqui. Eles deixaram o armazém para fazer parecer que eles não estavam observando, e agora eles queriam que eu gritasse por ajuda.

Mas como eles podiam ter tanta certeza de que Daniel iria vir?

Eu não o havia visto há dias. Nem sequer sabia se ele ainda queria alguma coisa comigo. Ele viria se pensasse que eu estava em apuros?

Simultaneamente, meu coração bateu com esperança e medo.

Sim, se Daniel é a pessoa que eu sei que ele é—ele vai vir por mim não importa o quê.

MAIS TARDE

Balancei para frente e para trás em minha cadeira, tentando afrouxar as amarras. Eu precisava dar um jeito de sair daqui por conta própria antes que Daniel me encontrasse. Encontrá-lo antes que ele chegue perto desse lugar. Agora, se ao menos eu tivesse o talento do Bebê James para arrancar como um Houdini de seus apoios de contenção. E se eu nunca mais fosse ver a minha família novamente?

Meus músculos se tencionaram e doeram, me impedindo de usar minhas habilidades. Mas eu não confiava mais em meus poderes. Eu não confiava mais em mim mesma. E se eu houvesse dado ao lobo muita liberdade novamente e ele tomasse o lugar completamente?

Mas cair fora daqui antes que eles pegassem Daniel era mais importante. Eu tinha que correr o risco.

Concentrei-me no pequeno e aquecido pulsar da pedra da lua em meu colar contra meu peito e extrai uma pequena porção de poder em meus braços. Lutei duramente contra as minhas amarras. As cordas queimaram minha pele, mas eu não tinha tempo para devotar nenhum poder ou autocontrole a curar as feridas.

A corda ao redor do meu pulso deve ter sido feita com algum tipo de metal, porque elas mal se afrouxaram em resposta a toda minha força. Se eu pudesse ficar livre delas, as amarras me prendendo a cadeira não seriam nenhum problema. Balancei com muita força e a cadeira caiu para trás. Ela bateu no chão violentamente, e eu bati a cabeça contra o concreto—o que só fez a minha incomoda cor de cabeça piorar—e preendi meus braços atrás de mim com meu próprio peso. Eu usei o meu impulso para virar a cadeira, e a mim mesma, para o lado. Mas agora um dos meus ombros estava preso; o peso da cadeira e do meu corpo pressionando-o e causando dor.

Toda a situação fazia parecer não ter mais esperanças, mas eu não parei.

Pareceu levar uma hora, mas por tudo que eu realmente sabia, deve ter levado poucos minutos.

O armazém ainda estava vazio—pelo menos pelo que eu podia ouvir. Os barulhos na rua lá fora ficando mais silenciosos conforme a noite escurecia. Eu não sentia mais o meu braço, e eu não sabia o quanto mais eu poderia aguentar até não ter sentimento nenhum sobrando em mim.

Mais alguns minutos passaram, e então eu ouvi a porta ranger abrindo. Virei minha cabeça na direção do barulho, esperando encontrar Jude ou Talbot vindo me checar, mas eu assisti em choque quando duas pessoas invadiram a sala.

Um homem estava vestido num robe marrom com capuz — e o outro era Daniel.

“Gracie,” ele disse, e correu até mim o mais silencioso que ele pôde.

“Corra!” sussurrei. “É uma armadilha. Sai daqui!”

“Eu sei. Você estava fácil demais para achar. Mas ainda assim nós tínhamos que tentar.” Ele puxou minha cadeira para a posição certa e puxou as amarras, mas elas não se moveram.

O homem com o robe vasculhou as gavetas no balcão. Ele tirou de lá uma faca com serra e se aproximou de nós. Tirou o capuz de sua cabeça e estendeu a faca para Daniel.

“Gabriel?” Olhei para Daniel quanto ele ia cortar as cordas da cadeira. “Que diabos ele está fazendo aqui?” Não que eu não fosse grata por sua ajuda — apenas surpresa, considerando a nossa história.

“Gabriel foi quem seguiu você até aqui.”

“Sua mãe ficou preocupada quando ela não conseguiu encontrar você no festival,” Gabriel disse enquanto trabalhava em desamarrar as cordas que prendiam meus tornozelos. “Então a sua irmã disse que viu você deixar a Main Street com um cara. Eu achei a sua cesta no estacionamento atrás da loja de ferragens e então segui a sua trilha até aqui. Liguei para Daniel assim que eu pude.”

“Afortunadamente, eu já estava no meu caminho para casa,” Daniel disse. “Não estava muito longe da cidade.” Ele cortou através da última corda e me puxou para fora da cadeira.

“Você encontrou o que estava procurando?”

“Não.” Ele tirou uma mecha de cabelo do meu rosto. “Mas eu achei o que eu precisava.”

Me perdi em seus profundos olhos escuros por um momento.

“Nós temos que ir,” Gabriel disse.

“Certo.” Daniel puxou as cordas de meus pulsos e então deu a mão para mim. “Fique o mais próxima de mim que você puder. Nós viemos por uma entrada no The Depot. Lá há um corredor subterrâneo como que juntando os dois prédios.”

“Então esse é o armazém próximo ao clube?”

Daniel assentiu. “Está pronta? Vamos ter que dar uma corrida.”

Estiquei meus braços e pernas, feliz por algum alívio. “Eles provavelmente estão esperando por nós.”

“Vamos ter que esperar para ver.”

Gabriel saiu da sala primeiro. Daniel e eu o seguimos, mão com mão. Nós ficamos próximos da parede, inspecionando o armazém. Tudo parecia quieto. As barracas estavam vazias. Eu olhei para cima para a sacada e o as janelas escuras do escritório ali perto. Não havia sinal de que alguém houvesse estado ali antes.

Daniel apertou seus dedos contra os meus. “Tem outra saída por ali. Parece estar fechada com cadeado, mas com três de nós trabalhando juntos, acredito que nós podemos quebra-lo. Eu não quero arriscar pelo corredor. É muito encaixado.”

“Parece bom,” Gabriel disse.

“Prontos? Corram.”

Daniel fugiu para a porta, e eu corri com ele. Gabriel nos seguiu de perto. Nós passamos para a porta, e o armazém ainda parecia vazio como antes. Nós realmente íamos fazer isso funcionar? Daniel tentou quebrar a trava. O metal deu uma pequena volta. Ele balançou a cabeça. “Grace, você consegue?”

Senti um estrondo sob os calcanhares das minhas botas. Alguma coisa estava acontecendo dentro do prédio, em algum lugar. Deixei um pouco de poder correr por meus braços enquanto agarrava o cadeado e tentava parti-lo. Ele se quebrou em minha mão. Então eu ouvi um tinido atrás de nós. Daniel foi pela maçaneta, mas eu me virei e olhei para trás, vendo como o portão do elevador se abria e um bando de garotos vinha correndo em nossa direção. A porta deveria ainda estar trancada pelo lado de dentro. Não queria abrir. Daniel pôs toda a sua energia em tentar derrubá-la, uma e outra vez. Então nós tentamos juntos, e eu ouvi um parafuso cair através da madeira. Luz da lua inundou pela fresta da porta. Mas antes que nós pudéssemos sair, alguém estava sobre Daniel, puxando-o para trás. Eu ouvi Gabriel gritar, mas sabia que ele não iria lutar de volta. Outro alguém me agarrou.

Lembro-me de ter gritado. Lembro-me de ter lutado. Lembro-me de ter visto Daniel tentando lutar com quem o segurava. Mas antes que eu pudesse saber o que estava acontecendo, fui agarrada por três garotos que me puxaram para longe através da porta aberta. Outros três pegaram Daniel.

Jude nos deixou como um pacote, Daniel, Gabriel e eu fomos arrastados escada acima e então para a sala escura. Parecia já ter sido um grande escritório, mas agora estava decorado com o luxo de um hotel da época vitoriana. Espessas cortinas de veludo cobriam as janelas, que normalmente davam para o piso inferior do armazém. Um grande armário estava no canto, e a única luz na sala vinha do cintilar de doze velas em uma ornamentada mesa. Uma grande cama com dossel ocupava o centro, coberta com um exuberante cobertor de veludo e travesseiros. Enquanto os garotos no andar debaixo dormiam em

prateleiras do armazém, quem ocupava esse quarto obviamente se importava muito mais com seu próprio conforto.

Talbot ficou parado perto de um dos postes da cama, e eu assumi que esse era o seu quarto, até que ele dirigiu a atenção para uma alcova rebaixada no escuro. Com um aceno de cabeça, Jude foi para o lado de Talbot.

“Agora que estão finalmente aqui,” Talbot disse. “Nosso pai deseja ver vocês.”

Os garotos que seguravam meus braços trocaram um olhar meio horrorizado, meio encantado. Quase como se essa fosse à primeira vez que eles viam seu “pai”.

“Você fez isso muito fácil,” uma voz rosnou das sombras da alcova. Vi alguém com uma forma deslocada, e então dois brilhantes olhos amarelos apareceram no escuro. “Isso quase arruinou a diversão.”

Aquela voz. O que tinha naquela voz? Algo sobre ela me fazia sentir como se eu estivesse totalmente exposta.

O rosto de Daniel empalideceu. Ele deu um passo para trás, mas um de seus captores o empurrou para frente. A voz soava familiar para ele também?

“Isso é um jogo para você?” perguntei. “Quem é você? Diga o que você quer de nós.”

“Oh, você sempre foi uma garota meio mandona,” aquela horripilante voz disse. “Nunca consegui suportar você e aquela odiosa pequena cachorra de vocês. Você tem alguma ideia do quanto eu gostei de ver o seu rosto quando você a encontrou morta na sua varanda? Quase tão divertido quanto cortar a garganta dela.”

O homem riu e saiu das sombras. Ele tinha o cabelo tão loiro que era praticamente branco, uma grande fenda no queixo, e um sorriso torto e maléfico. Ele parecia quase exatamente o mesmo que eu havia visto algumas vezes quando era criança.

“Você,” Daniel disse baixo, como se estivesse xingando.

Dei uma olhada nele. Seu rosto estava tão pálido que pensei que ele estava em perigo de desmaiar. Meu estômago se retesou em um nó.

“Caleb Kalbi,” Gabriel disse. “Que diabos você pensa que está fazendo?”

“Terminando o que devia ter sido feito no momento em que Daniel nasceu.” Caleb virou seus olhos assassinos para o seu filho. “Eu deveria ter asfixiado você antes que você desse sua primeira respirada.” Ele andou para perto de Daniel, sua mão estendida como se ele quisesse agarrá-lo pelo pescoço.

“Não toque nele!” Gritei, e me joguei contra o garoto que segurava meus braços.

Caleb riu. “Oh, você é um delicioso presente. Eu posso ver porque Talbot deve ter hesitado em trazê-la aqui. Posso imaginar que ele a queria para si.”

“Pai,” Talbot disse. “Eu disse a você. Eu sempre tive a intenção de trazê-la para você.”

“Estou brincando, meu filho,” Caleb disse. “Só brincando.”

Meus olhos deslizaram de Talbot para Caleb. Gabriel não havia me dito que Caleb era o que estava por trás dos ataques aos parentes de Talbot? Talbot saberia disso? Como ele podia chamar Caleb de pai? Por que sequer ele estaria ajudando ele? Então mais uma vez, até onde eu sabia, toda a história de Talbot foi fabricada. Ele ser o último Saint Moon poderia ser uma mentira total. Exceto pelo modo como Gabriel o encarava, como se estivesse olhando para um fantasma, me fez perguntar o contrário.

Mas antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Caleb estalou os dedos, e o garoto que me segurava soltou meus braços e me empurrou em direção a Caleb. Eu mal podia ouvir Daniel gritando com seu pai sob as batidas de minha pulsação em meu ouvido. Meus músculos queimaram com uma dor lancinante mais intensa que qualquer outra que eu tenha sentido antes.

“Foi legal da sua parte se vestir para festa. Pequena Chapeuzinho Vermelho e o grande Lobo Mau.” Ele me olhou de soslaio. Ele arrastou os dedos de sua mão livre pelo meu braço, fazendo minha pele se arrepiar sob seu toque. Ele se inclinou para mim, sua boca próxima ao meu ouvido. “Puxa, que boas habilidades você tem, minha querida.”

“São para te queimar melhor,” eu disse, e balancei meu braço com um flash de poder, esmagando meu bracelete de prata contra a lateral de seu peito.

Caleb gritou. Ele soltou meu rosto e empurrou meu braço para longe dele. Uma grande bolha queimou com fúria em sua bochecha.

Meus braços se ergueram em uma posição defensiva, mas antes que eu pudesse atacar, três dos garotos de Caleb estavam em cima de mim, prendendo meus braços e pernas. Eu chutei e gritei, e tentei me debater quando eles me forçaram a ficar sobre os joelhos. Caleb olhou para mim, fúria brilhando em seus olhos.

“Quem a deixou usar prata aqui?” Caleb gritou. “Diga-me!”

Ele observou os garotos presentes. Eu podia ouvir cada um deles prendendo o fôlego. Todos eles temiam Caleb—o *pai* deles, por assim dizer.

Jude deu um passo a frente ao lado de Talbot, sua cabeça ainda inclinada submissamente. “Sinto muito, Pai. Não me dei conta que o bracelete dela era um perigo. Pensei ser apenas uma bijuteria com a sua fantasia.”

“Bom, tire isso dela agora,” Caleb ordenou.

Jude lançou um olhar a ele, então abaixou ainda mais a cabeça e se aproximou de mim. Um dos meus captores ergueu o meu braço par ele. Parei de lutar e tentar encontrar o meu irmão naqueles olhos que estavam na minha frente. Mas ele não olhou para o meu rosto.

“Eu sei que ainda há algo bom em você, Jude,” sussurrei. “Você sempre foi tão santo... E agora está perdido. Mas você ainda é o meu irmão. Você não teria ligado para me avisar se você não se importasse mais.”

“Eu *não* sou o seu irmão,” Jude sussurrou com raiva. “Você me traiu. Essa é a minha família agora.” As mãos de Jude hesitaram ante meu bracelete, antecipando a queimadura.

“Que tipo de pai forçaria você a se ferir?”

“Você me feriu mais que qualquer queimadura.” Ele arrancou o bracelete de meu pulso e o jogou de lado. Sacudiu a mão com pequenas bolhas em seus dedos.

“Eu amo você,” sussurrei. “Sou sua irmã. Eu quero levar você para casa.”

Jude finalmente me olhou nos olhos. Eles brilharam prateados primeiramente, mas então suavizaram, se tornando violetas que eram um reflexo de mim. Meu irmão estava ali em algum lugar. “Só não faça nenhum truque desses novamente, e você vai ficar bem,” ele sussurrou. “É Daniel que ele quer.”

“Eu posso ouvir você,” Caleb disse. “Super-audição, lembra?”

“Desculpe, Pai.” Jude abaixou a cabeça novamente e andou para o lado conforme Caleb se aproximava.

A queimadura na bochecha de Caleb havia se reduzido consideravelmente, mas ainda era uma brilhante marca rosada. Ele sorriu com escárnio em minha direção, mas então passou de mim para Gabriel, quem estava sendo segurado apenas por um garoto agora.

“Estou impressionado,” Caleb disse. “Montei uma armadilha para um dos nossos incômodos e acabei com dois. É justo que você veja o que eu vou fazer agora. Já que ultimamente tudo isso se resume a você e ao seu grupo.”

“O que você quer dizer?” Gabriel questionou.

O sorriso torto de Caleb dançou em seus lábios. “Nós dois sabemos que Sirhan está morrendo. E quando ele morrer, eu vou estar lá para a cerimônia do desafio.”

“Você não é lobo o suficiente para aparecer lá sozinho,” Gabriel disse. Eu podia praticamente ouvir o blefe em sua voz. “Você nem sequer é lobo o suficiente para tentar matar Sirhan por conta própria. Você fez os seus pequenos amigos fazerem isso, e eles terminaram matando Rachel no processo. O bando não perdoa facilmente.”

“Sou mais lobo que você,” Caleb disse. “Você senta na sua montanha, ensinando lobisomens a lutar contra a sua natureza, a ser da paz. Graças a vocês, eles não vão estar prontos para a luta que eu estou trazendo. Como você pode ver, eu estive recrutando meu próprio bando. E os meus garotos e eu, nós estamos indo para a cerimônia, e nós vamos destruir tudo. Nós já coletamos dinheiro suficiente para comprar os outros desafios, e nós somos fortes o suficiente para lutar com quem quer que seja. Eu vou cuspir no corpo de

Sirhan antes que ele desça para o túmulo. Eu vou ter tudo o que deveria ter sido meu anos atrás. E a melhor parte é que você vai apenas ficar parado olhando tudo acontecer, não vai?”

Gabriel não respondeu. Caleb queria destruir o bando de Sirhan, e Gabriel não iria fazer nada para pará-lo? Se Caleb foi capaz de praticamente invadir a cidade com medo como o líder dos Reis das Sombras, o que poderia acontecer se ele se tornasse o alfa do bando mais forte do país?

Seria Gevaudon novamente.

Os olhos de Caleb pareciam brilhar com satisfação a falta de resposta de Gabriel. “Covarde” ele disse, e acertou Gabriel na testa com seu punho.

Gabriel grunhiu. Seus olhos ficaram brancos, e ele vacilou. Seu captor o soltou, e ele caiu no chão. Os Reis das Sombras eram aparentemente bons em derrubar as pessoas com um simples assopro. Me perguntei se foi assim que ele cometeu tantos crimes pela cidade sem testemunhas.

“Agora, eu só tenho mais uma coisa para tomar conta.” Caleb deu a volta, sorrindo como um chagal, e se aproximou de Daniel. “Pensei que você havia partido para sempre, até que Jude me disse onde encontrá-lo,” Caleb disse para Daniel. “Fiquei surpreso por você ter voltado. Pelo que eu ouvi você partiu da cidade quando eu parti com a sua mãe. E então você sumiu no mapa. Eu esperava que você estivesse morto. Eu disse a sua mãe que você estava.”

Daniel quase vacilou a menção de sua mãe. Faz quase quatro anos desde que ela escolheu Caleb a ele. “E onde está ela? Tenho certeza que você a tem amarrada em algum lugar por aqui.”

“Eu a matei.” Caleb puxou uma pequena faca de uma bainha em seu cinto. “Com isso.”

“O quê?” Daniel lutou para se libertar. Ele sempre disse que não tinha uma mãe de verdade, mas eu sabia que ele ainda se importava com ela.

“Ela ficou reclamando sobre voltar por você. Então eu disse a ela que você estava morto. Mas isso só a fez ficar enfurecida. Ela não ia ficar quieta, então eu a calei. Acho que você pode dizer ser culpa sua ela ter morrido.”

As narinas de Daniel inflaram. “Então se você não queria me encontrar na época, por que você quis agora? Imagino que essa armadilha foi feita para mim?”

“Inteira­mente certo,” Caleb disse. “Estou contente que seu amigo nos disse onde encontrar você. Me livrou do trabalho de fazer eu mesmo antes da cerimônia. O negócio é, pensei que Jude parecia familiar quando Talbot o trouxe para casa conosco. Ele estava vivendo nas ruas como um desgarrado. A maioria dos meus garotos esteve. O legal da coisa sobre adolescentes desesperados – eles são fáceis de dominar. Você diz a eles onde

eles pertencem, e eles vão fazer praticamente tudo que você disser. Mas eu não me dei conta de quem Jude era até uma noite, quando ele resolveu nos entreter com uma história sobre como ele se tornou um lobisomem. Parece que sua irmã Grace e o namorado dela, Daniel, tinham algo a ver com isso. Você pode imaginar o quanto eu gostei de ter ouvido essa história dali, e o quanto eu queria saber mais.

“Ele tentou fugir quando percebeu quem eu era e o que eu queria. Mas então eu o ajudei a ver que nós tínhamos algo em comum. Nós dois fomos traídos pelas nossas famílias. Sirhan preferiria deixar o seu bando nas mãos de um covarde como Gabriel a deixar comigo para levá-lo da maneira como *deveria*. E a família de Jude escolheu o vira-lata da casa ao lado á seu próprio filho. Uma vez que olhamos olhos nos olhos, foi só questão de tempo até nós arrumarmos uma armadilha.”

A explicação de Caleb ainda não fazia sentido. Por que ele iria montar uma armadilha tão elaborada só para ver Daniel novamente? Por que ele se deu ao trabalho? Ele já havia substituído Daniel vinte vezes com os garotos de seu bando. Por que ele iria mandar Talbot se tornar meu amigo, só para me sequestrar depois e deixar uma trilha para Daniel? Eu não sabia se isso era parte do trabalho de um louco, ou de algum gênio que eu não compreendia.

“O assunto sobre a história do seu amigo me atingiu,” Caleb disse, ficando exatamente na frente de Daniel. “É que ele diz que você foi curado. Eu não acho que isso seja possível. Eu ainda não acho.”

Em um movimento na velocidade da luz, Caleb esfaqueou Daniel. Gritei. A faca enfiada na parte superior do braço de Daniel. Caleb a puxou para fora, e sangue jorrou da ferida deslizando pelo braço de Daniel.

Caleb tocou a ferida com seus dedos. Daniel se contraiu. Caleb trouxe seu dedo sujo de sangue até o nariz e o cheirou. Presumo que ele estava testando para ver se cheirava como sangue de lobo ou de um humano—como Daniel havia testado o sangue de Jude quando nós o encontramos na varanda, e foi assim que ele soube que Jude havia sido infectado. Os olhos de Caleb cintilaram com confusão. Ele provou o sangue com a ponta da língua. Eu tentei não engasgar. Sua testa franziu, e ele pareceu ainda mais confuso. Então ele chamou Talbot para o seu lado.

Talbot cheirou o sangue e balançou a cabeça. “Eu não entendo, pai. Não posso dizer a que ele cheira. O que você acha que isso significa?”

Caleb limpou o sangue na camisa de flanela de Talbot. “Não importa,” ele disse. Sua voz soando como se ele estivesse tentando encobrir sua confusão. “Daniel vai acabar morrendo, de um jeito ou de outro. Ele não vai estar por perto para estragar a cerimônia. A garota vai ser a arma perfeita, se ela é tão forte como você diz.”

Os olhos de Talbot se dirigiram para mim. Mas então ele acenou e se afastou para onde ele estava antes.

Caleb veio até mim. Ele envolveu uma mão em meu pulso. Cada instinto me dizia para acertá-lo e correr, mas eu ainda estava sendo segurada por dois caras.

“O único problema de alguém matar a esposa, é que ele fica sozinho sem uma companheira,” Caleb disse. “Acho que você vai fazer muito bem, uma vez que nós a transformemos em lobisomem.”

“Não toque nela!” Daniel gritou. “Sou eu quem você odeia. Mate-me e deixe-a ir!”

“Oh, eu vou a deixar ir, certamente. Uma vez que ela se torne uma loba, não vai ser capaz de se controlar. Então eu vou dizer para ela ir para uma sala com você. Então quando ela terminar de destruir você, eu vou deixá-la voltar para casa. Mandar uma mensagem para o seu precioso pastor por mim.”

Meu coração disparou contra meu peito. Esse era o plano de Caleb? Transformar-me numa loba e então me deixar para matar cada um que eu amo?

“O quê?” Jude de repente de um passo a frente. “Pai, você disse que Grace ia ser só uma isca. Você disse...”

“E o que você acha que acontece as iscas, garoto?” Caleb perguntou. “Elas são engolidas. E nesse caso, sua irmã vai ser engolida pelo lobo. E então ela será uma de nós.”

Jude olhou para mim, e então para Caleb. Eu não podia decifrar a expressão em seu rosto.

“Você tem algum problema com isso?” Caleb perguntou. “Eu sempre posso deixá-la com você e com Daniel.”

“Não. Seu plano é perfeito.” Jude se curvou como um cachorro antecipando que vai ser atingido pelo dono.

Desviei o olhar de Jude. Justo quando eu pensei que ele ainda era meu irmão, ele provou ser um cachorrinho de Caleb.

“Eu nunca vou me transformar,” eu disse. Minha voz tremia demais para ser convincente, mas eu tentei manter minha cabeça erguida.

Sim, você vai, o lobo sussurrou dentro da minha cabeça. Não tem escapatória de mim.

“Você vai ver pela manhã, Grace Divine. Meus métodos são um tanto persuasivos. Como você acha que eu consegui tantos garotos? Jude e Talbot são raros de achar: já lobisomens.”

Meu coração de repente afundou pelos garotos no armazém. Nessa família. Alguns deles eram obviamente Gelals e Akhs, mas a maioria deles deveria ter sido adolescentes infelizes, sem sorte — até Talbot e Caleb botarem as mãos... Ou dentes... Neles.

Mas meu coração também afundou por mim mesma, por Daniel, e por todos da minha família voltando para casa. Se tantas pessoas haviam se submetido aos métodos de Caleb, como eu poderia ter uma chance?

Caleb fez um gesto, e dois dos garotos pegaram o corpo mole de Gabriel e o levaram pela porta. Então Daniel e eu fomos conduzidos para saída por nossos captores.

“Por que você já não faz isso agora?” Daniel perguntou.

“Porque antecipação é a melhor parte do jogo. Faz parecer como véspera de Natal, você não acha?”

Capítulo Vinte e Quatro

Supportando Comigo

NO ANDAR DE BAIXO

Não pude nem me fazer lutar enquanto nós éramos levados a uma nova prisão. Parecia completamente inútil, e ouvindo Daniel gritar e amaldiçoar enquanto tentava se livrar só fez cada pitada de esperança dentro de mim desaparecer. Daniel poderia estar recuperando seus poderes lentamente, mas força sobre-humana não foi totalmente desenvolvida ainda.

Eles nos trouxeram para uma sala úmida, fria e sem janelas. Uma sala de depósito no nível inferior de um armazém. Uma única e turva lâmpada fluorescente piscou e estalou acima de nós. Caleb, ou provavelmente algum dos rapazes dele, havia feito alguns ajustes na sala—correntes atadas ao longo das paredes, grossas correntes de aço e ferrolhos de metal pesado no concreto, e uma câmera de segurança no canto. Os rapazes carregando Gabriel derrubaram seu inconsciente corpo no extremo da sala. Eles amarraram suas pernas e pés com o mesmo tipo de corda que haviam usado anteriormente comigo. As correntes eram aparentemente designadas para Daniel e para mim, vendo como nossos captores nos acorrentaram pelos pulsos e tornozelos em lados opostos da sala.

“Vou pegar o primeiro turno de vigia fora da sala,” Talbot disse enquanto se inclinava para a porta.

“Vou ficar com você,” um dos rapazes disse, soando ávido para impressionar Talbot.

“Muito bem.”

Talbot gesticulou para os rapazes fora da sala. Olhei para cima, para ele, mas ele fechou a grossa porta de metal sem nem sequer me encarar. Eu havia percebido um teclado numérico fora da porta como aquele no The Depot, e agora eu ouvia três distintos latejantes barulhos como três pesados ferrolhos trancando o lugar. Não havia maçaneta. Essa porta havia sido especificamente desenhada para ser impossível de atravessar.

Afundi no chão, tremendo, e deixei sair um soluço. Sentia meus pulsos quase pesados demais para levantar, quando trouxe minhas mãos algemadas para cobrir o meu rosto.

“Não.” Daniel tentou correr até mim, mas as correntes em seus tornozelos não eram longas o suficiente. Ele podia cruzar apenas metade do caminho. Ele tentou ir o mais longe possível. “Não chore, Gracie. Não desista. Nós vamos descobrir um jeito de sair daqui. Nós vamos escapar. Mesmo que nós tenhamos que lutar com até o último deles.”

“Mas nós não vamos, Daniel. Isso é como vinte contra dois. Gabriel não vai lutar, e você ainda está conseguindo seus poderes de volta. Nós não somos nada para eles. Eles vão me transformar, e então eu vou matar você. E então se eles me mandarem para casa, o que vai me impedir de destruir o Bebê James e todos os outros?”

E o pensamento mais egoísta, que eu não disse em voz alta, era que se todos que eu amava se fossem, então não haveria ninguém mais para me curar—isso se a cura sequer existisse. Eu seria um monstro por toda a eternidade. Um Cão da Morte à disposição de um louco.

“Você tem de ter fé, Grace. Acredite em você. Não desista agora.”

“Mas eu não tenho mais fé, Daniel. Nada de fé em mim. Nada de fé em Deus. Ele não se importa comigo. Ele não se importa conosco. Está acabado. Esse é o fim. Amanhã eu vou me tornar um monstro, e então o resto de você vai morrer. E Deus não dá à mínima.”

“Eu não acredito nisso. Você pensa que perdeu a fé, mas eu conheço você o suficiente para saber que isso não é verdade. Lá no fundo, você ainda acredita. E eu acredito em você.”

“Então talvez você não me conheça tão bem quanto você pensa.”

“Sim, eu conheço, Grace. E eu sei exatamente o que se passa dentro da sua cabeça, porque eu estive aí. Essa voz que você ouve—essas terríveis coisas que a atingem. Pensamentos que fazem você pensar que Deus não se importa conosco. Esses não são os seus pensamentos. E eles não vêm de Deus. Eles são o lobo. O demônio. O mal. Está testando você. Tentando você. Mas se você puder afastar esses pensamentos para longe, se você puder superá-los, então você vai encontrar o verdadeiro poder dentro de si mesma, o poder que Deus deu a você para lutar contra o mal, isso é melhor que qualquer coisa que você possa imaginar. Você encontrou esse poder dentro de si uma vez.”

Balancei minha cabeça. Eu não sabia de que poder ele estava falando. A velocidade, a força, a agilidade, todos eles vinham do lobo.

“Na noite que você me curou” Daniel disse. “O que você estava sentindo?”

Gabriel havia me feito essa mesma pergunta antes. Eu não sabia por que isso importava, mas sabia a resposta.

“Amor,” eu disse. “Eu amei você o suficiente para sacrificar qualquer coisa por você. Eu queria você curado não importava o que significasse para mim. Eu pensei que ia perder a minha alma, mas para mim era mais importante salvar a sua.”

“Então não me diga que você não é forte o suficiente, porque isso é mais força do que a maioria das pessoas poderia sequer se sonhar. Não tem presente maior que esse, nem poder mais forte.”

“Que amor de verdade?”

“Sim. Essa é a diferença entre eles e nós. Nós ainda somos capazes de amar. O lobo tenta destruir o amor, tenta empurrar isso para fora do seu coração, tenta te fazer destruir qualquer coisa que te importe. Mas se você pode lidar com isso para o que você ama, e se você pode manter a sua fé, então você é mais forte que qualquer monstro fora daqui. Nenhum poder extra, nem força, nem mal pode fazer você se tornar um lobo enquanto você se apegar ao amor.”

Daniel ficou de joelhos. Suas correntes fazendo barulho contra o chão. “Eu nunca deveria ter parado de treinar você,” Daniel disse. “Eu nunca deveria ter parado de acreditar na sua força. Eu deveria ter estado ali te dando suporte, ensinando a você o equilíbrio que você precisa. Quando os meus poderes começaram a voltar, assustou um inferno dentro de mim. Pensei que isso significava que a cura não havia dado certo, e eu não queria dizer a você porque não queria que você pensasse que havia sacrificado tudo por mim e que não mudava nada.”

Me movi para perto de Daniel, diminuindo a distância entre nós. “Mas você podia ter me dito. Você pode me dizer qualquer coisa. Assim como eu devia ter contado a você sobre Talbot.”

“Eu sei, Grace. Nós dois estávamos sendo estúpidos. Nós deveríamos ter confiado um no outro não importa o que fosse. Mas eu também estava com medo de que meus poderes voltando, significava que não haveria cura para você também. Nenhuma segurança sobrando. Esse é o motivo para eu ter parado de treinar você quando Gabriel me disse para continuar. E então eu fiquei tão preso em tentar encontrar respostas que eu negligenciei você. Me afastei. Mas eu não devia ter feito isso. Devia ter ficado e ensinado você a usar os seus poderes do jeito certo, então você não precisaria ter procurado alguém como Talbot”. Daniel ergueu suas mãos algemadas. “Mas eu estou a sua frente agora. Você e eu. Nós vamos lutar lado a lado, e ninguém vai nos parar. *Nada* vai nos separar.”

Eu estava ajoelhada em frente a Daniel agora, no fim da minha própria corrente. Tentei tocar seu rosto com minhas mãos, mas eu não podia alcançá-lo. Não havia mais como, com as correntes. Ao invés, eu encarei seus profundos olhos escuros, como eu poderia me perder neles para sempre.

Nós não íamos sair dali. Não havia como dois de nós podermos lutar contra aqueles demônios. Não importava o quanto de fé nós tivéssemos. Mas havia um jeito de manter o demônio dentro de mim e ganhar.

Eu havia estado disposta de trocar a minha alma por Daniel uma vez, porque esse era o único modo de salvá-lo. Eu havia estado disposta a me tornar o monstro por ele. E eu tinha de fazer isso agora se eu quisesse salvá-lo novamente, mas Caleb tinha outros

planos. Ele me queria para me transformar em um monstro, então ele poderia me usar para destruir Daniel e a minha família—e eu não podia permitir que isso acontecesse. Não, não importa o que acontecesse, eu não ia me transformar. *É melhor morrer como Grace Divine que viver como um monstro.*

Inclinei-me o mais longe que pude em direção a Daniel, e Daniel se inclinou o máximo que pôde em direção a mim. Nossos lábios mal se tocavam no meio. Eu estiquei o máximo que pude minhas correntes, sentindo como meus braços estavam prestes a se deslocar do lugar, mas ganhei mais um pouco de espaço. Pressionei meus lábios contra os de Daniel.

Não me importei que Gabriel estivesse inconsciente do outro lado da sala, ou que Talbot estava fora da sala. Não me importei com a câmera de segurança no canto. Beije Daniel como se fosse a última vez que nós poderíamos nos beijar.

Porque eu sabia que era.

Pela manhã eu iria morrer para salvar aqueles que eu amava.

ÚLTIMA NOITE

As horas seguintes se transformaram nas mais longas da minha vida, mas eu também senti como se fossem as mais curtas. Era a primeira, e a última, vez que Daniel e eu podíamos passar a noite juntos, e nós não podíamos sequer nos tocar. A luz fluorescente que ficava piscando queimou em algum momento, então Daniel e eu só ficamos ali, lado a lado no concreto no escuro, capazes de chegarmos um ao outro só com nossas vozes. Algumas vezes nós falamos, e outras nós ficamos no mais completo silêncio, incertos se o outro estava dormindo até um de nós fazermos a pergunta.

Nós falamos sobre tudo. E sobre nada. Desde que questões mais fortes da vida até os mais triviais pensamentos que podíamos ter. Em algum ponto perguntei a Daniel sobre o portfólio sobre Trenton, que se deveu em um par de semanas. Ele o descreveu para mim em detalhes como ele esboçou e criou um novo design para fones de ouvido para um de seus fundamentos.

Eu disse a ele sobre como um dos ensaios em Trenton me fez querer ser uma super-heroína. Daniel riu. “Você faria uma grande super heroína. Especialmente se você usasse uma daquelas roupas. O que é, Chapeuzinho Vermelho encontra Mulher Maravilha?”

Soltei uma risadinha. “Isso foi o que April disse. Tenho certeza que eu ficaria ridícula” Alguém havia arrancado minhas botas antes de algemar meus tornozelos, mas eu estava realmente grata por isso naquele momento. Isso fez um cobertor de luz naquela fria e escura sala.

“Você parece incrível,” Daniel disse.

“Você nem sequer pode me ver.”

“Eu tenho a memória de você presa em minha mente. Está me mantendo bem aquecido.”

Ri pouco a vontade, então o silêncio se instalou por um momento. Perguntava-me quanto tempo essa lembrança duraria na mente de Daniel depois que eu partisse.

Os roncos e gemidos sonolentos inquietos de Gabriel interrompiam o silêncio na sala. Pelo menos a essa altura eu sabia que ele estava vivo. Eu não podia parar de me perguntar por que ele havia vindo atrás de mim se ele teria que lutar. Por que ele sequer se importava. Ele havia vindo para o Rose Crest para descobrir se eu era essa Divine que poderia curar Urbats da maldição do lobisomem. Então por que ele não voltou para casa no momento em que ouviu que os poderes de Daniel estavam voltando?

Então outro pensamento me atingiu.

“Você não está preocupado?” Perguntei para Daniel em voz baixa, incerta sobre ele estar dormindo.

“Hmm,” ele disse grogue.

“Você não se preocupa por se transformar em lobo novamente? Quero dizer, estou usando uma pedra da lua, então isso vai pelo menos me ajudar a ficar equilibrada por algum tempo. Mas isso é tudo meio louco, você não tem medo de ser aquele que vai mudar? Talvez você devesse pegar o colar de volta.”

As correntes de Daniel chiaram. Eu poderia dizer que ele havia se virado no seu lado, me encarando.

“Esse é o negócio, Grace. É totalmente diferente de antes. Quero dizer, eu tenho a habilidade de curar, e a força e a velocidade estão voltando, enquanto meus sentidos estão melhorando... Mas percebi há alguns dias que mesmo que esteja totalmente pirado... Não sinto o lobo dentro de mim, nem um pouco.”

Ofeguei. “Então talvez você tenha sido curado.”

“Não sei,” Daniel disse. “Realmente não sei.” Ele ficou quieto por um momento. “O fato de que Caleb não pode reconhecer o cheiro do meu sangue não me surpreende. Mas isso faz eu me perguntar... Faz-me perguntar se eu estou me tornando algo completamente diferente.”

“Como o quê?”

“Eu queria saber. Testaram o meu sangue. Era onde eu estive nos últimos dias. Conheço um cara que trabalha em um laboratório de pesquisa em Columbia. Ele me devia um favor, e eu sabia que ele seria discreto. Dirigi todo o caminho até lá só para descobrir que ele também não podia me dizer nada.”

“Era isso que você esteve fazendo todas as vezes que você não podia me dizer onde estava? Só procurando por respostas? Queria que você tivesse dito isso antes.”

“Eu sei. Eu deveria ter. É só que algumas vezes eu tenho de ir a alguns lugares sinistros para procurar pelo que eu quero.”

Engoli duro. “Como onde?”

“Naquela noite que você viu minha moto fora do bar?”

“Sim.”

“Eu não estava no bar. Eu estava no motel atrás... Com Mishka.”

“Como?” O lobo soltou terríveis pensamentos em minha cabeça. Pressionei minha mão contra a pedra da lua, forçando esse poder calmante contra meu peito. “O que você pretendia?”

“Eu queria que ela entrasse na minha mente. Ela tem um poder de controle de mente que ela faz com os olhos—rouba da vítima o livre arbítrio.”

“Eu sei,” eu disse, lembrando-me como ela quase havia usado isso para me matar. E então me lembrei o que Mishka havia dito sobre festejar com Daniel. O lobo rosnou tentando me abraçar com ciúmes. “Por que você iria querer ela na sua mente?”

“Ela pode ler pensamentos, assim como pode manipulá-los se ela for fundo o suficiente. Eu queria que ela entrasse na minha cabeça para ver se podia achar o lobo ali. Me dizer porque eu não o ouço ou o sinto dentro de mim.”

Visualizei Daniel deitado numa cama de motel, Mishka escarranchada sobre ele, encarando fundo em seus olhos. Não me admira que ele não quisesse me dizer o que estava fazendo naquela noite. “O que ela achou?”

“Nada. Não fui até o final com isso. O preço dela era muito alto. Eu não estava pronto para dar o que ela queria em troca.”

“O que ela queria?”

“Eu.”

Rangi os dentes enquanto uma onda de fúria passava por mim. Meus olhos ardiam, e minha visão noturna falhou por um momento. Quando eu vi os tristes olhos de Daniel, uma onda de amor reconfortante afastou o lobo para longe.

“Eu parti, e ela ficou furiosa” Daniel disse. “Mas então ela me mandou uma mensagem no dia seguinte dizendo que ela havia mudado de ideia, que ela pegaria minha moto como pagamento ao invés. Nós deveríamos nos encontrar novamente—eu estava esperando por outra mensagem dela naquela noite na lanchonete quando eu saí. Só quando eu cheguei ao lugar dela, uma casa na periferia da cidade, foi que eu descobri que a pessoa que mandou a mensagem não era Mishka. Foi a amiga dela, Verônica. Elas

estavam no mesmo grupo—como uma família—e quando Verônica voltou aquela noite, ela descobriu que Mishka e o resto de suas amigas estavam mortas, e que alguém tinha fugido com cerca de dez mil dólares de dinheiro roubado. Verônica me queria para ajudá-la a rastrear quem havia matado seus amigos e conseguir o dinheiro de volta. Ela disse que iria me ajudar se eu fizesse—ia entrar na minha cabeça por mim. Tentei. Eu nem estive com Katie no domingo como eu disse a você. Eu estava tentando seguir uma pista que acabou em nada.” Ele chiou. “E eu não acredito que inventei essa mentira sobre estar com Katie na minha casa. Foi à primeira coisa plausível que veio a minha mente. Mas também era a coisa mais estúpida que eu poderia ter dito.”

Eu quase ri. “Não, o sozinho-no-motel-com-Mishka é o pior. Mas eu quase arranquei a cabeça de Katie no dia seguinte. Estou contente por não ter agido pela vontade.”

Os olhos de Daniel se arregalaram. Ele virou sobre suas costas, acho que decidindo não pressionar aquela linha na conversa. “A pista que eu segui acabou em nada. Eu nunca consegui descobrir quem atacou eles.”

“Hmmm... Bom, eu tenho boas e más notícias...” Eu disse, e então eu contei a ele a história sobre o que aconteceu naquela casa naquele dia. Quão aterrorizada eu havia ficado na primeira vez que vi Talbot cortar fora a cabeça de alguém, e então como ele havia atingido Mishka com a perna de uma cadeira justo antes dela quase me matar. E então, numa tentativa de ser totalmente honesta, eu disse a Daniel sobre como Talbot havia me ensinado a curar as queimaduras em meu rosto.

“Posso ver porque estive atraída por ele,” Daniel disse. “Você sempre gostou dos caras perigosos.”

“Sim, mas eu só amo *você*,” eu disse.

E então nós ficamos em silêncio por um longo, longo tempo.

Eu provavelmente devo ter caído no sono em algum momento, porque meus olhos se abriram quando eu ouvi um grito e uma briga do lado de fora da porta. O primeiro pensamento que eu tive foi que Jude devia ter voltado aos seus sentidos e vindo nos resgatar. Sentei-me, mas então percebi que não havia nenhum barulho.

“Você está bem?” Daniel perguntou. Sua voz um pouco distorcida. Se ele estava como eu, ele estava provavelmente ficando sedento. Fazia várias horas desde que eu havia comido ou bebido algo.

“Ahã, deve ter sido só um sonho.”

“Eu tive um também,” Daniel disse. Ele ficou quieto por um minuto. “Você acha que depois de Trenton, nós poderíamos nos casar e nos estabelecer em um apartamento

em Nova York ou em qualquer lugar? Eu poderia ser um designer industrial, e você poderia lutar contra o crime como uma assassina ninja em tempo parcial.”

Quase ri, mas então me parei, porque eu sabia que iria sair como um soluço. Fiquei quieta por um momento para me recompor. “Sim,” eu disse. “Sim, isso seria fantástico.”

Ouvi as correntes de Daniel chiar quando ele mudou de posição. Respirei fundo e concentrei um pouco de poder em meus olhos até minha visão noturna retornar. Encontrei Daniel ajoelhado no concreto a minha frente. Eu não sabia se ele podia me ver no escuro, mas ele tinha um de seus sorrisos especiais—aquele que dizia como ele estava realmente feliz—em seus lábios.

“Então você vai?” ele perguntou.

“Vou o quê?”

Daniel se ergueu um pouco, então ele estava só sobre um joelho agora.

“Que diabos você está fazendo?”

“Grace Divine, quando toda essa merda acabar, e nós estivermos fora do colégio, e você já tiver tirado algum tempo para chutar alguns traseiros, você vai se casar comigo?”

Ele poderia muito bem ter me chutado no peito do modo como minha respiração penetrou dentro de mim e meu coração pareceu ter parado de bater. “Você não pode estar falando sério.”

“Eu estou falando mais sério que nunca.”

Coloquei minha cabeça contra o chão de concreto, incapaz de responder. O que ele pensava que estava fazendo? Como ele podia me pedir para fazer uma promessa para o futuro que nós não tínhamos chance de ter? Ele não sabia como estava partindo meu coração em dois?

“Sim,” eu finalmente sussurrei, porque mesmo que eu soubesse que nós nos casando nunca iria acontecer, eu queria que ele estivesse feliz—mesmo que só por um momento.

Rolei para perto e fechei meus olhos. Ordenei a mim mesma a não dormir novamente. Não queria sonhar sobre o resgate de novo. Não mais fantasiar sobre *minha* vida além das próximas horas. Ao invés, eu visualizei Daniel indo embora de Trenton, então mudando para um apartamento próprio e se tornando um designer.

Eu não estava deixando aqui, mas se eu podia ajudá-lo, eu iria. Talvez eu pudesse criar suficiente diversão para dar a Daniel uma chance de escapar. Talvez Caleb ficasse fora de guarda o suficiente com minha escolha de morrer, que Daniel poderia encontrar um modo de fugir. Talvez alguém pudesse ser subornado para nos ajudar — se nós tivéssemos algo para suborná-los.

Puxei minha mão para longe de Daniel, ainda incapaz de tocá-lo. “Você vai me prometer algo? Uma promessa de verdade. Não do tipo que se pode quebrar.”

“Ok,” Daniel disse hesitante.

“Prometa para mim que se você encontrar uma chance de escapar, você vai agarrá-la. Não importa o quê.”

“De nenhum modo no inferno eu vou deixar você para trás.”

“Mas e se for tarde demais para mim...”

“Isso não vai acontecer.”

“Mas e se acontecer? Se for tarde demais para mim, e você conseguir uma chance de escapar, prometa para mim que você vai cair fora daqui o mais rápido que você puder? Você não vai hesitar, ou olhar para trás? Você vai correr para a minha família e levá-los para um lugar seguro?”

“Sim” Daniel disse. “Mas só...”

Um tinido de metal fazendo barulho o cortou, e a porta se abriu. Oito dos rapazes de Caleb entraram na sala.

Capítulo Vinte e Cinco

Na Toca do Leão

UM MOMENTO DEPOIS

Eles estavam sem camisa, à matilha de Caleb. Eu não sabia por quê. Talvez só para exibir seus músculos expressivos ou as tatuagens em seus ombros ou bíceps. Três vieram na minha direção, e outros três foram para Daniel. Os últimos dois levantaram Gabriel de onde ele estava.

Um desprende minhas algemas enquanto os outros me seguravam firme. Eu chutei e me debati, assim como Daniel, mas Gabriel não resistiu quando nos arrastaram para fora do cômodo semelhante à masmorra. Eles nos fizeram subir um lance de escadas. Eu fiquei mole e me recusei a me mover, esperando que a minha resistência pudesse criar algum tipo de distração para os outros, mas um dos meus captores meramente me agarrou e me atirou sobre seu ombro como um saco de tomates. Eu podia ver a ondulação dos músculos das suas costas, mas ainda sabia onde ele era vulnerável. Eu estava para socar seus rins quando outro cara agarrou minhas mãos e as seguraram em um aperto de ferro.

Gelal, pensei, medindo-o. Esse eu mataria se fosse necessário. Mas o que me segurava era definitivamente um Ubat. Ele fedia como um cão raivoso.

Minha montaria me levantou quando chegamos ao topo das escadas e me atirou no chão. Eu não hesitei e lutei para ficar de pé, mas então dois dos caras estavam me segurando novamente. Jude ficou ali observando tudo, imóvel. Caleb saiu do seu quarto e nos encontrou sobre uma varanda com vista para o armazém. Um sorriso maligno se espalhou no seu rosto.

“Eu espero que vocês dois tenham aproveitado o tempo juntos. Eu sei que nós gostamos de observar.”

Um dos caras me segurando riu.

A câmera de segurança. É claro, eles estiveram observando.

“Foi bem tocante, ouvi-os falar bobagens, sobre amor verdadeiro, e toda aquela idiotice. Embora talvez nós devêssemos ter deixado suas correntes mais longas. Alguns de nós estávamos esperando ver mais pele depois daquele beijo.” Ele me olhou de cima abaixo com seus olhos que me fizeram querer vomitar. Seu olhar se demorou nas minhas

pernas, fazendo-me desejar que meu vestido fosse um metro mais longo. “Embora eu terei mais tempo para explorar isso depois.”

Mais três caras riram. Eles pareciam hienas doentes.

Daniel se contorceu nas mãos de seus captores. “Não ouse tocá-la!” ele gritou para seu pai.

“Ah, não se preocupe. Seremos gentis—no início. Faz um tempo desde que tivemos uma garota em nossa casa.”

“Provavelmente porque elas não duram muito uma vez que vocês põem suas patas nelas,” Talbot rosnou das sombras bem além de Caleb. Eu o percebi ali pela primeira vez, suas mãos atadas com cordas e dois dos Akhs de Caleb o segurando. Na última vez que eu tinha visto Talbot, ele esteve de guarda na nossa porta. Por que ele estava amarrado agora?

“É por isso que eu não teria a levado para você,” Talbot disse. “Você não merece tê-la.”

Caleb estalou seus longos dedos, e um dos captores de Talbot o socou no estômago. Talbot se dobrou e tossiu.

“Talbot deveria ter te transformado durante as últimas semanas. Ele geralmente tem talento para isso. Mas aparentemente você tem mais influência sobre ele que ele tem sobre você. Essa é uma das razões pelas quais eu decidi esperar até essa manhã para transformá-la. Não apenas para antecipar uma das melhores partes do jogo como também para ver quem ainda era leal a mim. Eu esperei que um deles tentasse libertá-la na noite passada, só que esperei que fosse seu irmão, não meu próprio beta.”

Então era por isso que Talbot estava amarrado novamente. Ele tentou nos resgatar. Talvez a comoção que eu ouvi na porta não tivesse sido um sonho, depois de tudo. Mesmo assim meu próprio irmão ficou do lado de Caleb, irrefreável, despreparado, não desejando fazer nada. Talvez eu estivesse errada sobre ainda haver algo bom nele.

“Há algo especial em você.” Caleb se aproximou o bastante para que eu pudesse sentir seu cheiro de álcool e lobo. Ele correu seus dedos pela minha bochecha e então ao longo de uma veia pulsado no meu pescoço. “É como se você inspirasse devoção dos lugares mais inesperados. Eu estava certo sobre escolher você. Você será uma excelente fêmea alfa quando eu a tornar minha companheira.”

“Isso nunca vai acontecer,” eu disse como se declarasse um fato científico. Eu não daria a Caleb a satisfação de soar zangada ou assustada. Eu estaria morta antes que ele me tocasse novamente, de qualquer forma. “E você não é um *verdadeiro* alfa. Mas Daniel é.”

Ou era: a percepção chegou a mim. Agora tudo fazia sentido, a razão pela qual Caleb iria através de todo esse problema para encontrá-lo e destruí-lo antes da cerimônia de desafio. Era a mesma razão pela qual Caleb tinha odiado Daniel a partir do momento

que ele nasceu. Daniel nasceu com a essência do *verdadeiro alfa*. Ele era a pessoa da qual Gabriel esteve falando quando ele disse que ele achava que havia outro alfa além de Sirhan—só que ele não tinha tanta certeza de que Daniel ainda tivesse aquele potencial agora que ele foi curado... Ou... Er, tudo estava confuso. Mas Caleb não iria se arriscar. Se Daniel fosse o *verdadeiro alfa*, então ele era a pessoa que podia arruinar a oportunidade de Caleb de tomar a matilha de Sirhan.

“Daniel tem mais potencial para ser um alfa em seu dedo mindinho do que você jamais terá. É por isso que o odeia, não é? Porque ele é tudo que você não é.”

Caleb aproximou seu rosto ao meu, suas narinas dilatadas, seus olhos amarelos estreitos. Ele estendeu seus dedos na frente da minha garganta, como se ele quisesse me estrangular com suas mãos nuas. Mas então ele agarrou minha pedra de lua e a arrancou do meu pescoço com tal força que fez minha cabeça inclinar para frente e depois recuar.

Ele atirou o pingente contra a parede de concreto, e eu o observei se quebrar os pedacinhos de esperança. Eu tentei pegar algum dos pedaços, mas eu não podia me libertar dos braços que me seguravam. Eu estava contando que a pedra de lua me comprasse alguns minutos de controle.

“É hora de acabar o jogo.” Ele estalou para os dois caras me segurando como se eles fossem mutações treinadas. “Atirem-na no buraco.”

Eu não chutei nem gritei ou me contorci dessa vez quando os dois caras me levantaram. Seu meu colar de pedra de lua, eu não podia me arriscar ficar alterada.

Meu tempo estava acabado.

Eu fiquei perfeitamente parada e os deixei me carregarem até a beira da varanda. Eu olhei para Daniel uma última vez. Ele estava se movendo violentamente, com quatro caras o segurando. Mas ele parou por um momento, como se pudesse sentir meu olhar sobre ele. Ele olhou para mim com lágrimas fluindo de seus olhos.

“Eu vou te amar para sempre,” eu disse para ele enquanto os dois caras me colocavam de cabeça além da varanda.

“Não!” ouvi Daniel gritar.

Eu queria cair. Só deixar minha cabeça se chocar contra o chão de concreto sete metros abaixo. Mas meus instintos reagiram, e meu corpo girou no meio do ar. Eu pousei com um giro sobre a cabeça e fiquei de pé. Meu tornozelo esquerdo cedeu um pouco debaixo de mim, mas fingi não notar.

Eu fiquei sozinha no piso do armazém.

“Você tem de fazer algo melhor que isso,” eu gritei de volta para Caleb.

Ele se inclinou sobre a borda da varanda. “Ah, estamos apenas começando, garota.”

O chão tremeu sob meus pés, enviando uma pontada de dor no meu tornozelo machucado. Um grande portão de garagem se abriu lentamente no lado distante do armazém. O ruído do portão estava acompanhado por um coro de grunhidos.

“Veja, Grace Divine, o lobo tem um grande instinto de preservação. Ameace-o o suficiente, e você não será capaz de detê-lo.”

O portão continuou a subir, revelando uma linha de seus lobisomens grunhindo. Seus olhos se reviravam e seus dentes estavam à mostra, eles se curvavam, prontos para entrar em ação. Parecia que a única coisa que os segurava era um sinal de Caleb. Ele levantou um dedo, como se tivesse algo mais a dizer antes de aticar seus Cães da Morte sobre mim.

“Faça seu pior,” gritei para Caleb. “Mas eu prometo a você: morro antes de cair.”

“Você vai cair, garota,” Caleb rosnou para mim. “Você vai cair com tal força e tanto que *eu* serei a única coisa que você poderá ver quando olhar para cima do glorioso buraco que você fez na sua vida. E então você pertencerá a mim.”

Ele fez um movimento ligeiro com sua mão. O bando de lobos entrou pelo portão. Eu lutei contra a vontade de correr, ou até gritar. Eles correram em duas filas e então se espalharam, formando um círculo ao meu redor. Sem escapatória agora. Meu corpo tremia. Dor pulsava sob minha pele, e meus músculos ameaçavam explodir. O demônio na minha cabeça queria ser libertado.

Eu não podia deixar que isso acontecesse.

Eu não podia perder o controle.

Um dos lobos avançou em minha direção. Minha perna deu um chute lateral, e eu o enviei voando. Ele choramingou de dor quando atingiu o chão com um crack. *Não com tanta força*, eu disse a mim mesma. Eu realmente não sabia se autodefesa contava como um “ato predatório,” mas eu não podia arriscar matar uma dessas bestas. Eu nem podia *querer* matá-los. Eles tinham corações humanos atrás de seus de lobo.

Um segundo lobo atacou. Eu o chutei para longe. Ele mal foi afetado pelo meu chute e veio novamente. Eu o soquei no focinho. Sangue manchou as juntas dos meus dedos quando eu quebrei uma das suas presas afiadas. Os outros lobos devem ter sentido o cheiro de sangue, e isso os deixou em frenesi.

Dois lobos vieram até mim de uma vez, agora. Eu desviei de um, mas o outro rasgou minha perna com suas garras antes que eu pudesse chutá-lo para longe. Sangue fluíu da ferida, ensopando o tecido das minhas coxas rasgadas.

Eu não tive tempo nem para pensar sobre curar os rasgões, porque um terceiro lobo pulou sobre minhas costas, quase me desequilibrando. Ele afundou seus dentes no meu ombro. O veneno ardente queimou pelo meu braço e minhas costas. Eu não podia aguentar o peso do lobo por muito mais tempo, então eu joguei minha cabeça para trás e a

bati na cabeça do lobo. Ele berrou e desceu, suas garras rasgando as costas do meu casaco enquanto ele caía.

Outro lobo pulou e afundou seus dentes no meu lado, perfurando meu abdômen. Eu senti algo explodindo dentro das minhas costas. Um rim? Eu gritei em agonia e usei toda minha força restante para jogar o lobo de cima de mim.

Eu segurei minha lateral, pegajosa com sangue, bem quando outro lobo atingiu minha perna com sua cabeça. Meu tornozelo machucado cedeu. Eu uivei e tombei sobre o chão de concreto.

Os seis lobos me circularam, rangendo os dentes e grunhindo. Eu espere pelo golpe de morte, mas nenhum deles se aproximou. Caleb deve ter dado a eles um sinal de espera. Ele provavelmente sentiu prazer com a visão minha deitada em uma poça do meu próprio sangue.

Levante-se, aquela voz horrível uivou dentro da minha cabeça. Levante-se. Mate-os! Você os quer mortos. Levante-se e mate todos!

“Não!” eu gritei para a voz. Tentei me levantar sobre o concreto, mas meus braços tremiam tanto que eu caí de cara no chão. Meu corpo se convulsionava como se houvesse algo lutando para sair de dentro de mim. Uma chama interior me engolfava, cobrindo minha alma. *Mate-os! Mate-os!* A voz do lobo recitava na minha cabeça. *Eles merecem morrer! Levante-se e mate-os antes que eles te matem!* Eu me curvei em uma bola. Lágrimas escorriam pelo meu rosto. *Deixe-me matá-los. É a única forma! Abrace-me, e destruiremos todos eles.*

Eu berrei em agonia enquanto meus músculos se contraíam, e minha cabeça e meu corpo tremiam incontrolavelmente.

“É isso!” Caleb se inclinou sobre a varanda. “Você quer me matar, não quer? Estou aqui, garota, venha me pegar!”

Sim, mate Caleb. Mate-o, e tudo isso parará!

“Não,” sussurrei. Havia outra forma. Eu acreditava nisso. Realmente acreditava.

Rolei sobre minhas costas e olhei para o teto, imaginando que eu podia ver o céu lá fora. “Deus,” sussurrei. “Por favor, salve Daniel e minha família. Eu sei que você pode. Você pode me deixar morrer, mas não me deixe cair na maldição. Salve-os.”

“Façam!” Caleb gritou para os lobos.

Eles pararam de me circular e se inclinaram, prontos para atacar.

Uma onda de fogo me varreu, e o demônio da minha cabeça gritou para eu agir. Os lobisomens recuaram, prontos para pular sobre mim. Eu rolei para meu lado e sussurrei um adeus para Daniel, embora eu soubesse que ele nunca seria capaz de me ouvir.

“Não!” Daniel berrou, seguido por um grito de um dos homens de Caleb quando Daniel se livrou do aperto e o empurrou para o lado. Os outros estavam tão distraídos pelos lobos e por mim que não tiveram chance de reagir rápido o bastante.

Sim, pensei. Sim, Daniel tem a chance de escapar!

Então Daniel se atirou por sobre a grande.

Não, ele deveria fugir! Eu assisti com horror quando ele caiu na minha direção, mas em vez de se quebrar no chão, Daniel deu um giro no ar e começou a... Se transformar.

Mudar.

Transfigurar.

Suas roupas estouraram para longe do seu corpo.

Eu pisquei, e quando abri meus olhos, em vez de Daniel, um grande lobo branco tinha pousado de quatro apenas a uns metros de onde eu estava.

Os lobos que estavam para me atacar viraram seus grunhidos para o lobo branco, afastando-o da sua presa. O lobo branco parecia olhar para mim. Percebi uma mancha branca no pelo preto sobre seu esterno quando ele se agachou. Seus lábios foram puxados para trás em um rosnado, e ele veio em minha direção.

Fechei meus olhos e me preparei para morrer.

Um surto de movimento explodiu ao meu redor. Ouvi estalos, resmungos e choramingos, e quando abri meus olhos novamente, o lobo branco estava sobre mim — protegendo-me.

Ele atirou sua cabeça para trás e soltou o uivo mais estridente que já ouvi. Ecoou pelas paredes do armazém, quebrando os vidros das janelas. Tremendo meu corpo até meus olhos quebrados.

Quando o som morreu, não havia nada além de silêncio.

Nada além do lobo sobre mim, olhando além de nós, como se desafiasse alguém a fazer um movimento em nossa direção.

Eu mal podia manter meus olhos abertos enquanto eu virava minha cabeça para ver o que tinha acontecido. Dois dos lobos estavam sangrando no chão, um tinha chegado ao portão da garagem, mas os outros três pareciam como se estivesse fazendo uma reverência, cabeças baixas em súplica, para o lobo branco.

“Não! Não! Mate-o!” Caleb berrou para seus lobos. “Mate-os!”

Mas os três lobos continuaram inclinados e se recusaram a se mover.

“Então vou matar vocês eu mesmo!” Caleb começou a pular sobre a varanda.

“Não se eu tiver algo a dizer sobre isso,” outra voz gritou, e alguém bateu em Caleb na nuca com uma barra de metal. Pode ter sido minha visão falhando, mas eu poderia ter jurado que era Gabriel.

Caleb se dobrou atrás da grade, e houve um ataque de caos quando um dos Gelals de Caleb avançou sobre Gabriel, e outro foi correndo na direção deles. Ouvi Talbot gritar algo. Ele pulou nas costas do Gelal e atirou seus braços na cabeça do Gelal e ao redor do seu pescoço. Os dois caíram sobre a grade e se chocaram com força no chão.

Talbot ficou de joelhos e empurrou o Gelal de cima dele. Ele torceu seus braços presos, que estava ao redor da garganta do Gelal, e quebrou seu pescoço. O Gelal se dobrou e Talbot puxou seus braços de sua cabeça relaxada. Antes que ele pudesse se mover, um Akh voou na direção de Talbot, e os dois começaram a brigar.

Mas onde estava Jude? Por que eu não podia vê-lo em lugar nenhum?

O armazém inteiro irrompia em lutas enquanto eu verificava algum sinal do meu irmão. Dois mais lobisomens vieram agressivos em nossa direção, prontos para atacar o lobo branco. Mas o lobo não se moveu na sua posição protetora sobre mim. Eu devo ter perdido a consciência por um momento, porque a próxima coisa que eu sabia era que os dois lobos estavam se inclinando em frente ao grande lobo branco. Um deles era menor que todos os outros lobos – *Ryan*? Eu não pude evitar me perguntar.

Eu tossi e provei sangue. O lobo branco se inclinou e tocou o nariz no lado do meu rosto. Eu encarei seus olhos escuros e profundos – os olhos de Daniel.

Mas como?

E por que, se Daniel tinha sido um lobo preto antes de ser curado, agora ele era um lobo branco?

Eu ouvi um grande uivo e usei toda a minha energia para virar minha cabeça e observar enquanto Daniel se curvava contra a grade, seu braço pendurado ao lado em uma posição antinatural. Caleb, parecendo completamente recuperado da pancada na cabeça, grunhiu e pulou por sobre a grade. Ele pousou no chão do armazém.

“Cuidado,” sussurrei para Daniel.

A cabeça branca do lobo se virou, e ele recuou e grunhiu para Caleb, que avançou sobre nós com um rosnado cruel. “Morra agora!” ele berrou.

O lobo Daniel latiu, e os cinco lobos que se inclinaram frente a nós se levantaram e se viraram, rosnando para Caleb. Eles se inclinaram para trás, prontos para atacá-lo.

Caleb diminuiu seu avanço, medindo o bando a sua frente. *Seis contra um*, eu quase podia o ver pensando. Calculando suas chances atrás daqueles olhos amarelos.

Então Talbot veio para nosso lado. A corda ao redor dos seus pulsos pingava o ácido de Gelal. Ele arrancou com força, a corda corroída caindo de suas mãos. Ele apertou

seus punhos frente a ele e olhou para Caleb. Três Gelals mortos manchavam o chão ao seu lado.

Sete contra um.

“Parece que cercamos você,” Gabriel gritou da grade. Ele segurava seu braço machucado contra seu peito, mas ele brandia a barra de metal com sua outra mão. Dois Akhs adolescentes estavam gemendo aos seus pés.

Caleb deu um passo para trás.

Oito contra um.

Mas onde estava o resto dos garotos de Caleb?

E onde estava Jude?!

“Aqui!” ouvi meu irmão gritar. No início, eu não soube de onde vinha a sua voz, mas então inclinei minha cabeça para trás o quanto eu podia e pude vê-lo no portão aberto do elevador de carga. Ele estava cheio com o resto dos garotos de Caleb. Eles devem ter corrido do nível superior pela coluna. “Aqui, pai! Rápido. Por aqui.” Jude acenou para Caleb, oferecendo uma forma de escapar.

“Não,” Caleb disse. “Terminamos isso.” Ele olhou de volta para seus Reis das Sombras. “Venham!” ele gritou para eles, como se eles fossem um bando de filhotes.

Nem um dos seus garotos saiu da segurança do elevador.

“Venham!”

“Não, pai,” Jude disse. “Estamos indo embora. Agora.”

Caleb franziu as sobrancelhas. Uma carranca se formou no seu rosto. Jude já tinha ousado falar com seu mestre dessa forma antes?

“Venha agora, pai,” Jude disse.

Caleb olhou para o lobo branco por um momento mais. Seu olhar hesitou em Talbot e então em Gabriel lá em cima. Eu não tinha certeza de qual dos três ele mais queria matar.

Caleb se virou e foi em direção ao elevador.

O lobo branco fez um movimento como se fosse ir atrás de Caleb, mas então hesitou, olhando para mim como se ele teme deixar sua posição protetora sobre meu corpo.

“Vá,” eu disse. “Você tem de pará-los.”

O lobo branco rosnou, e ele e cinco outros lobos avançaram atrás de Caleb, deixando-me sozinha na poça de meu próprio sangue sobre o concreto frio. Eu não tinha energia para manter minha cabeça inclinada para trás para observar sua perseguição.

Eu senti braços quentes me acolhendo, e alguém me levando contra seu peito. “Talbot?” perguntei, reconhecendo seu cheiro.

Ele me virou em direção a comoção bem a tempo de ver Caleb se aproximando do elevador, os seis lobos nos seus calcanhares — mas não perto o bastante. Caleb deslizou por entre a abertura estreita do portão do elevador com seus garotos. O lobo branco correu atrás dele, mas Jude se atirou entre Caleb e o lobo branco Daniel, bloqueando a abertura do elevador.

O lobo branco parou, derrapando na frente de Jude. Os outros cinco lobos pararam atrás do lobo branco, rosnando e uivando. Daniel rosnou para Jude, mas meu irmão não se moveu — só olhou para Daniel, como se o desafiando a ultrapassá-lo para chegar a Caleb.

Daniel deu um passo para trás com um lamento frustrado. Jude tinha acabado de fazer a única coisa que impediria Daniel de chegar a seu pai. Daniel não estava pronto a machucar meu irmão novamente.

Caleb fechou o portão do elevador, deixando Jude do lado de fora. Caleb bateu seus punhos contra o portão, chacoalhando o elevador e rugindo com raiva. “Quando Sirhan morrer, o resto de vocês vai morrer também,” ele gritou enquanto o elevador começou a descer.

Jude gritou para Caleb não deixá-lo para trás.

“Você está por sua conta, garoto,” Caleb resmungou. Ele e o resto dos seus garotos perdidos desapareceram no porão do armazém.

O lobo Daniel uivou.

Caleb e seu bando tinham ido embora, saído pelo corredor através do The Depot, antes que qualquer um pudesse pará-lo.

Talbot me levantou em seus braços e começou a me carregar para longe, seu ombro bloqueando a cena do elevador da minha visão. E me bloqueando de vê-los. Talbot podia correr comigo nesse momento, e ninguém perceberia.

“Solte-me,” tentei gritar, mas o que saiu foi um sussurro afogado. “Aonde... Aonde... Você está me levando?”

“Eu só estou tentando ajudar,” Talbot disse.

“Por quê?”

Minha cabeça estava tão pesada, e o mundo começou a ficar preto e manchado ao meu redor. Eu não sabia o quão cheia disso eu estava quando eu pensei que ouvi Talbot responder: “Porque eu te amo.”

“Não... Você não me ama,” tentei dizer, mas eu não acho que as palavras realmente saíram da minha boca. *Talbot pelo menos entendia o que é amar?*

Talbot disse algo que eu estava muito grogue para entender. Eu estendi o que restava dos meus superpoderes para ouvi-lo. “...porque você me lembra de quem eu queria ser... Há muito tempo. Como meus ancestrais—os Saint Moon. Mas eu estive sozinho com o lobo na minha cabeça desde meus treze anos... eu perdi a fé em tudo que eu acreditava.” Talbot me segurava firme contra seu peito. Ele se inclinou para sussurrar – outro gritar, pelo que eu sentia—no meu ouvido. “Caleb me ofereceu uma família, mas você me ofereceu algo que vale muito mais: eu mesmo.”

“Jude?” eu sussurrei incapaz de processar a confissão de Talbot. Meu cérebro estava confuso demais. “O que... Aconteceu...?” eu não podia nem pensar direito para terminar a pergunta.

Talbot resmungou. Ele me virou em direção ao elevador. Minha visão estava embaçada, mas eu podia ver o lobo branco e os cinco outros lobos rodeando Jude, que foi abandonado pelo seu assim chamado pai—jogado, literalmente, aos lobos. O lobo Daniel ficou parado, mas os outros cinco arranhavam suas garras no chão e rosnavam, parecendo desejosos para atacar.

Meu irmão caiu sobre seus joelhos no meio do bando. Ele atirou suas mãos sobre seu rosto. “Por favor... Eu só quero ir para casa agora,” pensei ter ouvido Jude dizer enquanto eu deslizava para inconsciência e minha mente ficava preta.

Capítulo Vinte e Seis

Preso

QUÃO MAIS TARDE, EU NÃO SEI COM CERTEZA

Eu acordei com algo quente e molhado roçando meu rosto. Eu o golpeei para fora e rolei de lado para encontrar um monte de pelo branco e macio na qualidade de meu travesseiro. Ele tinha um cheiro maravilhoso de amêndoas, e no meu estado meio de sonho, eu estava pronta para aconchegar-me com ele e voltar a dormir. Mas isso foi quando eu percebi o cobertor sobre de mim. Era a colcha de veludo—da cama de Caleb Kalbi.

Sentei-me rapidamente—rápido demais—e estava prestes a escapar quando pequenas manchas brancas começaram a dançar na frente dos meus olhos. Deitei-me sobre o travesseiro macio.

“Está tudo bem,” ouvi uma voz conhecida dizer a partir de algum lugar próximo. “Você está segura. Nós só te trouxemos para o lugar mais confortável que poderíamos imaginar.”

“Daniel?” eu perguntei. Minha visão ainda estava um pouco estranha, e eu não podia estabelecer a voz.

“Não, sou eu, Talbot.” Ele se virou para outra pessoa na sala. “Você acha que ela está com amnésia?”

A outra pessoa, aparentemente, ignorou. “Eu estou aqui também,” disse ele.

“Gabriel?”

Eu balancei minha cabeça, e minha visão clareou um pouco. Gabriel e Talbot estavam em ambos os lados da cama, parecendo embaçados na minha visão — mas quase como irmãos—e também bastante preocupados. Eles não eram os únicos na sala com a gente. Cinco adolescentes estavam sentados no chão um pouco além do pé da cama. Eles baixaram a cabeça quase ao chão quando eu olhei para eles.

“O que está acontecendo?” Eu perguntei. Por que meu tornozelo lateja tanto e minhas costas pareciam estar queimando? Por que o meu vestido estava rasgado e minha barriga envolvida no que parecia ser bandagens improvisadas arrancada de lençóis?

“Você nos deu um grande susto,” afirmou Talbot. “Não tínhamos certeza se você ia conseguir.” Ele deu um passo em minha direção, mas de repente, meu travesseiro rosnou e Talbot tomou dois passos para trás. “Ohhh, calma aí,” ele disse com as mãos para cima, como se tivesse com medo que meu travesseiro pudesse mordê-lo. Eu sabia que não estava completamente normal, mas toda essa situação parecia incrivelmente surreal.

“O que aconteceu?”

“É melhor você começar a trabalhar em sua própria cura. Seu corpo só pode fazer tanto com feridas tão ruins com a sua ajuda—especialmente com a quantidade de veneno lobisomem que você provavelmente tem em seu sistema. Nós tentamos usar nossas forças para ajudar a acelerar a sua cura, mas estou com medo de que esse tipo de transferência só funciona em lesões superficiais.”

Eu apertei os olhos para olhar para Talbot, ressaltando a aparência genuinamente preocupada em seu rosto. Eu não o entendi em tudo. Ele era mau, *não era*? E ele tinha dito algo sobre estar apaixonado por mim?

“Ele está certo, Grace.” Gabriel se sentou na beirada da cama. Aparentemente, meu travesseiro não tinha um problema com isso. “Haverá tempo para explicações mais tarde. Agora precisamos ter certeza que está tudo bem.” Seu braço estava apoiado em uma tipoia feita de restos de suas vestes de monge.

“Por que eu não iria ficar bem?” Levantei o braço. Um curativo em torno dele estava encharcado com um pegajoso marrom-avermelhado, líquido congelado. Sangue. O meu sangue. A luta com os lobos de repente voltou para mim. “O que aconteceu? Onde está o Caleb? Onde está Jude?” Eu fiz a varredura de todos os vagamente familiares dentro da sala. “Onde está o Daniel?” Eu quase gritei.

Meu travesseiro gemeu e empurrou-me quando ele se deslocou. Eu me virei, ajoelhada na cama, e descobri que o travesseiro era na verdade um lobo branco. Ele reclamou com agitação, abanando a cabeça para trás e para frente. Era quase como se ele estivesse tentando me dizer algo.

“Caleb fugiu,” disse Gabriel.

“Mas você lutou com ele?” Eu balancei minha cabeça. “Eu pensei que você não lutava, não importasse a causa.”

“Vamos apenas dizer que alguém me inspirou. Mostrou-me que era possível lutar pelo que é importante sem se perder. Você é uma menina muito corajosa.” Ele bateu o braço através de sua atadura. “Não tenho certeza se eu vou fazer algo assim de novo tão cedo, de qualquer forma.”

Tentei sorrir para ele, mas acho que virou uma careta.

Talbot pigarreou. “Jude está aqui.”

Ele apontou para a alcova onde Caleb tinha estado escondido à primeira vez que tinha sido trazida a esta sala. Pisquei, e meus olhos focaram em Jude, que se sentava em uma cadeira, olhando para as mãos vazias.

“Ele diz que quer voltar para casa,” disse Gabriel.

“Sério? *Finalmente?*” A pressão que senti em meu coração pelos os últimos dez meses, de repente aliviou-se. “Jude, eu não posso dizer o quão feliz isso me faz.”

Jude sacudiu a cabeça e olhou para mim. Fiquei surpresa como o seu rosto pareceu vazio—ainda mais estoico e pétreo do que já o tinha visto antes. Seus olhos não estavam cheios de preocupação, como os de qualquer outra pessoa que olhava para mim neste quarto. Não, os olhos de Jude pareciam completamente vazios.

De repente, a memória de Jude estar ajudando Caleb a escapar brilhou em minha mente. Então, a visão de sua queda de joelhos em frente da matilha irritada, implorando para voltar para casa. Era isso mesmo que ele queria, ou era a única maneira que podia pensar em sair dessa situação vivo?

Essa pressão pesada recostou em meu peito. Meu irmão estava aqui sentado na minha frente — mas era como se ele não fosse o meu irmão de jeito nenhum.

Mas pelo menos ele voltará para casa, eu disse a mim mesma. Ele tinha estado perdido, mas agora foi encontrado. E nós descobriríamos como ajudá-lo, não importa se ele quisesse a ajuda ou não.

“Quanto a Daniel,” disse Gabriel, agarrando minha atenção, novamente, “ele é...” Gabriel indicou o grande lobo branco.

Eu olhei nos olhos do animal. Sim, aqueles eram os olhos de Daniel. O lobo começou a balançar para trás e para frente, latindo e lamentando-se, cada vez mais e mais agitado. Eu não tinha sentido nenhuma malícia em si, como qualquer outro recém-transformado lobisomem, mas ele definitivamente estava com problemas. Eu afaguei as costas dele, tentando acalmá-lo.

“Eu não entendo,” disse eu. “Quanto tempo passou? Quanto tempo estive fora?”

“*Muito tempo.*”

Olhei para trás os adolescentes, ao pé da cama. Eles tinham deslocado seus joelhos, a cabeça ainda inclinada no que parecia ser reverência.

“Eu não entendo. São estes os lobos... Os meninos... Que se curvaram a Daniel e, em seguida, viraram-se contra Caleb? Por que fariam isso? Eu pensei que eles queriam me matar.”

“Daniel é o alfa deles agora,” disse Gabriel. “Apesar de sua devoção a ele ser maior do que eu geralmente vejo. Deve ser sua natureza de alfa verdadeiro. Ele te salvou

exercendo sua dominância sobre eles—escolhendo abraçar a sua verdadeira essência alfa—e, por sua vez, ele tornou-se seu novo líder.”

Mas por que *eles* mudaram para a forma humana, e Daniel não?

“Eu não entendo,” eu disse, crescendo tão frenética como o lobo branco. “Por que ele não mudou de volta? Por que Daniel não mudou de volta para um ser humano?”

O lobo branco latiu e sacudiu a cabeça grande. Eu passei meus braços em volta do pescoço dele. Meu sangue tinha emaranhado em seu pelo branco. Eu coloquei minha cabeça contra seu peito. Eu podia ouvir apenas um coração batendo—não dois, como quando ele tinha sido um lobisomem antes. Será que o seu verdadeiro alfa *fez* algo com ele?

“Que diabos está acontecendo?” Eu perguntei a Daniel.

“Eu acho que...” disse Gabriel. “Acho que ele está preso.”

“Não,” eu disse, agarrando o pescoço do lobo branco. “Não, não pode ser.”

O lobo arqueou a cabeça para trás e soltou o uivo mais triste que eu já ouvi. Soava quase como um grito.

Fim